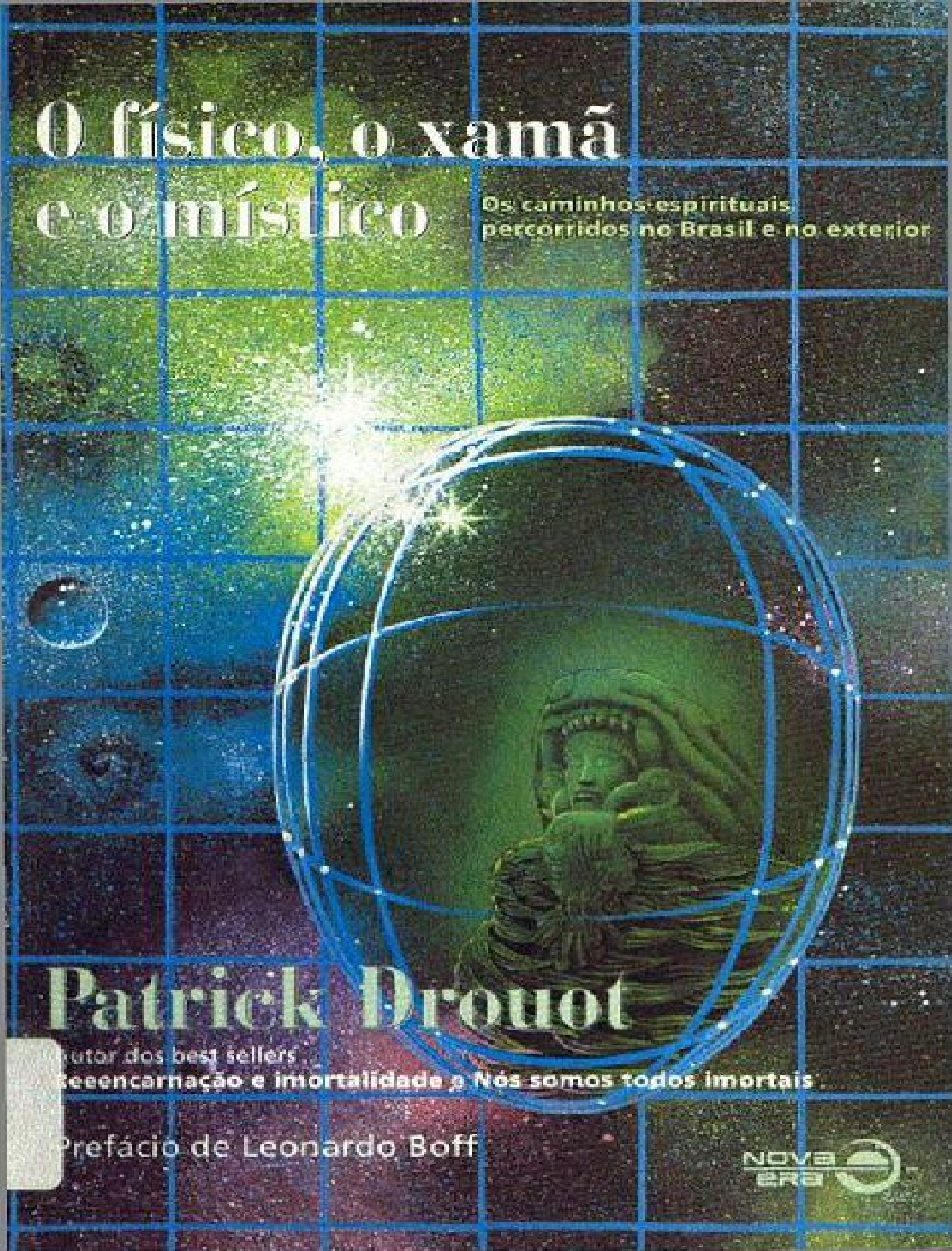
O físico, o xamã e o místico

Os caminhos espirituais percorridos no Brasil e no exterior



Patrick Drouot

Autor dos best sellers
Reencarnação e imortalidade e Nós somos todos imortais

Prefácio de Leonardo Boff

NOVA ERA

Patrick Drouot

O FÍSICO, O XAMÃ E O MÍSTICO

Os caminhos espirituais percorridos no Brasil e no exterior

Tradução de
LUCA ALBUQUERQUE

Nova Era
Rio de Janeiro
1999

Outras obras do autor publicadas pela NOVA ERA:

Reencarnação e imortalidade
Nós somos todos imortais
Cura espiritual e imortalidade
Memórias de um viajante do tempo

A Liliane,
às mulheres xamãs de sua linhagem

A purificação virá
Grande-Mãe nos embalará em seus braços
e secará nossas lágrimas
e Grande-Pai caminhará entre nós.
Será esta geração
- todos vocês - que tornará isso possível
e o círculo rompido .do da nação
será novamente refeito.

Wallace Alce Negro
Curandeiro oglala

Agradecimentos

Esta obra representa a evolução de minhas experimentações e reflexões ao longo dos últimos vinte anos. Faço questão de expressar meu profundo reconhecimento às inúmeras pessoas que me ajudaram, apoiaram e seguiram durante esse período:

- a Paul Couturiau, por sua colaboração e ajuda eficaz e imaginativa;
- a Jean-Paul Bertrand, meu editor, que acreditou em meu projeto desde as primeiras publicações;
- aos representantes das diferentes tradições que encontrei durante minhas viagens pelo mundo;
- a Deva Salmon, que nos conduziu ao encantamento das tradições do Pacífico Sul e nos abriu as portas de Rapa Nui, ilha de Páscoa;
- a meu amigo e irmão Marc Côté, terapeuta em Montreal, que teve a paciência de rever e retificar certos aspectos do capítulo canadense;
- a Waldemar Falcão, um dos meus editores no Rio de Janeiro e organizador da "saga" brasileira;
- a Anne-Marie e Wim Ordelman, da propriedade de Tertre, em Paimpont, Bretanha, que me sensibilizaram para o antigo pensamento druídico;
- a Wallace Alce Negro, Andrew Cão Trovão e Kim Pollis, cujo ensinamento, os cantos e os tambores ressoam ainda hoje em meus ouvidos.

Enfim, meus pensamentos mais profundos dirigem-se a Liliane, que me acompanhou em todas essas viagens e que me guiou, abrindo-me as portas de seu mundo xamânico interior. Em outros tempos e lugares já nos havíamos encontrado, e nossos caminhos acabaram por se encontrar novamente no mundo de hoje.

Assim também para com meus guardiães e aliados, o urso e o lobo...

Introdução

O físico, o xamã e o místico evoca a cultura tradicional dos povos abertos à dimensão oculta do mundo. Para eles, o meio ambiente, os espíritos da Natureza e os deuses fazem parte da mesma esfera mágica. Este livro expõe os ensinamentos de xamãs encontrados durante viagens aos hemisférios Norte e Sul, e sua visão acerca da vida e da morte, da doença e da cura. Examina igualmente a questão de seus poderes paranormais, de suas profecias e de suas incursões no mundo dos espíritos.

Sou apenas um neófito no caminho da consciência xamânica, mas em várias ocasiões senti-me recipiendário de uma espécie de conhecimento esquecido. Quis por isso mesmo descrever o acesso a uma notável via de liberação psicológica e espiritual - uma maneira de estar no mundo que desafia nossas concepções do corpo, do espírito e da alma. Considero os ensinamentos dos povos tradicionais tão ricos e estimulantes hoje quanto o eram antes da chegada dos primeiros europeus.

Este trabalho é fruto de um encontro entre a visão ocidental do ser humano, de seu papel e lugar no Universo, e a esfera mágica do mundo xamânico. Relata a experiência vivida pelos representantes da tradição ameríndia, do Brasil amazônico e da Polinésia, assim como o fascínio que essa tradição exerceu sobre minha própria busca pessoal. (Percorri nessas viagens mais de quinhentos mil quilômetros.)

A partir do final da década de 1970, efetuei pesquisas, na condição de físico, sobre a natureza da consciência humana. Eu mesmo realizei viagens ao mundo interior, além de ajudar outras pessoas a fazê-lo. Conheci as experiências de expansão de consciência descritas em todas as tradições - viagens às vidas anteriores, projeção da consciência fora do corpo e incursão nos mundos sutis. Busquei nos ensinamentos tibetanos e nos da ioga similitudes com nossos conceitos ocidentais.

No começo dos anos 80, quando morava em Nova York, participei de reuniões interculturais entre o mundo dos brancos e a cultura aborígine da América do Norte, permitindo-me assim entrar em contato com representantes da tradição xamânica ameríndia. Seus rituais, suas preces de agradecimento à Terra Mãe e a maneira como encaravam a doença e a cura causaram me profunda impressão. Pareceu-me tais culturas terem desenvolvido, ao longo de sua história, ensinamentos e práticas espirituais que lhes permitiam transcender as camadas da realidade convencional e experimentar uma dimensão que prescindia das noções de tempo, espaço e causalidade.

Minhas investigações conduziram-me a domínios tão díspares quanto a história da medicina, a mitologia comparada de Joseph Campbell, o estudo dos relatos dos primeiros exploradores, o folclore e as narrativas aborígines anteriores ao contato.

Interessei-me igualmente pelos estados de consciência transpessoais descritos pelas tradições orientais e xamânicas. Vias que desembocam em ensinamentos, conceitos, perspectivas e experiências que hoje nos falam com uma pertinência inquietante e irresistível.

Gostaria entretanto de mencionar, nesta introdução, a existência de uma tradição céltica. Raymond Graf, um representante da antiga cultura maori do Pacífico Sul, disse-me um dia: "Sob mil e quinhentos anos de substrato cristão, suas raízes culturais profundas são célticas!" Curiosa observação da parte de um taitiano tão estranho à nossa cultura. Os celtas elaboraram uma

concepção de vida a que chamaram *wyrd*, uma maneira de ser e de vir a ser que transcende nossas noções convencionais de livre-arbítrio e de determinismo. Todos os aspectos do mundo são percebidos num fluxo, um movimento constante entre as polaridades psicológica e mística do fogo e do gelo: uma visão criadora e orgânica paralela aos conceitos orientais clássicos de *yin* e de *yang*. Hoje essa noção goza do reforço de vários desdobramentos em física teórica.

Desse conceito de *wyrd* resulta uma visão do universo - dos deuses ao mundo subterrâneo - representado por um sistema de fibras gigantescas, espécie de monumental teia de aranha em três dimensões. Quando se faz vibrar um dos fios da teia, todo o conjunto entra em ressonância, uma vez que seus componente estão ligados entre si. Tal imagem vai além de nossa concepção da ecologia, que, no entanto, já ampliou nosso conceito de causa e efeito a cadeias de influência mais longas e mais laterais. Mas a teia do xamã céltico propõe um modelo que leva em conta tanto os acontecimentos da vida individual quanto os fenômenos físicos e biológicos, tanto as ocorrências materiais quanto as imateriais, questionando dessa forma nosso próprio conceito de causalidade.

Inúmeras provas confirmam que uma tradição xamânica desenvolveu-se em todos os pontos do globo terrestre. Essa tradição implica a coexistência entre um mundo de espíritos dinâmico e onipresente e o mundo material. Tais espíritos, manifestações das forças da Natureza, são invisíveis para a maioria dos seres humanos, mas não para os xamãs, seres dotados de paranormalidade.

Os xamãs praticavam a cura e a adivinhação, presidiam a rituais de adoração e a celebrações, e chegavam inclusive a aconselhar os reis. Suas aptidões eram reconhecidas, cultivadas e conservadas porque permitiam o acesso à magia. O ser assim investido relacionava-se diretamente com os espíritos e operava como mediador entre o mundo interior e o da matéria. Naturalmente, o abismo cultural entre a visão cartesiana clássica e as tradições xamânicas é gigantesco. Entretanto, as aptidões da consciência humana parecem mudar pouco com o tempo. A emergência da tradição xamânica mundial, seus ensinamentos, suas crenças, práticas e sendas de iniciação constituem uma via de liberação psicológica e espiritual preciosa para o Ocidente.

Todos os povos tradicionais possuem um mito da Criação que representa a ossatura de sua visão xamânica do Universo. Tentei, de forma bastante modesta, utilizar o sistema metafórico desses povos para descrever o mito das origens e as profecias dos primeiros contatos na Polinésia. Esse sistema articula-se não com o cérebro esquerdo lógico, mas com a expressão artística e criadora típica do funcionamento do cérebro direito, com seu imenso potencial não utilizado, atualmente, pelo sistema cultural ocidental.

A espetacular ressurgência da consciência xamânica durante os últimos vinte anos tem encontrado entre nós crescente receptividade. Como uma via de transformação pessoal e espiritual, ela se acha no âmago de várias problemáticas contemporâneas. Cada capítulo ilustra meu encontro com uma dimensão particular dessa tradição.

A perspectiva xamânica transcende os limites específicos da psiquiatria, da psicologia e da visão de um mundo ordenado, estavel e determinado. As descobertas revolucionárias da física quântica, o estudo das estruturas voláteis, a pesquisa sobre as potencialidades do cérebro, a holografia, as experiências de expansão de consciência podem combinar-se com os ensinamentos das grandes tradições espirituais, assim como com as experiências trazidas pelos antropólogos. Resumindo, impõe-se definitivamente uma revisão radical de nossos conceitos

fundamentais sobre a natureza humana e sobre o Universo.

Desde o início de minhas pesquisas percebera as lacunas próprias à abordagem científica da via xamânica. Não existe física da consciência ou, mais precisamente, não existe a menor tentativa no sentido de conciliar ciência e xamanismo. Sem esquecer minha formação de físico, busquei tal aproximação no quinto capítulo desta obra, onde novas reflexões vêm fazer companhia às idéias apresentadas em meus primeiros ensaios.

Como conceber as experiências xamânicas, veiculadas pelas tradições de todas as idades, num mundo determinista? Esta questão traduz uma profunda tensão no pensamento ocidental que, por um lado, privilegia um saber objetivo e, por outro, defende um ideal humanista de responsabilidade e de liberdade.

Encontramo-nos hoje num estágio crucial dessa aventura. No ponto de partida de uma nova racionalidade que já não identifica ciência e certeza, probabilidade e ignorância. Já ocorreram muitas mudanças no limiar deste terceiro milênio: muitas pessoas aspiram hoje a um estilo de vida diferente, a um sistema ecológico repensado, a uma medicina mais humana, a conhecimentos mais compartilhados, ao respeito pelas diferenças.

De acordo com Karl Popper, o determinismo não somente põe em risco a liberdade humana, como ainda toma impossível qualquer confronto com a realidade, a qual, no entanto, é a vocação do conhecimento. Por conseguinte, impõe-se uma física xamânica da consciência, bem como uma reformulação das leis fundamentais da física. Enraizar o indeterminismo e as experiências xamânicas nas leis da física, tal é a resposta que podemos trazer a esse desafio. Se não formos capazes disso, essas leis continuarão tão incompletas quanto se negligenciassem a gravitação ou a eletricidade. A falha inerente às leis da ciência atual reside no fato de descreverem um mundo idealizado e estável, em vez do mundo instável e evolutivo no qual vivemos. As experiências descritas nesta obra forçam-nos a reconsiderar a validade das leis fundamentais, tanto clássicas como quânticas.

Em todos os tempos, os estados visionários desempenharam um papel importante. Nós os encontramos na origem tanto dos transes extáticos dos xamãs quanto das revelações dos fundadores das grandes correntes religiosas e até mesmo na origem dos notáveis fenômenos de cura ou de inspirações artísticas. As culturas antigas e pré-industriais sempre viram nos estados não ordinários de consciência um meio de abordar os aspectos ocultos do real e de alcançar uma dimensão espiritual.

O advento da revolução científica dos séculos XVII e XVIII colocaria tudo isso em xeque. Os estados de consciência xamânica não foram mais considerados como um prolongamento do estado normal de vigília, mas como uma distorção da atividade mental. A partir daí, as pessoas que apresentavam anomalias emocionais e psicossomáticas foram automaticamente consideradas doentes. A ciência moderna não distingue psicose e despertar xamânico; tende a tratar os estados não ordinários de consciência com antidepressivos e ansiolíticos.

Nestes últimos trinta anos, a tendência começou a refazer seu caminho. Pouco a pouco, um considerável número de pesquisadores, alguns bastante conceituados, reconheceu que as experiências de maturação e de desenvolvimento pessoal conduzem ao bem-estar psicológico e espiritual.

Ficamos cada vez mais alarmados com a crise que permeia nossa civilização, nosso sistema de pensamento e nosso estado de consciência. O renascimento do interesse pelas antigas

tradições espirituais, a busca xamânica e a fusão de nosso corpo de luz com o da Grande-Mãe Terra são um sinal auspicioso e encorajador.

Em abril de 1997, conheci em Belo Horizonte, no Brasil, Leonardo Boff, teólogo e antigo padre franciscano, que se desligara da Igreja católica depois de anos de arrofos com o Vaticano.

Em 12 de outubro de 1992, data de aniversário da libertação dos povos africanos e ameríndios da América Latina, ele pronunciou seu famoso "Sermão da montanha do Corcovado", no Rio de Janeiro. Um hino de esperança para todos os povos tradicionais do planeta. Eis alguns trechos:

"Sinto pena de vós, milhões e milhões de irmãs e irmãos, meus mais pequeninos, expulsos das terras, solitários, embrenhados nas selvas, amontoados nas periferias, caídos em tantos caminhos, sem nenhum samaritano para vos socorrer.

(...)

Olhai as matas e os cerrados, a gigantesca Cordilheira e o Amazonas imenso, os rios caudalosos e os vales profundos, os animais selvagens e os pássaros sem conta, Eles são todos vossos irmãos e irmãs, Domesticai vossa ganância, Como meu Pai vos cuida, cuidai-vos vós também, Os seres todos do cosmos também herdarão o Reino, Serão transfigurados e existirão para sempre junto convosco, comigo e com o Espírito de vida no Reino do paz,

Bem-aventurados sois vós, indígenas americanos, meus primeiros testemunhos nestas terras fecundas de Abia Ayala, Vossas cidades, vossas pirâmides, vossos longos caminhos, vossos rituais, o Sol e a Lua que venerastes, são sinais do Deus verdadeiro, do Deus do longe e do perto, do Deus por quem tudo vive, Não faltará misericórdia pelas guerras que fizestes para garantir os sacrifícios humanos que oferecestes,

Ai dos que vos subjugaram, dos que destruíram vossas culturas, dos que engoliram vossas flores, dos que tentaram castrar o sol, dos que derrubaram vossos altares, dos que confundiram vossos sábios, dos que impuseram suas doutrinas, de dia e de noite, com a violência da cruz e da espada,

Felizes daqueles dentre vós que acreditam na força secreta da semente, Eles terão o poder de ressuscitar o povo e rearrumar as culturas para a alegria dos velhos e para o louvor no Nome santo de Deus, de Viracocha e de Quetzalcoatl."

Este livro descreve, na verdade, uma via de liberação espiritual por meio do caminho da tradição xamânica. É o canto de vitória dos grandes ancestrais desaparecidos, dos quais não passo de um humilde mensageiro.

Patrick Drouot, Paris, verão de 1998

Prefácio

O presente livro - *O físico, o xamã e o místico* – representa o resultado de vinte anos de incursão fantástica e cuidadosa de Patrick Drouot no mundo do xamanismo. Não apenas estudou o tema na melhor literatura, mas deixou-se iniciar no universo energético dos xamãs ao fazer viagens ao mundo interior, ao conhecer a expansão da consciência, ao projetar-se fora do corpo e ao entrar nos mundos sutis. Percorreu com sua mulher Liliane, dotada de dons xamânicos, mais de 500 mil quilômetros para conhecer *in loco* como atuam os xamãs.

O xamanismo não é um estágio primitivo de religião, mas um estado extremamente elaborado de consciência que se encontra em todas as épocas, uma chave preciosa que os seres humanos desenvolveram para compreender o meio ambiente e viver harmonicamente com ele. Mais que dominar a natureza, o xamã procura entrar em comunhão com ela. Estabelece um contato com as forças cósmicas e com as energias intrapsíquicas e capta as mensagens dos povos mineral, vegetal, animal e humano. Percebe a unidade sagrada da realidade nas múltiplas dimensões que vão além das três conhecidas pela nossa experiência empírica.

Espírito e realidade complexa se entrelaçam de tal maneira que formam um único *continuum*.

A singularidade deste livro reside no diálogo fecundo que estabelece entre o xamanismo e os conhecimentos contemporâneos, especialmente da física quântica. O autor mesmo é formado em física pela universidade de Columbia de Nova York. A física quântica *à la Uérner Heisenberg* mostrou a inclusão da consciência na compreensão da realidade, mostrou também que vigora uma conexão quântica ligando e religando tudo no universo. Desta forma, o sagrado não é apenas um conteúdo possível da consciência, mas um elemento inerente à estrutura da realidade. Drouot torna fecundos tais conhecimentos, pois deixa claro que o fenômeno xamânico não se inscreve no mundo do miraculoso ou sobrenatural, mas no complexo mundo natural que dentro dele esconde um mundo oculto. O visível é parte do invisível.

Drouot teve o mérito de mostrar com sua própria atividade como tal visão xamânica representa um caminho de cura. Utilizam-se as energias do mundo cósmico, vegetal e animal para regenerar as chagas humanas e reintegrar o ser humano no todo cósmico.

Os relatos e as reflexões do autor são de grande rigor, evitando os entusiasmos excessivos. A linguagem é contida dentro de um estilo brilhante e xamânico.

Este livro ajuda incomensuravelmente a aprofundar o novo paradigma holístico emergente. O resgate da via xamânica significa uma libertação para o logocentrismo ocidental, refém de visões reducionistas e pobres da natureza, do ser humano, do espírito e do sagrado. O livro desafia o leitor a desentranhar a dimensão xamânica escondida dentro dele e a mergulhar numa experiência mágica, globalizante e profundamente realizadora da realidade. O livro de Patrick Drouot faz muito bem à saúde integral do ser humano.

Leonardo Boff

1 - A VIAGEM XAMÂNICA

Crowley Lake, contraforte da High Sierra, Califórnia, setembro de 1992

No interior da grande tenda de sudação, o tambor ressoava cada vez mais forte. As vozes, os cantos e as preces, cada vez mais intensos. O chocalho do curandeiro emprestava um tom particular à harmonia sonora da cerimônia yuwipi.

Sentado no chão forrado com folhas de salva, as pernas cruzadas, perto do caminho dos espíritos, entre a entrada da cabana e o fogo cerimonial, eu mergulhava pouco a pouco em meus pensamentos. Embora o ar fosse ainda ameno nessa parte da *sierra* californiana, sentia calafrios. A lua das ameixas maduras - o mês de agosto - cedera lugar à lua das folhas amarelas.

O fogo sagrado continuava queimando às minhas costas, esbraseando as pedras como o ritual exigia. Esforçava-me por ficar atento a todas as ordens que o curandeiro acenava do interior da *sweat lodge*.

Fazia já duas horas que o ritual milenar desenvolvia-se de acordo com as sucessivas etapas que, geração após geração, os xamãs respeitavam, fiéis aos ensinamentos dos antigos. O ritmo do tambor, os cantos, as preces, o ambiente da High Sierra tinham pouco a pouco me conduzido a um estado que eu conhecia bem. Meu espírito, habituado a esse mecanismo particular, logo respondia a tudo aquilo por uma disponibilidade maior e uma ampliação da consciência.

Eu experimentava a indefinível sensação de estar com um pé no universo de fora e com o outro no universo de dentro. Era sempre com um prazer incomensurável que me aventurava neste último, o qual me proporcionava uma deliciosa sensação de abandono, como se voltasse a ser um viajante dos dois mundos. De um lado, o visível, com as montanhas, o céu estrelado, as árvores e a suave brisa dos últimos dias do verão. Do outro, o invisível e seus mistérios. O "mundo oculto atrás do mundo" desvelava-se novamente.

No interior da tenda todos - os norte-americanos das cidades e os índios dos campos - compartilhavam o mesmo ritual, os mesmos cantos. Quanto a mim, sentia meu cérebro responder aos estímulos externos.

Parecia-me, de maneira evidente, que este órgão tão particular não se achava limitado aos cinco sentidos. Um estímulo externo permite, com efeito, projetar a consciência em estados de extraordinária lucidez, de meditação, de concentração e de contemplação profundas. Eu descobria, para dizer a verdade, uma maneira lúcida de penetrar neste patamar de consciência que eu mesmo tinha batizado de nível 21 e que se caracteriza pela sensação de escapar ao tempo linear habitual - é o terceiro dos sete patamares acessíveis à consciência humana.{1} Sua abertura favorece a emergência dos estados visionários, assim como a percepção dos campos energéticos e da aura.

Eu experimentava novamente esse sentimento de penetrar na outra vertente da realidade, mantendo-me porém inteiramente consciente de meu tempo próprio - o aqui-e-agora. Meu corpo físico não era mais que um veículo, um mero suporte. Por intermédio dessa exploração, minha consciência assumia sua dimensão real. Nessa noite da High Sierra, eu penetrava um espaço-firmamento, espécie de terra de ninguém. É além dessa zona limítrofe que se encontra, de acordo com as tradições, os mundos do além vida.

Sentado em meu leito de salva, experimentava uma sensação estranha. Praticava havia anos

os estados de expansão da consciência, mas sempre em condições seguras: deitado, numa situação privilegiada, com ou sem estímulos externos (música, sons, desincronização dos hemisférios cerebrais desenvolvidos pelo Monroe Instituto nos Estados Unidos...). Ora, aqui meu corpo comunicava-se com o ambiente exterior como se o ar que eu respirava me dirigisse uma mensagem de boas-vindas, como se o céu estrelado me insuflasse sua alegria de viver... Ah, o mistério da Vida!

Meu cérebro esquerdo descobria seus próprios mecanismos lógicos; o direito, a capacidade de apreciar uma realidade mais sutil. Outro nível de minha consciência, leve como uma pluma, apreendia o funcionamento simultâneo de ambos os processos. O cérebro é uma máquina memorial, uma interface entre o mundo físico e as dimensões do ser receptivas a campos memoriais há muito desaparecidos.

Essa expansão progressiva da consciência ajudava-me a decifrar a mensagem que a Terra me enviava. Ouvia o tênue deslizar dos mocassins dos índios que outrora pisaram este solo. Como num aqui-e-agora absoluto, fusão de um nascimento passado e de uma morte sem futuro, tudo é presente, tudo é justo, tudo é bom.

O uivo de Grande-Pai Coiote atrás da tenda dissipou meus devaneios - um reflexo do cérebro esquerdo. Vagamente inquieto, perguntava-me como reagir se aparecessem coiotes. Confiante, entretanto, aproximei-me mais do fogo, aguardando a chegada de Grande-Pai Coiote - um símbolo extremamente poderoso entre os índios das Planícies. Uma presença incomum tornava-se bruscamente perceptível. Meus olhos - os do corpo e os da alma - voltaram-se na direção das árvores, e distingui uma grande massa fluídica que flutuava entre os ramos, deslocando-se com lentidão.

Como descrever uma nuvem energética? Como explicar uma visão em cinco dimensões? As palavras não o conseguiriam. Todavia o meu outro eu registrava, como num filme em câmara lenta, as sucessivas fases do evento. Minha atenção concentrou-se nos cânticos lancinantes que se erguiam da tenda, e percebi que a voz do curandeiro ganhava intensidade. Ele invocava os espíritos yuwipis.

Embora não houvesse o menor sopro de vento, as folhas e os galhos das árvores vizinhas puseram-se a dançar, como sob a carícia de uma brisa imperceptível. Súbito, os espíritos do Povo da Pedra manifestaram-se bem acima do fogo a meu lado. Eu também me tomara "inumerável". Sabia que meu corpo era capaz de obedecer aos impulsos do cérebro, mas já não experimentava qualquer vontade, nem a de permanecer sentado nem a de levantar-me. Eu era, pura e simplesmente.

Os espíritos da Natureza - árvores, montanhas, plantas, animais -, tanto os passados quanto os presentes e os futuros, reuniram-se como num longo suspiro, passaram acima do pequeno altar situado à entrada da tenda e buscaram o refúgio do sítio cerimonial.

Enquanto eu apreciava essa nuvem fluídica e energética formando-se na grande árvore vizinha, a voz de grande-pai Wallace chamou-me do interior:

- *Fire keeper, is somebody out there?* (Guardião do fogo. há alguém lá fora?)

Voltando-se para o neto, Andrew Cão Trovão, que o assistia na cerimônia, falou:

- Alguém está andando lá fora, alguém está chegando.

Com sua sensibilidade aguçada, o xamã sentia a reunião dos espíritos antes mesmo de eles entrarem no sítio cerimonial. Já não eram mais preces nem cantos xamânicos que se elevavam

do grupo de participantes, mas o canto da Criação.

Examinei o clarão vermelho das brasas. Quem era eu? Um branco ou um índio? Que importância! Meu sangue é o de um branco, mas nesse momento preciso eu me unificava com todos os seres humanos, sem distinção de cor nem de raça. Viver, pensava comigo, é adaptar-se. Se não formos capazes disso, então é melhor deixar o lugar para os outros. Passado e futuro, tudo é vão, só existe o instante do eterno presente.

Um perfume encheu-me as narinas: a salva - erva misteriosa que não envelhece nunca, não morre nunca, erva ritualística que purifica, que ajuda o ser a entrar em harmonia com a Natureza e os espíritos.

No instante em que me sentia vencer por um sono particular, leves piados soaram dos ramos acumulados pelo grupo atrás de mim para deixar livre o sítio sagrado. Esse pequeno chilrear de aves adormecidas era incansavelmente repetido, forte o bastante, porém, para não me deixar pegar inteiramente no sono. Senti de repente vontade de tocar o chão. Minha mão esquerda roçou a terra, como se estivesse acariciando o rosto de uma criança. Em sua origem, a terra era uma força espiritual, e, de acordo com os antigos, dia virá em que essa força absorverá a terra. Colocando a mão no solo, pareceu-me reconhecer cada pedacinho de erva e perceber sob eles a força espiritual eterna da verdadeira Grande-Mãe.

Achava-me nessa altura de minhas reflexões, quando o taipal da tenda de sudação foi aberto. Wallace Alce Negro surgiu, pedindo-me que levasse água para que cada um dos participantes bebesse um gole. Exprimi-lhe meu desejo de fazer uma prece de agradecimento pelo grupo. Obtida sua autorização, entrei na cabana - fazia um calor de estufa, mas no grande círculo todos pareciam relaxados, felizes, pacificados. Eram meus amigos: Wallace Alce Negro, o curandeiro, Andrew Cão Trovão, seu neto adotivo, Kim Buszka, uma programadora visual de Boston, de origem siksíka [dos pés-pretos], Leslie, sua amiga, também de Boston, Julie, de São Francisco, Antonio, motorista de ônibus nos subúrbios de Los Angeles, Jeffrey, índio crow de uma reserva vizinha, Josh, mestiço shoshone em visita ao grande-pai Wallace.

Sentíamo-nos bafejados pelo sopro do Grande Mistério. Cada ser, um mistério no mistério global, um corpo numa alma comunitária, uma consciência em comunhão com a do grupo. Sentei-me entre Wallace Alce Negro e Andrew. E comecei a falar, atendendo a um sinal afirmativo do grande xamã:

- Agradeço a todas as pessoas aqui presentes por me permitirem ser o guardião do fogo. Cumpri minha tarefa dentro de um espírito de solidariedade e amor. Pedi a Tunkashila, o Grande Espírito, que todos os seres humanos aqui reunidos conheçam alegria e felicidade pelo resto de seus dias.

- *Alto!* - gritou Wallace, uma maneira lakota de expressar concordância, e em seguida pediu ao neto que retribuísse minhas palavras. Os índios são oradores magníficos, talvez em virtude de suas longevas origens asiáticas. Aquele que se tomaria meu irmão e amigo fez seu agradecimento, e assim também, exortados por Alce Negro, cada um dos demais participantes. Foi um instante maravilhoso, todos ali reunidos numa profunda comunhão.

Na tenda, Antonio confessou-me ter sentido rapidamente a presença dos espíritos. É bastante comum, quando de tais cerimônias, que se erga uma onda de angústia, que logo em seguida desaparece, para que se instale um sentimento de alegria, de leveza ou, ao contrário, de opressão, como se cada um dos participantes sentisse as coisas de acordo com seu estado de espírito ou sua

árvore psicológica. Somos então instados a orar com intensidade. O ideal seria dizer as preces em lakota, mas nós - representantes dos caras-pálidas - mal lhe conhecíamos os rudimentos. Durante o ritual, Wallace recebia instruções dos espíritos e lhes respondia numa linguagem sagrada para fazer-se compreender e ensejar a interação. O momento mais impressionante foi marcado por uma espécie de batimento de asas, *pequenos flashes* de luz elétrica azul, provavelmente produzidos por pedrinhas que voam através da *lodge* e que são, segundo a opinião comum, as formas manifestadas dos espíritos.

Ao término da cerimônia, todos os participantes entoaram os cânticos de prece e oferenda para ofertar aos espíritos todos os objetos sagrados colocados no altar, inclusive os alimentos, a fim de que os abençoassem antes de partir. O próprio xamã é abençoado pelos espíritos, pois sua segurança depende realmente de sua autenticidade e pureza durante toda a cerimônia.

Em seguida, Wallace tirou do altar o cachimbo sagrado e passou-o a cada um dos presentes. Estávamos profundamente emocionados com o que acabávamos de vivenciar. À medida que o cachimbo sagrado fazia a volta do círculo, cada um dava duas ou três baforadas, pronunciando com fervor religioso: "*Mitakuye Oyasin*" ("Somos todos aparentados"). Na penumbra da *sweat lodge*, podíamos sentir nosso laço de parentesco com os elementos da Criação. Eu tinha a sensação de achar-me na matriz da Terra-Mãe, tão protegido quanto uma criança na barriga da mãe. *Chanunpa*, o cachimbo sagrado, circulou uma última vez. O tabaco fora colocado com extremo cuidado, pois dizem os antigos que o *Uákinyan* - o mistério evolante, o relâmpago - fica encolerizado se o curandeiro deixa cair um simples fiapo de tabaco ao encher o cachimbo. Saímos em seguida da tenda, respeitando o sentido dos ponteiros do relógio, o chefe da cerimônia depois de todos.

Respirávamos a plenos pulmões o ar revigorante da montanha. Alce Negro surgiu. Espreguiçou-se e ficou em silêncio. Aproximei-me com respeito e confessei-lhe ter ouvido coiotes atrás de inipi - a *sweat lodge*. O grande lakota caiu na gargalhada e falou para todo o grupo:

- Escutaram o que o homem branco acabou de me dizer? Ele ouviu coiotes, e estou certo de que sentiu muito medo.

Não reagi, esperando que ele se explicasse. Outros também riram. Fui obrigado a interrogar-lhes sobre o motivo da hilaridade. Meus novos amigos disseram-me que não havia coiotes na região. Fiquei desconcertado.

Wallace acrescentou que o primeiro espírito a manifestar-se fora o Grande-Pai Coiote e esclareceu para os presentes:

- Assim, o que ele ouviu foi a manifestação de seu outro espírito.

Continuei em silêncio, considerando até que ponto podemos ouvir o inaudível e ver o invisível quando as condições são propícias e nos entregamos à nossa natureza profunda, verdadeira, autêntica. Meu outro espírito, "minha voz familiar", não me enganava, mas apesar disso permitira que brincalhões invisíveis zombassem de mim.

Enfim o grupo dirigiu-se para a grande habitação a fim de descansar. Fiquei por instantes pensativo e voltei a cogitar nas reflexões de Ruth Beebe Hill, cujo livro relera antes de deixar{2} Nova York. Segundo ela, as famílias ancestrais dos índios não possuíam termos como *admitir, esperança, fim, dúvida, assumir; por que, crer, esquecer, culpa, prejudicial, deveria, remorso,*

esbanjamento, eles, nós. Tais conceitos e o arco de significados que eles cobrem simplesmente não existiam para eles; foram contribuições da civilização branca ao Novo Mundo. Era-me difícil, pelo menos naquele momento, voltar a mergulhar na memória coletiva. Só meu outro espírito - minha "voz familiar" – podia ajudar-me a fazê-lo.

Wallace Alce Negro, inipi, a sweat lodge

Nascido em 1921 no Dakota do Sul, Alce Negro{3} recebeu desde a mais tenra idade o ensinamento do avô, o famoso Nicholas Alce Negro. Foi um dos últimos xamãs ameríndios a ser educado dentro da tradição e a ter trilhado a "estrada vermelha sagrada". Reconhecido por seu povo como um antigo e um chefe espiritual, Wallace fez numerosas conferências nos Estados Unidos, na Europa e no Japão. Ofereceu um ensinamento xamânico autêntico, vindo do interior.

Wallace, ou Grande-Pai, como é chamado familiarmente, teve um papel importante na luta pela liberdade dos índios americanos. Ele dirige cerimônias lakotas tradicionais: dança do Sol, busca de visão *yuwipi, sweat lodge, inipi* etc. Atual detentor de *Chanunpa*, comunica-se por meio do cachimbo sagrado com seus animais guardiães e pode assim proceder a rituais de cura.

Para os lakotas, o cachimbo sagrado é o objeto mais santo do Universo, cujo poder absolutamente nada ultrapassa. Todos os seus cachimbos provêm do cachimbo sagrado original, que ainda conservam e que lhes foi trazido pela Mulher Bisão Branco.

Fumar o cachimbo, ensina Grande-Pai, é o mesmo que afirmar a um só tempo a dimensão horizontal de seu parentesco e a dimensão vertical de sua identidade. O conceito de parentesco reside no fato de que todos os que fumam juntos participam da mesma cerimônia e realizam os mesmos gestos ritualísticos dos ancestrais.

Enquanto fumávamos em meio a um silêncio religioso, sentimos esse elo com todos os elementos da criação.

- Incluamos os poderes das quatro direções - sentenciara o curandeiro -, domicílios dos quatro ventos reunidos num único poder dentro do pai, o vento que fica no céu. Dirijo o tubo de *Chanunpa* para as quatro direções e depois para o céu.

Cumprindo esse gesto, afirmávamos, de acordo com as instruções de Wallace:

- Eu fumo com *Tunkashila*.

Nesse ritual, o conceito de parentesco funde-se com o de identidade. Quando se coloca o tabaco no fornilho do cachimbo, ele é identificado por nomes de pássaros e de outros animais. Invocam-se todos os poderes, todas as formas do Universo. O cachimbo sagrado, uma vez constituído, torna-se o corpo rearticulado do Grande Espírito, uma totalidade sintética e significativa. Todas as formas da Criação são reunidas e em seguida unificadas pela ação do Fogo.

Quando de minha estada em Crowley Lake, Alce Negro presidiu a várias cerimônias yuwipis. Tratava-se de rituais de cura destinados a aliviar pessoas atingidas por doenças graves (câncer, esclerose múltipla, Aids, problemas pulmonares e renais).

A maioria dessas cerimônias ocorre nas reservas do Dakota, mas alguns curandeiros vão também a outros lugares, como no caso da que eu acabava de presenciar no nordeste californiano.

A cerimônia yuwipi é o ritual mais poderoso entre os sioux lakotas. Na ocasião, o xamã invoca seus espíritos guardiães para realizar sessões de cura, mas também para encontrar um objeto perdido, localizar um rebanho de bisões ou profetizar. A cerimônia yuwipi decorre, com toda a certeza, da cerimônia da tenda tremulante das nações ojibwas e crees do Canadá e da região dos Grandes Lagos. Existem muitas semelhanças entre as duas, bem como com a loja dos

espíritos arapahos. Um curandeiro lakota raramente se torna um chefe yuwipi - "aquele-que-invoca-os-espíritos" - antes dos quarenta ou até dos cinqüenta anos de idade, pois precisa possuir uma grande experiência para concentrar e canalizar o considerável poder engendrado por essa cerimônia tão particular.

A aprendizagem dura vários anos. Geralmente, é proporcionada por um outro yuwipi, encarregado de ensinar os sons necessários, como preparar o altar e realizar o ritual. O aprendiz, ainda que já conte com vinte ou trinta anos de experiência como curandeiro, deve cumprir numerosas buscas de visão pessoais antes de adquirir força e capacidade suficientes para praticar essa cerimônia. Alce Negro diz que a maior parte dos curandeiros aborda o ritual com precauções e respeito infinitos, já que conhecem o intenso poder e a natureza volátil dos espíritos yuwipis. É preciso ser capaz de controlar todos os espíritos invocados, em especial os Seres Trovão, extremamente fortes e barulhentos. Uma força não dominada pode revelar-se perigosa para o xamã e os membros de sua família, sobretudo as crianças.

Eu já ouvira falar das cerimônias yuwipis, mas nunca participara de nenhuma. Para começar, todos os objetos necessários são cuidadosamente purificados com salva antes de serem arrumados no altar. As quatro bandeiras de prece, representando os quatro pontos cardeais, são colocadas nos quatro cantos do altar, de acordo com uma cor. Devem-se confeccionar 405 saquinhos de preces contendo tabaco ou *kinikinick*, que representam os 405 espíritos. O alimento cerimonial é depositado aos pés do altar, geralmente a leste. Alce Negro explica-nos que, no momento em que os espíritos penetram na *lodge*, tocam levemente no alimento, que então adquire virtudes curativas. Este é o motivo por que é consumido com grande respeito durante o festim que se segue à cerimônia.

Quase todas as tribos praticavam a cerimônia da *sweat lodge* para purificar tanto o corpo quanto o espírito.

O banho a vapor existia entre os maias e os astecas muito antes da chegada dos espanhóis. No século XVI, o irmão dominicano Diogo Duran descreveu os astecas em seus banhos secos no interior das *temezcalli*, as casas de sudação: "Essas casas de banho são aquecidas com fogo e são relativamente pequenas. Cada cabana pode receber dez pessoas sentadas. A entrada é baixa e estreita. As pessoas entram uma a uma."

Os astecas veneravam um deus da loja de sudação; durante a purificação, dirigiam-lhe preces. Segundo o irmão Duran, o calor reinante era tal que um espanhol seria incapaz de suportá-lo e ficaria paralisado para sempre. Os conquistadores observaram essas mesmas *temezcalli* entre os antigos povos do México ("*teme*" significa, na antiga língua asteca, "banhar-se", e "*calli*", "casa").

É curioso notar que os missionários espanhóis, que chegaram depois dos conquistadores, tiveram tanto trabalho para descrever as *temezcalli* para em seguida se dedicarem a destruí-las.

A loja de sudação (*kashim*) existia também entre os inuits. Era uma grande estrutura de madeira descrita como o centro da vida social e religiosa da aldeia. Um viajante do século XVIII, que visitava os delawares da Pensilvânia, observou: "Em cada aldeia, um forno situava-se a alguma distância do acampamento. Era uma construção de madeira coberta de lama e localizada ao lado de uma colina. No interior, colocavam-se pedras em brasa. Os índios a utilizavam para limpar-se e purificar-se. A *sweat lodge* navajo assemelha-se a um montículo com uma entrada feita de madeira de cedro. Os índios das Planícies realizavam a cerimônia da

sweat lodge em quatro tempos e a acompanhavam com cantos sagrados e preces."

Na década de 1830, Georges Catlin, o famoso pintor do Oeste, representou uma tenda de sudação mandan, realizada no interior de um tipi. O antropólogo James Mooney relatou que a loja de sudação era quase uma prática cotidiana entre os cheyennes e os kiowas. Por toda a América, a *sweat lodge* era construída da mesma maneira: ramos suficientemente longos dobrados e reunidos para formar um domo de aproximadamente um metro e meio de altura, outrora coberto com peles de bisão e hoje com outros materiais. Em sua origem, de seis a dez pessoas sentavam-se em volta de uma pequena fornalha central, onde eram colocadas pedras em brasa. Ali joga-se água fria, a fim de obter um vapor ardente. De acordo com a tribo, pratica-se essa cerimônia por ocasião das festas de puberdade, antes de uma dança do Sol ou durante outros eventos sagrados, antes de partir para a caça ou para a guerra, depois de ter matado uma águia ou um ser humano.

Inikagapi, "tomar uma sweat", é um rito de purificação, que também pode ser realizado para sentir-se bem e limpo ou para livrar-se da fadiga. Mas, em geral, sua finalidade é sagrada. É o prelúdio de um ritual ainda mais solene: a busca de visão.

Há mais de cinqüenta anos o xamã Nicholas Alce Negro dizia que a sweat lodge reúne todos os poderes do universo: a terra, a água, o fogo e o ar. A água representa os Seres Trovão, os quais beneficiam a tribo. O vapor, saído das pedras que conservam o fogo, purifica-nos e permite-nos viver em harmonia com a vontade de Wakan Tanka. Podemos inclusive esperar uma visão, se estivermos suficientemente puros.{4}

O curandeiro lakota Cervo Ferido ensina que doze estacas e quatro horizontes formam o quadro da *lodge*. Cada elemento tem seu símbolo e cada símbolo é sagrado. O chão onde se cravam as estacas deve ficar próximo a um ponto de água, num local suficientemente provido de madeira, de preferência o salgueiro-branco, que previne contra as dores de cabeça. Conta Cervo Ferido:

"Meu pai, John Cervo Ferido, dizia-me sempre - é como os ossos do esqueleto de nosso povo. Os ramos de salgueiro estão ali para nos recordar a vida e a morte. O salgueiro morre no inverno, mas renasce na primavera, como o povo que morre mas continua a viver no mundo dos espíritos."

A entrada da cabana deve estar sempre voltada para oeste, a fim de unir o sol nascente ao sol da noite, que também chama mos de lua. Só o *heyoka*, o pensativo trovão, contraria a tradição. A entrada de sua cabana de sudação fica voltada para leste. Alce Negro afirma que Inipi deveria ficar de frente para o leste.

A terra extraída da fornalha central, no interior da *lodge*, é utilizada para traçar um caminho sagrado que conduz a um montículo às vezes denominado *Unci*, a Terra, a cinqüenta ou sessenta centímetros da entrada. Um pouco mais adiante é acendido o Fogo Sem Fim. Para construí-lo, dispõem-se quatro achas de lenha voltadas para leste e oeste, sobre as quais colocam-se quatro outras, estas orientadas para o norte e o sul. Sobre as últimas, arranjam-se mais achas de lenha para formar uma espécie de tipi. Em cima, instalam-se as pedras. O fogo sem fim representa não apenas *Unci*, mas também o poder eterno do Grande-Pai Espírito, pois, se o ser humano morre, as montanhas e as pedras vivem para sempre.{5}

Ao lado da fornalha onde se queimam as pedras, fica um altar em forma de crânio de bisão,

sobre o qual coloca-se o cachimbo sagrado; ao pé do altar, deve-se ter à mão um balde com água da fonte para regar as pedras em brasa - alguns curandeiros gostam de usar uma infusão de folhas de salva. Em certas *sweat lodges*, transportam-se as pedras com a ajuda de forquilhas, mas a tradição recomenda chifres de cervo. Em cada etapa da preparação de Inipi, convém pronunciar as preces apropriadas.

Há aproximadamente 15 anos, quando de minhas primeiras experiências de s*weat lodge*, os homens e as mulheres ficavam separados. Alguns chefes tradicionais, especialmente Cervo Ferido, continuam seguindo rigorosamente essa regra, enquanto outros, como Wallace Alce Negro, realizam Inipi sem a menor segregação. Os participantes entram na *lodge* de acordo com o sentido dos ponteiros do relógio - o sentido do Sol - e sentam-se diretamente no chão. O líder cerimonial coloca-se a leste da entrada. O guardião do fogo oficia do lado de fora, perto da fornalha central. É ele quem carrega as pedras em brasa para o interior da *lodge* a uma ordem do líder cerimonial. É ainda ele quem abre e fecha a porta, constituída de uma simples cobertura, e executa todas as ordens.

As pedras em brasa tomam um aspecto particular. Alce Negro chama-as de "*stone people*", "o Povo da Pedra". Quando levadas para dentro da cabana e dispostas ritualisticamente na fornalha central, vêem-se desenhar rostos, formas... Percebe-se então a que ponto estão vivas. O líder ajunta salva ou cedro sobre as pedras e um odor particular enche a *lodge*.

Aguarda-se em seguida que os bons espíritos se manifestem, que Wakan Tanka venha pacificar e instruir o coração dos participantes. Cada qual faz sua prece e agradece ao Criador, enquanto se despeja água fria sobre as pedras vermelhas. Pouco a pouco, um vapor branco enche a cabana, como uma onda de ar quente surgida do solo.

As *sweat lodges* são não raro agradáveis, mas podem revelar-se opressivas para as pessoas que não estão habituadas a esse tipo de experiência. Lembro-me de ter participado, em 1985, de uma *lodge* conduzida por um jovem lakota, durante a qual todos os presentes se sentiram incomodados pelo calor, realmente insuportável. Todavia, a maioria dos xamãs conhece os limites que não devem ser ultrapassados com os novatos.

A atmosfera torna-se pouco a pouco envolvente. Estimulado pelos cantos, as preces e o som dos chocalhos, o líder cerimonial concita a presença dos espíritos e a do Grande Pai do Céu. Jerry Dunson, um amigo kiowa ponca, repetia sempre: "Meu pai, não sou mais que uma coisinha, dê-me apenas a humildade necessária para realizar esta cerimônia."

Se um participante não conseguir agüentar o calor, deve pedir para sair exclamando: "*Mitakuye Oyasin*." O guardião do fogo abrirá a porta para ele, que sairá, sempre respeitando o sentido dos ponteiros do relógio. O ritual desdobra-se em quatro voltas ou quatro portas, ou seja, a entrada da loja de sudação será aberta quatro vezes durante a cerimônia. A cada uma delas, o curandeiro ou a curandeira pergunta se alguém deseja sair.

Chanunpa passa de mão em mão. Cada qual recebe o cachimbo sagrado pronunciando algumas palavras ou recitando uma prece. Uma cerimônia dessa importância purifica o corpo e o espírito - em certos casos, pode-se lavar com a salva.

Em geral, um grande sentimento de fraternidade e de harmonia comunga os participantes. Foi graças a *Chanunpa* que os lakotas-sioux conseguiram, a despeito das reviravoltas de sua história, preservar um elo estreito com a Terra-Mãe.

Recordo-me de minha primeira cerimônia yuwipi com Wallace Alce Negro. Desde o

primeiro dia de minha chegada a Crowley Lake, ele cumpria o ritual da manhã e apresentava o cachimbo sagrado às sete direções. Tal cerimônia pode ser feita com o cachimbo ou com um simples punhado de tabaco. As sete direções são: o norte, o leste, o sul, o oeste, a nação das Águias (o elo com o criador), *Unci Maka*, a Terra-Mãe, e *Tunkashila*.

Feito isso, o dia podia ter início. Portanto, no começo da tarde construímos, sob sua orientação, uma tenda de sudação de acordo com as regras ditadas pela tradição: com o fogo sem fim e o caminho central.

Éramos nesse dia cerca de 15 pessoas sentadas em círculo no interior da tenda de sudação, formando uma alma espiritual única. Alce Negro espalhou uma camada de salva sobre as brasas cintilantes e esperou que a fumaça assim perfumada subisse em volutas. O poder da erva devia servir-lhe para fechar a porta aos espíritos malignos. O tocador de tambor, Andrew, começou a martelar seu instrumento de prece e cantou uma melopéia em tons agudos. Estávamos inteiramente mergulhados no escuro.

Não demorou muito para que uma modificação na atmosfera se tornasse perceptível.

- Grande-Pai - exclamou Alce Negro -, ouve-me, sou parente de todos os que andam, de todos os que rastejam, voam ou nadam. Desde o começo, meu rosto, meu torso, meus braços, minhas pernas são da mesma natureza de todas as criaturas, elas e eu somos aparentados. Conheço essas coisas. Vejo teu mistério por toda parte, na folha de outono, na árvore onde brota essa folha, nas raízes do "povo de pé" [as árvores], Grande Pai, ouve-me.

Wallace pediu que lhe trouxessem as primeiras pedras em brasa. Foram depositadas na fornalha, e a porta voltou a fechar-se, mergulhando de novo os assistentes na mais completa escuridão.

- Posso sentir - continuou Alce Negro, voltando-se para nós - que alguma coisa protege todo ser vivo. Eu vivo, logo sou protegido. Vocês vivem, logo são protegidos. Vocês raciocinam, maravilham-se, fazem escolhas... Suas ações os protegem. Vocês são seres humanos, portanto reconhecem em si mesmos a presença de um poder de cura, aquele que regenera as pessoas necessitadas. Peço a Grande-Pai que reconheça em vocês buscadores da verdade, seres em busca do bem e do poder de regeneração.

Penetrávamos cada vez mais profundamente na consciência xamânica graças a diversos estímulos corporais: salva, cedro, batidas do tambor, cantos e preces. O tempo transcorria mas sem que houvesse um antes e um depois - só o eterno presente. Súbito, num turbilhão, o Povo da Pedra engolfou-se na cabana fechada sob a aparência de uma luz azul-turquesa. Observei com atenção o fenômeno para assegurar-me de que não se tratava de uma reação química natural das pedras em brasa. Em vão.

A atmosfera era intensa, o calor extremo, meu corpo suava. As batidas do tambor ficaram mais rápidas. De repente ouvimos piados de pássaros, ruflar de asas, um leve drapejar de tecidos, enquanto um vento suave soprava no interior da loja hermeticamente fechada. Em certos momentos, os cantos e o tambor detinham-se para permitir que Wallace falasse.

- Esta cerimônia é um apelo espiritual único. Yuwipi mostrará o caminho a ser seguido por aqueles que desejam sinceramente comunicar-se com o mundo dos espíritos. Poderão então servir seu próprio povo, sem distinção de religião ou de raça, e o mundo. Para estabelecer tal comunicação, é preciso seguir o exemplo do xamã que anda de pé. Vocês, especialmente vocês, homens brancos, aprenderão a superar as exigências do ego. Se quiserem aproximar-se ainda

mais do Grande Espírito e tornar-se um xamã natural, desenvolvam também o auto-respeito, reequilibrem seus conhecimentos e vivam em harmonia com as leis da Criação.

Respirávamos literalmente aquelas palavras por todos os poros.

- Observem - continuou Alce Negro, enquanto regava as pedras com a água -, este vapor santo que sobe do Povo da Pedra é o sopro do Grande Espírito. Inalando-o, vocês assimilarão a energia do Grande Mistério.

Uma extraordinária sensação percorreu-me o corpo. Senti uma leve aceleração cardíaca, como se meu coração quisesse queimar velhas escórias, velhas emoções, velhas dúvidas ainda recalcadas em minha consciência normal. Achava-me maravilhosamente bem, como me senti quando de outras experiências de expansão da consciência, com a única diferença de que neste caso meu corpo era purificado ao mesmo tempo que meu espírito.

Na verdade, a cerimônia ainda durou uma hora e meia. Alguns oravam por parentes doentes; outros, por amigos e familiares já desaparecidos; outros mais, pela Natureza.

Como dizia Alce Negro, "em yuwipi não há mais homens, mulheres, raças, nem diferenças religiosas; só existem seres humanos unidos num estado de comunhão perfeita, num mesmo impulso espiritual".

Eu não podia deixar de pensar que tais cerimônias remontam à noite dos tempos e atravessaram toda a história. Nós, ocidentais, perdemos o sentido desses ritos, mas talvez tenha chegado o momento de tornar a encontrar essas antigas sendas de auto-realização, por meio da ressurgência de ensinamentos xamânicos várias vezes milenares.

Enquanto fumávamos juntos o cachimbo, o grande-pai falou:

- Faz meio milênio que fumamos *Chanunpa*. Nessa época, um clã lakota, que se instalara na atual Virginia ocidental, viveu um acontecimento tão extraordinário e sagrado para nós, quanto o é para vocês a entrega das Tábuas da Lei por Deus a Moisés.

Uma mulher veio ao encontro dele, trazendo com ela uma profecia e um cachimbo, objeto de unificação do povo. Ela era parente dos "quatro patas", que logo se tornariam a fonte de alimento do clã e de proteção contra o frio (os bisões). Aliás, a estranha visitante pretendia chamar-se Ptesanwim, sua família era a nação Bisão; os machos são *Pta*, e as fêmeas, *Pte*. Ela era, portanto, a mulher *Pte*, a irmã de cada lakota. "Sou mulher", disse ela. "Minha língua fala a verdade, não existe nada de malfazejo dentro de mim."

"Em seguida ofertou aos lakotas um longo tubo estreito, a laringe da *Pte*, que ela esticara e secara para o alento do homem. 'Este tubo', disse ela, 'tornará visível o alento de vocês. Usem-no para manifestar o bem, para entrar em contato com a sabedoria dos antepassados, para unir o povo e fazer com que suas palavras sejam sempre harmoniosas.'"

Eu conhecia a história da Mulher Bisão. Foi ela quem transmitiu aos lakotas-sioux as sete cerimônias que constituem a ossatura de sua cosmogonia. Várias caíram em desuso, mas outras continuaram vivas, ressurgindo durante os últimos trinta anos, graças ao despertar da consciência xamânica na América do Norte: a dança do Sol, a busca de visão e a Tenda de Sudação, com sua variante yuwipi. Esta última tornou-se tão popular entre os índios quanto as outras.

Em várias oportunidades, tive a chance de conversar com Andrew Cão Trovão, meu irmão e amigo. Esse admirável contador de histórias falou-me de suas incontáveis buscas de visão. *Hamble-cheyapi*, a busca de visão, acha-se no centro do caminho espiritual do índio desejoso de entrar em contato direto com Wakan Tanka. É uma cerimônia individual, que se realiza no alto de

uma montanha isolada, especialmente na famosa Bear Butte (Colina do Urso) em Montana. Alguns índios das florestas, os sioux santees, que viviam nas regiões selváticas do Minnesota, construíram no alto das árvores plataformas onde se instalavam para efetuar a busca.

Quem vai em busca da visão deve guardar um período de jejum completo de quatro dias. Eu já fizera jejuns de vários dias, mas nunca o jejum hídrico.

- Que acontece se não bebermos água durante vários dias? - perguntei a Andrew.

- Bem, no segundo dia a coisa fica difícil; então a gente faz uma prece ao Grande-Pai do céu. Mas o pior ocorre no terceiro dia.

- O que você faz? - insisti.

Ele me olhou com ar zombeteiro e disse:

- *Hey, then you pray more*. (A gente reza mais forte)

Na véspera de nossa partida, achávamo-nos todos confortavelmente instalados perto de um fogo de lareira. Como de hábito, Wallace bebia uma soda. Ele nos contou sua experiência com a águia.

- Um dia - falou -, meu primo e eu íamos de carro pela auto-estrada, quando de repente vi um grande pássaro caído no acostamento. Fizemos meia-volta. Era uma águia, ferida por algum caçador. Na queda, quebrara uma asa. Apesar disso, a infeliz tentava de todas as maneiras ganhar novamente vôo, mas estava muito fraca. Então, masquei um pedaço de salva e apliquei-o como um emplastro sobre o ferimento. Em seguida juntei alguns talos de salva e arrumei-os em volta do animal, sobre o corpo e embaixo dele. Depois tentei colocar-lhe a asa no lugar. Por fim, mantendo-lhe as patas firmemente apertadas, ergui a mão esquerda na direção do oeste e comecei a rezar. Estava ainda no meio da prece, quando o animal expirou em minhas mãos.

"Nós o carregamos até a tenda do Povo da Pedra. Orávamos, quando se produziu uma espécie de *flash* de luz, e o espírito da águia entrou na *lodge*. Ela me abanou e tocou com suas asas; poderia jurar que se tratava de uma mão humana. Agradeceu-me pelo que eu tinha feito por ela. Minha garganta apertou e meus olhos encheram-se de lágrimas."

"O espírito da águia disse: 'Quando eu estava caído no acostamento da estrada, experimentando as piores dores, tu me embalaste em teus braços. Tentaste cuidar de meu ferimento e oraste para que eu pudesse viver. Mas agora sabes que também possuo um espírito. Já me faltava o sangue, e portanto tive de partir. Doravante podes dispor da roupa que usei aqui na terra (minhas plumas). Voltei para dizer-te que, por teres cuidado de meu ferimento e orado por mim, por teres manifestado amor por mim, eu te ofereço minhas plumas. Enquanto fizeres uso delas, prometo ficar voando acima de ti. Estarei igualmente diante de ti, a teu lado e embaixo de ti.' Tal foi a promessa que me fez o espírito da águia naquele dia."

Um membro de nosso grupo pediu ao Grande-Pai que falasse sobre os ensinamentos que recebera do avô, o famoso Nicholas Alce Negro, um dos maiores xamãs da primeira metade do século XX.

Olhos perdidos no espaço, Wallace começou:

- Era uma época difícil. Na década de 1930, o Escritório dos Negócios Indígenas proibia as cerimônias tradicionais. Nick e eu íamos para o mais profundo da floresta para realizá-las. Quando ainda não passava de um rapazinho, meu avô de repente entrara num coma de vários dias. Ele tinha saído do corpo e fora conduzido a um nível sobrenatural, onde assistira a diversos eventos premonitórios e descobrira a riqueza da senda lakota. O sentido dessa experiência tornou-

se-Ihe evidente ao cabo dos anos. Assim, ele tinha visto a derrota de nosso povo para os brancos, tinha visto o círculo da nação "rompido". Pensamos que essa visão não cobria apenas a duração de sua própria vida, que ia mais além. Nick sempre lamentou sua impotência para religar o círculo rompido, mas muitos de nós achamos que ele não falhou. A visão de meu avô teve igualmente o efeito de conferir-lhe vários poderes xamânicos; o do cervo tornou-o virtualmente irresistível junto às mulheres, o que de modo algum o impediu de assumir altas responsabilidades espirituais ao longo de toda sua vida...

As guerras das Planícies, que terminaram com o massacre do clã de Grande Pé, em Wounded Knee, em 1892, romperam o coração e a coluna dorsal do povo. Entretanto, como os seres sobrenaturais lhe haviam informado, o espírito de nosso povo não se rompeu definitivamente. Ao longo do século XX, os ameríndios foram varridos por uma grande tormenta. Hoje, porém, eles se sentem revigorados, e os anos vindouros verão cumprir-se a cena final da visão de meu avô: o círculo da nação será reconstituído, e o povo viverá novamente em harmonia e em paz.

Consciência ameríndia do meio ambiente, Flora Jones, índia wintu, canal do monte Shasta

No outono de 1995, em virtude de um congresso intercultural no sudoeste da França, tive a oportunidade de conversar longamente com Jack Águia-Que-Anda, um índio do norte da Califórnia que tivera uma iniciação xamânica com Flora Jones, uma wintu de sua região.

Durante milhares de anos, os wintus, karoks, yuroks e hupas viveram isolados num maravilhoso recanto natural. Essas tribos, vizinhas entre si, desenvolveram, malgrado seus diferentes idiomas, modos de vida similares: pesca do salmão, caça do gamo e cultura do milho. Cada uma delas manifesta, além disso, o mesmo respeito pela Natureza - os wintus veneram em particular o monte Shasta, sua montanha sagrada.

Durante a cerimônia outonal chamada a "dança da pele do gamo branco", os xamãs perpetuam os ritos secretos que visam à renovação da Natureza e ao bem-estar da comunidade. Ainda aí observa-se um respeito sem igual pela Natureza e total consciência de seu significado. Flora Jones é um dos ilustres representantes desses xamãs wintus.

Outrora, os wintus ocupavam um território que se estendia do monte Shasta, ao longo da margem ocidental do rio Sacramento, até a baía de São Francisco. Por volta de 1870, sua população chegava a 12 mil almas. Mas uma centena de anos de violência racial, a doença, a pobreza, as migrações e os casamentos consangüíneos reduziram-nos a pouco mais de um milhar.{6}

Malgrado o desaparecimento progressivo da maior parte de suas tradições, os wintus continuaram considerando os xamãs iniciados como curandeiros e guias espirituais.

- Suas cerimônias começam à noitinha - contou-me Águia-Que-Anda. - Os xamãs e seus discípulos dançam e cantam em volta de um fogo para invocar os espíritos, cuja chegada anunciam soprando um apito de osso. Se um espírito julga um candidato aceitável, ele penetra em seu corpo, o qual é logo tomado por convulsões. O homem saliva, e às vezes acontece de sair sangue de sua boca e das narinas. Por fim, ele cai no chão, e xamãs mais antigos carregam-no para o outro lado do fogo e o velam cantando.

Hoje em dia são raros os wintus que conservam a memória de sua linguagem e tradições. Flora Jones continua sendo a única xamã reconhecida. Continua praticando a arte de curar dos ancestrais, dirige as sessões xamânicas e administra ervas tradicionais aos pacientes das tribos vizinhas.

Em transe, Flora Jones estabelece seus diagnósticos só com a ajuda das mãos.

- A sessão começa quando o espírito toma posse de seu corpo, um evento espetacular - diz ainda Águia-Que-Anda.

Deslocando as mãos por sobre o corpo do doente, Flora sente o menor de seus músculos e a menor das veias. Chega inclusive a sentir as dores que o outro sente. Se uma pessoa tem um problema cardíaco, o coração de Flora começa a bater com mais força.

Onde quer que o doente sofra, ela também sofre. Ela se toma parte do outro. Se o espírito descobre a causa da doença, ele descreve a cura terapêutica exprimindo-se pela boca do xamã.

O monte Shasta é a montanha sagrada de todos os índios do noroeste dos Estados Unidos, e aí se desenrolam anualmente várias cerimônias. Contam-se casos de visão espontânea e de fenômenos de aparição. Flora Jones sabe como entrar em contato com o espírito do monte Shasta. E, nesses casos, já não é ela quem fala, é o próprio monte Shasta que se expressa por intermédio de um corpo físico perfeitamente purificado.

Flora Jones nasceu em 1909. Em fins dos anos 80, ela anunciou que iria aposentar-se, mas continua praticando para os wintus e para aqueles que sempre a consultaram. Em começos dos anos 90, ainda celebrava cerimônias públicas no monte Shasta durante a páscoa e em meados do mês de agosto.

Depois que seu povo assinou um tratado cedendo a maior parte das terras tribais ao governo dos Estados Unidos, em 1854, o chefe Seattle, da tribo dos suquamishes, dirigiu-se nestes termos a Isaac Stevens, governador do recém-criado estado de Washington:

"Depois que o último homem vermelho tiver perecido e a memória de minha tribo já não passar de um mito entre os homens brancos, estes rios serão habitados pelos mortos invisíveis de minha tribo, e quando os filhos de seus filhos se acreditarem sozinhos na pradaria ou no silêncio das florestas mais profundas, nunca estarão sozinhos. Quando à noite as ruas de suas cidades e povoados estiverem silenciosas e vocês acreditarem que estão desertas, haverá uma multidão de almas de todos aqueles que habitaram esta região e que continuam amando este recanto maravilhoso. O homem branco nunca estará sozinho. Que ele seja justo e bom para com meu povo, pois os mortos não se acharão sem poder. Mortos, foi o que eu disse? Não há mortos, somente uma mudança de mundos."

Ritual da tenda tremulante entre os índios crees norte de Quebec - outono de 1992

Depois de deixar Montreal e atravessar Três-Rios, rodo em direção do lago São João, mais precisamente na direção de Mistassini-Baía-do-Posto, para encontrar um acampamento cree próximo à baía James. A floresta do São Lourenço, que se estende ao sul da floresta boreal, é magnífica - um verdadeiro mosaico de bosques, campos, pinheiros (entre estes, o majestoso pinheiro-branco), bordos, carvalhos, bétulas e tantas outras árvores cujo nome desconheço mas que fazem o esplendor dos outonos canadenses.

A estrada segue ao longo do Parque Nacional da Maurícia. Ao norte de Três-Rios, passados

Shawinigan e Grande-Mãe, um rosário de colinas ricas em lagos e vales abriga o alce, a raposa, o urso e o castor. Ver um alce em liberdade é um de meus sonhos - este animal de impressionante tamanho vive nas regiões pantanosas do norte, além do lago São João, onde os centros civilizados tornam-se cada vez mais raros. Acontece de vermos esse solitário nas estradas, sobretudo à noite, e sua presença na região é sempre indicada por placas de sinalização.

Pretendo passar uns 15 dias entre os crees de Mistassini-Baía-do-Posto, recomendado por Agnes, uma enfermeira que trabalha no hospital da reserva. Encontrei-me com ela várias vezes em Montreal. Essa grenoblense de 35 anos deixou a França com a idade de 18, atendendo a um apelo do Novo Mundo. Agnes é uma enciclopédia viva em matéria de civilizações ameríndias, pois viveu sete anos entre os inuits do Grande Norte canadense.

Gostaria de ter aproveitado esta viagem para visitar o Grande Norte, mas infelizmente meu tempo era curto. Essa civilização pouco conhecida, ao mesmo tempo longínqua e tão próximo, fascinava-me. O vocábulo *inuit* designa os esquimós do Canadá em seu conjunto, por oposição aos esquimós da Ásia e das ilhas Aleutienas do Alasca. O termo "eskimos", pouco apreciado pelos inuits, é cada vez menos utilizado. Quanto à *inuit*, significa pura e simplesmente "o Povo".

Artistas ameríndios conhecidos em Montreal me explicaram que, depois de 15 anos de negociações, os inuits e os governos federal e regional haviam assinado o acordo de Nunavut, fruto da mais importante reivindicação dos índios autóctones da história do Canadá. Tal acordo prevê a criação, em 1999, de um novo território - o Nunavut - na parte leste dos atuais territórios ditos do Noroeste. O *Nunavut*, que significa "Nossa Terra" (o equivalente do *Fenua* polinésio), cobre mais de duzentos mil quilômetros quadrados, vale dizer: a quinta parte da superfície de Quebec. O inuktitut é sua língua oficial, com peso idêntico ao do inglês. Os próprios esquimós designam-se como os inuits, "o Povo" ou "os Homens", enquanto chamam os índios *itkilits*, "os Portadores de Piolhos", e os brancos de *kallunaat*, "os de Longas Sobrancelhas".

Quando de sua permanência entre os inuits, Agnes fora adota da por uma família de quase setenta membros. Foi ali que ela descobriu a caça à raposa prateada. Sobre uma extensão plana e branca, sem mato, sem árvores, sem vales, sem o menor ponto de referência, os caçadores caminham durante horas colocando armadilhas e depois voltam para examiná-las, sem que se percam nem esqueçam de nenhuma. Agnes explicou-me que as mulheres eram superiores aos homens nessa arte.

- Por quê? - perguntei-lhe.

- Num dia de caça, um amigo pediu-me que fosse ver sua mãe. Dirigi-me para lá sobre essa extensão branca varrida pelas borrascas. Ela me pediu que urinasse na neve endurecida, pois a urina cava um pequeno buraco onde o inuit deposita sua armadilha. Quando acabei, ela me lançou um olhar reprovador, porque eu só conseguira fazer três buracos, como os homens. As mulheres inuits são capazes de urinar em sete pequenas doses.

Depois do lago São João, enfiei-me pela floresta do São Lourenço. Vi uma placa de sinalização: "Posto de gasolina a 120 km". Cento e vinte quilômetros de floresta! Pensei nas florestas da Idade Média e no desmatamento desenfreado ocorrido na França a partir do século VIII. Em nosso país, à parte algumas belas florestas franqueadas ao público, praticamente já não existem espaços comparáveis aos que ainda encontramos por aqui. Ao sair de uma curva, parei para caminhar um pouco sobre a vegetação que cresce sob as árvores. Meus amigos de Montreal tinham me falado de uma planta rara, o suga-pinheim, que cresce em meio às folhas caídas, na

sombra, e produz uma flor única. É uma planta evanescente, branco-prateada, sem falhas. Tinham-me igualmente elogiado as bagas selvagens, os mirtilos e os famosos acianos, particularmente abundantes nesta região. Enquanto passeava, eu colocava em dia meus conhecimentos sobre as condições de vida atual dos índios canadense.

Os povos aborígines, como são chamados, dividem-se em três grupos, que vivem no Yukon, os territórios do noroeste e o Ontário.

No entanto, encontram-se comunidades aborígines em todas as províncias. Esses grupos são igualmente batizados canadenses autóctones ou Primeiras Nações, referência implícita aos aborígines do Canadá e sua independência perdida. Parece que existem mais de duas mil reservas espalhadas por todo o território, reunindo algo em torno de seiscentas nações, a maior parte delas vivendo com pouquíssimos recursos e quase sempre graças a um benefício governamental. É o caso dos crees de Mistassini-Baía-do-Posto.

A partir de 1960, no entanto, assiste-se a um despertar do orgulho ameríndio, bem como à afirmação dos direitos e da especificidade cultural dos primeiros habitantes, notadamente por meio da Carta dos Direitos e Liberdades assinada em 1982. Desde o começo da década de 1980, os líderes indígenas esforçam-se por politizar suas reivindicações. Quer invoquem a Constituição, reclamem terras ou defendam direitos de mineração, várias organizações nacionais, especialmente a assembléia das Primeiras Nações, empenham-se em lutar pelos interesses dos índios. É graças a essas ações que suas vozes conseguem enfim fazer-se ouvir. As reivindicações dos índios são regularmente apresentadas diante de tribunais, principalmente o direito à autonomia para os povos aborígines.

Encontrava-me em Montreal, em 1990, quando uma facção rebelde dos mohawks, os Guerreiros, pegaram em armas e bloquearam a ponte Mercier, que liga a ilha de Montreal à margem sul do São Lourenço, para chamar a atenção da mídia. Foi em virtude desses transtornos que o governo federal assinou o acordo de criação do território de Nunavut - prevista para 10 de abril de 1999 - e deu início a um processo de restituição das terras aos povos autóctones. Eu sabia que Mistassini possuía um dispensário, uma enfermaria, um pequeno supermercado, uma escola e uma igreja, em suma, o esqueleto de uma organização social em bases ocidentais. A criação de escolas indígenas permite controlar a instrução religiosa e o ensino das línguas autóctones, bem como o funcionamento de um sistema judiciário indígena. Do mesmo modo que nos Estados Unidos, o movimento ameríndio canadense é particularmente ativo e participa cada vez mais de diversas ações visando ao respeito pela religião, a cultura, a língua e a história de seus povo. Amo este país, onde conquistei muitos amigos. Amo-o por sua doçura e vigor, por seu clima rude e verões calorosos. Amo também a arte, a cultura e a literatura dos habitantes de Quebec e dos acadianos. Penso em todos esses franceses acadianos que perderam sua terra no século XVIII. O longo poema de Henry Longfellow, "Evangeline", mostrou o drama deles a todo o mundo. A literatura indígena também existe, graças a escritores como Georges Clutesi e sobretudo Ipugri, que na década de 1930 escreveu várias obras traduzidas no mundo inteiro, entre as quais a admirável *Pilgrims of lhe Wild*. Antonine Maillet, fazendo reviver a Acádia, em *La Sagouine*, voltou a dar vida a um país espoliado de seu passado.

Ao chegar à reserva, fiquei surpreso porque esperava encontrar uma aldeia mais tradicional. Os atuais crees são os descendentes de caçadores nômades do Grande Norte, que viviam na imensa floresta boreal, a qual se estende por 4.800 quilômetros, do litoral do Labrador até o curso

inferior do Mackenzie e no Thkon. Antes da chegada dos europeus, tais caçadores tinham de adaptar-se a um meio natural rude. Armas, vestimentas, utensílios e objetos ritualísticos eram fabricados com a ajuda de materiais naturais. A vida organizava-se em torno de técnicas aprendidas em comum e engenhos leves. Hoje, tudo isso se foi. Os subsídios do governo federal permitiram-lhes construir pequenas casas de madeira, típicas das pequenas cidades norte-americanas.

Agnes logo aparece para receber-me e ajudar a me instalar. Visito o dispensário cree, muito bem equipado com sua salinha de operações e seus leitos de hospital. O pessoal "estrangeiro" inclui apenas Agnes, Mercedes, uma médica de origem espanhola que dirige o centro, e uma terceira pessoa. Todos os demais empregados são crees. Todas as tabuletas são escritas em inglês e em algonquino.Visitei várias vezes a aldeia. Fica perdida no meio da floresta, a mais de oitenta quilômetros da cidade mais próxima. Outra surpresa me esperava: um grande capitel ergue-se no centro da reserva - a igreja dos pentecostais, estabelecidos ali há muitos anos.

Levado pela curiosidade, fui até lá uma tarde e presenciei um espetáculo surpreendente. "A tenda", como a chamam familiarmente os crees, parece-se com o capitel de um circo. No interior, estão dispostos bancos de dois lugares como numa sala de aula. Três jovens pregadores de cabelos curtos, paletó, camisa branca e gravata tocavam violão, acompanhando cantos religiosos diante de uns vinte índios. Num intervalo de cinco ou dez minutos, espectadores deixavam a tenda, sendo substituídos por outros.

Logo entendi tratar-se de uma das maiores atrações da aldeia. Quando um índio se via desocupado, dizia aos de seu círculo:

- "*Let's go to the tent*" [Vamos ver o que se passa na tenda].

Um dia, encontrei o antigo chefe da aldeia, com mais de noventa anos, e a mulher mais idosa, com seus 102 anos. Perguntei-lhes se apreciavam o modo de vida ocidental. Evidentemente, esses antigos, que haviam conhecido o tempo dos wigwams e da comunhão com a Natureza, sentiam-se constrangidos naquele novo quadro. O chefe me respondeu:

- Vivemos entre quatro e cinco anos nestas casas, mas só esperamos uma coisa: que os jovens dêem o sinal de partida. Então vamos passar de seis a sete meses na floresta, onde caçamos, pescamos e voltamos a encontrar nosso ambiente natural.

Sorri ao pensar que os jovens em questão eram, em sua grande maioria, sólidos sexagenários.

Seguindo as recomendações de Agnes e Mercedes, fui visitar o xamã da aldeia, o médico dos matos, o "*bush-doctor*", como é chamado aqui. Depois de muitas reticências, ele me explicou a maneira como utilizava as plantas e falou-me de certas cerimônias, entre as quais a do famoso tambor de caça cree e a tenda tremulante. Indaguei-lhe se ainda praticava rituais da tenda tremulante. Seu rosto fechou-se. Depois de algumas horas de conversa, percebi com desgosto que esses autóctones tinham perdido muito de suas crenças e de seus rituais.

- No entanto - disse ele -, nossas lendas, hoje bastante esquecidas pela maioria dos nossos, contam como os crees organizaram-se em comunidades, como se multiplicaram e fundaram sua sociedade, a dos homens por excelência, e como assim estabeleceram uma ordem num mundo antes caótico.

Mitos e lendas terminam quando o mundo do Povo encontra um lugar.

Todavia, relações estreitas subsistem entre os homens e os animais graças a um ser investido, o xamã, dedicado à arte de invocar os espíritos animais para utilizar sua força ou astúcia em seu

próprio proveito ou no do grupo. Entre os crees, a caça era um verdadeiro ritual em que todas as etapas - do cerco à caça à sua partilha - eram marcadas por gestos ou palavras ritualísticas. Depois da morte de um caribu ou de um alce, recitavam-se curtos encantamentos. A caça era sempre cortada e recortada de acordo com regras precisas para não lhe ofender o espírito, mas, ao contrário, agradecer-lhe e pedir-lhe que se oferecesse novamente às flechas e às balas dos caçadores. O recurso ao relato simbólico para justificar o ordenamento do Universo coloca a geografia cree num pensamento animista e mágico, bastante distanciado do pensamento cartesiano que preside à construção da geografia do saber ocidental.

O médico dos matos apresentou-me a outro homem idoso, que ainda fabricava esses famosos tambores de caça. Ele me explicou que, quando os crees partiam para a caça, o tambor ressoava de uma maneira particular para contatar o espírito do animal que eles se preparavam para matar, sobretudo o alce ou o caribu. O animal achava-se às vezes a vários quilômetros do campo; os índios não tinham ainda detectado sua presença, nem o animal, a dos caçadores. Entretanto os crees garantem que o rufar do tambor propiciava uma comunicação real com a caça. Assim que o contato era estabelecido, o que se traduzia por ínfimas variações de ritmo, o cerco podia começar. O animal concordava em ceder sua vida.

No outono de 1992, só duas pessoas ainda possuíam o conhecimento sagrado da fabricação desses tambores. Elas me revelaram, com uma pontinha de desgosto na voz, que isso já não interessava a ninguém. Os jovens voltam-se para o mundo moderno, suas promessas e ilusões. Além disso, os missionários em serviço ali, repetiram aos crees, durante dezenas de anos, que a fabricação do tambor e sua utilização ritualística eram diabólicas. O que, evidentemente, contribuiu para a erradicação de uma arte que remonta aos caçadores da Sibéria que vieram instalar-se nesta imensa região há vários milênios.

Pensei em todos esses tchuktches, goldes, iakutes que há trinta mil anos dirigiam-se para o Alasca. Na mesma época, homens como eles criavam, na Europa meridional, uma arte imortal nos tetos e nas paredes de suas grutas, a arte rupestre. Esses viajantes compunham melopéias para o fogo e a noite, relatos que evocavam sua experiência xamânica da vida. Não dispunham de uma língua escrita, mas compreendiam o deserto ártico e a estepe, respeitavam os animais com quem compartilhavam esses espaços e sabiam apreciar as maravilhas que lhes ofertava uma Natureza no entanto rude.

Mais tarde, outros homens e outras mulheres de coragem e competência semelhantes entraram nessas terras desconhecidas com uma bagagem mental pouco mais evoluída que a dos antigos descobridores. Carregavam em seus pequenos trenós de chifres e ossos de alce, a pequena reserva de utensílios e objetos diversos reunidos por seu povo ao longo de dez mil anos de vida no Ártico: agulhas de osso extremamente preciosas, peles ainda não curtidas para fazer roupa, tigelas de madeira ou de osso, alguns objetos de cozinha feitos com marfim de morsa e cobertas e mais cobertas para a família.

No entanto, mais do que essas magras posses materiais, traziam da Ásia um conhecimento extraordinário do Grande Norte. Tanto as mulheres quanto os homens haviam aprendido centenas de regras para sobreviver ao inverno ártico e encontrar alimento durante o verão. Conheciam a natureza dos ventos e os movimentos das estrelas. Durante a noite invernal, os xamãs visionários os guiavam.

Tais viajantes certamente não percebiam que estavam passando de um continente a outro.

Não podiam saber que essas enormes massas terrestres existiam, e, ainda que o soubessem, o Atasca lhes teria parecido uma parte da Ásia e não da América do Norte. A idéia de que transpunham uma ponte - o estreito de Behring - não chegava a penetrar em suas mentes, pois a paisagem árida que os cercava parecia-se com tudo, menos com uma "ponte". Para eles, essa expedição de algumas centenas de quilômetros não tinha nada a ver com uma migração.

Bem que poderíamos chamá-los de siberianos, mas, como foram associados ao Alasca, adquiriram o nome genérico de índios, depois o mais específico de athabascans. Um ramo vigoroso desse povo veio a instalar-se nas ilhas que constituem o Alasca meridional, e alguns de seus descendentes, alguns milênios mais tarde, partiram para o sul, até o Arizona, onde se tornaram os navajos (o povo dineh). Estudiosos demonstraram que a língua dos navajos é tão próxima do idioma dos athabascans quanto o português do espanhol - e não julgamos que isso seja um efeito do acaso. Os dois grupos são forçosamente ligados.

Os athabascans nômades não formavam uma onda poderosa de emigração que visasse a levar sua civilização a terras inabitadas. Nada em comum com os peregrinos ingleses que atravessaram o Atlântico num êxodo proposital. É provável que os athabascans se tenham espalhado por toda a América do Norte sem ter nunca o sentimento de que haviam deixado para trás sua própria terra.

Desse movimento, portanto, seres humanos vieram a ocupar um continente inteiro, progredindo apenas algumas centenas de quilômetros em cada geração. Em trinta mil anos, passaram da Sibéria para o Arizona sem que nunca tivessem realmente abandonado o próprio lar.

Encontram-se principalmente duas grandes famílias lingüísticas no Alasca e no Canadá: os athabascans, aos quais pertencem os navajos, que no século XII migraram para o sudoeste norteamericano, e os algonquinos. Os primeiros ocupam o Alasca e o oeste do Canadá; os segundos, o leste do Canadá e certas partes do nordeste dos Estados Unidos.

Os athabascans são imigrados recentes. Segundo a antropologia e a arqueologia clássicas, teriam chegado entre o sétimo e o segundo milênios antes de Cristo. Os algonquinos são mais interessantes para os propósitos de nossos comentários, pois conservaram até época recente costumes ainda impregnados das antigas tradições siberianas. Suas práticas religiosas são, em compensação, menos bem conhecidas que as de seus vizinhos athabascans.

Existem dois subgrupos algonquinos: os crees e os ojibwas. Esses índios vivem nas regiões noroeste e sul do Escudo canadense, uma imensa zona de lagos, florestas, pântanos e tundras que compreende o Manitoba, o Ontário, uma parte do Minnesota, o Michigan, o Wisconsin e uma parte de Quebec. Os crees ocupam o norte; os ojibwas, o sul.

Os crees das florestas acreditam em Manitus (espíritos que vivem por toda a parte na Natureza), na necessidade de criar uma relação de ordem sagrada com os animais e na existência de "mestres dos animais". Como todos os algonquinos, veneram um Ser supremo chamado Manitu ou Grande Espírito, o mesmo que em todos os sistemas religiosos ameríndios. O sucesso na caça é assegurado por espíritos guardiães que se fazem conhecer quando de buscas de visão, praticadas na adolescência.

Uma das instituições médicas mais espetaculares dos algonquinos é o rito da tenda tremulante, uma cerimônia xamânica de origem siberiana que se propagou por intermédio dos grupos esquimós até o setentrião da América do Norte. Podemos encontrá-la, sob uma forma

ligeiramente diferente, entre os índios das planícies e do platô do Colorado (a loja dos espíritos arapahos) e mesmo no sudeste asiático. É um dos ritos xamânicos mais bem estabelecidos.

Quando um xamã é convocado para diagnosticar a natureza de uma doença ou para cuidar de uma pessoa, ele ordena a construção da tenda. Este trabalho cabe à família e aos amigos do doente. Estes cravam no chão, a cinqüenta centímetros de profundidade, sólidas varas compridas, formando círculo. As extremidades de cima são curvadas para se juntarem umas às outras e atadas. Essa armação é em seguida recoberta por uma tela. A tenda apresenta-se como uma pequena cabana cilíndrica em forma de tonel, com lugar apenas para o xamã, sentado. Os espectadores acompanham o desenrolar das operações do lado de fora.{7}

O xamã entra na cabana de prece praticamente nu. Ele canta e agita o chocalho. Em seguida amarram-no com correias e é neste estado que ele invoca os espíritos do ar e dos animais. O grupo reunido do lado de fora canta igualmente ao ritmo do tambor. O canto torna-se mais intenso e atinge seu paroxismo quando se apresenta o espírito principal que acorre em auxílio do xamã. Entre os crees, trata-se habitualmente de Mikenak, a tartaruga.

Do exterior ouve-se toda uma série de ruídos: pás que esmagam a neve, um machado cortando madeira, rangidos diversos, remos chocando-se contra a água.

Depois, o espírito principal convoca os espíritos secundários.

Um mistassini conta que um dia viu patas de urso, a cabeça de uma lontra e peixes pulando por cima da tela da tenda. Os espectadores geralmente ficam sem fôlego. Durante todo o ritual, a tenda oscila como num acesso de loucura. Aqueles que a construíram sabem muito bem que isso não é natural, pois um homem sentado em seu interior não teria força física para provocar tamanho tumulto.

Os assistentes interrogam então o mestre dos espíritos, que responde pela boca do xamã, cuja voz deformada escapa pelo alto da cabana. A maior parte das perguntas diz respeito a pessoas ou objetos desaparecidos, fatos do passado ou profecias. O xamã dá também informações sobre doenças, sua origem e tratamento.

Os crees praticam ainda, embora cada vez mais raramente, um rito de recuperação da alma. Quando os espíritos secundários declaram que a alma de um doente desapareceu, o espírito principal encarrega-se de convocá-la e a tenda começar a tremular de novo. De acordo com as testemunhas, quando a tenda recupera sua imobilidade, o xamã retira-se, misteriosamente liberado de seus entraves. O *bush-doctor* afirma que não raro encontram-se as correias penduradas no alto das varas, no interior da tenda. Como pôde o xamã livrar-se delas? Ninguém sabe. Esgotado, ele precisará da ajuda dos assistentes para recuperar seu wigwam. Quanto ao doente, em breve estará curado.

A cerimônia da tenda tremulante foi descrita pela primeira vez em 1609 por Samuel de Champlain e, de maneira mais detalhada, na década de 1700, por missionários jesuítas canadenses.

Em Mistassini falaram-me de um filme rodado em 1958 por uma equipe da televisão canadense. O conselho tribal autorizara os cinegrafistas a colocar seu material dentro da tenda tremulante, para calar de uma vez por todas aqueles que pretendiam argumentar que nada de especial acontecia ali, que o próprio xamã se segurava nas varas para produzir os ruídos e a tremulação.

- Você deveria informar-se - disseram-me. - O filme ainda deve estar nos arquivos.

Pedi então a meu amigo Marc Côté, terapeuta em Montreal, que na época trabalhava para Agência Nacional do Filme canadense, que me ajudasse a localizar esse documento. A agência não o havia conservado. Em 1997, Marc soube por meio de colegas ameríndios da agência que os crees do Ontário e da floresta boreal tinham parado de praticar o ritual da tenda tremulante. Conta-se que eles se sentem responsáveis pela morte de milhares de caribus, que se afogaram quando do desvio de um rio para permitir a construção de uma estrada e de uma barragem elétrica. Sentem que não brigaram o suficiente contra isso e temem a cólera do Grande-Pai Caribu.

2 - MUNDO DAS PLANTAS Q UE ENSINAM

Amazônia, abril de 1995

Depois de ter participado de um congresso em Canela, a duas horas de Porto Alegre, no estado do Rio Grande do Sul, voltei ao Rio de Janeiro com Liliane, minha companheira. Rio de Janeiro, cidade turística por excelência, conta com as mais famosas praias do planeta: Copacabana e Ipanema. Mas, para nós, o mais importante é a expedição à Amazônia que vamos fazer. Previmos alcançar o centro da floresta tropical úmida mais extensa do globo, alimentada pelo maior rio e dotada do ecossistema mais rico e mais variado do planeta. Nosso objetivo: experimentar uma planta psicoativa conhecida há milênios, a *ayahuasca*, na comunidade do Santo Daime em Céu do Mapiá, um sítio ecológico de 5.500 quilômetros quadrados, próximo à fronteira boliviana.

Por ocasião de minha terceira temporada americana (de 1991 a 1993), tivera a oportunidade de consultar uma série de relatórios sobre as plantas psicotrópicas, especialmente a *ayahuasca*. As palavras do prof. Callaway [1] e do dr. Edward MacRae[2] tinham calado fundo em mim, sem falar dos livros e dos resumos de Michael Harner, um dos pais da nova antropologia. Eu estava intrigado com a utilização de enteógenos (substâncias reveladoras de Deus) - entre os quais a *ayahuasca* - pelas populações da bacia do Amazonas.

Ayahuasca é um termo quíchua, que designa uma bebida psicoativa tradicional, também conhecida sob os nomes de *yagé*, *natema* e *daime*; é preparada a partir do cipó *Banisteriopsis caapi* e das folhas da espécie *psychotria*. Sua utilização ritualística, largamente disseminada na Amazônia e em outras regiões da América do Sul, permite pensar que a beberagem é utilizada há milênios. Além disso, os xamãs atuais e os curandeiros usam sempre a *ayahuasca* em suas práticas de adivinhação xamânica, assim como nas cerimônias de cura.

De modo algum decidido a bancar o psiconauta temerário, fiz questão de documentar-me adequadamente "antes" de ingerir qualquer planta ou erva que fosse, pois sempre podem ocorrer acidentes. Foi assim que consultei praticamente toda a literatura possível sobre o assunto, a fim de conhecer a dosagem e o nível de toxidade desses psicotrópicos.

Eu sabia que os índios não vêem com bons olhos aquilo que chamam de "turismo da *ayahuasca*", que acabou desnaturando suas tradições. Algumas revistas norte-americanas incentivam esse tipo de turismo: "Um dos acessos mais diretos aos estados de êxtase xamânico." Creio, no entanto, que os pesquisadores espirituais sinceros podem retirar um benefício inquestionável da *ayahuasca*, desde que guiados por xamãs experimentados e que compreendam que os rituais tradicionais são tão indispensáveis a esse tipo de experiência quanto um bom guia, por causa dos deslocamentos dentro da floresta.

Por ocasião da passagem por Paris de Nelson Liano Jr., naquela época editor do selo Nova Era da Editora Record, do Rio de Janeiro, falei-lhe de meu interesse pela utilização das plantas psicoativas. No outono de 1994, organizamos juntos minha primeira turnê brasileira entre Rio, São Paulo e Porto Alegre. Escudados em suas relações com a comunidade do Santo Daime, Liliane e eu programamos ir ao coração da Amazônia para ali dar continuidade a nossas pesquisas sobre alteração da consciência.

Minhas leituras perturbavam-me profundamente. Todos os autores concordavam que a

ayahuasca não acarretava nenhum efeito secundário nem provocava a menor dependência. Além disso, a experiência desenrolava-se num estado de hiperconsciência - a pessoa podia continuar a andar, falar e raciocinar. A possibilidade oferecida por essa planta, "que ensina" a penetrar em estados-limites de consciência, conservando-se, no entanto, a noção do que se passa em redor, intrigava-me.

Nelson conhecia bem Alex Polari de Alverga, um pilar desse movimento religioso no Brasil. Alex vivia com a família no centro de Céu do Mapiá, no coração da floresta amazônica. Tínhamos lido e ouvido muitas coisas sobre a *ayahuasca*, o Santo Daime e a floresta amazônica, mas, partindo do princípio de que nada substitui a experiência direta, decidimos ir até lá para formarmos nossa própria opinião.

A expedição - física e espiritual - começou desde nossa partida do Rio para a capital federal do Brasil: Brasília!, a maior cidade do mundo *[sic]*. Lamentei não ter podido demorar-me ali, pois poderia ter visitado Pierre Weil, que mora no lugar. Pierre é o reitor da terceira universidade holística mundial, situada ao sul de Brasília, onde se acha a Cidade da Paz. De origem alsaciana, como eu, esse doutor em psicologia diplomado pela Sorbonne instalou-se no Brasil há trinta anos. Foi um dos primeiros professores de psicologia transpessoal na Universidade de Belo Horizonte, onde deixou uma lembrança viva. Sua importância, aliás, atravessou as fronteiras de seu país de adoção, estendendo-se aos Estados Unidos, ao Canadá e à sua França natal.

O Brasil é notável pela variedade e pelo sincretismo de seus numerosos movimentos religiosos. Historicamente, suas principais influências espirituais são o xamanismo indígena, o catolicismo e os cultos africanos. No Congresso de Gramado, tínhamos visto católicos praticantes participarem de uma cerimônia de umbanda, um culto afro-brasileiro que trabalha com magia branca, mistura de candomblé (um culto afro-brasileiro puro) e espiritismo. As origens desse culto são diversas, mas sua forma atual ganhou contornos definidos no Brasil. A influência africana remonta aos bantos de Angola.

A cerimônia coloca em cena representantes de todas as raças do Brasil: o velho escravo, as divindades ameríndias, o guerreiro branco etc.

Entre os mais importantes movimentos religiosos do Brasil, é impossível deixar de mencionar o kardecismo. No século XIX, Alan Kardec introduziu o espiritismo neste país sob uma forma aceitável pela comunidade branca. Seu ensinamento - migalhas de religiões orientais adaptadas ao espírito ocidental - conta ainda hoje com vários milhões de adeptos espalhados pelo país. Ele salienta o espiritismo, a reencarnação e a comunicação com os espíritos. Kardec deixou sua doutrina registrada em vários livros.{8} Mais de um século depois de sua morte, seu túmulo no cemitério do Pere-Lachaise de Paris é um dos mais floridos.

Alguns rituais indígenas propagaram-se sem nem por isso serem integrados nos cultos afro-brasileiros. Citemos a *União do Vegetal*, em São Paulo, e o Santo Daime, nos estados de Rondônia e do Acre. A *ayahuasca* está no centro da prática desses movimentos religiosos, que se baseiam num comportamento moral, numa hierarquia social e num código de vestuário rigorosos. O governo brasileiro tolera o uso da *ayahuasca* em suas cerimônias religiosas e controla sua produção e fornecimento.

O movimento do Santo Daime foi fundado em 1930 em Rio Branco, na fronteira boliviana, no estado do Acre, por Raimundo lrineu Serra, chamado Mestre lrineu. Ao que consta, reúne hoje

15 mil adeptos, entre os quais personalidades como o cantor Ney Matogrosso, o cartunista Glauco e o antropólogo Edward MacRae.

As duas principais comunidades encontram-se em Céu do Mapiá, no estado do Amazonas, e na Colônia Cinco Mil, em Rio Branco, no estado do Acre. Foi para Céu do Mapiá que nos dirigimos, depois de uma escala em Rio Branco.

No aeroporto de Cuiabá fizemos uma escala de duas horas, esperando a conexão para Rio Branco. Para Liliane e para mim, é um livro de aventuras que se abre diante de nossos olhos. Numa loja para turistas do aeroporto, compramos plumas de papagaio do Pantanal. O Pantanal, ao sul de Cuiabá, é o maior pântano do mundo; conserva a maior concentração faunica da América do Sul, com suas mais de seiscentas espécies diferentes de pássaros dos pântanos: milhafres, falcões, cardeais, íbis, cegonhas, cucos, colibris, tucanos, araras... mas também lontras gigantes, anacondas, iguanas, jaguares, ocelotes, caimãs, perus dos pampas e dos pântanos, formigueiros gigantes, macacos ruidosos...

Como não conhecemos quase nada da língua portuguesa, nossos amigos lembram-nos a riqueza extraordinária de seu idioma.

Originalmente, o tupi-guarani, transcrito e simplificado pelos jesuítas, tornou-se a língua veicular em complemento ao português.

Há dois séculos essa língua dos índios entrou em declínio, e o português impôs-se, porém integrando palavras derivadas dos idiomas indígenas e africanos. Numerosos nomes de lugares provêm do tupi-guarani e de dialetos africanos, em particular nigerianos e angolanos.

Rio Branco é o destino favorito de empresários e colonos que reivindicam terras a fim de desmatá-las para a pecuária. Tal comportamento suscitou muitos debates sobre a noção de propriedade fundiária e a utilização da floresta pelas populações indígenas e pelos operários rurais, que em sua maioria vivem da coleta, descendentes de colonos que chegaram à região há várias dezenas de anos.

Nesta altura, é impossível não fazer uma pequena digressão para falar de Chico Mendes, adversário feroz da destruição da floresta tropical úmida. Ainda muito jovem, dedicou-se a defender os direitos dos coletores sobre suas terras. Na década de 1970, um ambicioso plano governamental destinado a dominar a Amazônia atraiu ao estado do Acre empresários, pecuaristas, empresas de exploração florestal e colonos. Em 1975, Chico Mendes organizou um sindicato de trabalhadores rurais para resistir às práticas de intimidação e de grilagem dos recém-chegados, que destruíam a floresta amazônica e despojavam os trabalhadores rurais de seu meio de subsistência. Em dezembro de 1988, Mendes, que já havia recebido inúmeras ameaças de morte, desprezou a companhia das pessoas que o protegiam e resolveu sair um pouco de casa para espairecer, sendo abatido a tiros ainda na soleira da porta. Vários parques municipais brasileiros trazem hoje o seu nome e diversas organizações internacionais renderam-lhe muitas homenagens póstumas. Em Xapuri, a duzentos quilômetros ao sul de Rio Branco, sua casa foi transformada em museu.

Chegamos finalmente à nossa última escala antes da grande aventura. No aeroporto, somos recebidos por Gilles Dupin de Saint-Cyr, francês instalado em Belém há cerca de trinta anos, a quem já havíamos encontrado algumas vezes na França. A capital do estado do Acre encontra-se às margens do rio Acre, que vai dar no Amazonas por via do rio Purus.

Começamos a mergulhar no coração da Amazônia ainda de táxi. Uma paisagem

inteiramente nova abre-se diante de nós. Para começar, campos cultivados, uma estrada asfaltada digna de nossas estradas federais na França, e de repente, depois de uns trinta quilômetros, saindo de uma curva à esquerda, uma simples pista de laterita vermelha.

É o fim da estação das chuvas, e o chão ainda está ensopado.

O táxi encontra dificuldade para prosseguir, atolando-se a toda hora. Não chegamos a passar dos quarenta quilômetros horários.

Depois de cinco quilômetros terríveis naquela pista, somos obrigados a descer para tirar o veículo de um atoleiro. Mal toquei o chão, a lama vermelha alcançou-me as canelas. Conservando o bom humor, caio na gargalhada, enquanto o motorista tenta furiosamente tirar o carro dali. Em pouco tempo, estamos todos cobertos por aquela lama vermelha - é o batismo amazônico!

Quando afinal conseguimos sair com o veículo, já são quase cinco horas da tarde, e começo a interrogar-me sobre o local onde passaremos a noite. Depois de cem metros, o táxi atola-se de novo. Começamos a nos acostumar com esse joguinho, que se repete ainda seis ou sete vezes. O próprio motorista já se pergunta se vale realmente a pena prosseguir. Ao fim de um quarto de hora, cruzamos com um caminhão cujo motorista aconselha-nos a voltar de onde estamos - tínhamos acabado de fazer trinta quilômetros em uma hora. Mas, então, como chegar a Boca do Acre, onde tínhamos previsto passar a noite antes de apanhar a barca e mergulhar definitivamente na floresta, rumo a Céu do Mapiá?

Decidimos voltar e procurar um hotel em Rio Branco. Faz um calor úmido, pegajoso. Pagamos a corrida de táxi e entramos no hall do hotel cobertos de lama da cabeça aos pés. A terra, começando a secar, dá a impressão de que somos estátuas móveis de argila vermelha. Aqui esse gênero de espetáculo deve ser bastante comum, pois passamos totalmente despercebidos. Depois de um banho em regra, jantamos rapidamente e fomos dormir.

No dia seguinte, ao acordar - se é que chegamos a dormir com o barulho infernal dos ventiladores -, Gilles nos propõe prosseguir a viagem num pequeno avião local. Fomos então para o aeroporto, de onde decolamos por volta das dez horas da manhã.

Em Boca do Acre fomos recebidos por Alex Polari, a quem finalmente tive o prazer de conhecer. O local fica atulhado de uma multidão variada, de crianças e cachorros vira-latas. Em algumas lojas há uma profusão de produtos, mas os moradores do local não parecem muito à vontade. Ao chegarmos ao hotel, ficamos sabendo que a barca para Céu do Mapiá já partira. Para esperar a da manhã seguinte, passamos o dia passeando na única rua existente e em duas ruelas vizinhas.

Alex é alto e magro, vestido à maneira local - calça de lona clara e camisa de flanela. Embora ainda na casa dos quarenta, a barba branca torna-o parecido com um profeta dos tempos bíblicos. Carioca, Alex Polari foi preso no final dos anos 60 por sua participação num grupo de guerrilha urbana contra o regime militar. Perdeu todas as batalhas legais e teve decretada sua prisão perpétua, sendo libertado depois de nove anos de detenção graças a um decreto de anistia.

Em liberdade, esse poeta resolveu rodar um filme na floresta tropical amazônica. Tirou o argumento de uma obra sobre um culto de seringueiros que adoram uma poderosa beberagem amazônica, conhecida sob o nome de *ayahuasca*. Um chá amargo, produzido a partir de uma planta que se encontra por toda a extensão do continente sul-americano, mas que cresce

sobretudo no alto Amazonas e no Orenoco. O cipó, da grossura de um polegar, desenvolve-se nos territórios quentes e úmidos, onde cresce enrolando-se nos troncos das árvores. Desde tempos imemoriais, a *ayahuasca* é consumida por ocasião dos rituais xamânicos de cura.

Ayahuasca, em língua quíchua, significa o "vinho das almas" ou a "liana dos sonhos". *Aya* quer dizer "morto", *ehuasca*, "cipó".

Nosso anfitrião conta-nos que os conquistadores descobriram nos Andes um povo altamente civilizado, que possuía um profundo conhecimento das plantas que ensinam. Já os incas pareciam deter os segredos da *ayahuasca*, uma beberagem que torna possível a comunicação com o outro lado. Na época da conquista, os missionários falavam de profecias durante sacerdócios do sol, "no decorrer dos quais as visões produzidas revelaram o fim da civilização inca".

- Nunca encontramos indícios escritos estabelecendo que os incas utilizavam as plantas psicotrópicas, mas é muito provável - diz Alex. - Os antigos mitos da Criação dos povos amazônicos mostram que a combinação das duas plantas nativas da Amazônia (cipó e folha) produz uma beberagem sagrada, que faz parte integrante de sua cosmologia. Os povos da floresta tropical conhecem os segredos dessa bebida, que lhes oferecia as chaves para descobrir suas origens.

Chegada a noite, vamos dormir num quarto rústico. Aqui também o ventilador faz um barulho infernal.

Na manhã seguinte, o barqueiro nos espera. Gilles Dupin, Alex Polari, Liliane e eu embarcamos para a última parte da viagem.

Subimos o rio Acre durante várias horas. Neste local, o rio tem uns três quilômetros de largura! Podemos apreciar as granjas amazônicas típicas montadas sobre pilotis, as pequenas plantações de bananas, mangueiras, goiabeiras e arrozais - de tempos em tempos, os habitantes acenam para nós. Um fabuloso mosaico de cores exibe-se entre o azul do céu e a ferrugem da água. A noite tropical nos surpreende quando chegamos ao cruzamento de dois rios. Em alguns minutos apenas, um amplo manto de sombra envolve toda a floresta. Longe de termos chegado a nosso destino, decidimos pedir hospitalidade numa granja que margeia o rio Acre.

Passamos uma noite agradável na companhia dos moradores - o dono da casa, sua mulher, o avô e três crianças que nos observam como se fôssemos marcianos. O lugar é modesto mas encantador. A granja cobre uma superfície de vários hectares. Aqui os tesouros mais preciosos são pilhas para o aparelho de rádio, velas e canivetes - nossos amigos do Rio de Janeiro haviam-nos aconselhado a levar Opinel n° 81! Fazemos uma refeição frugal, composta de batata-doce, arroz e bananas fritas, e em seguida o dono da casa faz questão de mostrar-nos sua propriedade.

Na manhã seguinte acordamos por volta das cinco horas, pois o dia clareia muito cedo nos trópicos. Para dizer a verdade, foram os ruídos da floresta que nos arrancaram ao sono. Depois do silêncio da noite, cortado de tempos em tempos pelo canto de algum pássaro noturno, a música da floresta toma-se de repente ensurdecedora com sua miríade de pipilos, grulhados, urros e uivos.

Retomamos a navegação, e a barca entra num novo rio, o rio Mapiá. Mergulhamos cada vez mais profundamente no coração da floresta amazônica. O rio fica mais estreito - de dez a vinte metros de largura. Os ramos das árvores das duas margens chegam a tocar a água, criando uma espécie de túnel de esmeraldas, dando a impressão de estarmos no interior de uma catedral verde. É um espetáculo extraordinário, que não consegue cansar os olhos. Mais estreito o rio,

troncos de árvores ali atirados pela força dos raios nos obrigam a descer na água para livrar a barca dos obstáculos. É quando nos lembramos do táxi que a todo momento tínhamos de desatolar...

Depois de mais algumas horas, chegamos ao destino. Foram três dias de viagem do Rio de Janeiro a Céu do Mapiá. Tiramos nossas coisas da barca e entramos na floresta. Algumas centenas de metros mais tarde, deparamo-nos com a aldeia de pequenas casas de madeira. Não precisamos de muito tempo para admirar a coragem desses homens que tiveram de lutar contra a floresta para conseguir alguns hectares de terra propícios à agricultura e à criação de animais. O governo brasileiro concedeu aos residentes de Mapiá uma reserva ecológica de 550 mil hectares que lhes permite subsistir e levar uma existência decente.

Alex nos recebe em casa, e sua mulher, Sônia, nos dá boas vindas. Logo colocam à nossa disposição uma casa para todo o período de nossa estada, a uns cem metros da deles, à beira da floresta. É uma espécie de cabana de madeira típica da floresta tropical, com dois cômodos montados sobre pilotis a um metro do solo e uma mobília das mais rudimentares: um colchão e algumas velas. Quanto ao banheiro, indicam-nos com um gesto a floresta e o riacho que serpenteia entre árvores imensas.

Manifestamos imediatamente o desejo de saber se há insetos, piranhas ou animais perigosos. Nossos anfitriões caem na gargalhada:

- Fiquem tranqüilos, vocês não correm qualquer risco.

Com efeito, será o mais belo banheiro que jamais tivemos. A água à temperatura ambiente é de 28° C e ali ficamos com água pela cintura; podemos assim tomar um banho sem o menor medo.

Experiência com a ayahuasca *- Santo Daime*

Vamos enfim fazer a experiência com a *ayahuasca*, batizada de Santo Daime pela comunidade de Céu do Mapiá. Para essa gente da Amazônia, o inferno verde dos conquistadores de outrora tornou-se o paraíso verde de todos aqueles que desejam lançar-se num processo de autoconhecimento.

Alex sugere-nos que o mito bíblico do fruto proibido pode muito bem ser apenas uma menção às plantas sagradas, que, definitivamente, favoreceram a passagem da semiconsciência biológica à consciência humana: outro povo, outro tipo de crença. Aqui, no coração da floresta tropical, entre os igarapés, uma comunidade tenta recriar um modo de vida esquecido há muito tempo - uma existência em que os cuidados cotidianos e a conexão com o divino passam pelo uso de uma planta sagrada. A ingestão de ervas de poder é uma experiência nova para nós: até então utilizávamos, a fim de favorecer a expansão da consciência humana, ritmos, músicas ou mantras, na mesma linha dos xamãs da América do Norte e dos sábios do Oriente. Entretanto, nesta floresta amazônica, o recurso às plantas parece-nos um costume inteiramente normal, bem-adaptado à maneira de viver dos habitantes da selva.

Alex Polari de Alverga, nosso anfitrião, é considerado um "padrinho" espiritual no movimento do Santo Daime. Interessou-se pelo Daime quando de sua visita à Colônia Cinco Mil, no Acre, no final dos anos 70. Foi um dos primeiros citadinos que foram instruídos nesta doutrina pelo padrinho Sebastião Mota de Melo. Em 1984, Alex foi autorizado por aquele a abrir um centro do

Santo Daime nas montanhas tropicais de Mauá. Fundou em seguida a comunidade de Céu da Montanha, um dos 12 centros filiados à Igreja principal de Céu do Mapiá. Numa de nossas muitas conversas sobre o uso da *ayahuasca* por seu movimento, ele nos explicou:

- A cerimônia é baseada em rituais católicos, com cantos e hinos que nosso fundador "recebeu" por meio da miração, a visão mística produzida pela *ayahuasca*. A miração, que significa ao mesmo tempo visão interna e êxtase, é o modelo de uma forma de consciência na qual o eu se concentra na realidade interna. Ela favorece a consciência espiritual necessária para que a vida possa continuar a desenvolver-se em nosso planeta.

- Mas o que é o Daime? - perguntei a Alex.

Olhos perdidos no espaço, nosso anfitrião respondeu:

- O Daime é um sacramento, um veículo para a Força, para o Ser divino presente na floresta tropical e em toda a Criação. O Daime mantém uma relação natural com nosso cérebro, que funciona como uma chave para abrir a porta de nossa consciência. Por um lado, a mistura do cipó com a folha provoca diversas reações neuroquímicas baseadas em suas propriedades moleculares; por outro lado, seus alcalóides, divindades inerentes aos componentes das duas plantas, ajudam o homem a reintegrar e compreender um sistema de conhecimentos que remonta às suas origens. Além disso, a beberagem ajusta e reorienta o sistema nervoso, os meridianos e as energias internas que regulam as conexões entre o corpo, a alma e o espírito.

No segundo dia de nossa estada ali, logo depois do meio-dia, vamos a uma casa na boca da floresta para nosso primeiro encontro com o espírito da ayahuasca. Somos umas dez pessoas: Alex, sua esposa Sônia, a filha mais velha do casal, o filho de 18 anos, Gilles, Liliane e eu, além de mais dois ou três membros da aldeia.

Reunimo-nos no terraço do primeiro andar, onde se acha erguido um altar, com uma pequena cruz - parecida com a cruz de Lorena - sobre um pedestal de madeira de cerca de vinte centímetros de altura e quarenta centímetros de largura e comprimento. Sobre a toalha de linho branca que recobre o altar, acham-se dispostos cristais, um deles de quartzo, ametistas e um pequeno buquê de flores. Há também duas garrafas de *ayahuasca*, uma clara, a outra mais escura, devido a uma concentração maior de ervas.

Juntamo-nos em torno do altar, onde Alex e Sônia rezam uma ave-maria e um pai-nosso. Liliane e eu ficamos surpresos, pois para nós a *ayahuasca* é uma planta xamânica, uma planta psicoativa. No entanto, se levarmos em conta o sincretismo religioso brasileiro e sua capacidade de absorver diversas correntes de pensamento, isso se torna perfeitamente compreensível.

Alex pega a garrafa mais clara, de diluição mais fraca, e despeja uma dose mínima em copos brancos. Enquanto bebo, agradeço mentalmente à planta pelo ensinamento que ela vai me dispensar. A beberagem parece-se com o suco de maçã que encontramos em nossas lojas dietéticas. É amarga e coça a língua. Depois nos sentamos, encostados na parede de madeira. Ao lado de Liliane, contemplo a paisagem luxuriante que se oferece a nossos olhos e escuto os ruídos da natureza exuberante dominados pelo canto particular dos pássaros.

Tínhamos combinado que Liliane consultaria regularmente o relógio para registrar os efeitos sucessivos da beberagem. Durante o primeiro quarto de hora, não acontece muita coisa; depois, pouco a pouco, dou-me conta de alterações visuais, sobretudo no nível da percepção do verde vegetal. A floresta parece aproximar-se e em seguida recuar lentamente, como num ligeiro balanço. As modificações da percepção sensorial são discretas. Liliane observa-me em silêncio,

e sinto que ela também entra num estado alterado de consciência.

A experiência vai já para vinte minutos. Os outros membros do pequeno grupo estão sentados, igualmente em silêncio. Alguns conservam os olhos abertos, outros os têm fechados.

Depois de 25 minutos, sinto ondas percorrendo-me o corpo, como uma lenta ressaca do mar; começam em minhas coxas e sobem até a garganta. É então que os filhos de Alex e Sônia começam a entoar hinos acompanhados ao violão. O anacronismo suscitado pela utilização de uma planta xamânica no quadro de um ritual cristão surpreende-nos novamente. Viéramos buscar uma experiência de natureza xamânica, uma experiência de expansão da consciência controlada, um diálogo com uma planta psicoativa, e percebemos que a ingestão da beberagem deve efetivamente operar-se no quadro de um ritual, xamânico ou não.

Os hinos e os ritmos são necessários para "balizar" a viagem. Enquanto os assistentes cantam, Liliane e eu permanecemos silenciosos, atentos às nossas modificações sensoriais.

Quarenta minutos depois, parece-nos que a floresta ganha animação. Percebemos gradações de cores, variedades de verde que antes não tínhamos sequer notado. Descubro os espíritos da floresta, um pouco da maneira como às vezes julgamos vislumbrar a forma humana de uma rocha.

Quarenta e cinco minutos depois, os cantos despertam em mim um sentimento de lassidão. Levanto-me, desço as escadas para sair da casa e dirijo-me à floresta. Sinto-me atraído para uma trilha margeada de árvores. Devido à modificação de minhas percepções visuais, a trilha me dá a impressão de um arco verde-esmeralda. Sinto o chamado da "rainha Floresta", no momento em que uma sensação de náusea apodera-se de mim. Não fico surpreso, pois já me tinham prevenido de que isso poderia ocorrer. Contemplando essas novas tonalidades do verde, percebo finalmente que me acho sob a influência da *ayahuasca*.

Mas a experiência está apenas no começo. Em nossos cálculos posteriores, estimamos, Liliane e eu, que seu paroxismo teve lugar entre 45 minutos e uma hora e meia depois da ingestão.

Os participantes que ficaram no terraço me observam. O chamado da floresta torna-se cada vez mais intenso, mas procuro reunir-me a eles e sento-me no meio do círculo.

Liliane, que não teve força para acompanhar-me, experimenta por sua vez a necessidade súbita de reencontrar a terra. Ela levanta-se lentamente e dirige-se ao limiar da floresta.

- Precisei de cinco minutos - contou-me ela depois - para percorrer esse trajeto, que me pareceu árduo. Experimentava um certo peso no coração, como se fosse ter taquicardia. Meu corpo não estava realmente anestesiado, mas sob o domínio de um leve torpor. Meus gestos e movimentos pareciam desacelerados, e eu duvidava mesmo de ser capaz de andar. Senti-me melhor quando meus pés tocaram a terra. Enquanto sentada no terraço, podia ver a floresta ganhando movimento. Ela se tornava viva, como no país das maravilhas de Alice. Depois, quando desci, vi também esse arco verde me chamando. Fui invadida por uma grande tristeza e chorei, chorei na floresta, mas também com a floresta.

Levanto-me outra vez e vou ao encontro de Liliane, que anda lentamente.

- Não se afaste muito - recomenda ela -, a floresta o está chamando.

Experimento efetivamente essa atração poderosa pelo ser vegetal que é a floresta tropical à minha frente. Uma primeira diarréia obriga-me a procurar sanitários naturais - um pequeno buraco no chão. Retomo em seguida a orla da floresta e percebo Liliane uns vinte metros à

minha frente. É aí que a experiência realmente começa.

De tempos em tempos, o grupo no terraço pára de cantar, e distinguimos os ruídos da natureza - nossa capacidade auditiva aumenta sob a influência da planta. Tais modificações são cada vez mais vivas. Por momentos, temos a impressão de sermos vigiados. Alex nos explicaria depois que o grupo tomava conta para que, sob a influência da planta, não nos aventurássemos muito longe na floresta com o risco de nos perdermos.

Alguns minutos mais tarde, voltamos ao terraço. Fecho os olhos e logo percebo feixes de luz e um calidoscópio de formas geométricas de cores muito intensas e muito luminosas. Já havia vivido experiências desse tipo no Monroe Institute ou em virtude de outros estados de expansão da consciência, mas nunca com tal riqueza visual. Essas impressões coloridas rebentavam como rajadas de vento: vermelhos muito intensos, verdes pastel, túneis, quadrados... Parece que é um tipo de manifestação relativamente freqüente, sobretudo na primeira vez.

Vejo mulheres magníficas e peço à planta que se mostre tal qual é. Aparece uma gárgula, e digo-lhe mentalmente:

- Não, não é você!

De repente desenha-se uma paisagem maravilhosa. Uma floresta onde andam animais que não conheço - a planta oferta-me a visão de um mundo antediluviano. Os hinos cantados pelo grupo incomodam-me consideravelmente. Tenho vontade de pedir-lhes que se calem para que eu possa mergulhar no silêncio e na experiência direta. Respeitamos no entanto o ritual e as pessoas presentes, cuja profunda sinceridade podemos sentir.

- Quando voltei a sentar-me - contaria Liliane mais tarde -, notei que minhas percepções auditivas e a gama dos sons estavam amplificadas, especialmente quando Sônia se levantou para deixar o recinto. Senti o farfalhar do pano de sua saia, o arrastar de seus passos no chão, ruídos a que geralmente não prestamos atenção. Ouvia o canto de cada peça de roupa, o deslocamento dos pés e dos braços, e até os movimentos da cabeça. O som parecia deformado; a acuidade auditiva, de uma extrema sintonia. Meu cérebro esquerdo, racional, disse a si mesmo que os sons nos chegavam de maneira holográfica; em outros termos, já não era a orelha que ouvia, mas o cérebro.

Em geral, os sons são transmitidos ao cérebro pelo nervo auditivo, mas numa perspectiva holográfica ouvimos como o cérebro ouve, de acordo com um espectro de freqüências nitidamente amplificado. Já não se trata de um aumento horizontal do espectro sonoro, mas vertical. Tinha-me interessado, havia uns dez anos, pelos trabalhos do engenheiro argentino Zurachelli, que produziu sons holográficos audíveis com a ajuda de um capacete de alta fidelidade. A gravação holográfica do riscar de um palito de fósforo permite sentir o odor do enxofre. O cérebro se deixa enganar. Ele é precipitado numa realidade virtual. Era exatamente o que acontecia durante nossa experiência.

Quando as informações visuais e sonoras são transmitidas ao cérebro no estado normal de vigília, nota-se uma perda freqüencial, ao passo que aqui tudo é puro, sem filtragem do órgão intermediário. A *ayahuasca* provoca uma dupla percepção: a do ambiente externo e a das quatro dimensões escondidas atrás das quatro dimensões ordinárias, o que significa dizer, à maneira lakota, *o mundo oculto atrás do mundo*.

Tais reflexões conduzem-me aos universos octodimensionais do matemático inglês Roger Penrose. Estes comportam quatro dimensões reais - altura, largura, comprimento e tempo - e

quatro dimensões imaginárias justapostas umas às outras e revelando a visão xamânica de um universo de oito dimensões.

A experiência favorece pouco a pouco o acesso a um conhecimento esquecido. Não são somente as propriedades dessa beberagem xamânica que me aparecem, mas também as possibilidades holográficas do cérebro. Tenho a indescritível impressão de entrar no holograma espiritual que de codifica este outro holograma que chamamos de mundo físico. A questão que se coloca é saber se esse conhecimento psicoativo provém do interior do cérebro humano, como pretendem os cientistas, ou do mundo vegetal, como o afirmam os habitantes da Amazônia. É claro, no entanto, que eu sentia a influência de um ensinamento exterior a meu ser.

Ao cabo de uma hora, sinto vontade de vomitar. A ayahuasca é tanto um purgativo quanto um depurativo, e dou-me conta de que a planta está me limpando e me preparando para transpor um outro patamar da experiência. No terraço, os cantos e os hinos tornam-se cada vez mais insistentes, e sou subitamente tomado pela angústia à idéia de não ter mais o controle sobre meu ser, de ver-me submetido a uma influência exterior que não possa dominar. Avalio de repente como é fácil deixar-se doutrinar e experimento um medo fugaz de soçobrar em alguma coisa que não me diz respeito. Percebo ao mesmo tempo que é esse medo de perder minha liberdade individual, de não voltar a recuperar o estado anterior, que me permite reagir. Utilizadas com maus propósitos, as plantas psicoativas constituiriam um terrível instrumento de lavagem cerebral.

Levantamo-nos ainda uma outra vez, Liliane e eu, e voltamos a descer as escadas para compartilhar nossas impressões.

Temos consciência de que podemos andar, pensar e reagir. Nossa faculdade de raciocínio parece continuar intacta, mas como colocada em vigília - é uma outra faculdade, que analisa toda uma série de influxos até então desconhecidos para nós.

- Utilizo - diz Liliane - meu conhecimento xamânico do elo que nos une à terra e à energia da floresta para me ajudar a viver esta experiência de maneira plena e inteira.

Caminhamos. Tudo é movimento e cores. As árvores estão vivas, um vôo de papagaios azuis passa acima de nossas cabeças, tenho a impressão de vê-los em relevo. É como se tivéssemos saído de um filme em preto-e-branco estático para entrar numa vida animada, dinâmica, em cinemascope, em cores e em três dimensões.

- Ancore-se à terra - indica minha companheira -, é ela quem lhe dará a Força.

Percebo que a beleza dos hinos e dos cânticos mascara um medo difuso, provavelmente ligado a um passado anterior a esta vida.

Olho para Liliane, e é meu ser espiritual quem a vê. Percebo que o filtro de meu pensamento e de minhas percepções normais quase desapareceu. Vejo em torno dela como que uma dança de cores e de energias vibratórias. Distingo claramente seu duplo etéreo, depois alguma coisa desliza em minha cabeça, leve como uma pluma. Sua presença entra em mim - sua própria essência.

Capto o menor de seus pensamentos idênticos a ideogramas sensoriais. Sob a influência da planta psicoativa, o fenômeno telepático realiza-se, e nós o vivemos simultaneamente. Eu sou ela, ela é eu - mais nada a esconder. Ela sabe o que eu sei, e o mesmo acontece comigo. As questões colocadas em nossas cabeças, nós as recebemos e a elas logo respondemos sem trocar palavras.

Dois estudiosos, Zerda Bayon e G. Fischer Cardenas, interessaram-se pela relação existente

entre a *ayahuasca* e a telepatia. Conseguiram isolar um alcalóide, que eles batizaram de telepatina e que veio a revelar-se como a harmina. Deixemos claro que as reações telepáticas não são a peculiaridade das experiências praticadas com a ajuda da *ayahuasca*. Elas estão, com efeito, associadas a outras tradições xamânicas, especialmente o xamanismo siberiano da *amanita* (um cogumelo tóxico) e os rituais mesoamericanos do *peyoti*. Esses estados extáticos permitiam aos seres humanos alcançar uma espécie de consciência transpessoal que favorece a telepatia e a premonição.

A utilização da *ayahuasca* não desencadeia sistematicamente experiências telepáticas, sobretudo quando das primeiras sessões. Duas horas depois da ingestão, a experiência diminui e uma sede imperiosa apodera-se de mim, tenho a impressão de ter a boca cheia de algodão. Três horas mais tarde, o ritual cessa e evocamos com nossos anfitriões as impressões que tivemos.

- Acho que estão de volta uns oitenta por cento de mim - observa Liliane. - Ainda existem ondas de tempos em tempos, mas o processo está se esgotando.

Os efeitos psicoativos ganham intensidade durante os quarenta a sessenta primeiros minutos. Em seguida há um patamar de cerca de uma hora, a partir do qual o efeito começa a perder força. Tudo somado dá umas quatro ou cinco horas.

Deixamos nossos anfitriões e dedicamos a tarde a um passeio pela floresta, usando apenas trilhas já marcadas para não nos perdermos. Quatro horas depois ainda havia resquícios da experiência, pois quando fechávamos os olhos continuávamos vendo uma dança de cores. Passamos uma tarde tranqüila, sem, no entanto, nos livrarmos inteiramente de um medo difuso. Chegada a noite, custo a pegar no sono, mas na manhã seguinte sentimo-nos descansados, bem-dispostos e calmos.

Liliane e eu juntamo-nos a Alex e Sonia, que nos recebem com um pouco de arroz e molho de soja. Essa primeira experiência foi para nós como um trabalho de limpeza e abordagem. Nossos amigos são atenciosos conosco e ficamos reconhecidos.

- Os efeitos variam de pessoa para pessoa, mas não raro acham-se relacionados com o nível de aprendizado - explicam Alex e Sônia. - É normal que os iniciados tenham visões de animais... serpentes, leopardos... comparáveis às visões experimentadas nas tradições psicotrópicas indígenas. Algumas delas dizem respeito a amigos ou membros da família; outras, a vidas anteriores. Para nós, as *mirações* (visões) provocadas pelo Daime são guias mais autênticos que os despertados pela perspectiva material ou científica. Com efeito, as mirações proporcionadas pelo trabalho ritualístico são notavelmente similares às visões e aos estados extáticos descritos pelos santos e os místicos de tantas religiões.

A selva estende-se diante de nós enquanto Alex prossegue sua explanação.

- As plantas psicoativas abrem as portas da comunicação entre o espírito e o astral, uma dimensão paralela inerente ao homem e ao cosmos. Quando tomamos consciência da realidade de nosso universo interior, percebemos que somos ao mesmo tempo o conjunto do universo e cada uma de suas partes. Por- tanto, o universo inteiro comunica-se com o nosso corpo e o nosso espírito, uma noção presente nas tradições esotéricas há muitos milhares de anos.

"As plantas psicoativas são essencialmente um atalho. Antes de enveredar por esse caminho, convém todavia dar mostras de grande prudência. Não é um caminho para aventureiros e exploradores, é uma senda precisa, que foi cuidadosamente mapeada pelo mundo xamânico amazônico. Contudo, esse atalho só nos levará à verdade se seguirmos os passos dos mestres que

nos precederam. Nossas cerimônias duram geralmente uma noite inteira e a maioria delas segue o calendário da Igreja católica.

"A comemoração de um dia santo começa na véspera e vai até a manhã seguinte. A cerimônia tem início durante o pôr-do-sol. A primeira dose da beberagem é distribuída depois de os participantes rezarem um rosário. Durante a primeira parte do ritual, hinos são acompanhados pelos ritmos dos maracás e chocalhos. Cada um dança e canta. Três fileiras de homens e três fileiras de mulheres posicionam-se de maneira a formar uma estrela de Davi em volta da mesa, no centro da igreja. Os participantes são organizados de acordo com a altura. Durante os hinos, os dançarinos deslocam-se obedecendo a um esquema rítmico e a passos muito simples, mas sincronizados.

- Quais são as funções de cura do ritual e que papel desempenham os hinos? - pergunto.

- O Santo Daime proporciona a criação de uma energia extática, motivo por que tais rituais são chamados de "trabalhos". Os iniciados sabem que, quando começam a trabalhar, têm a responsabilidade de se tornarem seres perfeitos e fundir-se com Deus.

- Durante a experiência de ontem, senti náuseas e os hinos me incomodaram. Por quê? - pergunto ainda, olhando para Alex pelo canto dos olhos.

- Na comunidade - responde ele, sorrindo -, costumamos dizer que algumas pessoas atravessam passagens difíceis durante a cerimônia. Têm náuseas, vômitos, diarréias, sentimentos negativos, momentos de depressão ou ansiedade intensa. Essas passagens são momentos-chave do processo de aprendizagem. Os hinos desempenham então um importante papel de cura.

Foi exatamente isso que Agustín, um xamã peruano que utiliza uma outra planta psicoativa, o *san pedro*, me explicou no congresso de Canela. Os *ícaros*, cantos xamânicos, desempenham um papel terapêutico importante nas cerimônias peruanas. Eles têm uma importância fundamental porque estimulam e desencadeiam as visões. Em outros termos, os cantos e os rituais trabalham em harmonia para criar um campo morfogenético que sustenta e amplifica a experiência extática.

De acordo com os xamãs do mundo inteiro, a comunicação com os espíritos estabelece-se graças à música. Essa é a razão por que os cantos cerimoniais ameríndios, maoris, siberianos, sufis, cristãos e amazônicos são tão preciosos. Para os *ayahuasqueros*, é inconcebível entrar no mundo dos espíritos em silêncio. Imagens tridimensionais transformam-se em sons que o xamã imita entoando as melodias correspondentes.

Os *ícaros* servem para invocar o espírito das plantas ou para provocar experiências de natureza xamânica. Permitem igualmente que se viaje para outros níveis de realidade a fim de contatar os seres que ali residem. Os *ícaros* podem modificar as visões e torná-las mais claras. Os caçadores e os curandeiros escutam assim com muito mais atenção os sons produzidos pelos xamãs para ajudá-los em sua busca. Os cantos dos xamãs iniciados provocam uma ampliação do campo visual, bem como visões de figuras geométricas. O som é um catalisador de visões. As plantas psicoativas são utilizadas para explorar tanto nosso mundo quanto os universos paralelos que transcendem nossa percepção normal. Ao ingeri-las, o *ayahuasquero* libera-se dos entraves espaço-temporais de nossa dimensão e, com o treinamento, conseguirá passar de um mundo a outro. É a viagem xamânica, tal como foi introduzida no continente americano pelos caçadores siberianos há vários milênios.

Quando de nossa parada na granja amazônica à beira do rio Mapiá, tínhamos constatado que

os jardins nativos são obras-primas de policultura. Eles misturam dezenas de plantas diferentes de maneira aparentemente desordenada. Manifestamos nosso espanto a Alex e Sônia.

- Sabe, é a *ayahuasca* que nos ensina a maneira de utilizar as plantas - explica Sônia. - De alguma forma, a *ayahuasca* é a televisão da floresta. Ela produz imagens, som, tudo em três dimensões.

Isso correspondia perfeitamente à nossa experiência holográfica da véspera.

Curiosidade satisfeita, deixamos Alex e Sônia. O dia trans- corre calmamente, passeamos pela aldeia, Liliane e eu, trocando nossas impressões. Experiências ulteriores com a *ayahuasca* nos ensinarão que é essencial apresentarmo-nos à planta de maneira xamânica e pedir-lhe que nos dispense seus ensinamentos. Do contrário, ela pode provocar feixes de cores, efeitos caleidoscópicos, devaneios e arquétipos que o não iniciado acreditará reais. A planta levará a pessoa aonde quiser se não sentir a força de sua vontade.

- A planta mostrou-se a mim de uma maneira muito bonita - comenta Liliane -, uma mulher verde que saía da floresta e que era ao mesmo tempo a floresta.

A planta, uma das mais velhas instrutoras da Criação, pode nos revelar a história da terra no tempo em que os vegetais dialogavam com a consciência do homem.

Preparação da ayahuasca

Na manhã seguinte, Alex Polari e Gilles Dupin levam-nos para visitar o local onde se prepara a beberagem. Vemo-nos cercados pela mais maravilhosa, mais exuberante floresta tropical do mundo. Um verdadeiro jardim do Éden. Laboratório secreto onde, há milhares de anos, os antigos xamãs estudaram os segredos das plantas que falam à consciência humana.

Nesta comunidade, a preparação da ayahuasca segue um rigoroso ritual chamado *feitio*. Decorrem vinte e quatro horas entre o momento em que a expedição parte para colher as plantas e o momento em que a preparação termina. Antes disso, vários dias são necessários para explorar a floresta virgem e marcar os sítios onde crescem o cipó e a folha utilizados na preparação da beberagem. Para fazer isso, às vezes o grupo orienta-se segundo determinados tipos de solo e vegetação. Mas não raro a expedição é efetuada sob o efeito da própria *ayahuasca*, que logo conduz seus membros até cipós muito antigos ou até locais onde as plantas crescem em extraordinária abundância.

O feitio é um ritual impregnado de um simbolismo espiritual bastante rico para a comunidade de Mapiá. É o maior "teste" de competência e de pureza. Ele guarda analogia com o dos índios que ainda povoam a Amazônia ocidental. Neste rito iniciático, o conhecimento revela-se progressivamente, de acordo com a capacidade de assimilação de cada participante. O ritual desenrola-se em várias etapas: a busca do terreno, a coleta, o transporte, a limpeza dos cipós e das folhas, o cozimento e o refino. Cada uma das etapas exige conhecimentos específicos dos quais de- pendem a qualidade e a quantidade da beberagem.

Para os daimistas, o feitio é uma alquimia espiritual de primeira ordem. Neste rito cada qual é o criador de um veículo sacramental que favorece a manifestação dos seres da Natureza e da força cósmica que expressa o amor de Deus. Fazendo-nos visitar a "casa do feitio", onde se desenrola o ritual, Alex Polari observa-nos que o trabalho deve realizar-se dentro do maior silêncio e concentração, pois cada gesto e cada movimento devem ser executados em

consciência total. Quando as vibrações são elevadas, o ritual transcorre como um balé.

Caminhamos pela casa do feitio, e Alex prossegue em sua explicação:

- Existem várias etapas na preparação. A primeira desenrola- se no próprio âmago da floresta tropical, onde os cipós são colhidos de acordo com um ritual de agradecimento, sob o olhar vigilante dos guadiães invisíveis da floresta. Amarrados em fardos, são depois transportados a longas distâncias e em seguida cortados em pedaços de um palmo e meio. As folhas são colhidas num espaço arejado da floresta, antes de serem limpas uma a uma pelas mulheres, que as livram de quaisquer impurezas, insetos, larvas etc., para serem depois minuciosamente lavadas em grandes jarros. Os pedaços de cipó são limpos e raspados pelos homens. Cada cipó é raspado com a ajuda de uma faca ou de um pedaço de pau, até ficar perfeitamente limpo. É preciso prestar atenção para não danificar a casca, que contém a maior concentração do princípio ativo. Aliás, alguns índios amazônicos só utilizam a casca, jogando fora o resto.

Manhãzinha cedo, os pedaços de cipó limpos são levados à casa de bateção (para serem triturados), no interior da casa do feitio. Doze homens estão sentados diante de três fardos de cipó com tocos de madeira que pesam cerca de dois quilos. Maceram o cipó num processo que pode levar várias horas, de acordo com o número de cocções previsto para aquele dia.

Esta etapa, como as outras, exige que se superem os próprios limites, sobretudo os estreantes. A força psíquica despendida é importante, mesmo para as pessoas experimentadas. As batidas devem obedecer a um ritmo cadenciado, fixado pelo puxador. Os tocos de madeira são levantados e baixados em ritmo, de maneira a produzir um som único. Resta fazer uma última inspeção meticulosa das folhas e do pó obtido pela trituração do cipó. Ao nascer do sol, a matéria-prima está pronta para a transmutação. Como diz poeticamente Alex Polari, são as cinzas que encherão as panelas e é por sua ebulição que cada qual renascerá purificado.

As grandes panelas em terracota, de quarenta a cinqüenta litros, são enchidas alternando-se camadas de cipós e camadas de folhas. Cipós, folhas, água e fogo são os agentes físicos da fusão molecular que produzirá o veículo sagrado, a *ayahuasca*. Como em toda preparação ritualística, o estado de consciência do grupo é essencial- ele impregna o líquido que já contém as vibrações dos seres espirituais que residem nos cipós e nas folhas da floresta tropical. É a alquimia sagrada realizada durante a braçagem dessa beberagem psicoativa. Em seguida, o grupo de trabalho irá descansar, enquanto os responsáveis pelo fogo trazem lenhas e ficam sozinhos no local com os responsáveis pela filtragem. Eles utilizam grandes tridentes de madeira, chamados gambitos, e dão suas instruções ao "guardião do fogo", que acrescenta a lenha uma a uma no forno e toma conta do cozimento.

As panelas vão e vêm num balé sincronizado - nem gestos nem palavras inúteis. A atenção é total para evitar os riscos de confusão ou de erro. O conteúdo das panelas é misturado e remisturado, cozido e recozido. A beberagem é várias vezes filtrada para preservar ao máximo os recursos sagrados da Natureza.

Ao cair da noite, o homem encarregado de mexer o líquido avalia com o tridente o nível da panela. O líquido acobreado ferve lentamente. Cada qual acha-se agora envolvido pela fumaça num clima de mistério e magia. Após um momento - um segundo ou uma eternidade segundo a miração [{9}] -, o homem responsável pelas panelas dá três pancadas com o tridente no lado do recipiente, invocando o sol, a lua e as estrelas. Dois homens aproximam-se em silêncio, um de

cada lado do forno, com as mãos protegidas por um pano, levantam a panela e proclamam:

- Todo o mistério está no interior do vaso!

Assim se efetua o feitio, a preparação da ayahuasca, na comunidade do Santo Daime.

A experiência xamânica

Na véspera de nosso regresso a Paris, via Brasília e Rio, voltamos uma última vez à floresta para uma nova experiência com a *ayahuasca*. Acompanhados por Alex Polari e Gilles Dupin, tomamos um outro caminho, sempre no meio da luxuriante floresta amazônica. O lugar escolhido favorece em si a elevação da consciência. A selva nos envolve com suas asas verdes.

Sentamo-nos em círculo e conversamos por alguns instantes. Trazem-nos uma garrafinha. Desta vez a beberagem parece mais escura, a diluição mais concentrada, portanto mais poderosa. Escolhemos uma árvore, ao pé da qual estendemos uma toalha branca, e ali descansamos a garrafa e um cristal. Alex observa que se por acaso nos perdermos na floresta durante nossa "viagem", bastará que nos concentremos nesta árvore, que nos apontará a clareira, já que ela representa o ponto de partida e de retorno.

Antes de levar o copinho de *ayahuasca* aos lábios, concentro-me para pedir ajuda e proteção à planta. Quinze minutos depois, os primeiros efeitos se fazem sentir - mais rápidos e mais intensos do que na primeira vez. A floresta anima-se novamente, invisível aos olhos ordinários, redesenhando-se. Sinto-me ao mesmo tempo participante e espectador, analiso grau a grau as mudanças sensoriais que se operam em mim. Este estado dissociativo permite-me funcionar em dois níveis de consciência diferentes, que se entrelaçam e completam para favorecer a emergência de uma percepção única: a que permite aos xamãs amazônicos realizar seus ritos religiosos.

Passados trinta minutos, contemplo Liliane; seus olhos sondam o longínquo, como alguém que olha para um objeto sem realmente vê-lo. Reparo que minha companheira está percebendo o mundo oculto atrás do mundo. Voltamos a nos tornar vivos entre o vivo e uma alegria indefinível insinua-se suavemente no mais profundo de nossos seres. Sem nos darmos conta, e simultaneamente, os olhos voltados para o chão, descobrimos um reino que nunca tínhamos visto. O infinitamente pequeno apresenta-se diante de nossos olhos maravilhados.

"Olhe", parece me dizer a planta sagrada, "tudo está inscrito à sua frente. Observe a vida em todos os seus aspectos e aprenda a respeitá-la mesmo sob essa forma."

Minha percepção se decuplica e percebo arranjos geométricos sobre o solo, aos quais não havia prestado a menor atenção. Cada pedra, por mais minúscula que seja, toma-se uma montanha, cada fiapo de relva, uma floresta exuberante, o mundo do infinitamente pequeno, uma planície imensa bordejada por vales tufosos e montanhas por conquistar. Observamos a construção de cidades e de aldeias de insetos; sob nossos olhos de gigantes, o mundo liliputiano organiza-se num balé dirigido por um mestre invisível.

Meus olhos são atraídos para uma colônia de formigas que caminha numa vasta pradaria verde. Uma delas lava-se com método, secretando uma saliva branca que passa pela boca, as patas, as antenas e todo o corpo. Um cerimonial imutável. Minha percepção visual torna-se idêntica à dela, como se meus olhos tivessem milhares de facetas - não vejo imagens repetidas aos milhares, antes uma imagem como por uma grade. Além disso, percebo os movimentos

mais sutis à maneira de uma formiga. Nesse estado de total abertura, todos os meus sentidos estão exacerbados e vejo que poderia estabelecer uma ponte de comunicação com os insetos. Tenho a impressão de que eles me dirigem uma mensagem olfativa que não me sinto em condições de apreender.

Meus olhos voltam-se novamente para Liliane, depois para o chão. Um choque idêntico a uma descarga elétrica sacode-me inteiramente.

- Olhe - falo à minha companheira -, a terra está respirando. Meu espírito racional sugere-me logo tratar-se de uma alucinação. Entretanto, vejo nitidamente a Mãe Terra respirar lentamente, como animada por pulmões invisíveis. Rio, feliz como uma criança.

Tudo o que nos ensinam as tradições é inacreditavelmente verdadeiro: a terra vive! Temos agora a certeza absoluta. Minhas mãos tocam religiosamente o solo; elevam-se e abaixam alternadamente sob o efeito da inspiração e da expiração de nossa Mãe da Terra.

Movidos por um impulso súbito, nos levantamos e andamos um pouco pela clareira. Sinto o ambiente com uma acuidade inabitual, como se camadas vegetais se empilhassem em espessuras sucessivas para formar uma tapeçaria majestosa. Paro perto de uma árvore e roço suavemente a casca de seu tronco. Outra sensação indefinível me invade. A planta psicoativa estende uma ponte de comunicação entre a árvore e mim - instala-se uma conversa entre um vegetal e um humano, duas espécies tão diferentes uma da outra. Sinto seu caráter, altivo e imperioso, como o senhor do lugar. Apresenta-me seus domínios, e percebo que o povo de pé - as árvores - possui características e funções idênticas às dos humanos. Há encantadores, resmungões, guerreiros etc. Espíritos vegetais vestidos em vários tons de verde flutuam nos ramos e parecem desejar-nos boas-vindas.

Todavia a experiência não se parece em nada com o "barato" psicodélico, com o satóri químico. É um ensinamento sagrado que nos é oferecido e somos seu recipiendário. A noção de tempo torna-se imprecisa, não é mais linear, antes espiral, como nas experiências xamânicas.

Liliane está sentada ao pé de uma árvore.

- De minha árvore - diria ela em seguida. - Ela me ensina que é o elo entre o céu, a terra e o mundo subterrâneo e que pode ser usada como um elevador para planos ou níveis diferentes. Experimento uma impressão de segurança. É uma protetora. Embora sentada, tenho a impressão de estar de pé. Percebo a floresta e seus múltiplos reinos por meio de dois aspectos de meu ser: o físico, com seus detectores sensoriais exacerbados, e meu duplo espiritual, dotado de outros órgãos de percepção. Estabelece-se uma ponte entre duas partes fundamentais de meu ser. Meu duplo, de pé, observa a floresta e vê um felino de pêlo branco dirigindo-se para ele. Raciocino em dois níveis. No físico, analiso a situação. Duas possibilidades se impõem: fugir ou enfrentá-lo. Meu duplo espiritual faz sua escolha: enfrentar o animal que salta com flexibilidade sobre mim para incorporar-se em meu corpo etérico. A fusão é total. É a experiência última da união de um ser humano e de seu animal totem. É a experiência xamânica por excelência, vivida e relatada pelas mais antigas tradições da humanidade. Outra visão impõe-se a mim. A planta mostra-me a imagem de um sarcófago de pedra, de cor turquesa. É imenso e descansa sobre a areia no fundo da água, aqui, em algum lugar da Amazônia. Vem do espaço, feito por uma civilização de um outro mundo. Foi colocado ali quando a Amazônia ainda era um mar primitivo, em tempos imemoriais.

Dois anos mais tarde, quando de outra viagem ao Rio de Janeiro, entramos numa loja para

comprar alguns cristais e minerais. Liliane sente-se irresistivelmente atraída por um bloco de pedra de cor turquesa e me diz:

- É ele! É a pedra de que é feito o sarcófago que dorme na selva.

Pedindo informações à vendedora, ficamos sabendo que se trata da amazonita. Alguns dias depois, em Belo Horizonte, encontramos amigos apaixonados pelas pedras. Durante o jantar, Liliane interroga Lourenço.

- Para que serve a amazonita? Nosso amigo, engenheiro, responde:

- É uma das pedras mais duras depois do diamante. Os americanos utilizam-nas para construir as telas refratárias que protegem as naves espaciais Challenger, quando de sua entrada na atmosfera terrestre.

Uma emoção toma conta de nós: o ensinamento da planta era exato. Um sarcófago de amazonita pura dorme na rainha Floresta, a maior floresta tropical do mundo. Onde está ele? O que pode conter? Quem sabe, a *ayahuasca* revelará isso um dia. Voltemos à nossa experiência. Embora sem fazer idéia, várias horas haviam se passado e os efeitos começam a diminuir. Liliane e eu agradecemos à planta, bem como à clareira que nos acolheu e tomou conta de nós. Ainda hoje o ensinamento prossegue. Quando caminhamos numa floresta, sabemos doravante reconhecer a árvore mestra - a guardiã do lugar - e o caráter daqueles que a cercam. O verde vegetal mostra-nos sempre suas ricas tonalidades e sentimos a presença dos espíritos da floresta.

As plantas psicoativas da bacia do Amazonas

O etnobotânico Richard Evans Schultes, uma autoridade mundial em matéria de plantas medicinais alucinógenas e tóxicas, foi um dos primeiros a estudar a utilização da ayahuasca pelos xamãs da Amazônia colombiana. Ele organizou várias expedições à região entre 1941 e 1961.

Uma das mais antigas experiências humanas é sem dúvida a descoberta de que certas plantas são comestíveis, aliviam a dor, expulsam a doença ou tornam a vida mais tolerável. É provável que o conhecimento das propriedades dessas plantas estivesse restrito a certos membros específicos da comunidade - xamãs ou curandeiros. Num tempo em que o homem acreditava que espíritos controlavam seu destino, não é surpreendente que certas plantas com qualidades psicoativas extraordinárias fossem consideradas como sagradas. Graças a elas, o xamã alcançava estados particulares que lhe permitiam visitar esse famoso mundo dos espíritos. Precisaríamos de vários decênios de observações minuciosas para ir ao encontro do saber adquirido ao longo dos séculos pelos xamãs - tais "especialistas" são tesouros vivos para a humanidade. Se avaliarmos todas essas coisas a partir dos vestígios arqueológicos, veremos que a utilização desses vegetais remonta a tempos muito antigos. O poder de um xamã reside em seu conhecimento da utilização das plantas - e isso parece bem maior na América do Sul do que em qualquer outra parte do hemisfério ocidental.

O noroeste da Amazônia possuía a mais rica visão de uma vida mágico-religiosa de toda a bacia Amazônica. O termo curandeiros para designar seus homens de conhecimento é redutor. Os antropólogos preferem dizer xamã ou pajé. Se nem todos os pajés são curandeiros, a maioria, entretanto, possui um conhecimento muito rico das propriedades das plantas e de sua utilização no diagnóstico e no tratamento.

Quando querem comunicar-se com o mundo sobrenatural, os xamãs não raro recorrem a

certos tipos de plantas - seja para serem aspiradas pelo nariz ou transformadas em pílulas. Graças a uma planta de visão, o *Banisteriopsis caapi*, o xamã-pajé diagnostica e cura de doenças ou faz profecias. Os sionas, uma população indígena que vive próximo ao rio Putumayo, ao sul da Colômbia, levaram a utilização das plantas psicotrópicas a seu grau mais elevado. Esta população é famosa no noroeste da ba- cia do Amazonas por sua capacidade xamânica.

O xamanismo siona está intimamente ligado à utilização da ayahuasca e de outras plantas psicotrópicas. Os aprendizes desenvolvem suas capacidades xamânicas e seus conhecimentos com a ajuda da beberagem. Aprendem assim a contatar as forças sobre-naturais para influir nos eventos da realidade ordinária. Os xamãs sionas só reconhecem três classes de homens na escala do conhecimento: "o homem por assim dizer" "aquele que partiu" e o "adivinho". "O homem por assim dizer" é aquele que não possui nenhuma ou tem pouca experiência com a planta; "aquele que partiu" vivenciou a experiência de sair do próprio corpo e tem certas visões do mundo do outro lado; e é também chamado de "cantador". a "adivinho", também denominado o "profeta" ou "aquele que vê", é o mestre xamã.

A ciência ocidental está apenas começando a admitir que as populações que não dispõem de uma ciência própria pelo menos desenvolveram um conhecimento autêntico. Isso é ainda verdadeiro na floresta tropical, embora ali o choque entre o Ocidente e a sabedoria tradicional seja o mais violento. A floresta tropical da América do Sul consome-se literalmente em fumaça, destruída para dar lugar à criação de gado. A Amazônia está morrendo porque nos recusamos a considerá-la como um repositório de conhecimentos tão importante quanto as grandes bibliotecas ocidentais.

Para os xamãs, ela é uma verdadeira biblioteca sagrada- uma concepção compartilhada pelos etnobotânicos. Não sabemos exatamente como os índios amazônicos descobriram as propriedades químicas das plantas, mas seu conhecimento é o fruto de um estudo aprofundado do meio ambiente, que desemboca numa classificação precisa das propriedades das plantas estudadas. Os xamãs químicos amazônicos descobriram variedades inumeráveis de venenos derivados de plantas tóxicas. O mais conhecido, o curare, é preparado da casca e da raiz de plantas que devem estar isoladas na selva. Cada população tem sua própria maneira de prepará-lo. a princípio ativo do curare, a tubocurarina, é correntemente utilizado como relaxante muscular nas operações cirúrgicas. E não é a única descoberta que, tendo sua origem nos" remédios da grande-mãe", se viu apropriada pela farmacopéia da medicina moderna. Vários antibióticos, tranqüilizantes, sedativos, anestésicos, laxativos são-lhes tributários, especialmente a modina e a salicilina. Pouco antes de nossa partida, conhecemos Maria Lucia, herborista da comunidade. Ela nos mostrou suas plantas e explicou-nos como "herborizava" sob a influência da *ayahuasca*.

- Quando me acho em expansão da consciência - diz ela -, as plantas falam comigo e as que me são desconhecidas explicam-me sua utilidade.

Ganhando sua confiança, contamos-lhe nossas experiências sobre as vidas anteriores.

- Ah, as vidas anteriores! - exclamou. - Claro, claro.

Ficamos estupefatos, perguntando-nos como, neste canto perdido da selva, podia-se conhecer o conceito da reencarnação e a possibilidade de chamar à consciência memórias anteriores. Ela nos olha com um estranho sorriso e diz:

- Descobri uma planta que provoca viagens ao passado. Possuímos uma farmacologia tribal

muito importante. A floresta tropical é o habitat de setenta por cento do milhão de espécies de plantas superiores que crescem na Terra. Sabem, é a *ayahuasca* que nos ajuda a compreender a utilidade das plantas. Nosso saber em matéria de botânica é o resultado dos ensinamentos dispensados por certas plantas.

Esta afirmação, que nunca deixou de intrigar os etnobotânicos, parece confirmada pela composição da *ayahuasca*. Com efeito, essa beberagem conhecida há milênios é a combinação de duas plantas. A primeira contém um hormônio secretado naturalmente pelo cérebro, a dimetiltriptamina, inativo se for ingerido por via oral porque é inibido por uma enzima do aparelho digestivo, a monoaminaoxidase. Ora, a segunda planta contém precisamente diversas substâncias que protegem o hormônio contra os assaltos dessa enzima. Richard Evans Schultes já se colocava a questão de saber como populações ditas primitivas, que não possuíam nenhum conhecimento em matéria de química ou de fisiologia, conseguiram ativar um alcalóide inibido pela monoaminaoxidase.

Como podiam tais populações conhecer as propriedades moleculares dessas plantas e a arte de combiná-las? A resposta, quem sabe, pode ser encontrada nas palavras de Maria Lucia, quando ela sustenta que seus conhecimentos em matéria de botânica são o resultado do ensinamento das próprias plantas e, mais precisamente, da *ayahuasca*.

A comunidade científica mencionou apenas 250 mil espécies que provavelmente desaparecerão antes de podermos batizá-las. Como observou Maria Lucia, somente uma ínfima parte das plantas enumeradas foi objeto de estudos científicos.

- Nós utilizamos - diz ela - centenas, se não milhares, de espécies de plantas superiores em nossa prática médica. Muitas ainda não têm nome.

Passamos então a compreender de onde as populações da Amazônia tiravam o seu conhecimento das plantas e de suas propriedades. A preocupação dos residentes de Mapiá é grande, porque a destruição da floresta tropical ameaça não apenas um número incalculável de espécies vegetais, mas ainda a cultura e os homens que conhecem suas propriedades e as utilizam em sua vida cotidiana.

O antropólogo David Maybury-Lewis{10} não hesita em afirmar que o incêndio da biblioteca de Alexandria é insignificante em comparação com o aniquilamento da mais prodigiosa biblioteca médica do mundo: a floresta amazônica. Ela está queimando, enquanto nem sequer terminamos o recenseamento das obras que ela contém.

O triângulo polinésio

Pora pora i te hoe manu
Poa poa, moeu purotu
Aià fanauraa no tou mau tu puna.
Oro)) te atua rahi e te mau tahuà,
Teihea atura to oe puai omoemoe?

Ua haere mai te ratere e ua hohora a oe.
To oe moana e to oe tahatai, ua fte ino.
I roto i te mau moeu, ua vavahihia te mau marae.

Tae noa tu i te mau tupapau ua mahau nae.
Vavau mau tupuna! e Vavau iti e!
Te imi nei au ia oe tei oere noa i raro ae i te mau purau.
Teie ra, ua unu te tau.
Ta 'aroa': Oro, ua aramaina anae.

Bora Bora, a silenciosa
Bora Bora, ilha maravilhosa
Terra natal dos meus ancestrais,
Oro o grande deus e todos os seus sacerdotes
Onde portanto está teu poder misterioso?

O estrangeiro veio despojar-te.
Tuas lagoas salgadas, tuas praias estão poluídas.
Nos motu, teus marae estão destruídos,
Teus tupapau mesmos se foram.
Vavau dos meus ancestrais! ó Vavau!,
Eu te procuro errando sob os purau.
Mas, ai de mim, os tempos estão revoltos.
Ta'aroa, Oro, tudo está perdido.{11}

Profecias de antes do contato

Naquele 5 de janeiro, o sonho de Carlos, o Temerário, duque de Borgonha, chega ao fim. Por um frio glacial, superior a 20°C negativos, seu corpo semidevorado pelos lobos é encontrado a alguns quilômetros dos muros da citadela de Nancy. As tropas de Renato II da Lorena, reforçadas pelo exército de Luís XI, rei da França, aniquilaram a visão do Temerário de um grande ducado de Borgonha unificado de Flandres à Borgonha e fazendo contrapeso ao reino da França e ao Santo Império romano germânico. Os borgonheses batem desordenadamente em retirada, enquanto o corpo de seu chefe é colocado, com todas as honras devidas à sua posição, num casebre às portas da capital Lorena.

Cerca de cinco séculos mais tarde, serei levado a contemplar todos os dias o mosaico que recorda o lugar e o ano da batalha: 1477. Meu quarto de estudante ficava em frente a ele.

Quinze anos depois da morte do duque, um marinheiro genovês e três cara velas - três embarcações sem balancim - acostam em alguma parte no mar do Caribe. O ano dos maiores genocídios da história está começando.

Na mesma época, a vinte mil quilômetros do Velho Mundo, no meio do Pacífico Sul, terras povoadas por nômades do mar são alimentadas pelo alento - pelo mana - de Ta'aroa. Os incas achavam-se no auge do poder, os astecas exploravam os mistérios do cosmos. Bem longe, ao norte, o povo dineh terminava sua longa migração rumo ao ponto de emergência, o futuro sudoeste norte-americano.

Batidas pelas chuvas, acariciadas pelo sol, essas ilhas paradisíacas, inconscientes de qualquer perigo, esperavam outros navegadores, outros conquistadores.

> *"Ó minhas ilhas, tão harmoniosas e pacíficas, como são belas! Suas montanhas repletas de bosques, suas mil cascatas, suas falésias de pés esculpidos pelo oceano e de cumes perdidos nas nuvens fazem toda minha alegria. As anfractuosidades de seus rochedos oferecem morada aos pássaros. As águas de seus rios, alimento para os peixes. Suas praias de areias tão brancas, um porto para as ondas que aí vêm morrer num sopro cristalino. À noite suas estrelas parecem tão próximo, cintilam com mil fogos e formam uma aléia gigantesca para Oro, deus do Sol, e Hina, deusa da Lua."*

Assim sonhava a semideusa que o povo chamava de "Pelé", o olhar perdido na direção de Mu, a terra original, a Antártica presentemente mergulhada em gelo eterno. Naquela manhã, os alísios sopravam do nordeste e tangiam diante de si nuvens baixas carregadas de água doce. A chuva jorrava ao longo dos paredões rochosos em direção às planícies onde se abrigava o povo. Era *Fenua*, a terra dos ancestrais, a terra que os deuses haviam confiado à Primeira Família. Assim se tinham povoado essas terras esplêndidas, por uma raça de homens corajosos e determinados. Essas ilhas isoladas, cortadas pelo movimento da onda principal da vida, pequeno recanto de terra perdido, eram um autêntico paraíso natural, onde tudo o que crescia podia desenvolver-se livremente, em seu próprio ritmo, segundo seus imperativos e limites próprios.

Aquela que era a *Deusa-num-corpo-de-mulher* recordou-se de um sonho perdido num recanto de sua memória ancestral. Tratava-se de um pássaro temerário, o primeiro a colocar uma semente nas entranhas de *Fenua*. Era a semente de uma erva que cresceu e multiplicou-se

em sua ilha, como a família humana há milhões de gerações. Mas, nessas ilhas novas, a erva ofertada em sua beleza ao sol e à chuva tornou-se uma planta diferente do que ela era, única, adaptada a esse ambiente particular. Quando Primeiro Homem e Primeira Mulher a examinaram, constataram que se tratava de uma erva com propriedades, vitalidade e promessa novas.

A semideusa recordou-se também do Primeiro Inseto - com suas patas mais longas e suas antenas mais bem adaptadas às ilhas -, do Primeiro Pássaro, da Primeira Flor, do Primeiro Peixe e de toda a Criação que se desenvolvera nessas ilhas sob formas e características únicas. Não existia então - não mais do que hoje - lugar algum no mundo capaz de rivalizar com Criação Original ou de encorajar a vida a desenvolver-se de maneira tão livre, no melhor de suas possibilidades. Mais de 90% das plantas que ali cresciam não podiam ser encontrados em qualquer outra parte da Terra.

Por quê? É um mistério. Talvez graças a uma combinação feliz de elementos climáticos e de uma qualidade específica da terra. Talvez devido ao respeito que Primeira Família testemunhou a *Fenua* durante milênios. Talvez porque uma erva ali depositada por um pássaro ou um sopro de vento devia encontrar o meio de crescer e de reproduzir-se sozinha, sem ser fecundada por ervas da mesma espécie. Talvez uma mistura de todos esses ele- mentos esteja na origem do milagre. Seja como for, o fato é que nessas ilhas novas espécies desenvolveram-se e prosperaram, tornaram-se vigorosas e multiplicaram-se.

Pelé lembrou-se ainda de que sua filiação remontava sem interrupção a Primeiro Vulcão, cujo jorro incandescente é parecido com a mulher que proporciona vida. Ainda criança, tivera a revelação disso num sonho durante o qual os vulcões, lanternas no céu, permitiam ao navegador orientar-se graças ao clarão incandescente que iluminava o alto de uma nuvem longínqua. Ela era sacerdotisa da deusa do fogo e tinha caminhado sobre a lava em fusão do vulcão Kilauea para realizar seus ritos sagrados. Enquanto os pássaros de Bassan e as andorinhas do mar passavam por cima da espuma das ondas para pousarem na praia, Pelé sentiu uma vibração percorrer-lhe o corpo.

- Estrangeiros vão chegar, alguns generosos, outros ávidos.

Vêm com seus deuses, suas flores, seus frutos e suas crenças. Alguns têm os braços carregados de bons alimentos e idéias melhores ainda, mas tão diferentes! Eles vêm na direção deste admirável recanto onde os elementos da natureza são livres para desenvolver-se ao sabor de seus desejos e de suas capacidades. A várias dezenas de milhares de quilômetros, o Velho Mundo debatia-se em suas guerras e fomes e organizava seu porvir, ainda ignorando que existissem ilhas que eram um verdadeiro paraíso. Elas tinham emergido do oceano, em alguma parte a nordeste do Taiti, e eram habitadas por um povo poderoso e civilizado. Era o Havaí, cujas falésias rochosas desafiavam as águas, Havaí de lagoas profundas e areias cintilantes. O arquipélago era tão belo que parecia impossível ter sido criado pelo acaso. Pelé, a deusa vulcão, a da origem de tudo, tinha-o cinzelado com amor e protegido sua obra-prima cercando-o com um colar de recifes de coral, sobre o qual vinham chocar-se as línguas encapeladas do oceano, que não podiam assim perturbar a serenidade da lagoa de águas transparentes onde abundavam os peixes.

Uma esbelta embarcação deslizava sobre as ondas e penetrou na lagoa, sob os olhos do vigia.

- Ainda um último esforço. Minha mulher espera-me de braços abertos para oferecer-me

seu corpo quente e seu reconforto. *Mana*, tu ainda realizaste tua obra - exclamou Horo Fana'e.

Sob sua forma marítima, *mana* é também a consciência do navegador, todos sabem disso. O capitão manejou a vela, enquanto os marinheiros, obedecendo às suas ordens, trabalhavam habilmente sobre o mar furioso, que tentava jogar a embarcação contra os recifes. Mas, com uma habilidade invejável, o piloto colocou o barco sobre a crista de uma onda, dirigindo-o para uma estreita brecha na barreira de coral.

- Vamos! - gritou ele, e os remadores ativaram-se para evitar os recifes. Houve então uma agitação nas águas, uma seqüência de ondas violentas, e o barco pareceu voar para transpor a passagem numa cintilação de remos.

Feliz com sua vitória, o homem pôs os pés na água e aproximou-se lentamente da mulher santa, perdida na contemplação de uma visão que transcendia o gênero humano. Ele olhou o vigia, que agora se precipitava pelas sendas abruptas na direção das *fare* (casas de palmas à beira da praia). As mulheres, os homens e até as crianças dirigiam-se lentamente para a mulher novamente habitada por Pelé - a deusa Vulcão. Uma fileira extraordinária de guerreiros bronzeados, nus até a cintura, tendo à frente o *aito* (o chefe de guerra), caminhava para a praia.

- Vamos! Não podemos nos atrasar.

O vigia correu para uma casa maior que as outras, a do *Arii Nui* - que os estrangeiros chamarão erradamente de rei -, e se prosternou sobre uma esteira que cobria o chão de terra batida, anunciando com voz urgente:

- A deusa está habitada pelo alento de sua mãe.

O *Arii Nui* vestiu uma roupa de *tapa* cor de ferrugem e lançou sobre o ombro esquerdo uma capa de plumas amarelas, símbolo de sua autoridade. Colocou em seguida o cocar de plumas e conchas e pôs um colar de dentes de tubarão. Nesse momento preciso, os *pahus* (tambores) marcaram novamente o ritmo do Universo.

A multidão de homens fortes e mulheres encantadoras achava-se agora reunida em volta da profetisa, cujo olhar vazio escrutava as dobras do tempo e do espaço. Cada qual retinha a respiração, enquanto uma brisa agitava as palmas e fazia tremular as folhas das árvores de fruta-pão. As moscas atacavam as costas nuas, mas ninguém se mexia. Enfim, a deusa-feita-mulher murmurou:

- Estrangeiros vão vir. Eles são diferentes de nós. Sua raça tem a pele branca. Chegam em barcos imensos, que não soçobram, embora não tenham balancins. Têm objetos pontiagudos capazes de abater a árvore de ferro (o *at'to*, o mesmo nome que dão aos guerreiros). Adoram um deus único, idêntico a Ta'aroa, que sacrificou seu filho para que os filhos deles conhecessem o amor verdadeiro.

Na lagoa salpicada de sol, o *Arii Nui* aproximou-se da mulher em visão e murmurou:

- Esta terra é minha, este povo é meu filho. Minha linhagem é longa, conheci meu pai e meu avô e, antes deles, os avós de meu avô. E ainda antes deles, seus avós e as mulheres que eles amaram e todos os filhos que tiveram. Foram eles que me permitiram crescer na alegria. Sempre caminhei à sombra destas falésias, à beira desta lagoa. Vi outras ilhas. Outras montanhas. Naveguei até Havaiki-Ra'aitea, a sagrada. Nossa ilha é o paraíso na Terra. Se meu desaparecimento deve permitir-lhe viver em harmonia com os novos deuses, então ele não será inútil. Mas amaremos os novos deuses? Quando os povos assistem a numerosos sacrifícios, eles se dizem que os deuses escutam e assim se sentem protegidos. Mas podemos aceitar esse novo

deus? Nasci com a bênção de *Tane*. Meu pai morreu defendendo *Tane*, e seu pai antes dele. Nunca adorarei outro deus.

- Ó meu irmão bem-amado - disse a mulher-irmã de pé no meio do povo -, o que vejo anuncia o desaparecimento de nossos costumes. As mulheres comerão do animal sagrado (a tartaruga), Ta'aroa desaparecerá, um outro deus nos protegerá. Depois, ela traçou sinais sobre a areia da praia.

- Eis os pés deles.

O chefe de guerra inclinou-se por sobre o ombro e descobriu uma marca vagamente oval: os estrangeiros que vinham não tinham dedos dos pés.

O que Pelé-feita-mulher havia desenhado na areia era de fato a marca de um casco. A ilha desmaiava em paz e beleza.

- Que os sacerdotes venham abençoar nossa piroga – ordenou o *Arii Nui*.- Ta'aroa, deus do sombrio e vasto mar, Ta'aroa, senhor das tempestades e da calmaria deliciosa, Ta'aroa, protetor dos homens nos recifes...

Súbito, uma mulher gritou:

- *Aoué! Aoué!*

Era o grito de angústia secular. O grito de desespero das ilhas e de um povo que ia morrer.

Todos experimentavam uma mesma emoção neste fim de dia. O povo unido viu o sol mergulhar a oeste, iluminando com seus raios dourados a ilha mágica, e cada um pensou, esquecido da profecia:

- É realmente a ilha da beleza. A terra a que os deuses proporcionaram todas as dádivas.

A caverna dos antigos

A caverna era varrida por cores ocre, amarela e vermelha, assim como o cerrado. A respiração entre os mais velhos é um conceito, não uma necessidade. Tudo é vertical. Mas esse conceito convém a uma civilização? Pai Serpente, que espalhou todas as for- mas de vida horizontal, estirou seus longos anéis - uma história não escrita durante milênios, que diz respeito a povos de uma diversidade considerável, falando mais de duzentas línguas e dialetos. Tudo é sagrado, já que uma revelação garante que na origem tudo se ligava entre si. O mito sagrado é uma espécie de encantamento no tempo original.

Um sentimento, à falta de outro termo, inseriu-se nas fibras luminosas dos antigos. Algo de frio, como se a energia desacelerasse, como se a cor perdesse forma. Lá embaixo tudo continuava seu ciclo imutável, o coração do povo fundia-se no canto da Criação e no entanto... Os seres-que-pensam-em-duas-dimensões tinham o perfil marcado pelo horizonte.

Na caverna, uma pintura tão diferente do dualismo ocidental abria as asas, apresentando em sua cosmogonia um mundo de metamorfoses e de correspondências onde tudo está religado - uma compreensão da comunidade humana percebida como uma exteriorização das forças divinas encarnadas pelos heróis ancestrais. Essa comunidade totêmica obedece a leis naturais fundadas na ordem cósmica e na pertinência fundamental à Grande-Mãe Terra. Nesta "vida-una" da Terra-Mãe, tudo é troca, circulação de uma energia única. Outro aspecto essencial dessas pinturas cambiantes é o papel crucial da fertilidade, e por isso mesmo o reconhecimento da sacralidade feminina e do poder das deusas religados à fonte ancestral da Terra-Mãe. Assim,

o mistério representado pelas mulheres desempenha um papel importante no incessante jogo a que se entregam os deuses.

Embaixo, o clã caminha no deserto australiano, tão animado e tão vivo. Ninguém nunca se perdeu aí - isso seria impossível, pois as partículas projetadas no Primeiro Sonho (o *bougari*, o *dreamtime*) dos antigos da Grande Caverna lhe mostram o caminho. Foi às deusas-mulheres que, segundo os mitos, os homens roubaram os mistérios e os objetos rituais. Pai Serpente associa os elementos de fertilidade aos mistérios da morte e do renascimento. Como nas culturas paleolíticas do Norte longínquo, esse culto de fertilidade está associado ao da Terra - dança circular em torno do fogo que simboliza o elo entre a Terra e o Humano.

Numa explosão de cores, o antigo viu que o Criador era um animal meio aquático, meio terrestre, que tirou os elementos de sua Criação do fundo das terras e das águas para produzir seres sobre-humanos, os quais o assistiram na formação do mundo. Entre tais seres sobre-humanos, havia elementos naturais como montanhas e rios. Um sonho de embaixo, chamado *Qjauan*, conta o aparecimento do ser ancestral *Eingana*: a Terra-Mãe que encarna a fertilidade por excelência. É ela quem dá nascimento aos viventes vomitando-os da terra. Assim, o grande rugido do touro, produzido pelo som grave do *didgeridoo* (o cachimbo ritualístico que zumbe), cria um elo entre as crianças projetadas na matéria e os Antigos-que-nunca-partiram.

Eingana exprime o fluxo cíclico contínuo de nascimento e morte, é Serpente Arco-Íris. Ela se conserva no meio da água e tece a carapaça que religa todas as formas. Ela é *Motv'inka*, a "velha mulher" que possui os mais sagrados objetos ritualísticos, aquela que engole e regurgita os moços depois de sua iniciação nos ritos subterrâneos da caverna. Serpente-Arco-Íris é um elemento andrógino que apresenta atributos femininos ligados à água. Suas filhas são sereias ligadas à fertilidade, moram nos rios, como Serpente, e possuem um poder terrível.

Serpente espalhou todas as formas de vida; é um símbolo de regeneração. O espírito reencarna-se permanentemente em novas formas. Em seu aspecto fundador, criou também os sítios totêmicos soprando em seu bambu, do qual fez jorrar os espíritos totêmicos. Nos mitos da tribo *leagulawlmiree*, a Grande-Mãe emerge do mar - de fato, a desembocadura do rio Roper. Ela tem duas filhas, as irmãs *Wangeluk*, que viajam com seus poderes de criação e fertilidade. Em outras famílias, os *Wittee*, Serpente-Arco-Íris as engole, mas elas continuam a dispensar seu poder e o conhecimento sagrado por meio de Serpente. Entre os *Untabinee*, as mulheres ancestrais deixam os sítios totêmicos, e a água viaja com elas.

No acampamento de embaixo, essas divindades criam extensões de água, fontes e lagos. Simbolicamente, Mulher Peixe é perseguida e trespassada pela lança de um ancião que se apropria de seu rito. O corpo do ancestral é o próprio corpo de cada ser; assim, nos mistérios *aranda*, o pai diz ao filho, depois da iniciação que lhe confere o direito de ver a pedra:

- Eis teu corpo, do qual tu saíste por um novo nascimento. É teu corpo, o ancestral que eras quando peregrinavas em sua existência anterior. Depois desceste até a gruta sagrada para aí descansar.

A presença do Criador é um tudo, e o ancestral existe simultaneamente em seu corpo místico, *natjurunga*, e no homem em que reencarnou. Assim se explica a solidariedade total de tudo o que vive nesta visão da caça ritualística que evoca a simbiose homem-animal.

Na caverna, os ancestrais-hologramas sabiam que tal posse não raro era ilustrada pelo tema da deglutição. *Tane* foi levado a erguer-se sobre os próprios pés e a empurrar seu pai com todas

as suas as forças. Assim nasceu a luz *Tane*, que pariu em segui- da o conjunto da Criação unindo-se ao elemento feminino, *Hine-ahu-one* - eles engendraram unicamente moças. *Tane* se unirá em seguida a *Hine-ti-tama* , a filha da Aurora, que fugirá para o mundo subterrâneo e se tornará a deusa da morte, *Hine-nui-te-po*. Os antigos sabiam. *Tangaroa*, a baleia, deus do mar, eclipsou todos os outros. Apresentou-se como o deus criador que se autogera no espaço infinito figurado por uma imensa concha. Com ele viria a criação da luz, do som e da forma.

Em sua sabedoria, o clã venerava o sol, a lua, as estrela e *Makara* - as Plêiades.

- A formação dos seres humanos é devida - diz Grande-Pai - a seres vindos do Oeste, os irmãos brancos. Vivemos num sonho em perpétua transformação, modelados pelos ancestrais, vazados na argila de seu pensamento; os elementos são seu sonho, e a água é um dos mais sagrados. Tudo está impregnado do *mana* e tudo é ligado. Se deslocamos uma pedra, desorganizamos a harmonia e o poder do lugar. Os espíritos estão presente em toda a Natureza. Eles às vezes se manifestam sob a forma do canguru preto, Kuperee, ou de Kulpunya, o poderoso espírito doido. Assim, qualquer coisa pode ser encantada e carregada de poder.

Ao nascer do sol, momento do dia suportável para as partículas físicas, a Família estava reunida e escutava o Grande-Pai:

- Os ritos são uma recordação de nossas origens míticas. Os ritos ascensionais evocam o vôo mágico; a dança com asas e plumas de pássaros conta como *Karan*, que guiou o clã dos homens-pássaros sobre uma colina para escapar ao dilúvio, tornou-se uma estrela no firmamento, ao lado da lua. Sei que o sacrifício me espreita e a vocês darei a abóbada celeste, da qual cada um é parte. Na caverna multicor, banhada pelos sons do *didgeridoo*, a montanha dos céus, o *tohunga ahurema* pensou:

- Um segundo nascimento espiritual fora da Terra-Mãe nos aguarda. O grande tempo da origem, o *dreamtime*, é o instante da Criação, que não supõe começo, pois não há passado, nem presente, nem futuro. Não é um tempo linear como o concebem os estrangeiros. O *djalou* (a força criadora do espírito) regenera tudo. O *bougari* (a criança) acha-se ligado à própria origem da vida e coincide com a chegada dos gigantes andróginos meio humanos e seu périplo pela região onde eles criaram a Primeira Família e seu costume. Antes de proceder a uma cura, cantamos o nascimento do Universo, invocamos a energia criadora de vida que não pode ser interrompida e que permanentemente restaura a ordem humana. Sabemos antes de ver os encantamentos e possuímos os meios de "ver". Nós, os grandes Ancestrais, legamos a nossos filhos de embaixo o *dreaming*, um elo físico e espiritual com a Terra-Mãe ininterrupto desde a origem, um espaço de ressonância qualitativo no qual tudo age sobre tudo e onde a responsabilidade humana adquire um sentido mais sutil. Na manhã clara, o aborígine australiano levanta-se. Ele sabe que o tempo não conta e que o momento é chegado, para ele, de devolver a força ao mundo que morre. O *bougari* o instruiu, ele cuidará da criança doente: a civilização ocidental a vir.

Profecias de antes do contato nas ilhas da Sociedade

Muitos povos e civilizações tradicionais consideraram os primeiros europeus como enviados de uma dimensão sobre-humana. Esse conceito era favorecido pela existência de lendas, mitos e tradições relativas ao retorno dos deuses ou dos ancestrais funda- dores. Visões e profecias

anteriores ao primeiro contato anunciavam a vinda iminente de seres sobrenaturais. Pensemos na chegada tumultuada de Cortez e Pizarro aos impérios asteca e inca. Em 1823, o missionário J. M. Orsmond recolheu, durante temporada de três anos em Bora-Bora, uma das mais antigas tradições proféticas. Outro missionário, William Ellis, que morara em Huahine de 1817 a 1823, publicou em 1829 uma obra consagrada a uma tradição profética mais elaborada.

De acordo com a tradição oral, o chefe de Opoa, *Toa-Te-Manava*, fundou a escola de Haapape no momento em que o culto do deus da guerra Oro chegava ao Taiti proveniente da antiga *Havaiki-Ra'aitea*, a ilha sagrada. A representação desse centro religioso sucedeu imediatamente, em Opoa, ao *marae* (sítio cerimonial) Taputapuatea na ilha de Ra'aitea.

Todos os membros da Sociedade das Missões de Londres (de onde as ilhas tiram o seu nome) consideravam o reverendo Orsmond o melhor etnógrafo de seu tempo. Ainda hoje, seus trabalhos, reunidos por sua neta, Teuira Henry, na impressionante obra *Tahiti aux temps andens* ,{12} continuam sendo documentos de referência para muitos universitários e pessoas que se interessam pela antiga cultura taitiana. Todavia, à medida que lemos seus numerosos escritos, a evidência impõe-se pouco a pouco: a visão espiritual da antiga Polinésia era hermética para um espírito ocidental do século XIX. Pouco depois de sua chegada à ilha, o missionário esforçou-se, entretanto, por aprender a língua taitiana e recolher as velhas narrativas da tradição oral, no que foi encorajado por vários chefes locais.

Orsmond observara que os habitantes das ilhas utilizavam uma linguagem repleta de imagens - uma característica do funcionamento do cérebro direito. Para os primeiros navegadores, que não tinham do idioma senão conhecimentos superficiais, o que os *tahua* (os sacerdotes polinésios) diziam permanecia misterioso e, em geral, incompreensível. Isso é particularmente verdadeiro para os *pehe tama'i* (os cantos guerreiros tradicionais), nos quais os fenômenos da Natureza, como o trovão, o relâmpago as tempestades, são metáforas - arquétipos - que designam uma batalha ou destruições. Um guerreiro corajoso, que não se rende, era comparado a um *fau* (uma árvore que resiste a todos os ventos). A ilha de Huahine, que tinha rechaçado de maneira obstinada as invasões dos guerreiros de Bora-Bora, fora cognominada *purau*, o nome de uma árvore que cresce sobre uma colina e que resiste a todas as tempestades. Antes de ir para o combate, os guerreiros eram incitados a mostrar-se tão ferozes quanto o *puahz'ohio*, o turbilhão, que destrói tudo à sua passagem.{13}

Reduzir uma árvore sagrada a um tronco podado, ou *tumu*, revestia-se de uma significação profunda. Podar uma árvore, tirar-lhe os ramos mortos ou inúteis e só deixar o tronco de pé ilustrava a morte dos guerreiros, dos conselheiros e da família de um *Arii Nui* (um grande chefe). Assim, o relato tradicional de um turbilhão que havia arrancado os ramos ele uma árvore sagrada, em Opoa, significava que guerreiros inimigos tinham matado e expulsado os partidários de um chefe sagrado, deixando-o parecido com um tronco nu. Tal era a linguagem simbólica utilizada nos tempos antigos. Encontram-se as mesmas estruturas de expressão oral entre os ameríndios. Sua significação profunda não podia ser compreendida por um ocidental, a não ser que este procedesse a uma leitura simbólica.

Em Opoa, durante uma das últimas reuniões do *hau-pahu-nui* (a invocação da presença dos deuses) antes da chegada dos navios europeus, produziu-se um estranho fenômeno. A cerimônia do *pa'iatua* (a renovação dos ornamentos do deus) mal terminara, quando uma borrasca

arrancou toda a copa de uma árvore *tamanu*, não lhe deixando senão o tronco despojado. Algo extraordinário, pois a madeira do *tamanu* era muito dura. O povo foi tomado pelo terror. Os representantes de cada família trocaram olhares em silêncio. Foi então que um sacerdote de Opoa, chamado Vaità (água agitada), exclamou:

- Amigos, o que pensam disso?

- Nós nos perguntamos o que pode significar a destruição desta árvore. Desde os tempos mais remotos nada de semelhante aconteceu às nossas árvores.

Vaità, o *hio hio* (o profeta), teve uma inspiração.

- Vejo diante de mim o sentido deste acontecimento estranho. Os gloriosos filhos do Tronco vão chegar e verão estas árvores aqui. Eles serão diferentes de nós e, no entanto, são nossos semelhantes, também eles saídos do tronco. Tomarão nossas terras. Será o fim de nossos costumes, e os pássaros sagrados do mar e da terra se lamentarão por causa do drama que esta árvore decapitada está anunciando.

Essa declaração inesperada assustou os sacerdotes, que logo quiseram saber onde se achavam esses homens estranhos. E Vaità respondeu:

- Eles vêm sobre uma embarcação sem balancim.

- Vimos as embarcações que os homens aprenderam a construir graças ao deus Riro - murmurou o povo -, mas elas sempre tiveram balancins sem os quais soçobrariam. Como seria possível um tal prodígio?

Incrédulos, os dignitários dispersaram-se. O *Arii'Nui* Tamatoa soube do caso e convocou Vaità para dar-lhe explicações. Atendendo ao chamado do rei, Vaità ali encontrou todos os outros sacerdotes e considerável multidão que lá comparecera para ouvi-lo. Tamatoa recebeu-o com amizade, mas não deu grande importância às suas palavras. Para ilustrar sua declaração, Vaità pegou um grande *umete* (recipiente de madeira) e ali colocou algumas pedras, depois pediu ao rei que mandasse alguns de seus homens depositá-lo no mar. Quando o *umete* flutuou calmamente sobre a ondas, os assistentes aplaudiram. Outro sacerdote de Ra'aitea declarou a Tamatoa que um belo dia, no futuro, já não existiriam alimentos proibidos às mulheres, que elas teriam total liberdade para comer tartaruga e outros alimentos sagrados para os deuses e os homens. Esta predição foi igualmente recebida com incredulidade, mas se viu confirmada depois do advento do cristianismo.

Enfim, nas tradições orais taitianas transmitidas de geração em geração, encontram-se ensinamentos sobre o primeiro homem que descobriu a ilha deles. Eis o relato:

Um velho *hio hio* chamado Pau'e (muito partido), que era bastante conhecido no Taiti, disse um dia:

- Os filhos da gloriosa princesa vão chegar numa piroga sem balancim e estarão vestidos dos pés à cabeça.

Para prová-lo, Pau'e pegou um *umete* e fê-lo flutuar numa pequena lagoa, depois de tê-lo equilibrado com a ajuda de algumas pedras. Voltando-se em seguida para as pessoas reunidas, disse:

- O que fará soçobrar este recipiente sem balancim? Por sua largura, ele está equilibrado, e o mesmo acontecerá com a piroga que vai vir.

Três dias depois, Pau' e morreu e logo o *Dolphin* acostou, tendo a bordo seu capitão Wallis. As pessoas exclamaram:

- Eis a piroga sem remos de Pau' e os filhos da gloriosa princesa.

O *Dolphin* estava ancorado na baía de Matavai, defronte ao promontório de Taharaa, batizado como colina da Árvore por Wallis e Cook. Sua popa foi comparada ao rochedo que formava a extremidade do promontório. Foi por essa imagem que os taitianos evocariam durante gerações o navio de Wallis.

Pau'e também tinha dito:

- Virá um novo rei para nos governar e ele imporá novos hábitos à região. O *tapa* e a maça de bater a fibra não serão mais usados no Taiti e as pessoas vestirão roupas diferentes e estranhas.

Tais profecias são sempre contadas e recontadas pelos taitianos. É difícil deixar de impressionar-se por essa descrição insinuante do futuro. Essas predições fazem claramente referência à emergência da dinastia dos Pomarre, à adoção de novos costumes quando da implantação do cristianismo e ao desaparecimento progressivo da confecção do tapa à medida que os navios traziam os tecidos europeus. Comparando o navio de Wallis a uma ilha flutuante, os taitianos demonstravam que eles não dispunham de nenhum meio de compreender, exprimir e classificar esse fenômeno. A linguagem figurada das profecias inscreve-se na visão mitológica de *Tane*, o deus artesão, com seus "filhos gloriosos de Te Tumu", que antecipam a vinda dos "artesãos divinos" - os missionários cujo ensinamento apresentará certos paralelos com a religião local. *Tane* é aquele que modelou todas as formas sensíveis da vida - uma concepção que de alguma forma evoca Geb, o deus porteiro do antigo Egito.

Os primeiros navegadores no Taiti
O esquecimento das antigas tradições

Em 19 de junho de 1767, Wallis, que comandava o Dolphin, onde Cook, futuro descobridor das ilhas Havaí, era lugar-tenente, aproximava-se do Taiti. O navio foi logo cercado por milhares de taitianos em pirogas. A notícia da chegada de uma "piroga sem balancim" espalhou-se como um rastilho de pólvora. Depois de reunidos em conselho,(4) alguns homens dirigiram-se aos recém chegados. Um deles carregava uma muda de bananeira, representando sua própria efígie. Falou durante uns quinze minutos, depois jogou a muda ao mar, querendo assim mostrar suas intenções amicais e dar a compreender aos recém chegados que o mar era sagrado para todos. Com efeito, os polinésios consideravam-no como um sítio cerimonial, um marae, um templo em movimento. Por seu lado, os brancos mostraram, por meio de sinais, que a amizade era recíproca e convidaram os embaixadores a subir a bordo do navio. Enquanto isso, vários indígenas escondidos nos bosques observavam o que se passava.

Nos dias que se seguiram, os chefes reuniram-se em conselho, juntaram a população do lugar e formaram uma grande procissão com archotes, tambores e pu (um grande búzio marinho utilizado como trompete), na intenção de retirarem a bandeira que os ingleses haviam plantado na praia. Os indígenas tinham o hábito de usar uma bandeira em suas canoas, assim como em terra, para afirmar o próprio prestígio, e por isso logo compreenderam o sentido da cerimônia realizada pelos ingleses - o que explica a hostilidade que lhes manifestaram nos dias seguintes. No entanto, sem o saber, prestaram uma grande homenagem à bandeira inglesa enrolando-a ao cinturão real de plumas vermelhas e amarelas, que era o apanágio do grande chefe Amo

(piscadela) de Papara. Amo, cuja mulher, Purea, era chefe de Papara, exercia sua influência sobre Hatapape, o teatro dos acontecimentos. Durante vários anos essa relíquia estrangeira permaneceu amarrada a esse antigo emblema real que descendia diretamente dos deuses.

No dia seguinte, os ventos trouxeram o Dolphin para mais perto da praia; os indígenas acharam que os recém chegados já estavam passando dos limites e pediram a seus deuses que os expulsassem. Trezentas canoas de guerra e quase dois mil homens cercaram o navio. Um sacerdote sentado numa das canoas sob uma espécie de pálio subiu a bordo. Levava na mão um amuleto formado por uma pluma amarela e outra vermelha, chamada uratatae e consagrado pelos deuses - consideravam-no um poderoso meio de obter ajuda contra invasores.

Os ingleses receberam-no com gentileza, vendo naquilo uma nova manifestação de amizade. O sacerdote logo deixou o navio e reganhou a margem, onde jogou um ramo de coqueiro sobre o chão em sinal de sucesso. Ouviram-se então gritos de alegria, e várias canoas puseram-se ao mar para juntar-se àquelas que cercavam o navio. Para sua grande surpresa, os ingleses foram submetidos a uma chuva de pedras lançadas com a ajuda de fundas - algumas pesavam mais de um quilo. Vários homens da tripulação foram gravemente feridos, apesar da proteção dos toldos e da enxárcia.

Os ingleses fizeram então troar seus canhões, e os indígenas dispersaram-se, aterrorizados por esses seres que dominavam o trovão e os relâmpagos. Em pouco tempo a praia ficou repleta de cadáveres de guerreiros. Malgrado a primeira derrota, os indígenas enviaram novas canoas de guerra contra o navio inglês, carregadas de sacos de pedras, para um segundo ataque. Sobre as colinas próximas, mulheres e crianças assistiam ao combate - como as mulheres e as crianças dos índios da América do Norte assistiam, do alto dos rochedos, aos combates de seus homens contra o exército americano, no século XIX.

A chuva de pedras recomeçou. Uma canoa, que se aproximara muito do Dolphin, foi cortada em duas por uma bala de canhão. Uma outra salva foi o suficiente para dispersar os atacantes. Quando a calma voltou, um destacamento punitivo foi enviado a terra e destruiu numerosas canoas - algumas mediam vinte metros de comprimento e apenas um metro de largura. Foi assim que as hostilidades tiveram fim.

Nesse meio tempo, o chefe Amo, cansado da hostilidade dos estrangeiros, retirou-se para seu distrito em Papara. Purea, sua mulher, ficou no local e recebeu amigavelmente Wallis e sua gente. Ela cuidou dos feridos, fazendo-os transportar à sua casa de recepção, cujo teto era feito de tara e o chão recoberto por erva macia, esteiras e várias camadas de tapa. Os brancos ali foram instalados confortavelmente. Receberam cuidados e massagens a óleo de caroço de coco. Ao cabo de alguns dias, recuperaram-se e ficaram em condições de voltar a bordo. Durante uma conversa com Wallis, Purea colocou seu distrito à disposição do inglês. O fato de estar segurando uma folha de bananeira fez crer ao capitão inglês que Purea era a rainha da ilha e que estava apresentando sua rendição. A atitude da população demonstra claramente que Purea não teria podido realizar tal gesto por sua própria iniciativa. Ela era, de fato, aconselhada por pessoas influentes, entre as quais Tupaia de Ra'aitea, seu grande sacerdote, um homem de considerável inteligência.

A dinastia dos Teva

Em maio de 1998, Liliane e eu organizamos a primeira viagem cultural dedicada às antigas tradições polinésias. Um grupo de vinte pessoas acompanhava-nos ao Taiti, Huahine, Ra'aitea e às ilhas vizinhas. Foi com grande prazer que encontramos, nessa ocasião, Ueva Salmon, descendente direto da grande família dos Teva, que reinou durante mil anos no Taiti. Não era nosso primeiro encontro. Quando de uma viagem anterior, nosso amigo tinha-nos impressionado pelo conhecimento de sua genealogia. Citara o nome de seus ancestrais, remontando a 16 gerações. Ueva é da linhagem de Amo, o último chefe de guerra maori, o mesmo que atacou o navio de Wallis.

Sob tais latitudes, maio é o outono austral, a umidade dos meses de verão desapareceu. Sentado no jardim de sua casa em Papeete, Ueva evoca seu orgulho de pertencer a uma família que assegurou seu poder na ilha desde o século XI. Ao lado dele, a filha mais velha escuta-o em silêncio. Moetia carrega um nome ilustre, pois trata-se do nome de uma das filhas de Arii Taimai. Arii Taimai pertencia à mais nobre família do mais antigo e prestigioso clã, o dos Teva, que ocupava a costa sul do Taiti e toda a península. O irmão de seu bisavô foi o célebre Amo, e seu avô não era outro senão o famoso chefe de Papara, Taura Atua, mais conhecido como Tati, que desempenhou um grande papel no momentoso período que se seguiu à chegada dos europeus, em começos do século XIX.

Tati é também o nome do último filho de Ueva. Apesar de sua pouca idade, já tem a força e a corpulência do antepassado. Nossas tradições e um hemisfério nos separam, mas um estranho elo nos une. Nossos anfitriões conhecem o sentido de nossa pesquisa: penetrar profundamente na antiga tradição polinésia para compreender-lhe o modo de pensar. Liliane e eu não tardamos a perceber como o caminho interior nos é precioso para compreender a estrutura do pensamento espiritual dos taitianos antes da chegada dos brancos. Quando Deva fala, é a força de sua linhagem que se exprime por sua boca. Moetia, ainda que silenciosa, revela a mesma força, sua atitude e dignidade refletem a energia sem falhas das sucessivas gerações de princesas que a precederam.

- Nossas genealogias - explica Deva - revestem-se de uma grande importância a nossos olhos, porque elas servem de fundamento à História como memória dos antigos. Como vocês sabem, somos um povo de tradição oral, a escrita não existia aqui. Assim, nós nos referenciamos àqueles que possuíam a memória ancestral. As genealogias servem não apenas para situar os seres, mas também os acontecimentos de um passado às vezes muito distanciado.

Nenhuma memória humana é capaz de registrar os nomes de todos os membros de uma mesma linhagem. Raymond Graf, que encontramos em 1997 com Deva Salmon, é um tahua detentor da antiga tradição, que sabe citar sua genealogia desde vinte gerações anteriores. Durante esse encontro, escutamos os dois homens trocando, num desfile ininterrupto, os nomes de seus ancestrais. É assim que os taitianos de grande família se reconhecem. Os dois homens soltaram um grito quando perceberam que descendiam ambos do mesmo Tati, o Grande, sobrinho do famoso Amo - foi um momento de intensa emoção.

Nos tempos antigos, três ou quatro oradores entre os mais dotados de uma família consagravam-se a esse exercício da memória. Quase todas as noites, depois do jantar, cada qual declamava, como um poema, os nomes dos ancestrais, bem como seu marae, local de nascimento e às vezes os acontecimentos marcantes de sua época. Nas ilhas da Sociedade, o primeiro arauto começava pelo ancestral comum, Taaroa-nui-tahi-tumu, e remontava até

aproximadamente à décima geração, o segundo partia daí, e assim sucessivamente. Pôde-se dessa maneira conservar as genealogias dos Ari Nui em sua integralidade, bem como algumas migalhas de história antiga, cuja maior parte infelizmente foi perdida.

Cada família principesca guardava o segredo de sua genealogia para proteger-se contra os impostores. Não só as genealogias não eram divulgadas, como ainda se achavam protegidas por certos procedimentos criptográficos; por exemplo, jogos de palavras. Graças aos costumes antigos, que permitiam aos Arii possuir vários nomes, um mesmo personagem podia aparecer de propósito sob um outro nome em genealogias colaterais. Os elos de parentesco foram afirmados e às vezes contestados tão seriamente quanto os títulos legais e sempre foram objeto de lutas mortais, dizia Arii Taimai.

- A linhagem dos ancestrais reveste-se para nós de uma importância fundamental -observou Deva Salmon -, e nós lhes consagramos um marae particular, o marae tupuna, cujo deus é um segredo de família. O sítio é construído num terreno pertencente a ela, cujos nomes hereditários são ligados ao marae. É o único meio de que dispomos para provar nosso título de propriedade. Ainda hoje a recordação do marae ancestral permanece muito viva. As genealogias completas foram transmitidas oralmente e, a partir do começo do século XIX, por escrito, sendo cuidadosamente escondidas daqueles que queriam contestar nossos direitos; os impostores são assim confundidos, pois não podem firmar suas pretensões em títulos regulares.

Alguns, cujas famílias tornaram-se importantes quando seus ancestrais não ocupavam senão um lugar secundário na hierarquia, aproveitaram-se disso para fazer modificações em sua genealogia. Assim, um homem sem escrúpulos não hesita em eliminar ancestrais renomados para inserir a própria fanulia numa linhagem real. Tais fraudes genealógicas só se tornaram possíveis depois dos transtornos de natureza social provocados pela chegada dos europeus. Enfim, se nos colocarmos num ponto de vista prático e não histórico, as genealogias são comparáveis a títulos de propriedade. Quando as leis francesas passaram a ser aplicadas no Taiti no último século, os proprietários de terras só podiam remeter-se às genealogias para provar seu direito ao solo. Deste modo, por volta de 1888, comissões compostas por cinco ou seis juízes exigiam de qualquer pessoa que reivindicava uma terra a recitação de sua genealogia, o nome do marae de seu ancestral e o depoimento dos mais velhos.

Amo, nascido por volta de 1720, fora sagradoArzi'Nuz' do Taiti - grande rei, de acordo com a terminologia européia -, colocando o cinturão real de plumas vermelhas, que ele herdava legitimamente dos antepassados, os quais haviam sido, de pai para filho, sagrados soberanos da região e cingidos com o mesmo emblema real, símbolo de sua filiação direta com os deuses. À chegada do capitão Wallis a Matavai, em 1767, Tevahitua i Patea, o próprio Amo, achava-se no apogeu de sua grandeza. Ele residia em Papara, capital de seus Estados, muito longe portanto de Haapape, onde acabava de acostar Wallis. Pôs-se a caminho com seu exército e uma frota de várias centenas de canoas, bastante decidido a defender sua terra contra os invasores de um gênero novo. Chegando a Haapape, Amo distribuiu suas ordens para organizar o ataque ao navio estrangeiro.

Wallis observava todos esses preparativos. Adivinhando as intenções hostis dos indígenas, ordenou algumas salvas de canhão, que acabaram por semear o pânico entre os insulares. A derrota de Amo marca o começo da decadência da mais antiga dinastia do lugar, a dos Teva, que acarretou seu cortejo de guerras, massacres, ruínas, desordem social, situação de que os

taitianos nunca mais se recuperaram inteiramente. Um Arzi'da ilha, Pomare I, tornou-se, com a ajuda de pastores protestantes enviados pela London Missionary Society, um rival temível para Amo.

Em 1807, Pomare II e seu exército atacaram Punaauia, Paea e Papara sem declaração de guerra, desprezando completamente a tradição. Incendiaram tudo à sua passagem e massacraram os que se achavam em seu caminho. As crianças reais de Papara foram exterminadas sem piedade nesta guerra com claras intenções de estabelecer a hegemonia dos Pomare. O fim trágico dos jovens príncipes significou a extinção do ramo do rei Amo Teva-hitua i Patea, que permitiu ao ramo mais novo reinar em Papara. Tati, o regente, e seu irmão caçula, Opuhara, tiveram a vida salva graças à devoção de seus fiéis servidores. Depois de muitas dificuldades, Tati conseguiu ganhar a praia, onde o aguardava uma grande canoa prestes a vogar para Bora-Bora, onde se encontrava sua mulher, Quanto a Opuhara, que era um notável guerreiro, conseguiu escapar nas montanhas de Maitea com alguns guerreiros e servidores.

Em 1808, depois da carnificina e de todas as ignomínias praticadas por seus mercenários, a maior parte dos An'i da região levantou-se contra Pomare II, tendo à frente o Az'to Opuhara, chefe guerreiro de Papara. Atacado por todos os lados, Pomare teve de fugir para Moorea com o restante de seus homens. Opuhara dominou toda a região e reinou no Taiti de 1808 a 1815. Aproximadamente dez meses depois de seu exílio, Pomare II tentou reconquistar o Taiti, mas foi novamente vencido e vários de seus lugares-tenentes pereceram. Alguns anos mais tarde, em fins de 1815, Pomare II, convertido ao cristianismo, mas ainda não batizado, desembarcou no Taiti com um poderosíssimo exército, dotado de armas de fogo e formado por marujos desertores dos navios europeus.

Sabendo do desembarque de Pomare II e de seu avanço sobre Paea, Opuhara marchou com seus homens ao encontro do inimigo, sem esperar os aliados da península. Malgrado toda a sua bravura, o último An' Nui da dinastia dos Teva foi morto por um tiro de fuzil nesta trágica batalha, chamada mais tarde de "batalha de Fe'i pi'. O confronto teve lugar nas proximidades do marae Outu-aimahu-rau, rebatizado depois marae Naarii, como recordação dessa luta mortal entre dois Arli': de um lado, Opuhara, último defensor da civilização ancestral, da religião e da cultura tradicionais do lugar, e, do outro, Pomare II, partidário de uma civilização e de uma religião vindas de outras plagas.

Após a derrota de Fe'i pi, Pomare II foi o senhor inconteste do Taiti. "Aoué, aoué, os marae e os deuses que aqui habitavam nos deixaram. Eles reganharam um mundo de origem, um alhures ao qual o ser comum não tem mais acesso." Um ser investido, o tahua, o xamã polinésio, já não se mistura com os seres comuns.

As horas haviam se escoado, silenciosas como um bater de asas na noite mágica do Taiti. Sonhadores, contemplávamos nossos amigos, de quem nos sentíamos tão próximos. Thdo havia realmente desaparecido, podíamos ainda remontar à origem, aos Céus que projetaram para aqui embaixo o tabuleiro de xadrez cerimonial das ilhas do Pacífico Sul?

O mito da Criação

Ao tempo de Antes, os seres humanos pareciam-se com crianças. Não se esqueciam nunca de dirigir aos deuses preces de agradecimento pelos frutos, pelas plantas e pelos peixes de que

tinham necessidade. Unidos a seu Criador, viviam em paz uns com os outros, formando uma única e grande família. Apresentavam uma particularidade: sua fontanela permanecia mole durante toda a vida, e desse orifício espiritual elevava-se uma fibra luminosa que buscava a companhia de todos os elementos vivos da Criação - seres humanos, animais, plantas e até mesmo minerais. No tempo de Antes da catástrofe, os Mayas cósmicos conheciam a existência dessa fibra, a que chamavam de kuxan suum. O conjunto desses cordéis vibratórios formava uma coluna conectada a uma entidade luminosa chamada Sol da Noite, na qual viviam os hologramas dos Grandes Ancestrais.

Um alimento, sob forma de energia espiritual, subia ao longo desse eixo central, que tradições ulteriores vieram a denominar o eixo do mundo. O tempo não existia, era o tempo universal, o de antes da ruptura. Essa situação modificou-se quando o ser humano deixou o mal entrar nele. Esqueceu-se de fazer as preces de agradecimento, passou a caçar e pescar sem necessidade e começou, inclusive, a guerrear com outras famílias humanas. A fontanela enrijeceu-se, e pouco a pouco a conexão espiritual, o elo com o Sol da Noite, desapareceu. Os seres de embaixo esqueceram sua origem e num longo gemido foram mergulhados com todo o seu mundo na noite da inconsciência. Por sua vez, o ovo do mundo desapareceu, e a energia dos Grandes Ancestrais perdeu o viço, esgotou-se e sumiu nas dobras ocultas do tempo.

Esta noite obscura - o P'o dos polinésios - marcava a pedra angular de uma nova partida. O canto da Criação havaiano, o Kumulipo, fala da Noite da Obscuridade Espessa. Nas tradições humanas, a duração do P'o é de três dias e três noites, mas tal período deve ser considerado em tempo universal, pois no tempo humano do Depois essa frialdade durou eons. O Sol da Noite, como a carapaça da tartaruga, endureceu-se, aprisionando a energia dos fundadores numa ganga de esquecimento. Depois, o tempo dilatou-se e contraiu-se, deteve-se e voltou a partir.

No ovo do mundo, cuja casca tornara-se dura como a carapaça de Mãe Tartaruga, a freqüência inteligente movia-se silenciosamente entre duas camadas dimensionais. Se uma garganta humana fosse capaz de transcodificá-Ia em ondas sonoras, ter-se-ia ouvido: "Ta'aroa, Ta'aroa." A vibração retomava consciência de si mesma, mas tudo se tornara frio e vazio. O fluido nutriz que circulava do alto para baixo e de baixo para o alto já não existia. Foi talvez a fome causada por essa ausência que desencadeou em Ta'aroa a necessidade de recriar o que havia desaparecido. Mas desta vez ele já não o faria sob forma visível, mas sob forma velada, oculta. Os seres humanos vindouros deveriam reencontrar por si mesmos o caminho do Éden, o paraíso perdido, os territórios das caças eternas, lá onde vivem o bisão branco, o canguru preto e a serpente arco-íris. Deviam reencontrar por si mesmos a senda que conduz a Purutu, o paraíso, lugar de beleza, felicidade e perfeição, um estado de consciência outrora feliz. Os seres humanos erravam através dos mares, dos bosques, das florestas, refugiavam-se nas cavernas, nas grutas, em toda espécie de abrigo natural. Tinham-se tornado Ahasverus, o judeu errante de uma tradição religiosa maior ainda por vir. Certos membros da comunidade desenhariam seus sonhos sobre as paredes das cavernas ou sobre a areia do deserto. Esses chefes e oradores rezavam para pedir um fim aos milhões de noites pavorosas, para expulsar a noite que insistia em demorar-se, aquela que representava a ruptura em relação à consciência de Antes.

Os que sentiam o desaparecimento de maneira mais cruel que os outros emitiram novamente um pálido fio de luz, bem tímido em comparação com o maravilhoso cordão arco-íris que existia ao tempo de Antes. Foi o chamado, bastante débil no começo, dos primeiros seres investidos, os

xamãs vindouros, que permitiu a Ta'aroa recriar o imenso teatro cósmico que entraria em cena ao fim da errância original. As crianças perdidas dizem que o Único manteve-se em sua casca e nas trevas durante milhões de anos. Osíris, o egípcio, não é denominado o Senhor dos Milhões de Anos?

Aquele que vive por Ele e n'Ele deslizou para a superfície de Rumia, o ovo do mundo de carapaça endurecida. De pé sobre a velha casca Rumia, ele tornou mais densas as vibrações desta, e ela ficou sendo sua casa, o domo do céu dos deuses, um firmamento confinado e obscuro. Depois seu pensamento-holograma criador gerou os deuses, os arquétipos perfeitos de todas as formas de vida da Criação vindoura. Se os homens pelo menos tivessem sido dotados da visão vibratória, teriam sido capazes de perceber que Ta'aroa era cercado de filamentos de luz multicor, em vez de acreditarem que ele e todos os seus arquétipos estavam cobertos de plumas amarelas e vermelhas. Quando o Único se sacudiu, suas plumas tornaram-se árvores, ramos de bananeiras, bosques e o verdor da terra - o manto de Fenua, Grande Mãe Terra.

Toda criação física não é, portanto, senão luz densificada e fria encerrando a energia do Criador, do Ancestral fundador. Aqueles das famílias de embaixo que ainda não haviam perdido inteiramente a conexão com o alto, aqueles que ainda possuíam um pouco de visão, compararam essa espiral criadora a um ser imenso, o Ser cósmico.

Quando as vibrações ficaram suficientemente densificadas, a Terra tornou-se firme e quatro vibrações propagaram-se nas quatro direções. De uma maneira metafórica, figurada, falou-se dos quatro tentáculos do grande polvo Tumurara'z' - Fenua (fundação do céu terrestre) destinados a manter o céu unido à terra. Ta'aroa, o Ser cósmico, pegou sua coluna vertebral sua energia central - para criar as cadeias de montanhas; suas vísceras, sua energia externa, para criar os flancos das montanhas; seus intestinos, para criar os bancos de nuvens. Esta é a razão por que quando se olha para o céu polinésio em noite de lua cheia, vemos ali distintamente rostos, mãos, sinais particulares ou grupos de seres que deslizam silenciosamente no firmamento esbranquiçado pela claridade de Hina, a deusa Lua. Ta'aro a também utilizou seus intestinos para criar as lagostas, os camarões e as enguias que povoam as águas doces e as águas salgadas.

Nesse meio tempo, a duração de Po'o diminuía. Apareceram as dimensões - comprimento, largura e profundidade. O Ancestral fundador agitou-se e de seu corpo-energia jorraram bilhões de finas partículas douradas, que por sua vez se densificaram para dar a areia - areia das planícies, do leito dos rios, das florestas selvagens, para ajoelhar-se ou repousar. Numa espécie de mugido vibratório, de encantamento, Ta'aroa criou a substância da terra. Havat'z', o espaço invocado que repleta, tomou-se terra por sua invocação. Em seguida, uma vibração sonora - a sua palavra - falou:

- Ó Tu (estabilidade), tome-se um de meus artesãos.

E Tu tomou-se seu grande artesão e tudo começou a crescer. A vida desenvolveu-se no mar, nos rios e na terra. Os seres humanos multiplicaram-se novamente em toda a sua Criação. Como um riso, a energia luminosa de Ta'aroa iluminou-se vendo o que lhe era revelado. Fenua, a Terra, achava-se repleta de criaturas vivas - dos seres humanos até o mais humilde dos rochedos. A água doce corria através da região e o mar era seu fluido azul, ambos repletos de criaturas vivas. EraHavaz'i – que não deve ser confundido com o Havaí, as belas ilhas ensolaradas -, Havai'i, o lugar de nascimento dos deuses, dos reis e dos seres humanos - Ra'aitea, a Sagrada.

Cada parte do Holograma Vivo encerrava a substância inteira do todo. Assim, cada qual

tomou-se um deus, e o conjunto, uma multidão de deuses. Mas talvez aquela que vibrava a uma freqüência ligeiramente superior tenha se tomado a Criança Deus, Tane - o que se tomou consciente. Este levantou-se e disse:

- Assim sou eu, o grande Tane, deus de todas estas belas coisas, dotado de olhos para medir as extensões celestes. Sou o amigo dos exércitos, aquele do longo sopro e das regiões longínquas, o proclamador, Tane do décimo céu, lá onde corre a via láctea, a água pela boca dos deuses.

E aqueles que talhavam as canoas, os que construíam as casas, os construtores dos marae, os sítios sagrados, disseram:

- Trabalhe com olhos despertos e machados eficientes.

Era o grande Tane que fazia dizer tudo isso.

Na água da nova Terra vivia um belo tubarão salvo por 'lU, o Artesão, que o presenteou à Criança Deus, com uma pequena andorinha do mar, que pousou perto de seu pescoço, e grandes e elegantes pássaros vermelhos que viviam na água sagrada de Tane. Quando os navegadores viam esses pássaros acima de suas canoas, sabiam-se protegidos pelo grande Tane. Ninguém se achava com permissão para maltratar tais aves sagradas, temendo ser punido pela tempestade. Outra vibração, lunar esta, apareceu e tomou-se a companheira de Tane - igual em todas as coisas à Criança Deus. Aruru era uma deusa maravilhosa, que reunia as belas coisas de Tane nos locais onde prosperavam suas energias confundidas. Em seguida, apareceu Ro'o, o grande mensageiro de Tane, e mais adiante os Artesãos celestes, de funções e nomes numerosos, e assim a ordem harmoniosa estabeleceu-se novamente.

Para dar graças às belas energias fecundadoras, os seres humanos, guiados pela visão de seus sacerdotes, construíram sítios de recolhimento, os mame, nos quais se encontra a primeira Casa do Deus, o corpo vazio do próprio Ta'aroa, que se tornou um modelo para todas as outras casas de deuses, semelhante ao naos, o santo dos santos dos antigos templos egípcios. O poste central era sua coluna vertebral, os suportes de sua casa, suas costas, o vigamento do telhado, seu esterno, os ornamentos em volta da casa, os ossos de seus quadris.

Maui era grande sacerdote, o tahua fundador dos ritos religiosos. Este termo, que significa invocação, também designava as preces ao mame. Maui era tambémhio hz'o, foi ele quem anunciou ao povo que veria chegar um vaa ama ore, uma embarcação sem balancim, e em seguida um vaa taura ore, uma embarcação sem cordame. Tais predições foram fielmente retransmitidas pelos xamãs e pelos tahua oradores desde os tempos pré-históricos até a chegada do capitão Wallis num vaa ama ore. Outros hio hio tinham descrito os estrangeiros que se encontrariam a bordo desse navio. Mais tarde o povo, perplexo, veria ainda chegarem vaa taura ore, no caso dos barcos a vapor.

Na Polinésia de hoje, o Po'o, que se seguiu à ruptura original, e Purutu, o estado de consciência de Antes, não passam de mitos. Mas, sob a influência do cristianismo, Po'o tornou-se o inferno, e Purutu, o paraíso.

Os sítios cerimoniais polinésios
Os marae. Ra'aitea, agosto de 1997

Neste fim de tarde, estamos sozinhos, Liliane, nosso guia e eu, sobre o grande marae de Taputapuatea, bem próximo à aldeia de Opoa, em Ra' aitea, a ilha sagrada, de onde partiu toda a

cultura maohi que enxameou todo o Pacífico Sul - o famoso triângulo polinésio delimitado ao norte pelas ilhas Havaí, a oeste por Rapa Nui - a ilha da Páscoa - e a leste pela NovaZelândia. Uma imensa extensão marítima de mais de vinte milhões de quilômetros quadrados, no centro da qual se acham as ilhas da Sociedade com seus lugares de sonho: Taiti, Moorea, Bora-Bora, Huahine e Rai'aitea. Somos dominados pela beleza selvagem do lugar. Apesar da época do ano - a estação turística está em seu auge -, viemos sozinhos a este lugar que abrigou durante incontáveis gerações Ari1', chefes, Az'to, chefes guerreiros, e tahua, xamãs polinésios.

No hotel Havaiki Nui explicamos ao gerente, Robert Cazenave, o objetivo de nossa temporada, e ele nos aconselhou os serviços de um jovem guia apaixonado pelas antigas tradições. Admiramos os três o pequeno lago de água salgada e a passagem pela qual, outrora, as canoas chegavam de quatro em quatro anos para a grande cerimônia deste marae. Meu espírito evade-se, buscando reencontrar a memória desse evento excepcional nas pedras sagradas, que com certeza guardam-lhe a recordação. Teva, nosso guia, explica-nos:

- As canoas vinham de toda a parte, e o povo maohi reunia-se aqui. Havia aqueles das ilhas próximas, Taiti, Bora-Bora, Moorea, mas também os de Rangiroa, Fakarava, Raro Tonga, Nova Zelândia, Havaí e Rapa Nui. Alguns percorriam quase cinco mil quilômetros de oceano. Os polinésios são excepcionais marinheiros e nenhum deles nunca se perdeu nessa imensidão. O oceano era o seu santuário, sua terra, sua Fenua.

- Mas como eles faziam para não se perderem? - pergunto.

- Eles não possuíam instrumentos de navegação. - Muitas teorias foram elaboradas - responde Teva. - Grandes navegadores, como Eric de Bisschop e Thor Eyerdal, adquiriram renome mundial ao percorrerem nossos oceanos em veleiros de tipo chinês ou polinésios. Mas há uma coisa de que ninguém fala: o mana. Cada embarcação capitânia levava a bordo um sacerdote, o tahua, que possuía o mana das canoas. O mana é uma força vital obtida dos deuses. Utilizada por essa categoria de tahua, permite a projeção do espírito à distância. Mais exatamente, o tahua das canoas é capaz de projetar seu espírito ao lugar do destino e visualizá-Io. Além disso, para eles o oceano é uma entidade viva com quem sabem dialogar.

- Só havia cerimônias de quatro em quatro anos? - indago ainda.

- Sim - explica Teva -, a estação da abundância começa no fim de novembro, quando as Plêiades, os sete pequenos olhos, aparecem no céu. A época da pesca do bonito dava ocasião a uma celebração do marae, exatamente antes da primeira saída para o mar. Outros ritos eram realizados no tempo do grande repouso, quando a terra prodigalizava seus frutos. Entre nós, em junho, as Plêiades desaparecem no horizonte e as folhas começam a amarelecer; outrora, os deuses então partiam e celebrava-se sua partida, já ansiosos pelo retorno. Este era festejado em outubro, aos primeiros sinais anunciadores da primavera.

Não podia impedir-me de pensar nas tradições dos hopis do Arizona, que celebram em agosto a partida e em dezembro o retorno dos kachina, considerados erradamente como deuses hopis, quando na verdade representam para eles todas as formas sensíveis à vida.

Uma sensação estranha cercava-nos pouco a pouco. Os deuses tinham realmente desaparecido? Este sítio, como tantos outros, estava" desativado" , como o afirmam eruditos polinésios e Popaa (os brancos)?

As pedras têm uma memória, e elas começavam a cantar novamente para nós. Considerávamos este marae como uma catedral, um lugar sagrado semelhante a todos aqueles

onde a alma pode elevar-se. Os polinésios espalhados no Pacífico nunca teriam tido a idéia de encerrar seus deuses entre muralhas OU de construir em seus lugares sagrados. O marae era um santuário ao ar livre, um espaço, delimitado ou não, destinado às reuniões e às cerimônias religiosas. Ali eram invocados ancestrais e deuses. Tentavam ali conjurar as forças secretas da Natureza. A vida, os bens pessoais, a valentia durante os combates e a eficácia dos trabalhos domésticos dependiam de potências invisíveis mas soberanas, cujos favores deviam ser bem administrados. O marae era o lugar de encontro oficial entre o polinésio e as realidades do outro mundo.

O marae é um símbolo da organização familiar. Ele marca a importância social de seu proprietário. O de Taputapuatea revestia-se de uma importância capital. Os antigos polinésios formavam uma sociedade estritamente aristocrática.

De acordo com Ueva Salmon, o estatuto social de um homem dependia do fato de ele possuir ou não uma pedra sobre a qual podia sentar-se no círculo de um marae. O lugar de cada um, tanto na sociedade quanto no marae, era determinado em função de sua posição nas genealogias.

O capitão Cook ficou bastante embaraçado quando de sua partida de Ra'aitea, em 1774, na ocasião em que o chefe Oro perguntou-lhe o nome de seu marae. Um homem que não tinha marae não podia ser um chefe. Ora, Cook era considerado um grande chefe. Ele contornou o problema dando o nome de sua paróquia londrina, Stepney, que, pronunciada à maneira do Taiti, tornou-se Tapinu. Quando de sua terceira viagem, em 1779, Cook foi... comido pelos havaianos. Eles procederam ao sacrifício de maneira ritual porque se tratava de um chefe poderoso que, além do mais, possuía um marae. Uma homenagem das mais temíveis! Este grande *marae Taputapuatea* é o mais antigo do arquipélago da Sociedade. A tradição oral conta que ele foi construído sob a égide dos grandes *Arii Nu i*, na época mais remota da história da ilha. Seu renome ecoava longe, e a maioria dos povos da Polinésia oriental considerava-o a sede do conhecimento, da espiritualidade e da elevação para o mundo dos deuses sempre presentes nas pedras. O marae estende-se de leste a oeste sobre um amplo cabo, que tem ao norte a baía de *Toahiva* (rochedo de frotas) e ao sul a de *Hotopu'u* (lança entalhada); para o interior encontram-se verdejantes vales e o monte *Temehani*, cuja importância é capital para as tradições polinésias. O *marae* é cercado por uma espessa floresta onde domina o aito (a árvore de ferro). Diante de nós descortina-se *Te-avamoa*, a passagem sagrada, utilizada outrora pelas grandes canoas duplas decoradas com longos estandartes com as cores dos chefes. Cada canoa possuía um ou dois tambores de som grave e um grande búzio, que permitiam aos viajantes ficar em contato uns com os outros, trocar sinais e anunciar quando se aproximavam com sucesso do destino.

Os guerreiros mortos ou feridos em combate eram decapitados, e suas cabeças eram trazidas até este lugar. Limpas e enfileiradas nas cavidades do marae, elas lhe conferiam um aspecto terrível. Esbranquiçados pela idade, esses crânios sagrados permaneceram inviolados pelos indígenas e pelos brancos até o dia em que turistas, indiferentes à profanação dos lugares, carregaram vários deles consigo. Os indígenas logo se apressaram a esconder os que restaram sob as pedras do sítio, e é com respeito que caminhamos ao longo dos muros que os protegem.

- Muitos visitantes pisam nas pedras sagradas que recobrem o ossuário de nossos ancestrais - diz Teva.

- Tentamos criar uma associação de preservação do sítio para que pés profanos não as pisem mais.

É verdade que nós, europeus, não teríamos a idéia de pisar no túmulo de nossos parentes nos cemitérios.

Paramos diante de uma plataforma pavimentada, cercada por um muro baixo, o ahu. Não é propriamente um altar. Não se leva até ali qualquer oferenda, o lugar é "o espaço" reservado aos deuses e aos ancestrais durante suas episódicas manifestações terrestres. Ninguém tinha o direito de subir ao ahu, com exceção dos servidores oficiais do marae, que traziam até ali as imagens dos deuses - o tahua, quando se tomava canal, exprimia-se em nome do deus. Nos quatro cantos do ahu, diz ainda o guia, quatro guerreiros estão enterrados de pé com suas armas, seus cinturões de guerra e suas plumas. Concordaram em ser enterrados vivos para servir de guardiães da eternidade do lugar. A craveira com que foram medidos acha-se guardada no recinto cerimonial: eles alcançavam mais de dois metros de altura.

Visitamos as ruínas da casa oval do deus Oro. Uma vítima humana serve de fundamento a seu poste central, assegurando-lhe força. É ali, naquela espécie de sacristia, que se conservam os paramentos dos sacerdotes, os atributos reais - entre estes, o famoso cinturão maro de plumas amarelas e vermelhas -, os deuses secundários, os tambores, todos os acessórios cerimoniais e ainda a imagem do deus do marae. Um hangar abriga a canoa do deus, bem como a dos tahua, pois uns e outros serão chamados a deslocar-se durante viagens ao além - viagens pacíficas ou guerreiras.

- Mas o que é feito das antigas tradições? - perguntei a Teva.

- Tentamos recolher junto aos mais velhos da ilha as histórias e os ensinamentos antigos, mas é difícil fazê-los falar. Eles querem que as tradições morram com eles. Organizamos reuniões noturnas aqui em Taputapuatea. Colocamo-nos sob uma árvore e, para conseguir que os mais velhos compareçam, prometemos-lhes comida e bebida. Mas eles são muito reticentes.

Em seu livro, Bob Putignt evoca o encontro de um etnólogo e de um taitiano que se expressa de maneira tradicional:

> "*Tu, europeu, tu fazes de nosso passado tua profissão, vives dele enquanto dele morremos. De nosso passado não sabemos mais nada, e o pouco que ainda sabemos não te ensinaremos. Tu estudas pedras, mas nós somos o que não podes compreender. Rebuscar o passado para que um europeu o ensine a nossos filhos que não falam mais taitiano, não queremos isso. Prefiro ainda para eles as explicações dos velhos que não existem mais. Eles saberão o que os antigos souberam e guardarão a nostalgia de seu ser.*"

Eu não podia deixar de pensar que os polinésios achavam-se na situação dos ameríndios dos anos 30 e 40, quando a geração jovem desinteressava-se de sua cultura. A situação começou a mudar nos anos 60, quando o ameríndio desejou reencontrar sua herança ancestral e sua identidade cultural. O mesmo acontece atualmente na Polinésia, onde pessoas sinceras coletam e transcrevem as antigas tradições dos povos do Pacífico Sul não mais com o cérebro esquerdos racional, analítico, antes com o cérebro direito, necessário para compreender e viver uma das tradições fundamentais da humanidade.

Os xamãs polinésios - Os tahua

No ano seguinte, em maio de 1998, organizamos uma viagem de estudos consagrada às antigas tradições polinésias. Reunimos cerca de vinte pessoas para um encontro com Johnny

Brotherson, perto do marae Manunu, na ilha de Huahine, e da praia onde, de acordo com a lenda, chegou a princesa Maeva.

Amigos da França, Suíça, Bélgica e Canadá ouvem o ensinamento de Johnny, que pertence a uma antiga família taitiana. Apesar de seu nome, que vem de um ancestral sueco, Johnny nasceu em Ra'aitea e vive em Moorea. Nosso amigo dedicou mais de quarenta anos ao estudo das tradições de seu povo.

- Para os polinésios, somente a palavra é verdadeira,parau mau é a realidade e não um conto, ainda que tal conceito seja difícil de compreender por um ocidental - começou o estudioso. - Vou mencionar-Ihes os quatro estágios que é preciso transpor para tornar-se sacerdote ou tahua. Eu mesmo parei no segundo. O primeiro sonho desenrola-se assim: por volta de meia-noite, um ser vestido de branco, segurando um livro, dirige-se a você e pergunta: "Quer tornar-se um tahua?" Depois, desaparece. É o secretário-geral da sacerdotisa taitiana, e é preciso responder-lhe sim ou não, pois os espíritos lêem dentro de nós. Não se deve nunca despertar durante esses quatro sonhos. Se sua resposta for afirmativa, virá então o próximo sonho. A mesma aparição surge ao seu lado e diz: "Já que você quer tornar-se um tahua, ou seja, trabalhar com os espíritos, é preciso atravessar o vale das provas."

"É o mais terrível dos pesadelos, onde se acotovelam todos os tipos de criaturas, onde nossos cinco sentidos são postos a prova, onde percebemos coisas insuportáveis que nos fazem soltar gritos de despertar os mortos e às vezes a nós mesmos. Acordei quando, em meu sonho, minha comida preferida foi substituída por ratos brancos e sangüinolentos banhados numa gordura amarela e de pêlos cinza... Acordei, mas não devia fazê-Io.

"Se não despertarmos, descobriremos, além do vale das provas, uma planície que desencadeia o terceiro sonho. O aprendiz encontra um grande sacerdote-espírito (o secretário-geral da sacerdotisa, na terminologia de Johnny) , que lhe acena para aproximar-se. Apesar de todos os esforços que fizer para acatar a sugestão, a aparição lhe parecerá sempre mais distante. Neste estágio, sente-se sede, uma sede tal que a vontade é despertar, o que não se deve fazer. Enfim, o sonhador, esgotado, chega aos pés do grande sacerdote-espírito, que lhe pede para escolher, entre as dez especialidades propostas, aquelas que ele deseja adquirir. Para facilitar-lhe a escolha, ele as faz desfilar diante de sua consciência, mas o aprendiz só pode reter quatro. E não deve nunca despertar.

"Em seguida vem o quarto sonho. O grande sacerdote-espírito tem seu livro aberto diante de si. Está sentado ao lado do sonhador, que já fez sua escolha. Resta operar a ligação com os espíritos eleitos, pois cada qual possui um poder definido, uma função precisa. Mas convém observar leis fundamentais: a primeira, não cobrar nunca, a segunda, pagar. Uma vez por ano o feiticeiro deverá dar uma alma a cada espírito escolhido. Se ele aceitar, porá sua marca no livro do grande sacerdote-espírito, que então desaparece.

Na manhã morna, escuto Johnny e não posso deixar de pensar nas influências cristãs que vieram misturar-se a um substrato original, a uma verdade esquecida. O mito do bom e do mau, do anjo e do demônio, da sombra e da luz, do paraíso e do inferno. Exatamente o que o cristianismo ensinou para erradicar as tradições.

A cosmogonia lakota compreende sete categorias de xamãs, a dos polinésios, dez:

- O tahua da pesca: tahu'a tautai. Aquele que guia a pesca.
- O tahua da agricultura: tahu'afa'a'apu. Aquele que cria o calendário das noites e das estações.
- O tahua das pedras: tahu'a tarai afa'i. Aquele que inscreve os sinais sagrados - os petróglifos – e desloca os tiki pela força de seu mana.

Essas estátuas de pedra trazem diferentes nomes segundo os lugares: tilu', das Marquesas, tiki em taitiano é moai, da ilha de páscoa. Quando de nossa estada em Huahine, em 1997, alugamos, Liliane e eu, uma Vespa para explorar a ilha de acordo com nossa vontade. A alguns quilômetros da saída da aldeia de Fare, fomos irresistivelmente atraídos por uma rocha de quase três metros de altura, que se erguia num vasto campo protegido por cercas de arame farpado. A energia que se desprendia dali seduzia-nos incontrolavelmente, como se o ser de pedra quisesse nos comunicar uma mensagem preservada desde tempos imemoriais. Mas, em seu campo cercado, ele era inacessível. Alguns dias depois desse encontro, nosso amigo Jacques, que organiza passeios dentro da ilha, nos contou a história da "pedra do legionário".

Nos anos 60, ao tempo do general De Gaulle e dos testes nucleares franceses, os legionários lotados em Mururoa estavam também encarregados de construir estradas na ilha. Um grande número de mame costeiros foi assim destruído sob o avanço da civilização. Ora, à saída de Fare, erguia-se o guardião silencioso que nos intrigara tanto. Os legionários quiseram arrancá-Io pela força de guindastes, mas inutilmente. Um velho grande-pai observava-os zombeteiramente. Quando os homens resolveram dinamitar a pedra, ele aproximou-se lentamente e disse-Ihes:

- Vocês não pediram à pedra que se mexesse. Mas eu conheço um tahua que poderá deslocar esse ancestral. Incrédulos, esses antigos combatentes na África pagaram para ver. Pouco depois, um homem muito idoso chegou ao sítio, inclinou-se e contatou o espírito que morava na rocha. A história garante que a pedra moveu-se sozinha, liberando o caminho para a estrada.

Essa história não foi confirmada por Raymond Graf, o grande sacerdote que detém atualmente a tradição polinésia. Ele nos explicou que se a pedra quisesse deslocar-se ela o faria sozinha. São assim as lendas; não raro a verdade oculta-se sob véus de fumaça.

O tahua do culto dos marae: tahu'a ha'amorina'a. Aquele que regula as relações entre os homens e os deuses, primeiro Ta' aroa, depois Oro.

O tahua das canoas: tahu'a tarai va. Aquele que envia seu espírito para além do horizonte a fim de referenciar a ilha por descobrir. À noite, ele indica a direção a seguir de acordo com uma estrela, durante o dia, de acordo com o sol. Contrariamente ao que se acredita -, não possui nenhum conhecimento astronômico -, é guiado por seu espírito, que parte para fazer o reconhecimento. Sabe também guiar o timoneiro pelo canto de um caroço de coco a 'amoa (de boca grande) fixado no mastro e que assovia ao vento. Basta então guardar a mesma sonoridade, assim o homem não se arrisca a perder-se no vasto oceano, nem a canoa a desviar-se, e "Peixe de família" pode sempre devolvê-los a terra. As tradições da Índia dizem que os cinco sentidos funcionam graças a campos de energia chamados indriya. Pode-se assim enviar à distância seus olhos e suas orelhas, e praticar a visão ou a escuta à distância. Na França, tivemos a ocasião de utilizar, no seio de grupos experimentais, essa antiga sabedoria de que fala Baird Spaulding quando de seu encontro com os mahatmas, mestres do Himalaia.

O tahua do exorcismo: tahu'a rave ma'i tapiri

Todos já ouvimos falar de feitiços e exorcismos. A tradição xamânica também tem seus seres - bons ou maus - capazes de produzir ou de suprimir uma vibração parasita. Na Polinésia atual, chama-se a isso o boucan. Praticar o boucan, explicou-nos Setra, o filho de Papa UraOra, um hio hio de Papeete, é poder expulsar um mau espírito. Só o hio hio que vê além do corpo físico sabe dialogar com o espírito e fazê-lo partir.

O tahua do cuidado com as plantas e seu uso: tahu'a ra'au.

Esse curandeiro guardava o segredo das plantas. Uma doença desconhecida era devida a feitiço lançado por um inimigo. Em tal caso, era preciso consultar o tahua, que graças aos poderes das plantas expulsava o mau espírito e o mandava de volta àquele que o tinha liberado, Qualquer problema podia ser tratado por meio das plantas. A antiga medicina taitiana, associada às terapias modernas, sempre se mostrou extremamente eficaz. Como se viu recentemente, o hipericão de nossos jardins possui as mesmas propriedades que o Prozac. *(Express-magazine, de 25 de setembro de 1997, "Prozac ao natural".)*

O tahua do fogo: tahu'a umu ti.

Ele caminha sobre pedras em brasa e sabe baixar a temperatura do forno taitiano para que possam circular aqueles que trazem as três raízes eternas da terra polinésia, o ape, o tarua e o ti. Estas são dispostas em camadas e cozem entre 24 e 36 horas. Quatro talos de t1' são colocados verticalmente na composição para verificar-lhe o grau de cozimento, o tahua do fogo os retirará para determinar o momento da abertura do forno. O ti, colocado acima, adoçou o ape e o tarua; esses frutos confeitados constituem verdadeiras reservas alimentares.

O vidente: hio hio.

Ele não é apenas exorcista. Na tradição, é o verdadeiro capitão das canoas polinésias - da mesma forma que Tupaia, que guiou Cook com a ajuda de um mapa que elaborara para ele e que permitiu ao inglês tornar-se o grande descobridor do Pacífico. O hio hio corresponde ao Wayonta sioux, é ele quem vê o mundo oculto atrás do mundo e, mais precisamente, os corpos sutis.

O tahua orador: tahu'a ara po, ori po ou ainda nere po.

Este não sabe nada, não ensina nada, mas entra em transe para contatar "Contador de histórias" - a memória coletiva - e é assim que adquire seu saber. - A grande maioria dos meus conhecimentos - diz Johnny Brotherson - vem de um tahua orador, que visitou a memória coletiva do povo. Em 1997, tínhamos encontrado esse tipo de xamã em Moorea. Papa Matarau explicou-nos que ele "guindou" sua consciência até a memória original e, com sua voz firme, fez-nos sentir o alento do antes.

As tatuagens polinésias

Georges apresenta um notável espetáculo com o fogo aos turistas do Sofitel Heiva de Huahine. Mais da metade de seu corpo é tatuada. Durante nossas longas conversas, explica-nos o que essas tatuagens representam para ele.

- Quatro mil horas de trabalho e muito sofrimento. O que se acha gravado em meu corpo representa a história de minha família, de meu povo, que habita os altos vales das Marquesas. Vivi com um ancião no vale durante oito meses, sem ver um único ser humano. Alimentávamo-nos de plantas e porco-do-mato e fabricávamos coprah para conseguir algum dinheiro.

A arte da tatuagem, chamada tatau (dar tapinhas) ou naonno (em quadriculados), esteve muito em voga em determinada época. Depois de ter quase desaparecido, ela parece ganhar os favores da geração jovem, que vê nisso um signo de identidade cultural. Nos tempos antigos, esta arte era particularmente desenvolvida. As tatuagens indicam a posição social da pessoa e a história de sua família. Alguns estudiosos europeus chegaram a ver nelas as primícias do sistema hieroglífico.

De acordo com o folclore taitiano, a prática da tatuagem teria começado entre os deuses durante a noite do P'o - seu aspecto decorativo agradava-lhes muito. Ela foi inventada por Matamata-arahu (que grava em carvão de madeira), ajudado por Tura'i-po (que se conserva no céu escuro) ou Tititi'i-po (aquele que busca na obscuridade) - dois deuses que pertencem ao grupo dos artesãos de Tatere, deus de habilidade suprema - e por Hina'-ere'ere-manu'a (Hina de temperamento brusco), filha mais velha do primeiro homem e da primeira mulher, Ti'i e Hina.

O tatatau (perito em tatuagens) trabalhava sempre invocando os deuses, Ele pedia-Ihes que cicatrizassem as perfurações. Seu comércio era florescente, pois naquele tempo os indígenas estavam persuadidos de que tais decorações ressaltavam-Ihes a beleza e a roupa que estivessem usando. O procedimento era extremamente penoso - começava à idade de dez ou 12 anos e terminava por volta dos vinte.

Hoje as perfurações se fazem com o auxílio de uma pequena máquina elétrica. - É preciso ficar imóvel durante várias horas – explica Georges, que tem toda a metade do corpo tatuada.

O instrumento de tatuagem utilizado pelos antigos taitianos era feito de ossos de pássaro pontudos ou de dentes de peixe ligados a um pequeno cabo com uma linha fina. O colorante era obtido queimando-se tutui; quando introduzido na pele, produzia uma cor azul. Os modelos eram marcados em bambus e cada qual escolhia aquele que mais lhe agradava. Quanto à própria tatuagem, o traçado do desenho era às vezes esboçado com carvão na parte do corpo a ser tatuada, mas em geral o tatuador dispensava esse desenho preliminar. Depois de molhar a ponta do instrumento no colorante, ele o colocava no lugar desejado da pele e fazia a ponta penetrar na carne dando pancadinhas no cabo - o colorante depositava-se na incisão assim praticada.

Alguns homens eram tatuados sobre quase todo o corpo, dos pés à nuca e às orelhas. No peito, os desenhos eram muito variados: coqueiros, árvores de fruta-pão, cipós enrolando-se artisticamente em troncos, guerreiros correndo ou triunfando sobre os adversários, homem realizando um sacrifício humano no marae, pássaros, quadrúpedes, peixes, armas etc. Sobre a face interna do braço, as tatuagens, menores, representavam insetos, estrelas ou simplesmente losangos, círculos ou traços.

Dificilmente os taitianos tatuavam o rosto ou o pescoço. Como exceção, alguns guerreiros ou sacerdotes traziam um desenho na testa.

As mulheres tinham nas mãos decorações parecidas com mitenes, ou círculos em volta dos punhos e dos dedos para imitar braceletes e anéis. Nos pés, uma tatuagem terminava num círculo que envolvia o tornozelo.

Raymond Graf, detentor da antiga tradição, é tatuado em todo o corpo, "à antiga", segundo ele. Conversamos sobre o princípio do mana, o princípio que permite aos tahua realizar seus altos feitos. Existem diferentes tipos de mana: mana do fogo, mana das pedras, mana das canoas etc. Cada xamã polinésio possui um mana particular, que corresponde à sua arte. Esta energia está muito próximo do prana dos iogues ou ainda do ki e do ch'i dos taoístas. Mana pode ser traduzido como "força". É um poder espiritual peculiar aos deuses e aos ancestrais. O xamã que possui o mana afirma sua personalidade. Ainda hoje, quando se fala de um tahua no Taiti, costuma-se dizer "Ele tem o mana", ou, ao contrário, "Seu mana diminuiu". Esta força afirma uma personalidade, caracteriza um líder, um chefe. Ela não se aplica unicamente aos xamãs, mas também aos Arii e aos Aito, os chefes de guerra. Nas grandes famílias polinésias, cuja genealogia confunde-se com a mitologia, o mais velho era depositário do maior mana, pois se achava mais próximo da ascendência divina.

- Mas como obter o mana? - pergunto a Raymond. Ele me encara e diz:

- Tu tomas a força de linhagem dos ancestrais, fazes com que ela chegue aos deuses, e eles a enviam de volta para ti, dentro de tua barriga. É uma força triangular que podes fazer jorrar sobre o mundo exterior para realizar tua vocação.

No começo do século XIX, os missionários dedicavam-se não apenas a evangelizar os havaianos, mas também a erradicar sua religião e cultura, que eram baseadas nos ritos xamânicos huna e veiculadas pelos xamãs kahuna (Ka, os guardiães, Huna, o segredo). Na década de 1900, praticamente não existia mais nenhum; os últimos tinham-se refugiado no âmago das florestas tropicais do Havaí, Kauaí ou Molokaí.

Este ensinamento milenar teve a mesma sorte que o dos druidas, com a chegada dos invasores romanos e em seguida cristãos, e o dos ameríndios, quando da conquista do Oeste no século XIX. Os kahunas foram declarados fora-da-lei desde os primeiros dias pelos missionários cristãos e viram-se constrangidos a ensinar e praticar seus rituais escondidos. Eles utilizavam o mana para fins terapêuticos e conheciam as técnicas de telepatia, assim como os rituais baseados em preces que lhes permitiam ver o futuro, andar sobre o fogo e levantar os tiki, as estátuas de pedra. Ainda existe em nossos dias um xamanismo polinésio? Um grande número de obras respeitáveis e documentadas foram consagradas às antigas tradições. Mas os rituais, as cerimônias e as preces dos mame desapareceram. Como se a sweat lodge, a Busca de Visão ou a Dança do Sol dos ameríndios não existissem mais, senão nos livros dos antropólogos, dos etnólogos e dos lingüistas. A experiência do vivido faz falta. Questionada a este respeito, Linda, a gerente da livraria Les Archipels em Papeete, respondeu-nos:

- É um livro que precisa ser escrito.

3 - OS ESTADOS DE CONSCIÊNCIA XAMÂNICA

A emergência do xamanismo

Na metade dos anos 60, o xamanismo interessava fundamentalmente aos especialistas da psicologia transpessoal - uma disciplina de vanguarda que procurava estudar os estados de consciência mística veiculados pelo conjunto das tradições da humanidade. Para os antropólogos, etnólogos e historiadores das religiões, o xamanismo era uma forma primitiva de religião, suplantada e superada pelas culturas hierarquizadas modernas.

Há cerca de vinte anos, os livros de Michael Harner e Carlos Castaneda (especialmente este) abriram a consciência de indivíduos em busca de desenvolvimento pessoal e espiritual para as idéias, crenças, inspirações e experiências diretas dos xamãs. Rendamos igualmente homenagem aos trabalhos dos pioneiros que foram Claude Lévi-Strauss, Mircea Eliade e Joseph Campbell, assim como aos relatos de curandeiros como Corvo Ingênuo,Alce Negro, e ao maravilhoso livro de Frank Waters sobre a espiritualidade hopi. Esta evocação não é exaustiva, muitos outros contribuíram para nos fazer penetrar na sabedoria das tradições xamânicas ameríndias.

Escritos mais recentes, como os da psiquiatra russa alga Kharitidi sobre o xamanismo siberiano, do médico americano MarIo Morgan sobre os aborígines australianos, ou ainda de Ann Andrews, chamaram a atenção do público ocidental para a medicina tradicional das almas. Wilma Mankiller, chefe principal da nação cherokee, publicou sua autobiografia e a história complexa de seu povo, enquanto Carolyn Niethammer relata em Daughters of the Earth a vida e as lendas dos índios norte-americanos.

Na Europa, Mario Mercier, desde fins dos anos 70, sensibiliza o público francês para a vivência do xamanismo siberiano. Uma década mais tarde, Brian Bates nos fez mergulhar novamente na Inglaterra do século VII com o devaneio imanente, a magia onipresente e a epopéia xamânica anglo-saxônica.

Desejosas de reatar com a tradição xamânica e ajudá-la a voltar a tomar-se uma autêntica via de transformação, cada vez mais pessoas exploram seus estados de consciência para alcançar o conhecimento e a sabedoria do mundo oculto atrás do mundo. Desde fins dos anos 80, esse "neoxamanismo" ancora-se na sociedade ocidental, especialmente na América do Norte, onde muitos buscam suas raízes tradicionais. a recurso aos cantos sagrados acompanhados de instrumentos de percussão, chocalhos e tambores, ou aos "animais totens" descobertos por meio de viagens em níveis de consciência diferente, voltaram a tornar-se práticas bastante correntes.

Todas as culturas provavelmente tiveram, num momento ou outro de sua história, uma abordagem xamânica da existência, e algumas ainda o têm. Diversas publicações atuais ajudam-nos a restaurar as tradições de sabedoria do mundo inteiro. Os ensinamentos revelados por essa iniciativa são a herança comum daqueles que apreendem a via xamânica como um caminho para a sabedoria interior e a harmonia entre povos e nações.

No mundo ocidental moderno, as raízes xamânicas tradicionais desapareceram. Nosso terreno cultural permite-nos ainda reimplantá-Ias com alguma chance de vê-Ias desenvolver-se e produzir frutos? Hoje, um número cada vez maior de indivíduos conscientes das realidades ecológicas, sociológicas, religiosas e espirituais percebe que o xamanismo foi a primeira chave que permitiu ao ser humano compreender seu meio ambiente e viver em harmonia com ele.

Até o fim dos anos 60, 2 partidários obstinados da velha escola continuaram a afirmar que o xamanismo seria uma doença mental. Desde os anos 70, porém, um novo discurso apresenta o xamã não apenas como um criador de ordem, mas também como um especialista de "ofícios" tão variados como a medicina, a farmacologia, a botânica, a sociologia, a advocacia, a astrologia, a liderança religiosa. Quando a antropologia estrutural alcançou o estatuto de ciência, os antropólogos esforçaram-se por encontrar a ordem na desordem, e o xamã tomou-se um criador de ordem. Em 1951, na época em que Claude Lévi-Strauss transformava o xamã louco em psicanalista criador de ordem, Mircea Eliade, uma das principais autoridades em matéria de história das religiões, publicou o já agora clássico Le Chaman et les techniques archai'ques de l'extase.

Essa obra continua sendo a única tentativa de síntese mundial sobre o tema. Eliade reuniu semelhanças extraordinárias nas práticas e nos pensamentos dos xamãs do mundo inteiro, assim como Joseph Campbell, o famoso mitólogo falecido no final dos anos 80. Os técnicos do êxtase especializam-se, de fato, num transe durante o qual seus sentidos e sua alma deixam supostamente o corpo para fazer incursões celestes ou infernais. Todos evocam uma escada, um cipó, uma corda, uma escada em espiral, uma escada de corda que religa o céu e a Terra, utilizados por eles para atingir o mundo dos espíritos. Todos consideram que tais espíritos vieram do céu e criaram a vida sobre a Terra.

Por que assistimos atualmente a uma tal retomada de interesse pela mais antiga via de descoberta espiritual da humanidade, que é o xamanismo? Creio ter condições de adiantar que essa responsabilidade pode ser creditada às religiões, que se hierarquizaram, esquecidas de que haviam, todas, começado como uma experiência espiritual. O xamanismo, tanto em sua forma mais primitiva quanto na mais moderna, recupera o aspecto democrático da vida espiritual: as forças sutis da Natureza manifestam-se em níveis de experiências espirituais. Cada dimensão da realidade está disponível àquele que realiza o esforço de aprender a prática da viagem e os diferentes meios de consegui-Io. Assim, a via xamânica permite ao indivíduo viver uma experiência direta, sem a intermediação das estruturas impostas por uma Igreja ou uma doutrina.

As diferentes imagens relativas a este eixo central formam um tema comum, que Eliade chamou de “axis mundz” ou eixo do mundo. Segundo ele, este eixo permite alcançar o além e o saber xamânico, porque existe uma passagem reservada normalmente aos mortos, pela qual os xamãs, no entanto, conseguem passar ainda vivos. Este acesso é não raro guardado por uma serpente, um dragão ou um animal mítico. Para Eliade, o xamanismo é o conjunto das técnicas que permitem negociar tal passagem, atingir o eixo, adquirir o conhecimento que lhe está associado e trazê-Io consigo para praticar profecias ou curas.

Que viagem! Para o xamã, o mundo é inteiramente vivo, pessoal, sensível, destinado a ser conhecido e utilizado. Ele bebe nessa via de exploração os principais potenciais que o ajudarão a curar, e a reanimar ou trazer ao mundo profano os poderes transformadores do tempo e do espaço sagrados. Além disso, sua faculdade de gerar seus estados de consciência permite-lhe servir de ponte entre a realidade ordinária e os planos transpessoais. No entanto, é preciso distinguir esses estados alterados da consciência (induzidos pelo tambor, o canto, o isolamento em meio à Natureza, a ingestão de plantas) 4 dos estados alterados da consciência estudados em psicologia. Com efeito, a viaxamânica exige tanto engajar-se na dissolução do ser quanto penetrar no caos de maneira consciente.

Durante a viagem xamânica, psique e cosmos se juntam; o xamã torna-se então a via de acesso para as forças da Criação ou para as forças intrapsíquicas. O talento e a disciplina requeridos para assumir relações tão especiais devem ser imensos - o que

explica o respeito em que permaneceu o xamã durante milênios. Assim, desafiando o tempo e as fronteiras culturais, a verdadeira tradição xamânica continua viva hoje e preserva tanto seu método quanto sua imagem.

(Eles são chamados estados de consciência xamânica (ECC) por antropólogos como Michael Harner.)

As tradições xamânicas não foram realmente levadas a sério pelas nações ocidentais industrializadas, ainda que os xamãs tenham desenvolvido, há séculos, modelos sofisticados de comportamento humano. Além disso, muitos demonstraram certa aptidão para adaptar-se à tecnologia e à medicina ocidentais, enquanto estas nunca incorporaram a menor prática xamânica. Mas a situação está evoluindo. No Brasil, centros de tratamento alternativo propõem uma mistura de práticas médicas ocidentais e xamânicas tradicionais. Não é menos verdade que o desconhecimento das tradições e os preconceitos para com as populações tribais privaram a maioria dos universitários e dos centros médicos e científicos ocidentais das riquezas xamânicas.

Já não nos recordamos que esses homens e mulheres foram os primeiros médicos do mundo, os primeiros a fazer diagnósticos, os primeiros psicoterapeutas, os primeiros religiosos, os primeiros mágicos, os primeiros artistas e os primeiros contadores de histórias. Ora. eles constituem uma comunidade de profissionais mágico-religiosos que alteram deliberadamente a consciência para obter informações do "mundo dos espíritos". E utilizam esse conhecimento e poder para ajudar ou curar os membros de sua comunidade e até mesmo a própria comunidade em seu conjunto.

Os xamãs viviam outrora no seio de tribos de caçadores, de colônias de pescadores, de comunidades agrícolas, e hoje os encontramos nos centros urbanos (Wallace Alce Negro mora em Los Angeles). Os universitários, antropólogos e etnólogos que mostraram interesse por esses seres particulares constataram que eles começam sua atividade de modo variado, de acordo com as tradições de cada tribo. Alguns herdam sua autoridade e competência dentro da própria tradição de sua família. outros as ganham, ou compram. Alguns trazem um sinal de nascença – um dedo ou um arte lho a mais, um comportamento particular (de natureza epiléptica) - que determina seu papel social. Outros são convocados por espíritos ou animais de poder por meio de sonhos ou devaneios. Existem aqueles que sobrevivem a uma doença grave e vêem em sua própria cura um aviso para se dedicarem aos outros. Não é incomum que vários desses fatores se combinem para trazer o futuro iniciado ao caminho.

Entre os esquimós, é preciso sonhar com espíritos para ser convocado ao xamanismo. Quando um deles se manifesta em sonho, o sonhador cospe sangue, cai doente e foge ao convívio do grupo. Uma vez sozinho, encontra um *tunerak*, que se parece com um ser humano, mas na verdade é um espírito. O tunerak logo toma posse do indivíduo e pede-lhe, por exemplo, que ande nu. Pouco a pouco, entretanto, o xamã eleito começa a ganhar controle sobre o espírito; a partir de então, fabrica um tambor e começa a assumir o papel que lhe cabe.

Em certas sociedades, não há período de aprendizagem específico, enquanto em outras o processo dura vários anos. Os "mestres" podem ser xamãs mais velhos e até mesmo espíritos guias (animais de poder, almas de defuntos, espíritos da Natureza). Estes ministram suas

instruções por via dos sonhos do discípulo. Eles ensinam especialmente o contato com as almas dos defuntos, a arte do diagnóstico, o tratamento das doenças, a interpretação dos sonhos, a prática da psicoterapia, os métodos para rechaçar os inimigos do clã ou da tribo, o domínio das técnicas de alteração da consciência, a arte de profetizar, a supervisão dos rituais xamânicos e o domínio do clima. Nem todas as tribos conferem o conjunto dessas funções ao xamã, mas existem semelhanças notáveis entre as diferentes sociedades xamânicas.

O papel principal do xamã é servir de mediador, de intercessor entre o sagrado e o profano, entre nosso plano físico e o além.

Neste período de ressurgência do xamanismo, observamos que os técnicos do êxtase não pertencem unicamente ao passado; eles sobreviveram em diversas tradições mais ou menos preservadas. Claro, atualmente são poucos os xamãs tribais, da mesma forma que praticamente desapareceram aquelas sociedades nômades que viviam exclusivamente da caça. O sonho de uma idade de ouro atrai muitas pessoas para o xamanismo, principalmente entre os ocidentais. Os mitos xamânicos falam de um tempo em que o homem e a Natureza viviam em harmonia perfeita. As condições de vida atuais explicariam essa necessidade de um retorno às fontes esquecidas das antigas tradições da humanidade.

Mircea Eliade, evocando as manifestações do sagrado, falava de uma realidade que não pertence a nosso mundo, mas que se manifesta em objetos que fazem parte integrante de nosso mundo natural profano.

Foi preciso esperar a segunda metade do século XIX para que o xamanismo se tornasse um assunto de estudo acadêmico. Antes, nosso conhecimento limitava-se a relatos parciais e tendenciosos de viajantes e missionários, que acabavam nos oferecendo seu próprio sistema de pensamento. Sofríamos sobretudo, no entanto, de uma carência de estudos experimentais.

Nestes últimos anos, porém, os xamãs começam a falar de suas tradições e rituais e da maneira como vêem o mundo. Para dizer a verdade, a cooperação entre estudiosos e xamãs (Wallace Alce Negro e William S. Lyon; Thomas E. Mails e Corvo Ingênuo etc.) mostrou que o serviço destes são necessários quando a relação entre o homem e o Universo encontra-se enfraquecida e até mesmo rompida. Esses seres investidos, mais próximos da fonte, são novamente chamados para servir como mediadores entre o sagrado e o secular.

Para compreender a natureza do xamanismo, devemos incluir outras dimensões em nossos modelos espácio-temporais clássicos de três dimensões. Cessemos de nos extraviar limitando nosso campo de percepção e nosso conhecimento. Nosso modelo de pensamento atual não permite aceitar, e menos ainda explicar, os fenômenos sobrenaturais. Ele nega, por exemplo, a existência do sobrenatural porque este não corresponde à visão dinâmica da Natureza.

Ora, a recente aproximação entre a ciência e a tradição demonstrou que o fenômeno xamânico não tem nada de sobrenatural. Se assim parece, é porque a ciência material procura integrá-lo em seu quadro de pesquisa. Hoje, porém, que a ciência tem elaborado estruturas mais abertas, os físicos começam a dar-se conta de que o Universo tem mais de três dimensões e que o xamã, mediador entre o sagrado e o profano, já trabalha sobre essas outras dimensões há vários milhares de anos.

Procuremos ter uma abertura maior de espírito e evitemos projetar idéias preconcebidas sobre tudo o que diz respeito ao xamanismo. Se quisermos compreender essa via e enriquecer o conhecimento de nós mesmos e do mundo, deveremos encarar novas idéias e atividades por

iniciativa própria.

O interesse atual pelo xamanismo parece ligado a uma tomada de consciência da necessidade de ampliar a visão do mundo ocidental, cujas limitações são particularmente sensíveis no campo da medicina e da psicoterapia. Em física, o princípio da incerteza de Heisenberg demonstrou que, sendo possível medir a característica de um objeto em movimento, é impossível medir simultaneamente suas outras características. Vêem-se desde então revistas acadêmicas dedicarem um número maior de artigos a abordagens pluridisciplinares e multidimensionais.

O sagrado é um elemento inerente à estrutura da consciência - não é um estado de consciência nem uma parte do conteúdo da consciência humana. Um desafio maior da época atual consiste em descobrir novas vias para reativar este elemento em nossa cultura, que amplamente ocultou tudo o que concerne ao espírito, ao sagrado e ao místico.

A principal dificuldade reside na obrigação implícita feita ao xamã de falar nossa "língua". Ora, é-lhe quase impossível traduzir o sagrado em termos compreensíveis para o profano. Os iakutes da Sibéria utilizam uma linguagem poética de pelo menos 12 mil palavras, enquanto o ocidental médio possui um vocabulário de aproximadamente três mil palavras. Além disso, muitos profetas foram incompreendidos por seus contemporâneos, e às vezes são necessários vários séculos para decifrar uma mensagem sagrada, como é o caso, por sinal, do calendário maia e das tabuinhas Rongo-Rongo da ilha de Páscoa, que ainda não foram decodificadas. Os xamãs, em compensação, devem resolver problemas pragmáticos correntes e, portanto, encontrar o meio de fazer-se compreender por seus clientes contemporâneos.

De nossa parte, devemos encontrar novos exemplos para reestruturar nossas vidas. O salto de uma interpretação mitológica da realidade para uma concepção racional é considerado como a principal virtude da herança intelectual grega. Desde o século Va. C., filósofos jônios estabeleceram uma distinção entre conhecimento e crença. "Nenhum homem teve ou terá jamais um conhecimento seguro dos deuses; ainda quando tenha a chance de atingir a verdade exata, não saberá que a atingiu." O filósofo Parmênides sugeria que os homens não deviam confiar em seus sentidos, mas submeter tudo à razão.

Há dois mil anos, o Verbo entrou em cena e fez desaparecer o mito. A ciência e a razão repousam sobre a objetividade, quando, para o místico, a realidade é unidade - uma unidade da qual o ser humano faz parte. A abordagem mística é por natureza subjetiva, e por isso mesmo representa um desafio à objetividade. Assim, é-nos difícil compreender que cada indivíduo é ao mesmo tempo único e intimamente conectado a cada um de seus semelhantes. Cientistas e teólogos tentam resolver esse dilema desde que se consumou o divórcio entre ciência e religião. Aliás, o cristianismo afirma que Deus está separado do homem e que assim ficará para sempre. Ensinaram-nos que podíamos considerar Deus uma fonte de salvação, mas que de modo algum teríamos condições de ser Deus.

A mecânica quântica aparece num momento em que o Lagos, o Verbo, começou a desacreditar o conhecimento conceitual. Os xamãs nunca perderam a confiança em seu elo com o sagrado; sempre conseguiram sobreviver num mundo incrivelmente cético. O problema maior é que os "espíritos objetivos" nunca sentiram, e ainda menos expressaram, as limitações inerentes às conclusões espirituais. O enriquecimento do saber mascarou as grandes zonas de vazio que ele no entanto revelava dentro do indivíduo. Não estamos conscientes de que as pequenas velas que

brilham em nós podem mostrar-nos a imensidáo do Universo. Se as terapias transpessoais e o recurso aos estados de expansão da consciência tiveram tal sucesso, isso se deve ao fato de buscarem abordagens espirituais similares às utilizadas pelos xamãs. Abraham Maslow, um dos pais da psicologia transpessoal, já dizia há várias décadas que o equilíbrio entre espontaneidade e controle varia em função do estado de saúde da psique e do mundo.

A espontaneidade pura é difícil porque vivemos num mundo regido por suas próprias leis materiais; é impossível conservar o controle puro porque pode provocar a morte da psique. A educação deve, portanto, visar tanto ao controle quanto à espontaneidade e à expressão. Em nossa cultura, e no atual estágio da História, é preciso repor o equilíbrio em favor da espontaneidade, da expressividade, da aceitação, do desprendimento, da confiança em processos outros que a vontade, o controle e a criação premeditada. A passagem do conceito de uma consciência sadia a uma irracionalidade igualmente sadia leva à realização dos limites do pensamento puramente abstrato, verbal e analítico. Se quisermos, um dia, ser bem-sucedidos em descrever o mundo em seu conjunto, devemos prever um lugar para os processos primários arquetípicos, metafóricos, inefáveis, e para a expressão intuitiva; isso vale também para a pesquisa científica.

Em 1986, um mestre sufi marroquino, Jabrane, com quem estudei, sustentava que os sufis já estabelecem, há séculos, a distinção entre a realidade observável e o mundo invisível. Se nos deixarmos seduzir pelo mundo de imagens múltiplas, passaremos ao largo do objetivo essencial da vida.

Podemos pedir aos xamãs que nos ensinem estilos de vida alternativos ou, pelo menos, que facilitem liberações emocionais e físicas por meio de rituais apropriados.

O modelo holográfico de Bohm sugere que todos os elementos estão intimamente ligados no Universo. Isso implica uma pluri-dimensionalidade. Nossos sistemas culturais afirmam que existe uma diferença fundamental entre o espírito e a matéria. A ordem explícita é o domínio material ordinário, e a maioria das pessoas que operam neste nível não está consciente da existência de uma ordem implícita ou de um universo interior. Quando nossos pensamentos saltam para este último, para a ordem implícita, não observamos mais a menor separação.

Convém todavia reparar numa diferença fundamental entre os místicos tradicionais e os xamãs. Os primeiros contemplam há séculos aglobalidade em todas as coisas; osxamãs deram um passo suplementar ao modificar a dinâmica dos processos de vida e projetar essa modificação no mundo exterior, ou seja, na ordem explícita. Vivemos numa zona crepuscular de realidade não desenvolvida mas "facilitada" pelos xamãs de maneira criativa. Em biofísica, o vivente é comparado a um laser que ressoa a freqüências particulares, impostas pelo meio ambiente. O estudo do processo universal de um raio coerente a freqüências extremamente baixas (ELF) ajuda-nos a elaborar um guia útil para entrar em ressonância com as formas de vida que governam os processos de cura.

Desde que comecemos a perceber o quanto estamos prisioneiros de padrões científicos, podemos permitir que nossa capacidade criativa seja estimulada bem além das limitações que impomos ao nosso ser. O físico inglês David Bohm dizia, nos últimos anos de sua vida, que o holomovimento representa uma nova ordem que começa não nos campos de energia ou nas partículas elementares, mas antes numa totalidade indivisa da realidade. Os xamãs conhecem a abundância contínua de todas as coisas na natureza e acreditam na existência de uma tela

invisível de poder à potência infinita. Do mundo dos espíritos, todas as formas físicas são ajudadas e infusas por essa energia universal que passa de uma vertente da realidade a outra. O homem e a mulher da rua sabem mais sobre os novos modelos de pensamento que os acadêmicos ou os políticos.6 Sua intuição leva-os a defender valores ricos de sentido: agir numa escala mais humana, comunicar-se com a Natureza em vez de querer dominá-la. Assistimos atualmente à emergência de um grande conhecimento que sempre esteve presente em estado latente; acredito que a chave do porvir reside na experimentação direta.

As experiências xamânicas são doravante comparáveis às experiências científicas. Assim, são realmente as experiências que permitirão aos seres humanos comunicar-se para além das culturas e dos sistemas religiosos. Não existe mundo objetivo "lá fora", mas simplesmente um processo de conhecimento. Criamos o mundo por meio da linguagem e da consciência - termo que poderia significar "conhecer juntos", tratando-se, portanto, de um esforço coletivo. Se modificarmos nossa visão do mundo, criaremos uma realidade diferente.

Nesta ordem de idéias, o xamanismo seria uma concentração de conceitos e de técnicas psíquicas que, ao longo das idades, foram desenvolvidos por um grupo particular, por povos de caçadores que se espalharam em cada continente. Numa época em que o ser humano se sentia inevitavelmente inferior ao meio ambiente, ele tentou entrar em harmonia com aquele, e escutar as mensagens dos povos mineral, animal e vegetal, com isso enriquecendo sua força psíquica. Todavia essa aptidão acabou por perder-se ou, mais exatamente, por refugiar-se entre indivíduos particulares: os xamãs.

Estrutura do universo xamânico

A estrutura do Universo é sempre percebida de maneira muito semelhante pela consciência xamânica, qualquer que seja o lugar ou a época. Assim, o Universo seria formado de três níveis - o céu, a terra e o mundo subterrâneo - religados entre si por um eixo central. O saber e a técnica do xamã dizem respeito às maneiras de deslocar-se de uma região para a outra. Seu conhecimento é-lhe particularmente útil quando o leva a compreender o mistério da comunicação entre esses níveis, ou seja, a passagem, representada na realidade por uma abertura ou um buraco (não raro descrito como uma coluna de tenda), pela qual descem seres sublimes ou animais guardiães, que a alma do xamã pode tomar emprestados para comparecer ao céu ou descer ao mundo subterrâneo.

Este eixo do mundo, que é localizado mas simboliza o próprio centro das coisas, representa para o xamã o lugar onde se manifestam o espaço e o tempo sagrados. Essa capacidade para viajar entre os níveis constitui sempre a prerrogativa do xamã no seio das culturas tradicionais. Ele sabe como elevar-se pela abertura central, como ter uma experiência mística concreta. Em outros termos, a coluna central da casa, ou orifício superior da tenda, significa para a comunidade que o espaço e o tempo locais estão prontos para acolher o espaço e o tempo sagrados. Em conseqüência, os indivíduos podem dirigir aos seres sagrados preces e oferendas. No entanto, para o xamã, este local sugere também um itinerário místico e o ponto de partida da grande viagem.

Outro aspecto encontrado freqüentemente nas culturas xamânicas é a recordação daquilo que se pode denominar como o "mito do mundo". Numerosas culturas têm conservado fragmentos de mito sob a forma de histórias e de escritos, especialmente o relato do Dilúvio feito tanto pela Bíblia quanto por antigos mitos iroqueses. Mas o que há de notável na tradição xamânica é a constância dos temas narrativos que ela soube preservar, a despeito da variedade das raças, das culturas e das regiões geográficas. Como se o mito xamânico veiculasse uma gnose esquecida.

Notável nessa visão universal é ela descrever um mundo arcaico - ou, mais precisamente, uma seqüência de mundos - muito diferente daqueles que os historiadores encontraram ou que os antropólogos reconstituíram. O Dineh Bahané - a Bíblia dos navajos - ou o livro dos hopis, que relatam a emergência através dos mundos sucessivos, reconstituem perfeitamente essa epopéia.

Se se considera a fenomenologia do mito do mundo, observa-se que na maioria das versões a primeira manifestação de vida humana dá prova de uma idade de ouro, de luz, abundância, harmonia e ternura, banhando-se num perpétuo verão. O céu era permanentemente ocupado por um grande objeto luminoso, aparentemente estacionário, chamado" ovo cósmico", para o qual dirigiam-se a devoção e a admiração dos homens. O planeta era ligado a essa entidade luminosa por uma escada de cordas, uma escada comum, uma árvore, uma montanha, uma coluna, um mastro ou uma corda, considerados como o axis mundi, como o centro do mundo. Em numerosos mitos, anjos e seres divinos particulares subiam e desciam ao longo desse eixo.

Depois, na maior parte dos relatos, a história muda e evoca o fim catastrófico dessa idade de ouro. Tal fenômeno acarreta o desaparecimento da grande luz, bem como um dilúvio, um incêndio em escala planetária, violentos abalos sísmicos, maremotos, grandes desabamentos e uma obscuridade prolongada; entre os dilúvios marcam-se longos períodos de calmaria, formando uma sucessão de idades, cada qual mais dura e desagradável que a precedente.

Encontramos aqui a gesta do Mahabharata, a involução progressiva da humanidade ao longo de quatro idades chamadas yuga na tradição sânscrita ou ainda o desaparecimento da Atlântida.

Parece que certos aspectos desse mito encontraram um eco científico na teoria das catástrofes defendida por especialistas como Immanuel Velikovsky para explicar as modificações da Terra e seus efeitos sobre a consciência. Ressalta de tais indícios fornecidos pela ciência, pelo xamanismo e pelos mitos que esses cataclismos tiveram considerável repercussão sobre a consciência, sua fragmentação e o fato de que a vida do indivíduo acabou se vendo divorciada de sua fonte. Os antigos gnósticos fazem amargas alusões a um mundo no qual teríamos sido precipitados. sem o termos desejado. O filósofo alemão Heidegger qualifica nosso estado de entworfen, "precipitado" na existência.

Os cataclismos teriam rompido a consciência coletiva, de maneira que o espírito do homem não disporia mais de acesso, pelo menos em circunstâncias normais, aos pensamentos dos semelhantes. Conservamos entretanto a recordação de um trauma coletivo responsável pela cisão entre nossas percepções física e espiritual. Os antigos atribuíam espírito aos corpos celestes e às forças da Natureza, enquanto nós nos contentamos em qualificar essa crença de supersticiosa, de animismo e até mesmo de antropomorfismo. Na verdade, tal catástrofe provavelmente nos levou a buscar um isolamento mórbido, fazendo-os perder todo sentimento de comunhão com a Natureza, o planeta, os "deuses" e não se sabe que mais.

A psicologia moderna dedica-se, de maneira geral, ao tratamento das conseqüências dessa identificação muito rígida com a experiência vivida e suas alienantes estruturas de pensamento. Infelizmente, a grande maioria dessas abordagens psicológicas contentam-se em tornar o indivíduo feliz em sua prisão ou em criar-lhe outra mais otimista dentro da qual ele aprenderá pelo menos a amar o prisioneiro.

Tal cataclismo deu igualmente origem à cisão entre os diferentes níveis do eu e à perda da aptidão para comunicar-se, até então considerada como fácil, natural, ordinária. A comunhão profunda tornou-se cada vez mais rara e sua busca necessitou de imensos esforços. Essas especulações sobre o mito do mundo, suas conseqüências e sua importância na tradição xamânica justificam em parte o dom extraordinário do xamã, na medida em que afirmam que o poder de comunicação foi retirado de todos os homens, salvo dos xamãs e dos místicos, pois estes escolheram realizar um enorme trabalho físico, espiritual e psicológico, que consistiu em aventurar-se além dos véus que há tempo cobrem o corpo, o espírito e a alma.

O tempo continua sendo um enigma. Sua percepção tem sido inteiramente afomecida pelo cérebro esquerdo, tomando-se com isso uma fantasia linear. Contudo, em estados de consciência xamânica, o espírito libera-se dos entraves da ilusão e pode regressar ao tempo real, esse tempo universal dos xamãs que existia antes da Queda bíblica, antes do desaparecimento do ovo do mundo.

Visão xamânica do meio ambiente

Todos os povos tradicionais consideram o meio ambiente como sagrado, inteligente, habitado por um poder místico e dotado de uma vitalidade sobrenatural. O conceito nativo da terra (o Fenua dos polinésios) inclui fenômenos meteoro lógicos como o vento, a chuva, o ciclone, as nuvens, o trovão, a neve, o gelo; particularidades geofísicas como as cordilheiras, os rios, os

lagos, as lagunas, as quedas d'água, as fontes, os mares, os oceanos, os canyons e as formações rochosas; entidades não humanas como os répteis, os pássaros, os insetos e os mamíferos. O céu, o sol, a terra e certas constelações (especialmente as Plêiades, entre os hopis) são sempre considerados como sagrados.

O misticismo entre os ameríndios está fundamentalmente baseado no sentido da propriedade, no respeito ativo pelas potências naturais, na compreensão ritualística de uma ordem universal e de um equilíbrio harmonioso, assim como na crença de que a ação de cada indivíduo, seus pensamentos e seu comportamento contribuem para o bem-estar ou o mal-estar do Universo. Os seres humanos são instados a viver de maneira a preservar e a reforçar o equilíbrio, mas também a evitar a desordem (a doença, na visão dos navajos). Cada espécie tem um papel crucial a representar neste teatro cósmico.

Diz-se na visão tradicional que, se cada espécie se comportasse de acordo com sua razão de ser, o Universo funcionaria de maneira global e equilibrada. Se uma determinada espécie não cumpre suas obrigações para com Tudo-O-Que-É, o Grande Mistério, o Incriado, o Grande-Pai do céu, o Grande Pássaro Branco, cada qual sofre: humano, animal, vegetal, mineral, mas igualmente os seres dos reinos sobrenaturais. Os representantes das diversas tradições que tivemos a ocasião de conhecer esforçam-se, todos, por viver sempre dentro do sagrado, pois estão conscientes de que cada um de seus atos tem repercussões além do nível pessoal e psicológico - todas as coisas sendo sagradas e infusas pelo espírito.

Em sentido inteiramente real, o sonho é o que vivemos a cada instante, e, a exemplo de tantas outras culturas, os ameríndios acreditam que nossas tarefas cotidianas devem ter como objetivo tornar esta vida tão boa quanto possível. Os seres investidos são geralmente bem-dispostos para com aqueles que cumprem suas obrigações ordinárias com a consciência da natureza extraordinária da existência; demonstram, porém, menos boa vontade para com os que preferem permanecer inconscientes e desrespeitosos em sua vida cotidiana, ainda quando meditem e rezem com fervor.

Os ocidentais que estudaram os primeiros relatos sobre as experiências místicas ameríndias dali deduziram que elas eram pouco comuns, extraordinárias e caracterizadas por estados anormais de inconsciência. Trata-se de um ponto de vista errôneo. Para os ameríndios, os eventos sobrenaturais fazem parte da experiência normal e são mesmo esperados quando das cerimônias ritualísticas. É exato dizer que são raros os brancos que tiveram a ocasião de observar esses fatos, principalmente porque a consciência ocidental não se acha preparada para aceitá-los.

Para os povos tradicionais, a espiritualidade e o misticismo são realidades comunitárias. A comunidade e cada indivíduo que a compõe devem estar conscientes da obrigação do homem para com o espírito, assim como da relação que existe entre todos os seres para que a Natureza e as criaturas vivas possam prosperar. O doente tem a obrigação de curar-se, o fraco, de tornar-se forte, o egoísta, de compartilhar. Todos os membros de uma comunidade devem viver em harmonia e estar conscientes do poder e do mistério que os cercam.

Se os estados de consciência desperta são, no Ocidente, peculiares a uma minoria, entre os povos ameríndios diversas disciplinas e práticas foram desenvolvidas para permitir ao homem acolher a potência espiritual. Virtualmente, cada indivíduo é um buscador ou um santo. Entre as disciplinas correntes e geralmente julgadas indispensáveis à busca espiritual, citemos: o sonho, o jejum, a busca de visão, a purificação, a prece, a oferenda, a dança, o canto, a fabricação e a

conservação de objetos sagrados e o fato de levar uma vida variada de acordo com as leis da Natureza.

O curador ferido - O chamado da senda

O curador ferido é um termo genérico que define toda pessoa que tenha vivido um período de transformação - de morte-renascimento no sentido simbólico da expressão. Esta definição foi popularizada na década de 1980 por Joan Halifax, uma antropóloga norte-americana que estudava os estados de consciência xamânica.

É possível combinar a informação produzida por duas perspectivas totalmente diferentes. As culturas xamânicas tradicionais percebem o Universo como uma entidade viva; nossa cultura científica moderna classifica, analisa e nomeia todos os objetos percebidos no mundo exterior e os trata como entidades separadas. Na visão tradicional, o invisível constitui um nível de realidade. Para nós, ele é inexistente.

Embora a expressão curador ferido se encontre em todas as culturas xamânicas, nós o localizamos, sob uma forma velada, nas práticas médicas e paramédicas modernas. Ela implica uma transformação pessoal, uma crise existencial. O acontecimento desencadeador engendra no ser a sensação de achar-se investido de uma missão e de possuir um conhecimento inabitual da ordem oculta das coisas. A noção de curador ferido foi associada ao xamã, mas não necessariamente à curandeira ou ao curandeiro, ao psicoterapeuta ou ao ortopedista. Os xamãs são indivíduos que possuem o dom de visão interior da condição humana e que atingiram um nível de sabedoria que diz respeito ao espírito. É neste estado de consciência que vão preencher sua vocação de cura.

Os xamãs aparecem nos tempos antigos como sábios capazes de predizer a direção a ser tomada pela vida tribal. Homens e mulheres possuíam tais qualidades na Idade Média e no Renascimento, e hoje podem ser encontradas na fronteira de domínios como a medicina, a psicologia e a religião.

Nas culturas que reconhecem o papel fundamental do xamã, o curador potencial atravessa um período iniciático que afia sua sensibilidade e sua visão interior. Pode acontecer que esta se manifeste de maneira inesperada, como no caso de Nicholas Alce Negro: uma grave doença levou-o às portas da morte. Em outras circunstâncias, o discípulo pode engajar-se numa busca de visão impondo-se uma privação sensorial até que seu espírito esteja liberado da realidade convencional e possa alcançar o sobrenatural. Nesse momento, tanto sua missão de curador quanto as ferramentas para realizá-la são-lhe reveladas.

Tais acontecimentos podem ocorrer a indivíduos que exercem uma profissão médica ou paramédica. Uma doença grave, um aleijão sério foram o chamado iniciático de alguns profissionais da saúde. Para outros, o ferimento foi uma expressão de seu próprio sofrimento psíquico-. São a riqueza e a textura de nossas existências, assim como os elos emocionais criados em nosso trabalho, que tecem nossa fibra moral.

Ao longo de todos esses anos de pesquisa e de experimentação, percebi que cada entidade corpo-alma-espírito parece responder a flutuações ligadas à vida interior e exterior. Alimento há bastante tempo a convicção de que existe, ao lado da visão tradicional ocidental, outros modos de cuidar da doença que nos permitiriam conhecer melhor suas causas. A insistência xamânica em

perceber a doença em termos de desarmonia, medo e perda da alma é um deles. Assim, os xamãs sempre souberam que a doença é inevitável se a vida perdeu seu sentido para o ser ou se este olvidou seu senso de pertinência e conexão. Uma sensação crônica de medo dará origem a uma perda de amor, de alegria e de confiança - os fundamentos da saúde sem os quais a força da própria vida parece retirar-se pouco a pouco do corpo.

A medicina moderna identificou esses transtornos, mas os sintomas que ela percebe são talvez apenas o epifenômeno de problemas cruciais muito mais importantes. A perda da alma, considerada o diagnóstico mais grave na nomenclatura xamânica, é uma causa maior de doença e morte. Em nossa consciência ocidental, sequer consideramos uma situação como essa.

Quando os xamãs falam de perda da alma, referem-se a um ataque do núcleo inviolado que é a própria essência do ser humano - ela se traduz por desespero, desordens imunológicas, cânceres e um conjunto de transtornos diversos.

O desenvolvimento espiritual é uma capacidade de evolução inerente a todos os seres humanos. É um movimento para a globalidade, a descoberta e a utilização de seu próprio potencial. Para alguns, o desenvolvimento espiritual, o processo de transformação, a viagem do herói tornam-se uma "urgência espiritual". Durante essa crise, as mudanças internas são tão rápidas que se torna difícil para esses seres continuar a funcionar normalmente no cotidiano. Christina e Stanislav Grof{14} brincam com as palavras emergency (urgência), que sugere a idéia de crise acompanhando a transformação, e emergence (emergência), que sub-entende as fantásticas oportunidades que tais experiências oferecem em matéria de evolução pessoal, assim como a aparição e o desenvolvimento de novos níveis de compreensão.

Na psique humana não existem zonas precisas; o conjunto de seu conteúdo forma um contínuo de níveis e dimensões múltiplas. Por conseguinte, não se deve esperar que tais urgências espirituais se apresentem sob formas facilmente reconhecíveis. Alguns tipos de urgência espiritual possuem suficientes parâmetros e características para serem reconhecidos. Entre o conjunto dos processos de transformação, seis parâmetros foram identificados.

1**. Os episódios de consciência unitiva (experiência de ponta)**

Trata-se de uma categoria de experiências místicas caracterizada pela dissolução dos limites individuais e a sensação de achar-se unido com o meio ambiente, os outros, a Natureza, o Universo inteiro, Deus. É a consciência do Um.

2. O despertar da kundalini

Estudei com algum vagar, em obra precedente, o despertar desse fenômeno tão mal conhecido no Ocidente. Depois da publicação de Cura espiritual e imortalidade, recebi mais de 350 cartas que mencionavam os sofrimentos - e até mesmo a internação em clínicas psiquiátricas - de pessoas que haviam vivenciado um despertar malogrado da kundalini. Eis um exemplo concreto.

É quase uma hora da manhã. Colette, uma mulher de trinta anos de idade e esgotada pela jornada de trabalho, mas sobretudo por 12 anos de labor incessante. Ela e o marido, Jacques, têm um pequeno restaurante. Os negócios vão bem, mas os lucros dos primeiros anos foram devorados por empréstimos vultosos. Durante anos não tiraram férias, com exceção do dia em

que fechavam toda semana, mas mesmo assim dedicado às contas, às encomendas feitas aos fornecedores e uma que outra tarefa de pequena monta.

Jacques, de 35 anos, acaba de descer à adega para buscar uma caixa de vinho. Ao retomar, tropeça no último degrau e leva um tombo, sob os olhos aterrorizados da esposa. Acometido de um ataque cardíaco fulminante, ele morre no espaço de alguns minutos. A partir desse instante, Colette vai viver com dois acompanhantes que não a largarão mais - o sofrimento e uma pergunta: por quê?

Passam-se alguns meses de dor e angústia. Estranhos sintomas começam a acometer a pobre mulher: sensações de calor e de queimadura ao longo da coluna vertebral, movimentos automáticos e desordenados, zumbidos na cabeça e alucinações luminosas. Uma noite Colette vê-se flutuando acima da cama e observa seu corpo adormecido, parecendo um cadáver. Um domingo, membros de sua família fazem-lhe uma visita de reconforto. Sem que nada pudesse pressagiar tal comportamento, Colette é de repente presa de risos histéricos. Ela, que nada sabe a respeito de ioga, consegue fazer espontaneamente posições das mais complicadas (asanas). O médico de família é consultado e, com a concordância da paciente, ordena sua internação numa clínica psiquiátrica.

Desde o início os médicos administram-lhe ansiolíticos e antidepressivos, que erradicarão essas manifestações no mínimo estranhas. Ao cabo de algumas semanas, Colette naufraga numa grave depressão nervosa que duraria 18 meses.

Voltei a encontrá-Ia numa tarde de primavera, alguns meses depois desse longo período depressivo, e expliquei-lhe a razão do tornado que varrera sua vida após o falecimento do marido. Hoje está curada, mas conserva da época uma sensibilidade às emanações energéticas,flashes mediúnicos e um ressentimento particular pelo que é vivo, em seu sentido mais amplo.

Nem todas as seqüências de despertar da kundalini são tão dramáticas. Pode acontecer de as pessoas se sentirem envolvidas por uma aura de amor incondicional e perceberem a unidade da vida em todas as coisas. É o que Abraham Maslow chamou nos anos 60 de estado de consciência cósmica ou, mais exatamente, uma conexão direta com as possibilidades de sua própria consciência superior.

3. As experiências do coma superado (near death experiences)

A morte é um antiqüíssimo arquétipo no ser humano, e sua abordagem constitui um catalisador extremamente poderoso de despertar espiritual e de evolução da consciência. O simbolismo da morte será vivido por meio de uma separação, um divórcio ou uma mudança profissional. A perda de um cônjuge ou de um filho pode desencadear uma fase de morte simbólica durante a qual antigas estruturas psicológicas são varridas. Ao longo dos anos conheci muitos pais que perderam um filho, às vezes em idade de colo, e não raro observei que eles tomavam um caminho espiritual depois de um drama como esse.

4. A emergência de recordações de vidas anteriores

Que tais experiências representem ou não uma prova da reencarnação, nem por isso deixam de constituir um fenômeno psicológico importante, pois encerram grandes poderes de cura associados a um rico potencial de autotransformação. Ainda que no sentido clássico do termo não

se possa provar o fenômeno da reencarnação, milhares de depoimentos e de inquietantes relatos parecem confirmar sua realidade. Entre os povos tradicionalmente xamânicos, raros são os que expressam uma crença formal nessa possibilidade. Até onde sei, os shoshones do nordeste norte-americano acreditam na eventualidade de um regresso da alma sob uma nova forma física. Os outros povos não têm senão uma idéia vaga do pós-morte, pois vivem essencialmente o presente.

Acontece que material anterior a esta vida "emerge" espontaneamente por meio de exercícios de meditação (ioga ou zen). Um de meus amigos praticantes do zen sentia a garganta arranhar e doer durante suas meditações, o que o incomodava consideravelmente. Como perito em práticas de meditação, tentava entrar no incômodo para dissipá-lo. Mas sempre que o fazia era presa de uma angústia que lhe atava o plexo solar ao nível do terceiro chakra. Veio então pedir-me que o ajudasse a descobrir a causa do mal-estar, segundo ele um acontecimento de uma vida anterior que lhe escapava. Tinha razão, pois estava revivenciando na consciência uma vida dos tempos das primeiras cruzadas.

Nessa época ele fazia parte de um grupo de peregrinos armados que se achava assediado pelos sarracenos. Em pleno deserto e sob um sol de chumbo, os inimigos os obrigaram a formar um grande círculo, em cujo centro colocaram um tonel cheio d'água com a proibição de que fosse tocado. E esperaram. Ao cabo de várias horas, meio enlouquecido pelo sol e pela sede, um dos peregrinos precipitou-se para o tonel e bebeu. Logo lhe cortaram a garganta. Isso não impediu que um segundo peregrino fizesse a mesma coisa, bem como um terceiro. Tiveram sorte idêntica à do primeiro, da mesma forma que todos aqueles que não puderam reprimir a vontade de matar sua assombrosa sede. Este episódio particularmente sinistro da história das cruzadas é conhecido sob o nome de Aguersanguinis, o "campo do sangue". Depois da sessão, os arranhados na garganta do meu amigo e a difusa sensação de angústia desapareceram. Tratava-se realmente, portanto, de resíduos de uma vida anterior não muito enterrados na memória e que começavam a aflorar durante as sessões de meditação. Aproveito para assinalar aos iniciantes em meditação que é freqüente sentir afiorar à fronteira da consciência eventos de um passado anterior. São muitos aqueles que experimentam por isso um acentuado incômodo e logo interrompem suas sessões de meditação, acreditando-se à beira de uma ruptura mental. É justamente o que não se deve fazer, pois o precioso material corre o risco de ficar ainda mais recalcado no inconsciente. O dr. Morris Netherton, de Los Angeles, que praticou por muito tempo a terapia pelas vidas anteriores, afirma que a maioria dos problemas físicos sérios reencontrados por seus pacientes (úlcera, epilepsia, dores de cabeça fortes e freqüentes e mesmo alguns tipos de câncer) estavam ligados a vidas passadas. Todos os médicos e terapeutas que trabalham neste domínio confirmam suas pesquisas pioneiras. Eles concluem, como Netherton, que a reativação da recordação de eventos do passado que se acham na origem do mal-estar físico ou da doença geralmente acarreta um considerável alívio e até mesmo a cura.

Quando de um congresso em 1996, discuti longamente com o dr. Roger Woolger, um médico jungiano americano. Ele evocava os casos mais interessantes que tivera de tratar e que representam, em minha opinião, uma boa amostra dos problemas cármicos habituais. Como, por exemplo:

Uma moça que sofria de colite recorda uma existência passada de jovem holandesa assassinada com a idade de oito anos por soldados nazistas. A colite era uma expressão do terror residual da pequena no momento de sua execução.

Um homem que se queixava de uma dor crônica nas costas reviu uma morte em que ele agoniza, a coluna vertebral quebrada, esmagado entre dois vagões de trem (a cena se passa na década 1920). A dor diminui consideravelmente depois da sessão.

Um asmático que, além disso, sofre de freqüentes conjuntivites consegue trazer à consciência uma vida de monge na Idade Média. Acusado de ter levado toda uma aldeia a abraçar crenças heréticas, foi condenado a ver queimar-se a aldeia e seus habitantes. Seus olhos ficam cheios d'água e os pulmões sufocam por causa da fumaça.

5. O despertar de percepções extra-sensoriais

A emergência de aptidões paranormais é natural, mas pode revelar-se perigosa se os novos dados não forem compreendidos e integrados. Encontrei muitos médiuns que não sabiam que o eram - sua aparente fragilidade psicológica explicava-se por um ressentimento exacerbado contra as pessoas que conheciam ou por premonições não compreendidas.

6. A crise xamânica

Esta forma de transformação psicoespiritual reveste-se de uma considerável importância nas crises iniciáticas dos xamãs-curadores e dos líderes espirituais de numerosos povos aborígines. Contudo, tal experiência não é peculiar apenas às culturas ditas primitivas, e este tipo de relação direta com a Natureza - oceanos, rios, montanhas, corpos celestes - e com toda forma de vida foi observado em nossos dias entre europeus, americanos e asiáticos.

Se a progressão do processo de emergência não é entravado, se o domínio interno responsável pelo desconforto está autorizado a expressar-se livremente, se a pessoa aproveita conselhos apropriados, então o ser se conectará de novo ao cotidiano, beneficiando-se, além disso, de uma melhor compreensão da razão por que esses problemas aparentes eram indispensáveis ao seu desenvolvimento espiritual.

As cartografias modernas da consciência

Assim liberado de todo estímulo externo ordinário, o indivíduo acha-se em condições de experimentar estados de consciência muito diversos - prova de que o cérebro não está limitado pelos cinco sentidos e pode alcançar a criatividade, a transcendência e a revelação. O ser compreende que ao diminuir os estímulos externos - pela meditação ou qualquer outro meio (a música, especialmente) - pode projetar o cérebro ou a consciência em estados de extraordinária lucidez, de meditação profunda, de concentração e de contemplação.

O estudo das culturas de todas as épocas revela um interesse profundo dos homens pelos estados não ordinários da consciência. Todas as correntes de pensamento desenvolveram métodos visando a teorizá-los e a descrever as diferentes etapas da viagem espiritual. Esse conhecimento foi transmitido oralmente, de mestre para discípulo, de geração em geração, enriquecendo cada vez mais tal saber. No começo da era moderna, quando a ciência ocidental estava ainda balbuciando neste campo (séculos XV e XVI), a sabedoria dos antigos foi rejeitada e substituída por modelos da psique fundados numa filosofia estritamente materialista. Todavia, na década de 1960, um certo número de fatores sociais permitiu aterrar o pântano da compreensão psicológica do ser humano.

Um dos fatores-chave foi o interesse dos jovens pelas práticas meditativas orientais e a busca das raízes perdidas: experimentação de vias xamânicas, contato com os índios, retorno ao nascimento, à mãe e ao pai, desenvolvimento em laboratório{15} de técnicas de alteração da consciência, como o isolamento sensorial e o biofeedback.

Numa viagem que fiz aos Estados Unidos em 1996, conheci o dr. Green. Ele e sua equipe trabalhavam em experiências de superlucidez chamadas pudicamente "the copperwall experiment" ("a experiência da parede de cobre"). O sujeito fica sentado numa espécie de caixão de dois metros por três. À frente dele, atrás e no chão grandes placas de cobre enviam-lhe seu próprio reflexo - o sujeito torna-se assim uma espécie de condensador vivo.

A finalidade era provocar a ativação de potenciais adormecidos no ser humano normal, como a percepção dos corpos sutis e a telepatia. Experiência estranha, segundo a visão mecanicista, mas Elmer Green e equipe receberam durante sete anos quinhentos mil dólares de orçamento de pesquisa anual. Os relatos de uma nova geração de antropólogos sobre suas experiências pessoais no seio de culturas xamânicas e os estudos científicos sobre o coma superado forneceram novos desafios à psiquiatria e à psicologia tradicionais.

Vários pesquisadores dedicaram-se à exploração sistemática desses novos domínios e chegaram à conclusão de que a antiga sabedoria merecia ser reexaminada, ao passo que os conceitos científicos ocidentais - e as ideologias daí decorrentes - deviam ser revisados e ampliados.

Há uma expressão moderna que engloba todos os estados espirituais, místicos, religiosos, mágicos, parapsicológicos e xamânicos: a "experiência transpessoal".

A natureza notável da experiência transpessoal torna-se evidente quando a comparamos à nossa percepção cotidiana do mundo com os limites julgados normais e inevitáveis. No estado de vigília, nos percebemos como corpos materiais sólidos. É verdade que somos limitados em nossa percepção do mundo pela gama de nossos sentidos e pela configuração do meio ambiente. Nos estados transpessoais, todas essas limitações são superadas. Percebemos então a nós mesmos como um jogo energético ou um campo de consciência conectado a esta entidade viva - a Grande-Mãe Terra.

O mundo dos fenômenos transpessoais, tal como descrito por Stanislav Grof em diversas de suas obras, oferece um outro desafio.filosófico e intelectual. Engloba não raro, observa Grof, níveis e entidades que, no mundo ocidental, são considerados como fazendo parte de uma realidade "subjetiva": deidades, demônios e outras personagens mitológicas. Para aqueles que as vivenciaram, tais experiências são tão convincentes e reais quanto as experiências da própria vida cotidiana. É sobre isso que o mundo dos xamãs insiste tanto.

O leitor cético pode perguntar: por que essa importância toda aos fenômenos transpessoais? O fato de que a psique humana perceba tais experiências como subjetivamente reais não implica necessariamente que se trate de conexões autênticas com o Universo! Grof acrescenta que outro argumento dos céticos contra os fenômenos transpessoais é o de que eles seriam produtos arbitrários e vazios de sentido de cérebros perturbados por uma doença desconhecida. É verdade que o rico conteúdo do vivido provém de nossas memórias. Vivemos numa cultura em que nos achamos superexpostos a um afluxo enorme de informações em todos os campos por via dos jornais, revistas, televisões, livros. Tudo o que experimentamos é estocado em nosso cérebro

com muitos detalhes. Isso pode ser uma explicação razoável para aqueles que não têm um conhecimento senão superficial do fenômeno. Todavia um estudo sistemático das experiências de níveis não ordinários da consciência demonstra tratar-se de fenômenos extraordinários, que desafiam as concepções científicas ocidentais.

A despeito do avanço de certas pesquisas neste domínio, é claro ser ainda difícil para nós admitir que o corpo e o espírito possam estar tão intimamente ligados e interagir a tal ponto. Nosso modo de pensamento ocidental (e toda a filosofia clássica) por muito tempo considerou o corpo e o espírito como duas entidades separadas. Esse dualismo é o fundamento mesmo do pensamento cartesiano. Tratei extensivamente do assunto em meu primeiro livro e não voltarei a isso. Entretanto, vemos por toda parte as conseqüências danosas desse modo de pensamento e muito especialmente na medicina, em que coexistem, sem qualquer comunicação mútua, de um lado os médicos do corpo e, do outro, os psicólogos e os psiquiatras, supostamente encarregados de cuidar do espírito. As universidades, os colégios, os centros de pesquisa em medicina e em psiquiatria estão ou nitidamente separados ou divididos em departamentos estanques. Não há pesquisa comum nem confronto entre os resultados respectivos. E isso parece satisfazer todo mundo.

Esse dualismo corpo/espírito acha-se tão bem ancorado que os próprios psiquiatras, no espaço de um século, orientaram-se progressivamente para uma explicação puramente orgânica e bioquímica da psique humana, na qual qualquer pensamento ou qualquer sentimento encontram-se reduzidos a um processo químico e, mais geralmente, o próprio espírito aparece como um simples produto do cérebro.

Nota-se há alguns anos uma tentativa de aproximação entre essas duas metades da laranja que são o corpo e o espírito por meio de uma nova concepção: a psicossomática. Mas, em geral, a clivagem continua total entre os defensores do tratamento farmacológico das doenças e os adeptos de uma abordagem que leve em conta seu aspecto psicológico.

O xamanismo, com suas vias de exploração e seus métodos de experimentação direta da Natureza - visível e invisível-, representa um novo avanço na compreensão dos mecanismos que regem o ser humano e o Universo. Para os xamãs, o real é Uno. A unidade global é inteira. Muitos dizem que o homem enganou-se a si mesmo. Por sua cultura especialmente, que divide a vida em sujeitos e objetos, observadores e observados. Tomamo-nos assim seres separados, inaptos para compreender a unidade da Natureza e o ordenamento do Universo. Tal é o dilema: criamos em nós uma separação que realmente não existe. Nossa concepção do tempo tomou-se desde então limitativa e linear. Percebemos esse enigma como uma sucessão de momentos - passado, presente e futuro.

Uma das vias particulares que o xamanismo nos oferece é a busca de visão. Um ritual praticado desde as origens e no qual o ser humano encontra-se em face de si mesmo e de seu criador.

A busca de visão

Qualquer que seja a expressão utilizada para o que hoje chamamos de busca de visão, esta é uma prática tradicional muito antiga, encontrada em diversas culturas. Em cada sistema religioso, entre todos os povos da Terra, existe uma prática que consiste em isolar-se em meio à

beleza e à solidão da Natureza para entrar em contato profundo consigo mesmo e abrir-se ao Grande Mistério. Pode ser um xamã siberiano, um aborígine australiano, um lakota sioux jejuando sobre a Colina do Urso em Montana, um católico entrando em contato com o espírito de Jesus por intermédio do retiro espiritual; o espírito da busca de visão é idêntico para cada qual.

"Hambleche yapi, a antiga expressão lakota para a busca de visão - seria mais apropriado dizer "implorar uma visão", "crying for a vision" -, é uma tradição espiritual praticada há milênios num número incalculável de culturas tradicionais espalhadas pelo mundo. Cerimônias de busca de visão tradicional começaram a ser implantadas entre a população urbana ocidental há cerca de 15 anos, talvez em conseqüência de relatos de experiências de alteração da consciência descritas nos livros populares de John Neihardt ou Lame Deer. Qualquer que seja a fonte de inspiração, pessoas se sentem atraídas para a busca de visão na esperança de que esta via lhes permita transcender a realidade ordinária, lhes dê acesso ao sagrado e lhes permita, além disso, contar histórias.

A busca do alinhamento espiritual e o recurso ao jejum e ao isolamento sensorial sempre foram atos intemporais. Mas a experiência da busca de visão não é mais vivida da mesma maneira pela população ocidental moderna do que por seus ancestrais ou pelos povos tradicionais que a praticam sempre sob a forma cerimonial tradicional.

Eis duas narrativas que ilustram duas maneiras muito diferentes de viver uma experiência semelhante. A primeira diz respeito a um retiro que fiz no Sinai, a segunda, a busca de visão de um lakota tradicional do último século.

Retiro no deserto do Sinai - dezembro de 1995

Em dezembro de 1995, viajei até o deserto do Sinai, pois desejava refletir sobre a orientação a dar à minha busca pessoal e espiritual. Deixei o Cairo num velho ônibus abarrotado de egípcios, com exceção de um casal italiano e duas suecas que os beduínos devoravam com os olhos. Depois de sete horas de viagem em meio a uma paisagem monótona e uma parada mais do que bem-vinda, chegamos à aldeia de Santa Catarina, a algumas centenas de metros do monastério onde se pode ver a sarça ardente - foi aí que Moisés teria encontrado o arcanjo Gabriel quando de sua subida ao alto do monte e seu encontro com o Eterno.

A aldeia compreende algumas casas e hotéis simples mas confortáveis, que os israelenses construíram nos anos 70, quando esta região fazia parte dos territórios ocupados tomados ao Egito depois da guerra de 1973.

Estamos ao pé do monte Sinai. Não é um belo deserto de areia como as dunas do Saara, mas um conjunto de cascalheiras, vales e ravinas - o local é propício ao retiro e deve favorecer o debate com o mundo interior. O céu é granítico. Faz um frio seco nesta época do ano e as montanhas elevam-se como dedos apontados para um céu puro e sem nuvens. O Sinai foi ocupado pelos antigos egípcios e baixos-relevos rupestres recordam suas vitórias sobre as tribos dos beduínos da quarta à sexta dinastias.

Assim que cheguei, conheci Ahmed, um jovem beduíno bastante esperto, que seria meu guia pelos próximos dias - o contato tinha sido arranjado por amigos do Cairo a quem havia falado sobre minhas intenções.

Passei a primeira noite no hotel da aldeia a fim de me preparar para a solidão dos dias

seguintes. Decidido a dormir na montanha, equipara-me convenientemente - botas para a caminhada, mochila, boné e luvas grossas. Na manhã do outro dia, Ahmed veio buscar-me, e familiarizei-me com a vizinhança. Primeiro, uma visita ao monastério, ainda em plena atividade. A igreja mostrava-se simples, mas era poderosa a energia da prece gerada por dezenas de gerações de fiéis. Recolhi-me por alguns instantes diante da sarça ardente, que se parece mais com um arbusto - é realmente autêntico o vegetal, como clamam os painéis publicitários?

Depois da visita ao monastério, tive meu primeiro contato verdadeiro com a Natureza. Diante de mim erguiam-se os montes Moisés e Santa Catarina, com quase 2.500 metros de altitude.

Resolvi fazer o reconhecimento da região e comecei a subir o caminho que leva até as montanhas. A uma hora de marcha deparamo-nos com o entroncamento que conduz seja ao monte Moisés, seja ao monte Santa Catarina. Parei um pouco para uma pequena cerimônia. À maneira indiana, fiz a oferenda do tabaco às sete direções e pedi a ajuda e a proteção dos espíritos da Natureza ali presentes. Enquanto prosseguia a subida, sentia-lhes a presença, as rochas oferecendo as imagens deles gravadas para a eternidade - cabeças de falcões, de íbis, de macacos.

Uma hora mais tarde descobri um local propício para os próximos dias. Limpei o chão das pedras e instalei-me num viso rochoso. A paisagem era espetacular. Ali a alma só podia elevar-se para os céus.

Uma sonolência tomou conta de mim - tínhamos partido muito cedo, e Ahmed fora despachado por mim desde a saída do monastério. Pouco a pouco entrei numa busca de visão ocidental e adormeci sobre minhas coisas. Sentia esse sono como uma preparação de meu espírito. Precisava a todo custo reunir forças para a noite seguinte. Tínhamos combinado voltar a nos encontrar à hora do crepúsculo, meu guia e eu, pois ele desejava iniciar a subida do monte Moisés por volta das duas da manhã, para chegarmos ao cume a tempo de ver o sol nascente. Ali mesmo onde o profeta recebera as tábuas da Lei e concluíra a aliança de Jeová com Israel.

Ao acordar, fiquei imóvel e alimentei-me do silêncio ambiente, perturbado apenas pelo sino do monastério que subia até a montanha. Um pássaro aproximou-se e lancei-lhe uma migalha de pão. Tranqüilizado por minha calma, ele voltou várias vezes à cata de comida. A essa altura, pensei no povo de Abraão, que por ali passara havia tanto tempo. Os acontecimentos que se desenrolaram no Egito nessa época constituem um dos grandes enigmas da história. Entre tantos povos alógenos que habitavam o Egito, uma tribo, que rejeitava com desprezo o politeísmo local, conseguiu fugir da região e criar numa terra prometida um Estado independente baseado no monoteísmo. Mais tarde, esse pensamento único serviu de pedra angular a duas religiões maiores da humanidade: o cristianismo e o islamismo.

Ao cair a noite, fui ao encontro de Ahmed no vale, e por volta das duas da manhã retomamos a estrada. A subida é íngreme, e lamentei que Moisés não tivesse tido sua visão numa praia do mar Vermelho. Fizemos uma parada aí pelas quatro para beber chá quente oferecido por beduínos sonolentos e logo chegamos ao pé de setecentos degraus talhados grosseiramente na pedra. Seria o último esforço. No cume, esperava-nos uma cape linha.

Pensava que estaria sozinho, mas descobri um ajuntamento de coreanos barulhentos, alemães, italianos e alguns franceses. Apesar de tudo, o espetáculo era soberbo. Às seis horas, o horizonte fica avermelhado. Encontrei um cantinho tranqüilo, afastado dos demais, para admirar o nascer do sol.

Poderia agora entrar em meu mundo interior sem qualquer preparação especial. Senti uma paz profunda, que alguns pássaros por ali não perturbavam. Estava cansado, mas percebia, por meio desta introspecção, que o subconsciente desmaia sob o esforço físico. Finalmente, voltei a encontrar meu guia e descemos com o dia.

Uma busca de visão ameríndia é feita ficando-se quatro dias e quatro noites no mesmo local sem beber nem comer. Meu objetivo era passar uma dezena de dias na solidão, alimentando-me de um pouco de pão e bananas que Ahmed me traria de dois em dois dias.

Na noite seguinte tive sonhos estranhos - cenas da Segunda Guerra Mundial desfilavam diante da tela de minha consciência. Depois vi uma paisagem onde se desenhavam montículos de pedras de cerca de dois metros de comprimento e uma abertura em semicírculo. No interior, havia pessoas deitadas, como se estivessem dormindo. Um homem levantou-se, veio na minha direção e convidou-me a fazer o mesmo. "Compreenderás", disse ele, "quando teu corpo e teu espírito consciente estiverem adormecidos. A verdade do Gólgota, esta vitória sobre a morte, torna-se, pela contemplação do teu cadáver, uma parte da vida espiritual. A palavra humana é impotente para exprimir o não-ser. Seu verdadeiro rosto é o silêncio que penetra profundamente tua alma e a frutifica quando a palavra não faz mais que roçá-la."

Na manhã do quarto dia soçobrei num tormento emocional. Estava agitado, e a cólera subia em mim. Tentava analisá-Ia, trabalho perdido. Thdo era furor: eu, a vida, os outros, o mundo. Ao cabo de duas horas, percebi ter contatado um estrato de cólera nas profundezas de minha psique. A solidão e o silêncio eram os instrumentos que me permitiam cumprir esta arqueologia psíquica à qual me entregava voluntariamente. Pus-me a falar em voz alta. Meu espírito consciente incitava-me a meditar, a recitar preces de agradecimento, inutilmente. Encontrava-me sob o domínio de forças turbilhonantes projetadas por meu inconsciente e não compreendia que minha psique estava se liberando, de fato, de zonas comprimidas.

Levantei-me enfurecido e, como um monge louco, blasfemei em altos brados contra toda a Criação. Depois, tão subitamente quanto surgira, a cólera desapareceu, dando lugar a uma forte diarréia liberadora. Assim, evacuei as forças obscuras contidas em minhas superestruturas inconscientes.

A partir desse instante, e durante os dias que se seguiram, senti-me num estado de paz e de serenidade cujo néctar eu saboreava. O espírito podia analisar, sentir e fazer agir sem emoções mas com um sentimento de plenitude. Dei-me conta de que a meditação acrescentada ao silêncio interior é uma ajuda eficaz ao repouso do espírito. Em si mesma, porém, ela apenas age sobre a estrutura psicológica do ser - uma ponte sobre a qual os mestres espirituais modernos da Índia insistiram tanto. Quando a "massa crítica" é alcançada, o pensamento e o silêncio desaparecem talvez e o átomo interior se desintegra. Mas então o que permanece para poder dizer: estou desintegrado?

É o próprio conceito oriental da fusão do eu humano com o eu divino. Essa identificação é o denominador comum de todas as místicas ocidentais e orientais. Os Upanishads, escritos sagrados da Índia, proclamam: "AhamBrahâsmi" ("Eu sou o Deus Brahma"). Os místicos persas os seguem nessa via, e Mestre Eckhardt, místico renano do século XIV, se faz eco, no Ocidente cristão, desse antigo pensamento da Índia. Guiado por suas experiências místicas pessoais, ele foi o primeiro na Europa a reatar com o conceito do pensamento ilimitado.

Inteiramente diversa é a busca de visão ameríndia, na qual as forças e as representações da

Natureza são lições realmente vivas, que permitem a quem busca visão penetrar de maneira ativa na pureza essencial do Universo.

O relato que se segue foi gravado pelo etnomusicólogo Frances Densmore, que descreve a busca de visão empreendida no século XIX. por um lakota tradicional.

"Quando ainda moço, desejei ter um sonho que me revelasse o caminho que devia seguir em minha vida. Repleto desse desejo, conheci um medecine-man e me abri com ele.

Ele me explicou o que eu devia fazer, e segui rigorosamente suas instruções. Já tinha escolhido uma colina onde havia de esperar meu sonho e, depois de deixar o medecine-man, fui instalar-me em seu cume.

Não me foi pedido que jejuasse antes de buscar a visão, mas naturalmente não carreguei comigo qualquer espécie de alimento. A meio caminho do cume, cavei um buraco de aproximadamente um metro de profundidade por um metro de largura para proteger-me, se isso se mostrasse necessário. Nos quatro cantos, coloquei uma oferenda ritualística (pedaços de pano e os saquinhos de preces) - elas demonstrariam à criação meu desejo de obter mensagens dos quatro ventos e esperei ansiosamente ouvir a voz de um animal ou de um pássaro falando-me por via de um sonho. Fiquei ali toda a noite, os olhos fechados. Exatamente antes do nascer do sol, percebi uma luz brilhante vindo do leste. Era um homem. Tinha uma fita em volta da cabeça e uma machadinha na mão. Ele me disse: 'Siga-me', e transformou-se num corvo. Em meu sonho, segui o corvo até uma aldeia, onde entramos na maior tenda que havia. Senti-me honrado, porque nunca tinha visto uma tenda tão grande; devia ser a do chefe. Lá, meu guia transformou-se novamente em homem. Sentado de frente para a entrada, o moço pintado de vermelho desejou-me as boas-vindas. Disse que estava feliz por me ver ali e acrescentou que todos os animais e os pássaros eram seus amigos. Queria mostrar-me como fizera para conseguir a amizade deles. Pediu-me então que levantasse a cabeça, e eu o fiz.

Vi gafanhotos, borboletas, todo tipo de pequenos insetos, e bem acima deles pássaros de todas as espécies. Baixei a cabeça, o moço tinha-se transformado em mocho, e toda aquela escolta, em corvos.

O mocho disse: “Olhe sempre para oeste quando fizer algum pedido e terás vida longa.” Depois se transformou num cervo. A seus pés, vi o aparato de cura do cervo e o círculo da nação. Perguntei-me sobre que nova maravilha me aguardava, quando ouvi um som. Tentei reproduzi-lo e o cantei antes mesmo de ter consciência de meu desejo.

Eu era jovem naquele tempo e desejava seguir a senda da guerra para fazer um nome. Depois desse sonho, recebi às vezes ajuda do leste, mas foi o oeste que sempre se revelou para mim uma preciosa fonte de assistência. Todos os pássaros e insetos de meu sonho eram entidades que eu devia conservar presentes em meu espírito para aprender-lhes a via.

A relação com a Natureza

As buscas de visão, tradicionais e modernas, desenrolam-se geralmente em locais isolados. É bastante irônico constatar a que ponto os povos tradicionais e o homem moderno concebem sua relação com o habitat de maneira diferente.

Outrora, quando os seres humanos viviam mais próximo da Natureza e achavam-se mais bem integrados a seu habitat, não se sentiam divorciados do resto do mundo. Estavam habituados

a viver em harmonia com os elementos, as diversas criaturas e as forças naturais de que dependia seu bem-estar. Nesse tempo, a visão tradicional queria que todas as coisas estivessem religadas como partes de um universo unificado. A civilização urbana, porém, tende a perceber o habitat como um lugar imóvel, não como uma extensão do ser essencial. Aprendemos a confiar nas barreiras tecnológicas e a acreditar na superioridade humana para nos sentir protegidos das reações da Natureza. Pensamos mais na idéia da Natureza do que em sua realidade física.

A diferença significativa entre as buscas de yisão tradicional e moderna coloca entretanto o problema da integração das mensagens recebidas. Os que buscavam os tempos antigos integravam facilmente suas visões ao campo de suas atividades culturais - caça, incursões na floresta, culto, relações com a comunidade. Possuíam também meios de verificar, interpretar e utilizar o material de suas visões.

Para um buscador contemporâneo, tal visão acha-se não raro tão afastada do nível de consciência atual que ele não chega a compreender de onde está regressando. Conheci pessoas que procuram analisar de modo tão racional suas visões que acabam causando uma espécie de fragmentação.

Nossos contemporâneos adotaram com entusiasmo um grande número de veículos espirituais seculares - a viagem xamânica, as cerimônias de sweat lodge, as danças totêmicas, e até mesmo a utilização de plantas psicotrópicas. Infelizmente, não raro os interpretaram no primeiro grau, como suportes para uma introspecção terapêutica. Por mais importante que esta seja, cavou-se um fosso entre o xamanismo e a psicologia moderna. Em minha opinião, a psicologia pode e deve ser espiritualizada, mas é fundamental que ela seja um elemento do xamanismo e não o inverso.

Busca de visão de Nariz Adunco

Nariz Adunco era o mais célebre guerreiro cheyene de seu tempo. Durante as grandes guerras da década de 1860, sua reputação espalhou-se rapidamente entre os brancos, que passaram a considerá-lo a pessoa mais importante em todas as suas negociações com os cheyenes.

Em combate, ele usava seu famoso penacho de guerra feito no norte, por Búfalo Branco, um dos mais conhecidos curandeiros de seu tempo, que ainda vivia na Tongue River Agency no fim do século passado.

Tal penacho de guerra era único em seu gênero. Menino ainda, Nariz Adunco empreendera uma busca de visão. Jejuara durante quatro dias na ilha de um lago do Montana. Em sonho, surgiu-lhe uma serpente com um chifre solitário na cabeça. Inspirando-se nessa visão, Búfalo Branco fez para ele um penacho especial: em lugar dos dois chifres de bisão clássicos fixados de um lado e outro da cabeça, este só trazia um no centro da testa. A cauda era tão comprida que quase tocava o chão, mesmo quando estava a cavalo. Era feito de uma fita de pele de um bisão jovem ornado de plumas de águia em todo o comprimento - primeiro, quatro vermelhas, depois quatro pretas, quatro vermelhas novamente e assim por diante, num total de quarenta plumas. Na confecção desse famoso penacho de guerra, Búfalo Branco não usou nada que viesse do homem branco: nem tecido, nem fio, nem metal.

Habitualmente, os cocares de guerra necessitavam de muito pouco tratamento antes dos

combates, mas o de Nariz Adunco era sagrado e implicava cerimônias importantes. Para retirá-lo de seu estojo de couro, era preciso conservá-lo acima de um braseiro onde se teria salpicado pó de raiz medicinal; depois o cocar era apresentado quatro vezes ao sol, retirado do estojo e apontado para o norte, o oeste, o sul e o leste. Somente então Nariz Adunco colocava-o com cuidado na cabeça. Ele devia além disso pintar o rosto com pintura sagrada: amarelo na testa, vermelho atravessando o nariz, e preto na boca e no queixo.

Enfim, usar o penacho sagrado implicava o respeito a diversas regras de conduta. Nariz Adunco não tinha o direito de comer certos alimentos, devia esperar quatro dias antes de entrar num tipi onde uma criança tivesse acabado de nascer, além de outras proibições. Búfalo Branco prevenira Nariz Adunco particularmente contra a ingestão de qualquer alimento que tivesse tido contato com metal; se ele negligenciasse esta regra, insistira o curandeiro, arriscava-se a morrer quando do combate seguinte. Aliás, os índios das Planícies não gostavam de engolir um alimento contaminado por colheres, garfos ou facas metálicas, pois os curandeiros pensavam que, por qualquer fenômeno de atração, os guerreiros que tivessem comido alguma coisa tocada pelo ferro seriam mortos por uma bala de ferro na batalha seguinte. Esse o motivo por que a maioria dos índios preferissem usar pedaços de pau pontudos para comer, em vez de garfos.

Ora, alguns dias antes de um combate (o caso Forsyth), os sioux ofereceram um festim a alguns notáveis cheyenes, entre os quais Nariz Adunco. Este conversava com os chefes e esqueceu de prevenir as mulheres sioux para que não tocassem em seu alimento com utensílio de ferro. Depois da refeição, lembrouse de não ter dado suas instruções costumeiras e pediu a um chefe sioux que fosse informar-se junto às mulheres que haviam preparado a comida. Uma delas recordou-se de que havia pegado um pão com um garfo de metal. Essa omissão aniquilou o poder da proteção mágica de Nariz Adunco, que não podia ser restabelecida senão executando certas cerimônias de purificação, mas eram longas, e os batedores de Forsyth foram assinalados antes que o chefe cheyene as pudesse concluir.

Daí por que esse grande guerreiro, sempre pronto para lançar-se à batalha, não participou dos combates no começo da campanha. Estava convencido de que sua proteção ficara de tal modo enfraquecida que seria entregar-se a uma morte certa lutar naquele momento. Entretanto, quando Filhote de Urso e Cavalo Branco vieram suplicar-lhe que estivesse à frente dos guerreiros, não pôde furtar-se ao pedido.

NarizAdunco, que combatia sempre na linha de frente, nunca fora ferido antes, salvo uma única vez por uma flecha pawnee. Nesse dia, ele sucumbiu, em plena força da idade.

4 - A BUSCA DO FÍSICO

Rituais xamânicos e física moderna

Na tradição xamânica, os curandeiros trabalham em relação estreita com o mundo dos espíritos. Todos dizem ter guias que lhes falam e propiciam métodos ou vias de cura. Os xamãs os invocam recorrendo a cânticos sagrados. Certamente existe uma conexão entre estes e os hinos de diversas correntes religiosas. Um dos segredos da cura xamânica não é outro senão uma transferência de energia vibratória - de uma onda sonora - de uma pessoa para o órgão doente de uma outra. Quando uma parte do corpo está doente, é o conjunto que se acha em ruptura de harmonia. Cada órgão, cada célula possui uma ressonância, um padrão vibratório. Quando um órgão está doente, não recebe mais a energia vibratória do resto do corpo; vibra numa freqüência em desarmonia com o padrão vibratório de todo o corpo.

De que maneira um órgão doente pode entrar em ressonância com as partes sadias do corpo?

Ouvindo os ritmos dos tambores, os cantos dos beduínos do deserto do Sinai, os cantos cerimoniais dos lakotas, lembrei-me de que o Universo foi criado a partir de um som primordial, exatamente aquilo que ensinam os cabalistas. Fazendo preces, entoando cânticos sagrados, suscitam-se modificações no seio da matéria. A cura consiste em reintroduzir esses sons no corpo; em outros termos, ao produzir os sons corretos, partes do corpo em ruptura de harmonia podem ser reconduzidas a um estado de equilíbrio, a um estado de saúde. É o que vivem os xamãs por meio de seus cantos. Para os xamãs amazônicos, entoar a palavra "jaguar" significa invocar o próprio animal; conseqüentemente, se um curandeiro canta o nome de um jaguar sagrado, um jaguar aparece. Um som sagrado estaria portanto conectado a um objeto real, que pode ser invocado pelo som.

Mas, para os xamãs, invocar o jaguar significa também identificar-se com aquele que vive em cada um de nós. Seus ensinamentos dispensavam aos seres investidos o conhecimento do padrão vibratório do jaguar. Eles ficavam em condições de ressoar em sincronismo com a egrégora do jaguar, ou seja, com todos os jaguares do planeta. Cada animal é representado por um totem, que simboliza o fato de que todos nós somos irmãos e irmãs na matéria viva.

Essa maneira de conceber o Universo encontra um eco na física quântica. Existe uma interconexão fundamental, religando tudo o que há. Pouco a pouco, consigo ver que os xamãs percebem o Universo de uma maneira bem mais ampla que aquela proposta pelos modelos mecânicos do paradigma cartesiano ou da relatividade galileana. Eles não apreendem a realidade numa relação de causa a efeito, a realidade é para eles como uma teia de aranha, uma rede próximo das interconexões observadas nos modelos da física quântica. Os antigos xamãs saxônicos da Europa do Norte chamavam a essa teia de aranha, espécie de Internet espiritual, de wird.

Wird é uma velha palavra inglesa que gerou especialmente a palavra weird (estranho, curioso) em inglês moderno. Traduz-se literalmente por "destino", embora englobe uma noção bem mais ampla. Ela mesma provém de uma raiz indo-européia que deu origem ao termo rúnico urdhr ou, mais tarde, o alemão werden, devir, tornar-se, vir a ser. Por trás dessa noção, encontra-se a concepção oriental de carma. Mas em sua origem wird designava uma maneira de ser que implicava o poder de controlar o destino, um modo de vida no qual os acontecimentos

achavam-se ligados uns aos outros exatamente como os fios cruzados de uma teia de aranha. Vem daí a idéia da vibrante teia do wird ou do destino.

Nos sistemas de crença tradicionais, especialmente anglo-saxônicos, o que era wird tinha uma necessidade, uma" existência" tão palpável que não podia ser negada; a vibração e os motivos vibratórios eram extremamente importantes. Todos os acontecimentos ligavam-se uns aos outros. Teoricamente, a influência de um acontecimento sobre outro podia ser sentida por toda a parte, já que a teia inteira vibrava. Mas tal conexão nunca era realmente evidente para a gente comum, que uma doença ou outros reveses deixavam desamparada. O que explica a necessidade para o xamã de "ver" a conexão e explicar seu sentido. Assim, surgiu uma nova maneira de compreender a vida. Para alcançar essas novas visões, o xamã praticava geralmente uma série de rituais destinados a modificar sua consciência. O xamã podia assim curar, ver o futuro, "metamorfosear-se", transferindo seu espírito para animais ou plantas.

Os xamãs não se contentam em perceber as conexões entre as coisas e os seres, eles as modificam. Eles são, para falar propriamente, os ancestrais dos psicólogos e dos médicos moder nos. Para os antigos, eram os guardiães da sabedoria e ao mesmo tempo os contadores de histórias.

Na física moderna, wird poderia ser traduzido como "não-localidade", um termo que designa aquilo que em outros referentes nomear-se-ia uma ação à distância. Em 1964, Bell compreendera isso perfeitamente. A idéia de que a matéria podia deslocar-se mais rápido do que a luz começava a encontrar ressonância entre vários estudiosos. Assim, o teorema de Bell postulava que, quando duas partículas gêmeas afastavam-se uma da outra à velocidade da luz, uma ação sobre uma delas induzia uma reação na outra. As duas partículas ficariam intimamente ligadas malgrado a distância, como se uma informação circulasse entre elas a uma velocidade superior à da luz. Parece, portanto, que uma informação supralumínica existe realmente. Numerosas experiências visam hoje confirmar essa teoria. "Se elas trouxerem as provas esperadas, a teoria da informação supralumínica poderá servir de base para a explicação de certos fenômenos psíquicos como a telepatia. A realidade quântica torce-se sem cessar de maneira imprevisível, pondo a descoberto paradoxos comparáveis aos koans do zen, esses 'enigmas absurdos utilizados pelos mestres zen para transmitir seu ensinamento".

Em 1935, na Universidade de Princeton, três pesquisadores, Einstein, Podolsky e Rosen, tentaram refutar a física quântica, muito rica em paradoxos para o gosto deles. Estabeleceram um protocolo de experimentação destinado a provar que os resultados que ela prediz são contrários ao senso comum. A realidade mostrou que os três estavam errados, e eles demonstraram, a contragosto, aquilo que desejavam refutar.

O teorema de Bell revelou que as "partes distintas" do Universo estariam ligadas de modo íntimo e imediato no nível mais profundo e mais fundamental. Os físicos logo compreenderam que essa situação singular levantava uma questão delicada: como dois elementos quaisquer podem comunicar-se mais rápido que a luz?

Na época em que Bell elaborou sua teoria, essa experiência não passava de uma vaga noção. Em 1972, John Clauser e Stuart Freedman, do laboratório de física da Universidade de Berkeley, Califórnia, tentaram realizá-Ia e com isso validaram as previsões estatísticas de Bell.

O teorema de Bell não se contenta em sugerir que a realidade é muito diferente do que parece, ele o exige. Os físicos provaram que nossa visão racional do mundo é profundamente

insatisfatória. Em meados dos anos 70, alguns chegaram a afirmar que as partículas gêmeas das experiências EPR (Einstein, Podolsky e Rosen) e Clauser-Freedman, ainda que espacialmente separadas, permanecem conectadas na ausência de qualquer troca de sinais.

A física quântica redescobria conceitos muito antigos. Estudando os aspectos moleculares da matéria, alguns físicos quânticos chegam a concluir que a matéria não poderia existir sem uma consciência para percebê-Ia. Todavia essa noção de consciência continua sendo muito vaga. A visão cartesiana clássica não admite que a consciência possa exercer uma influência sobre o mundo físico. Seus partidários utilizariam outra palavra para descrever o que se passa no momento de uma observação, falariam de registro, de medida, de reconhecimento, de preparação ou de estado. Diriam que um padrão de probabilidades foi reduzido de uma multidão a um resultado exato, preciso. No entanto, nenhum físico negaria que sem o reconhecimento de um padrão esse resultado não poderia ser percebido. A consciência e o mundo material estão conectados, e a maneira que o cientista escolhe para fazer uma observação afeta o objeto observado.

Observador e observado estão, portanto, ligados de maneira significativa.

Essa visão do mundo vai ao encontro das correntes de pensamento xamânicas, que exploram há milênios a realidade situada além do universo sensorial. A inclusão da consciência humana nas teorias científicas é um fato recente. Ela poderia, em muitos sentidos, favorecer novas pistas suscetíveis de transcender o quadro convencional da ciência. Mas há consciência e Consciência, a segunda sendo talvez a dos xamãs. Se uma tal entidade existe, podemos nos unir a ela e entrar em ressonância com as forças fundamentais como o fazem as curandeiras e os curandeiros desde a origem. Essa união é possivelmente uma conexão quântica que religa tudo o que vive no Universo. Como poderíamos desenvolver uma relação mais sensível, mais sutil com nós mesmos e com o universo no qual vivemos? Talvez aceitando aventurar-nos no estado de consciência xamânica que une o ser humano à criação visível e invisível.

Esta conexão é realizada quando um xamã entoa um canto sagrado ou quando um sacerdote recita um conjunto de mandalas. O xamã entra em ressonância com os animais totens que residem no interior de seu ser. Assim, ele não apenas é capaz de curar a si mesmo, mas também ainda a quem quer que sofra de uma doença similar, utilizando a energia proveniente do animal-espírito.

Os ritmos complexos e às vezes encantatórios da música xamânica imitam o processo sem fim da Natureza e celebram a globalidade do Universo. Assim como o trovão que chega na primavera e no verão permite que as pradarias das grandes planícies refloresçam, a música ameríndia alimenta o terreno do coração humano. Geralmente, ela combina um tambor, uma flauta ou um chocalho e cantos. Os instrumentos são descritos como as contrapartes das poderosas forças elementares do trovão. A batida do tambor é o clarão que permite ao coração humano serpentear fora de sua dependência. A melodia da flauta (seus seis furos representam as quatro direções cardeais, mais o céu e a terra) é o vento que purifica e insufla a vida no coração. O som do chocalho representa a luz que ilumina o coração e carrega o ser de energia. Os ritmos musicais, as preces e os ruídos da Natureza provocam aquilo que Michael Harner chamou de "estado de consciência xamânica".

Os estados de consciência xamânica

O "estado de consciênciaxamânica" (ECC) constitui aessência profunda do xamanismo. É ele que permite ao curador ser senhor do tempo - o tempo universal de antes da Queda - e do imaginário. O estado de consciência em que mergulha o xamã que opera um ritual ativa recursos mentais a que não temos mais acesso por causa de nossa dependência ao pensamento consciente lógico e racional. V. V. Nalimov demonstrou que os problemas científicos encontravam geralmente sua resolução quando o pesquisador deixava emergir das profundezas de seu ser a síndrome Heureca. Confrontado com problemas complexos, o curandeiro recorre mais à viagem interior que à razão. Evocando recordações sensoriais, abstrações e símbolos, ele passa em revista a onda de imagens de seu subconsciente sem fazer apelo ao poder crítico da consciência ou à dimensão espácio-temporal do Universo. Assim, o xamã reporta-se a um banco de dados inacessível num estado de consciência ordinária.

Por não ter levado em conta a distinção entre ECC e estado de consciência ordinária, os ocidentais desenvolveram uma visão falsa das práticas xamânicas. Os indivíduos habituados a raciocinar em termos de realidades múltiplas, como os metafísicos, alguns físicos quânticos e os xamãs, não encontram qualquer dificuldade em apreender as implicações do ECC. Quando se concebem os pensamentos como "coisas" ou as "coisas" como pensamentos - uma troca eterna entre massa e energia -, o sistema xamânico cessa de aparecer como um simples conglomerado de crenças animistas a serem colocadas entre as superstições.

A questão da existência de uma realidade tangível não ordinária coloca-se igualmente para os ritos e símbolos das cerimônias de cura. Os "ritos" e os "símbolos" são conceitos que as culturas ocidentais contemporâneas contentam-se em apreender no nível metafórico. Ora, em ECC, eles são nem mais nem menos a realidade alternativa do xamã. Quando este veste a pele de seu animal totem e põe-se a dançar em volta da fogueira, é o animal que dança, não o ser humano.

De acordo com Charles Tart, um psicólogo que se dedica desde fins dos anos 50 à classificação da atividade cerebral, o ECC representa um estado alterado da consciência fraco. O cérebro trabalha em ritmo alfa, ou seja, num nível pouco profundo. Todavia o êxtase xamânico constitui um tipo de estado alterado específico. A idéia de que não existia mais do que uma realidade - a realidade ordinária - e de que qualquer outra percepção podia ser encarada como patológica entravou largamente a compreensão dos estados de expansão da consciência. Ora, o ECC corresponde ao reino de consciência descrito pelos místicos, ou seja, a um estado de penetração no âmago da verdade, não sondado pelo intelecto discursivo e permitindo estabelecer uma relação consciente com o Absoluto.

Na realidade ordinária, a informação propaga-se por meio dos sentidos, o tempo escoa numa única direção e o espaço serve de parapeito à troca de informações. Na realidade xamânica, ao contrário, o tempo não existe, só existem os objetos, mas unicamente como partes de um todo unificado. Nem o espaço nem o tempo impedem que a informação circule. Encontramos aqui a noção da realidade não ordinária tal como ela aparece em Castaneda e no ECC.

Sítios sagrados e física quântica

O território de cada povo tradicional inclui locais sagrados - montanhas, lagos, florestas oucanyons - considerados como lugares que encerram poderes extraordinários. Esses locais

reverenciados ocupam um cadinho particular nas lendas de numerosos povos, especialmente as populações ameríndias. A história da criação dos navajos descreve a formação de quatro montanhas que margeiam suas terras ancestrais - a região dos fourcorners (região dos quatro cantos), para onde convergem os estados de Utah, do Colorado, do Arizona e do Novo México. Segundo uma lenda navajo, Primeiro Homem e Primeira Mulher criaram essas montanhas com a terra que Primeiro Homem misturou com substâncias mágicas provenientes de sua sacola de remédios. O casal constituiu: Blanca Peak, a leste, projetando um relâmpago de luz branca, recobrindo-a em seguida com uma camada de luz diurna; o monte Taylor, ao sul, com uma faca de pedra, drapejando-o depois de azul; as montanhas São Francisco, a oeste, com um raio de sol, que depois drapejou de amarelo; o monte Hesperus, ao norte, com um arco-íris, que em seguida envolveu em obscuridade. A partir desse momento, os navajos associaram cada direção a uma cor e a uma potência particular: branco para a luz do dia a leste, azul para o céu ao sul, amarelo para o sol a oeste e preto para as nuvens da tempestade ao norte.

Tudo isso constitui uma espécie de geografia espiritual. Certos arranjos megalíticos, certos sítios sagrados exercem uma influência incontestável sobre a energia. Tais efEitos eram conhecidos dos povos antigos e sucessivas gerações verificaram seus efeitos particulares. Os espíritos viviam ali e os povos antigos ali vinham praticar suas cerimônias e seus rituais. "Existem lugares onde o espírito sopra", dizia Maurice Barres em Colune Inspirée.

Relatos de viajantes do tempo, contos, lendas e certos cantos cerimoniais ensinam-nos que um acontecimento crucial sobreveio durante o paleolítico superior. Alguns povos começaram a instalar-se perto desses sítios. A vida nômade teve fim e os clãs construíram nesses lugares. Eles possuíam um rico conhecimento sobre as propriedades dessas pedras e de todos os aspectos de seu meio ambiente natural. É bastante provável que tais arranjos megalíticos estivessem ligados à presença de espíritos nesses lugares. Se minha especulação estiver correta, a sensibilidade de certos membros do clã, os xamãs, a esses locais encontra uma explicação. Os indivíduos que ficavam doentes a ponto de abordarem a morte tornaram-se xamãs. A capacidade xamânica desenvolveu-se possivelmente por via dos seres comparáveis a instrumentos de detecção, capazes de sentir uma radiatividade natural ou outros fenômenos físicos insólitos. Nesses tempos antigos, o saber não permitia uma compreensão racional, intelectual dos campos eletromagnéticos - não existia contador Geiger; o único instrumento de detecção era o próprio ser humano.

Os xamãs foram, portanto, os primeiros físicos do paleolítico, os primeiros experimentadores físicos. Sentiam em seu ser as forças invisíveis - radiatividade, eletromagnetismo - e, não sendo limitados pela razão, como os ocidentais modernos, achavam isso perfeitamente natural. Tais campos representavam para eles um poder invisível, e eles os sacralizaram. Nesse sentido, sua percepção era exata. Os xamãs não eram apenas sensíveis aos campos insólitos que cercavam os sítios sagrados, eram literalmente detectores humanos.

Mas é possível que as plantas tivessem sido afetadas por esses campos? Eu sabia que alguns xamãs utilizavam substâncias psicoativas em suas cerimônias e me parecia estranho que esse tipo de plantas pudesse encerrar campos sutis que agiam como pontos focais dos sítios sagrados que atraíam os xamãs. Se tudo se achava vivo, podia ser que as próprias pedras, por um fenômeno de ressonância tão sutil, fossem modeladas pelos espíritos-consciência - vento, chuva, tempestade - para formar um arranjo particular que desse origem a um campo vibratório revelado por certas

plantas e por seres dotados de uma sensibilidade fora do comum? Voltamos ali às próprias origens da geo-biologia sagrada. Assim, a Catedral de Notre-Dame de Paris foi construída sobre as ruínas de um antigo templo romano do século 11, dedicado a Júpiter, que por sua vez fora erguido sobre um antigo sítio dolmênico consagrado pelos xamãs célticos - os druidas - em um passado remoto.

As hipóteses da física xamânica

Penetrando cada vez mais profundamente na consciência xamânica dos povos do mundo, percebi pouco a pouco que era delicado estabelecer uma relação entre o mundo xamânico e a visão científica moderna sem penetrar na experiência direta.

O físico norte-americano Fred Wolf propõe uma série de hipóteses relativas ao que se poderia audaciosamente chamar de física xamânica.

Primeira hipótese: todos os xamãs consideram o Universo como sendo constituído de vibrações.

Estas são padrões repetitivos revelados por detectores físicos simples. Quer se trate de vibrações sonoras deslocando-se no ar, daquelas produzidas por um navio entrando no porto ou ainda de vibrações da luz, tudo é movimento vibratório. Os xamãs, embora não tivessem qualquer conhecimento da física moderna, acreditavam na existência de uma estrutura vibratória do Universo. Ora, a física quântica, como as crenças xamânicas, sugere que o Universo é constituído de vibrações que religam tudo o que existe nesta "sopa" original.

Segunda hipótese: os xamãs apreendem o mundo em termos de mitos e visões que, a priori, parecem contrários às leis da física. Para dizer a verdade, eles vêem além das barreiras usuais que inibem nossos espíritos ocidentais. Em que consistem as visões xamânicas? Como vieram à luz? E como se tornaram o assunto de nossas lendas, de nossos mitos e de nosso folclore? É provável que o nível mítico da realidade, cantado há milênios, tenha saído das percepções xamânicas do passado e do futuro. Talvez os xamãs vejam imagens mitológicas porque estas são sobreposições de acontecimentos próprios a culturas do passado e do futuro.

Terceira hipótese: os xamãs percebem a realidade por meio de expansão da consciência.

O observador científico tem necessidade de sua consciência ordinária para interpretar um modelo de física quântica. Ora, esta nos ensina que a experiência é inevitavelmente influenciada pelo observador. A física quântica indica-nos aí uma maneira de interpretar os estados de consciência ampliada dos xamãs. Estes talvez manipulem a matéria e o espírito graças a uma forma de energia de observação que eles próprios geram ao se aventurarem nos estados

À de consciência ampliada. A famosa frase de Cavalo Louco ganha aqui todo o seu sentido: "Vi o mundo oculto atrás do mundo."

Q uarta hipótese: os xamãs utilizam várias ferramentas para alterar a crença de uma pessoa relativa à realidade.

Diz o velho adágio: "Ver é acreditar." É neste princípio que se baseia a realidade xamânica.

Os seres só vêem aquilo em que acreditam. Os xamãs trabalham sobre o sistema de referência de um paciente para influenciá-to. Assim, para curar um paciente "limitado", recorrem a uma astúcia com o objetivo de alterar suas idéias fixas. Existe entre os ameríndios uma categoria de xamãs chamado sheyoka, os clowns sagrados, que se dedicam a um jogo particular para desviar os pensamentos dos indivíduos com quem querem trabalhar.

Quinta hipótese: os xamãs escolhem o que é fisicamente compreensível e para eles todos os acontecimentos estão universalmente conectados.

A astúcia consiste em conduzir o ser a acreditar que, qualquer que seja a realidade percebida, esta é real. De fato, eles interpretam todos os sinais da vida como emanações de uma ordem superior.

Sexta hipótese: os xamãs penetram mundos paralelos. O mundo etérico, no sentido xamânico do termo, é talvez uma percepção do mundo físico numa perspectiva holográfica.

Sétima hipótese: todos os xamãs trabalham com a consciência clara de um poder superior.

Mas de que maneira esse poder se manifesta? Talvez os xamãs utilizem simplesmente seu meio ambiente, ou seja, o poder da Grande-Mãe Terra, para aumentar sua capacidade mágica e seu dom de cura. Eles conectam-se com o planeta por via de cantos sagrados, plantas e a proximidade de sítios vibratórios, a fim de aumentar suas capacidades próprias.

O elo entre todas essas hipóteses é a conexão entre física quântica e realidade xamânica. Se alteramos nossa maneira de perceber a realidade, é nossa realidade que modificamos. Os físicos quânticos e os xamãs o compreenderam, cada qual à sua maneira e de acordo com sua referência cultural.

À medida que meditava, pude ver que o mundo, tal como o percebemos, é apenas uma questão de semântica. Em física quântica, a escolha de um observador em medir uma propriedade física particular faz passar essa propriedade do estágio de estado ao de existência, pelo simples fato da observação. Partindo daí, perguntei-me se o mundo não era uma construção de nossos pensamentos. Essa questão fazia-me recuar 15 anos, à época de meus primeiros questionamentos sobre a natureza do Universo. Era possível que o Universo fosse apenas um arranjo sutil, uma fabricação do conjunto de nossas consciências conectadas umas às outras? Falo aqui não apenas do mundo da consciência e dos pensamentos, mas também do mundo físico. Pouco a pouco, uma idéia vinha finalmente à luz. Não existem limites exceto os que impomos a nós mesmos. O mundo mítico das idéias e das visões e o mundo real material se superpunham pouco a pouco em meu espírito.

Minha busca tomava forma.

Origens do conhecimento xamânico

O antropólogo Jeremy Narbt propõe uma hipótese fascinante. Suas pesquisas levaram-no a cogitar se o DNA não se achava na origem do saber xamânico. Nas visões de um grande número de culturas ancestrais - antigos egípcios, animistas do Benin, cristãos, aborígines australianos ou amazônicos - encontra-se, de uma maneira ou de outra, o conceito da serpente cósmica. Quando

de minhas experiências com a ayahuasca, as imagens sonoras sofisticadas produzidas pelas visões foram de natureza interativa, ou seja, era possível dialogar com elas. Trata-se de uma realidade virtual, de uma tela holográfica viva em movimento incessante: a famosa televisão da floresta. Há uma dezena de anos fiz com que um pesquisador em eletrofotônica vivesse uma expansão espacial da consciência{16}. A experiência levou-nos a remontar ao longo da dupla hélice do DNA.

"Experimento uma sensação de flutuação", declarou o viajante da consciência. '~cho-me num universo energético. É como se eu avançasse numa nave espacial, no meio de aquarelas que desfilam muito rápido. Mas essa nave é uma construção energética de minha consciência. Dotei-me de um suporte para avançar, embora depois já não tivesse necessidade dele. Do outro lado da construção há um universo colorido. Por enquanto, sinto-me sozinho... Aí está, cheguei... Estou a bordo de alguma coisa que poderia assemelhar-se à Terra. É uma construção de um outro tipo: uma forma esférica, universal, de matiz azul-esverdeado. Entro nessa esfera, e a taxa vibratória muda. Sinto-me mal em meu corpo físico... Cerco a parte física de meu ser com uma luz dourada... e então me sinto melhor. Sou uma consciência num campo de consciência superior e, ao mesmo tempo, estou em minha encarnação. O veículo dessa encarnação, meu corpo, acha-se envolvido por um casulo de luz, enquanto eu, consciência, encontro-me na esfera azul-esverdeada... Vejo agora um holograma, com chaves de passagem... É a hélice do DNA... Começo a subir. Existem 72 chaves de passagem, 72 sendo o plano divino. Em 72, há uma nova chave de passagem, para um mundo onde se acha o deus da Sabedoria. A verdadeira chave de passagem, de fato, é 999 360 3... Eu subo... Em 46, a esfera desapareceu. Este nível corresponde a um outro plano de consciência, um plano de morte e de nascimento (trata-se certamente da morte iniciática, que significa renascimento e conhecimento). Continuo a ascensão. Eis-me na chave 72, no cume da hélice. Há uma porta, depois uma grande escada. É uma espécie de templo. No alto da escada acha-se um sol, um trono e sobre o trono um homem. Ou pelo menos uma divindade com cabeça de chacal, encimada por uma cobra. 1tata-se de Anúbis, o deus dos Mortos egípcio. Não é um simples sacerdote com uma máscara de chacal. Não... é realmente um ser com cabeça de chacal.

"Não posso ir na direção dele, pois sinto que existe uma proibição. Meu corpo está doendo... Atrás dele, é luminoso... mas não vejo bem. Não sei exatamente onde me encontro. Passei a chave 72. Era preciso agora que eu ultrapassasse a chave cem... Aí está... Anúbis desapareceu. Estou longe agora. Vejo seres que dançam e cantam. Não tenho nenhuma idéia do lugar em que estou. Essas pessoas não prestam atenção a mim... Tento compreender que energias são manipuladas na dimensão encarnada, lá onde vi todas as cores... Vejo primeiro um espectro de cores... Depois tenho uma segunda visão, mais bela, mais pura. No centro há um ser de luz. Tento guindar minha freqüência vibratória até a dele. Ele está sentado num trono e me estende um bastão com um cabo. Não consigo pegá-lo... Tento conectar um fino canal de luz ao seu terceiro olho, mas ele não tem rosto... Aí está, acabo de compreender: o bastão e o cabo são chaves de passagem. Pego-os e subo até mil. Nesta nova chave de passagem encontro um livro aberto, sobre o qual há uma inscrição... É a de Abraão. Ela não corresponde a nada de conhecido sobre a Terra, mas engloba tudo o que está escrito aqui embaixo. É o livro dos rostos. Tudo está escrito ali: Tu, não Tu, Tu antes, Tu agora, Tu depois. Todo o passado da humanidade também se acha

ali, assim como o futuro. Pode-se estudar tudo. Compreendo agora: em outro nível de consciência, tudo é possível. Pode-se criar tudo.

Sob a influência das plantas psicoativas, os seres percebem cristais, escadas, duplas hélices de DNA. Como essa realidade molecular pode tomar-se acessível à consciência ordinária? Que se passa no cérebro para que o nível de consciência do cotidiano desapareça, afogado numa onda de imagens não provenientes dos subterrâneos do ser, antes fabricado por este e parecendo existir ou coexistir num nível de consciência paralelo ou superior? Sabemos que o DNA emite fótons, uma partícula hipotética eletromagnética, e que a luz é de dupla natureza, tanto partícula quanto onda. Por conseguinte, parece que a luz emitida pelo DNA na teoria de Narby é bem aquela que os xamãs vêem em suas visões, idêntica à de um feixe laser.

Ora, todos os que já viram um tal feixe coerente sabem que ele produz uma sensação de cor viva, uma luminescência, uma profundidade holográfica - exatamente aquilo que descrevem as visões xamânicas: as cores tomam-se reais. A emissão de fótons pelo DNA parece explicar o aspecto luminescente das imagens e sua aparência tridimensional ou, mais corretamente, holográfica. Em Cura espiritual e imortalidade, arrisquei a hipótese de que a consciência é um campo de energia neguentrópico supra-lumínico não-euclidiano, ou seja, um campo de energia que já não obedece às leis da física clássica. No entanto, ela poderia muito bem ser constituída pelo campo eletromagnético formado pelo conjunto dessas emissões; ora, sabemos que no cume da molécula de DNA encontra-se um dipolo idêntico a um radar. Por conseguinte, as imagens de seres de luz percebidas nos estados de consciência xamânica não seriam a materialização consciente de uma realidade etérica de cinco dimensões? A ciência é prisioneira de seu postulado de objetividade, que acabou por assumir valor de dogma. Entretanto, a descoberta de um código genético único para o conjunto dos seres vivos, constituído de 64 palavras (os códons do DNA) , é uma maravilha em si - o calendário sagrado maia parece ter integrado esse conhecimento muito tempo antes.

Para explicar todos esses fenômenos, curandeiras e curandeiros utilizam metáforas para falar dos espíritos. Os biólogos fazem a mesma coisa para falar do DNA e de suas proteínas e enzimas, mesmo se na visão clássica uma molécula não é consciente. Ora, os trabalhos de uma ciência pioneira chamada psiconeuroimunologia demonstram que um órgão, e forçosamente uma célula, possui uma forma de consciência que lhe é peculiar. A experimentação direta fornece outras respostas. Já que um conhecimento imenso encontra-se do outro lado do véu, por que não ir até lá para ver e colher informações? Há vários anos projetei-me para dentro de meu próprio cérebro, a fim de compreender a maneira como ele trabalhava quando eu me colocava deliberadamente num estado de expansão da consciência.

Por ocasião de uma série de experiências levadas a cabo no laboratório do Monroe Institut, nos Estados Unidos, fomos confrontados com trens de ondas elevadas relativamente pouco conhecidas porque raras, denominadas ondas gama. Os trens de ondas gerados pelos estados meditativos "clássicos" são de natureza alia e teta. Ora, estes foram eclipsados durante tais experiências. Com efeito, encontrei-me em várias oportunidades numa espécie de hiperconsciência onde se manifestaram trens de ondas gama, de amplitude e freqüência elevadas. Pode-se explicar os estados de consciência xamânica por essa atividade particular do cérebro? Essa erupção de ondas gama é representada na cartografia da atividade cerebral por uma mancha amarela próximo ao lobo frontal, isto é, perto da fontanela. A atividade sobe a 58

hertz, fenômeno inteiramente extraordinário. O psiquiatra John Richmond, comandante da Força Aérea dos Estados Unidos, confiou-me que neuropsiquiatras e neurólogos que se vissem diante de tais padrões cerebrais veriam aí tendências psicóticas.

Eu nunca ouvira falar de ondas gama. Sendo inexplicado o fenômeno, perguntei-me: já que existe em mim mesmo um campo energético - a consciência - que zomba do tempo e do espaço e que é capaz de deslocar-se por meio das dimensões, por que não utilizá-Io? Com efeito, por que não se servir do poder do espírito para transpor uma porta gama? Poderia colocar-me num estado familiar, visualizar meu cérebro, criar artificialmente um trem de ondas gama e projetar-me nele. Era-me possível mergulharemmeu próprio cérebro? Levá-Io a gerar trens de ondas gama de uma maneira natural? A experiência ia me fornecer a resposta a essas questões.

Desde o começo da experiência, deixei-me rapidamente levar e, em seguida, respirando suavemente, relaxei as diferentes partes de meu corpo: os pés, as pernas, as mãos, as costas, o tórax, a cabeça e os músculos. Procedi inicialmente a uma contagem regressiva partindo de 21 e imaginei-me soçobrando na água, mergulhando em mim mesmo. Visualizei-me tocando o fundo de uma piscina; depois, propulsando-me em sentido inverso, contei desta vez de um a vinte. Esqueci meu meio ambiente imediato, meu corpo, os fios, os cabos, os capacetes - o capacete de áudio e o capacete com os receptores sensíveis. Visualizei uma luz dourada que me envolvia, ou pelo menos as estruturas de meu ser, inclusive meu corpo físico. Arrastado, meu espírito respondia aos impulsos de meu mental.

Em seguida, imaginei uma escada de luz, que logo subi. Chegando ao alto, esforcei-me para visualizar meu cérebro cercado de luz, com uma trama em sistema de fios no qual memorizei uma mancha amarela central, associando-a a uma erupção gama. De repente, senti-me passando numa velocidade incrível. Minha consciência superior e outros níveis de ser pareciam vir à minha procura. VI-me como um satélite artificial em órbita em torno da Terra. Desci tal como um engenho espacial na direção de um novo planeta. Descrevi lentamente a descida para este mundo novo, para o meu cérebro. Ali, bem abaixo, a alguns milhares de quilômetros, situava-se uma erupção chamada porta gama, minha base de alguma maneira. Para comunicar-me com ela, eu dispunha de um modo muito simples: a linguagem. Senti, com efeito, as primícias de uma linguagem universal insinuar-se em mim: a língua universal da luz.

A experiência teria podido durar três segundos ou um milhão de anos, o tempo tornara-se ilusório. Eu descia lentamente. "Sentia" que controlava totalmente a experiência, minha velocidade de queda e todos os parâmetros ligados à descida até a porta gama. Tinha consciência da existência de uma energia inteligente. Pouco a pouco, esse cérebro tornou-se imenso, como aspirado pela mancha gama - porta, chave de outros mundos. Logo de saída senti como um vulcão em erupção energética - fagulhas projetavam-se ao longe. À medida que me aproximava, essa espécie de vórtex energético parecia desacelerar a atividade. Iria enfim penetrar ali.

Encontrava-me muito próximo dessa fronteira que separava um universo de outro, uma dimensão de outra. Não sabia realmente o que ia descobrir. Chegava a uma zona fronteira. Tive a impressão de que podia começar a perceber" alguma coisa" do outro lado, algo de inapreensível.

Súbito, transpus a porta gama. Senti-me passar em meio a uma "mornidão fresca", era como se tivesse entrado numa equação matemática de cinco dimensões. Percebi que uma erupção

gama era como um microburaco negro. Meu cérebro começava a trabalhar em registros desconhecidos, numa velocidade inigualável até então. A relatividade geral prediz que a matéria submetida a um constrangimento máximo produz um novo fenômeno no Universo: o buraco negro, a região mais deformada do espaço-tempo. Os buracos negros em rotação contêm pontes capazes de conectar nosso Universo. Mas conectá-Io a quê? A outros Universos, a mundos paralelos, a mundos vibratórios diferentes ou a estados de consciência xamânica?

De repente atravessei essa erupção gama/buraco negro. Do outro lado descobri um estado de consciência imenso, infinito. Sentia que tomava minha dimensão original, como se minha forma física não fosse mais do que uma projeção dessa consciência, como se os seres humanos não fossem mais do que projeções encarnadas de alguma coisa que os ultrapassa. Tira-se daí uma impressão de poder imanente, de generosidade, de calor, de ouro. Essas vagas energéticas não são fluidas nem sólidas, antes se parecem com poeira vibratória. Seria esse o mundo de Ta'aroa, a caverna dos Ancestrais, os hologramas, o bougari, o dreamtime dos aborígines australianos? Essa dimensão é, em todo caso, extremamente luminosa; composta por uma multidão de pequenas manchas douradas, encerra um poder e um calor fantásticos. É uma espécie de força de coesão.

Cheguei a uma porta de todas as cores possíveis e imagináveis, que se combinavam sem se misturar. As portas gama são efetivamente microburacos negros que o cérebro pode gerar de maneira consciente. São elas que permitem o acesso aos mitos da humanidade, ao tempo de Antes, o do estado de consciência original em que os seres humanos possuíam a fontanela mole.

Por que não deveríamos perceber o mundo senão por intermédio de instrumentos fabricados pelo homem? A profundeza de nosso inconsciente é talvez um receptor específico que permite entrar em contato com outra realidade fechada para instrumentos físicos. A ciência considera válido o estudo da natureza por meio de instrumentos físicos, produtos da lógica, mas nunca admitiu que o ser humano pudesse ser um desses instrumentos. Que conhecimento a ciência tem da consciência e de suas imensas possibilidades? O pensamento científico dominante não considera como real senão aquilo que pode ser reduzido a fenômenos físicos e químicos, e impõe aos fatos observados um arranjo conceitual segundo um sistema de estruturas lógicas rígidas.

Os estados de consciência xamânica podem constituir o objeto de estudos fascinantes, desde que os pesquisadores aceitem vivenciar uma experiência subjetiva da mesma Natureza que a dos sonhos. A iniciativa xamânica consiste numa projeção voluntária do espírito no "espaço de dentro", com uma escolha particular de eixos de coordenadas - os espíritos da Natureza, os animais totens ou os espaços-tempos flutuantes conferem o dom da profecia. O objetivo é abandonar a consciência com sua estrutura lógica para entrar em interação com o mundo de maneira não especulativa mas direta, de fundir-se nele. Um poeta é uma pessoa capaz de escrever versos e de sentir de maneira sutil as coisas que o cercam e os acontecimentos que se produzem no mundo.

Os estados de consciência xamânica implicam uma viagem às profundezas desconhecidas de nosso consciente para interpretar a face oculta do Universo e integrá-Ia num todo ordenado. A consciência humana é, por definição, cósmica. Nalimov formula o conceito de um Universo semântico de que todos fazemos parte. Esta concepção holística é um desafio ao paradigma da cultura moderna e, se isso nos amedronta, não nos resta senão renunciar ao estudo do ser humano em toda a sua complexidade. Não é possível ver o mundo e interagir com ele senão

interrompendo o diálogo mental, renunciando à conceituação, ou seja, à tendência de dar nome às coisas. A literatura consagrada ao xamanismo é de uma riqueza e de uma diversidade raras, e o estudo dos textos tradicionais parece demonstrar a necessidade de desautomatizar a consciência, pelo menos num sentido temporal, isto é, escapar aos limites culturais.

É difícil estudar e analisar cientificamente o estado de consciência xamânica, pois ele se presta mal a explicações vocabulares. Quando muito, pode-se evocá-Io por símbolos e interpretá-Io com a ajuda de conceitos peculiares a uma cultura particular, já que toda experiência mística é imutável por natureza, devido à amplitude de suas manifestações. Este o motivo por que, a partir do momento em que rejeitamos a ilusão de possuir a verdade verdadeira, colocamo-nos em condições de perceber a experiência xamânica em seu conjunto. No entanto, sempre experimentamos o desejo de inventar e de utilizar uma linguagem nova. Por mais estranho que possa parecer, para compreender os ensinamentos das mais antigas tradições devemos antes imaginar que dizemos a mesma coisa que elas numa linguagem diferente. Assistimos então ao encontro de duas consciências ou de dois modelos de pensamento idênticos, mas distantes no espaço e no tempo.

Em nossa vida cotidiana, recorremos todos, permanentemente, à parte inconsciente da consciência, por meio de várias técnicas não raro ditadas por nossa cultura. A atividade científica criadora está diretamente conectada ao mergulho no mundo interior. Imaginem um estudioso que não consegue resolver um problema. Ele interrompe as experimentações e dirige-se à biblioteca. Ali se entrega ao abrigo de seu ambiente habitual, do curso regular dos próprios pensamentos e dos diálogos com seus pares.

Permite-se, quem sabe, consultar livros sem relação alguma com o problema que o ocupa. Esta é uma maneira particular de olhar em si mesmo. Mas tal atividade, que pareceria absurda a um observador, reveste-se de um sentido profundo: o problema deixa o estado de vigília, cessa de ressoar com seus aspectos inconscientes e sua imprecisão. O ponto de vista familiar desaparece e o fenômeno é submetido a uma nova luz. E de repente a solução parece cair do céu! Sem saber por que, o estudioso consulta uma revista e sua atenção é atraída para um artigo cujo título ajuda-o a encarar seu próprio problema sob um ângulo diferente e produtivo.

Eis um exemplo retirado da realidade: há mais ou menos cinqüenta anos, Nalimov participava de uma tentativa de construção de um fotocatodo sensível à luz infravermelha por sensibilização a uma tintura complexa. A formulação do problema era bastante detalhada. Sabia-se que a tintura em questão aumentava a sensibilidade aos infravermelhos das placas fotográficas. No entanto, o tempo de que dispunham os pesquisadores para resolver essa questão chegava ao fim, e eles não obtinham qualquer resultado positivo. Cada nova experiência aproximava-se um pouco mais do objetivo, mas sem nuncaatingi-lo. Depois, alguém conseguiu flexibilizar mais o problema e considerá-lo sob um novo ângulo: o efeito instável observado explicava-se não pela tintura, mas pela água de cristalização que entrava em sua composição. Uma nova experiência revelou que os efeitos instáveis desapareciam quando a água era submetida a sublimação no vácuo. Por que ninguém pensara nisso antes? Todo o conhecimento molecular teórico era supérfluo. Desembaraçados rapidamente deste, o projeto foi levado a cabo.

Muitos estudiosos não percebem que as publicações úteis, aquelas que exercem um efeito estimulante, são encontradas geralmente por acaso. Basta colocar a consciência em harmonia

com sua busca. As palavras de nossa vida cotidiana não têm curso num trabalho criativo, que opera no subconsciente e cujos resultados se traduzem, no nível consciente, por um sistema de símbolos que permitem que nos comuniquemos com nós mesmos e com os outros. Este fenômeno é bem ilustrado pelas palavras de um grande número de pessoas, que dizem: "Eu atravessava uma fase particular de minha vida. Encontrei uma revista por acaso e subitamente compreendi... Novas idéias jorraram de minha consciência e pude dar uma nova orientação à minha existência..."

As previsões tecnológicas são mais de natureza mitológica que científica. Aliás, a ciência não raro adotou, quanto a elas, uma atitude negativa. Em 1907, o primeiro vôo mecânico controlado foi efetuado por Orville Wright, mas ele se viu contestado e foram necessários cinco anos para que se aceitasse a idéia de que os irmãos Wright tinham efetivamente voado. E como poderia ter sido diferente se os professores mais eminentes da época haviam demonstrado cientificamente que era impossível ao homem voar? Leonardo da Vinci, Jerome Bosch e Júlio Verne são tantos outros exemplos da emergência de um "campo semântico intemporal" das profundezas da psique deles - foi ela quem lhes permitiu visualizar e eventualmente criar máquinas que não existiam em sua época.

Andrew Cão Trovão contou-me que um clã aborígine australiano, que quase não mantinha contato com o mundo civilizado, vira no dreamtime uma estranha máquina que não conseguiu identificar. Eles a descreveram com a ajuda de metáforas. Algum tempo depois, um Toyota chegava próximo ao acampamento, e eles reconheceram a estranha engenhoca descrita pelos antigos.

Uma nova abordagem do xamanismo requer uma linguagem nova. Marcos dizia em seu Evangelho: "Ninguém põe vinho novo em odres velhos, do contrário o vinho arrebentará os odres, e se perderão ao mesmo tempo o vinho e os odres. A vinho novo, odres novos. "

Os campos semânticos intemporais do inconsciente podem favorecer uma nova compreensão dos fenômenos xamânicos, desde que sejam vivenciados. Podemos nos perguntar em que medida uma experiência tal como a sweat lodge ou a dança do sol pode aumentar o potencial criativo de um cientista. A resposta a esta questão não é simples. Cada cientista está convencido de ter encontrado seus próprios meios - geralmente inconscientes - de atingir o Conhecimento. Mas este não se acha em livros, que não passam de instrumentos úteis à sua abordagem.

Contrariamente à ciência, que se volta para o mundo exterior, o xamã dirige-se para o interior, para as leis que governam o ser e o Universo. A ciência é empirismo exterior, o xamanismo, empirismo interior. Para o xamã, o mundo do alto (o interior) projeta-se sobre o mundo de baixo (o exterior), o que se reconcilia na fórmula hermética: "O que está em cima é como o que está embaixo."

David Bohm exprime sem ambigüidade esse princípio: "Vocês só encontrarão a solução deste problema, aquele que consiste em unificar as leis que regem o interior e as que regem o exterior, se aceitarem a idéia de que o homem é, em um certo sentido, um microcosmo do Universo." Bohm foi o exemplo típico do cientista que compreende e aprecia a relação entre ciência e misticismo. Certo número de estudiosos concorda com a máxima hermética. Isso faz deles cientistas pós-quânticos. Ela lhes oferece um ponto de junção com as antigas tradições, qualquer delas, sugere uma reemergência, sob uma forma moderna, da antiga relação entre as

abordagens quantitativa (da ciência) e qualitativa (do xamanismo). A primeira dispõe de uma metodologia rigorosa e formalizada: a matemática. Os cientistas buscam dominar a matéria grosseira; os xamãs se moldam na matéria sutil que, segundo eles, possui suas próprias leis, análogas às da ciência. A tradição esotérica - sobretudo no Oriente, onde se funde com a tradição mística - produziu os Upanishads e os ensinamentos de Patanjali (o pai do ioga) e de Buda. Esses textos são descrições detalhadas da matéria sutil que constitui os corpos energéticos do ser humano e dos níveis de energia - os mundos de luz - nos quais este evolui.

A ciência moderna estuda os objetos reduzindo-os a uma série de componentes sempre menores. A análise minuciosa é certamente uma de suas grandes forças, mas também uma de suas fraquezas. Ao fragmentar a Natureza, a ciência perde a noção de conjunto. Ela paga um tributo ainda mais pesado à sua preocupação com a precisão: uma perda de sentido do conjunto e às vezes até mesmo dos detalhes. Um perigo espreita permanentemente o xamã e o místico: a tentação de perder-se no conteúdo à custa da forma - o mundo do cotidiano. A ciência pode reconduzir o interesse do "viajante" para este mundo e mostrar-lhe os detalhes particulares em toda a complexidade de sua beleza.

O xamanismo concentra-se na reunificação do ser e do Universo sob sua forma visível e invisível, em outros termos, sobre a experiência direta. Renée Weber9 evoca semelhanças evidentes entre a fissão do átomo e a fissão do eu. O místico precisa de uma alta energia, concentrada e intensa, para realizar a tarefa de liberar-se de seu eu e tornar-se transparente à fonte. Assim, a maioria dos místicos tem insistido sobre a pureza do veículo no quadro de uma fissão sagrada do eu, para distingui-Ia de sua forma esquizofrênica. Nos trabalhos de Claude Lévi-Strauss, os xamãs loucos, criadores de desordem, tornaram-se os físicos do além, criadores de um Universo ordenado. Esta distinção é importante. É preciso ser forte e integrado para fazer o caminho árduo da fissão sagrada do eu; é preciso possuir um equilíbrio e uma resistência que não costumam existir naqueles que sofrem de uma dissociação patológica da personalidade. Mas a diferença mais significativa entre esses dois estados reside no fato de que a dissolução sagrada do eu é uma prática sutil que depende do controle voluntário do indivíduo em questão, razão por que os ensinamentos xamânicos duram às vezes dezenas de anos. Não se pode tornar-se homem yuwipi em alguns meses. A desintegração patológica do eu é de natureza involuntária e escapa ao controle do indivíduo.

A desestruturação sagrada do eu é uma tarefa difícil para um ser comum, que deve lutar contra o medo e os condicionamentos. O profano teme sobretudo, quando se torna um receptáculo universal, ser aspirado na canalização cósmica e deixar, de alguma maneira, de ser. O físico nunca experimenta esse tipo de medo quando desagrega partículas. A despeito da "ação do observador", que modificou a concepção do papel indissociável do cientista clássico, o trabalho do físico contemporâneo continua exterior ao indivíduo-objeto de estudo, o qual, contrariamente ao místico, parece por conseguinte invulnerável.

O xamã das antigas tradições e o místico, ocidental ou oriental, tornam-se assim verdadeiros alquimistas, reunindo microcosmo e macrocosmo. Vivem espiritualmente no modo da criação, da manifestação, da dissolução e da reunificação de cada partícula de matéria sólida e de energia sutil. Assim, percebem o vivente em toda coisa a prior i inanimada. São capazes de abandonar-se e morrer a cada instante, e portanto de renascer permanentemente, vivendo num presente intemporal sempre renovado.

Realidade xamânica e realidade virtual

No filme de ficção científica *Le Cobaye*, o dr. Lawrence Angelo, um brilhante cientista, faz experiências com um logicial informático de realidade virtual revolucionário. Quando suas experiências com os animais fracassam, ele encontra um substituto ideal: um simplório cujo ofício é cortar grama, de onde o título original da fita, *The Lawnmower Man*. A cobaia, Jobe Smith, penetra assim em realidades virtuais cada vez mais intensas e alarmantes. As experiências transformam-no paulatinamente num ser sobre-humano. Claro que se trata de ficção, mas até quando a realidade estará longe disso?

Imaginem uma televisão sem bordas, que faria emissões em relevo, com um som em três dimensões e objetos que o espectador poderia agarrar e manipular. Imaginem a possibilidade de imersão e exploração num mundo realmente artificial, em vez da simples contemplação a partir da perspectiva de uma tela plana. Imaginem que se pudesse ser tanto criador quanto espectador dessa experiência, e que se tivesse o poder de, por meio de um gesto, uma palavra, um pensamento, remodelar esse mundo artificial... Não se trata de ficção! Os elementos de um sistema de realidade virtual: visão, capacete, imagem sintética em relevo, periféricos de entrada e saída e simulação por computador permitem hoje alcançar um mundo artificial e modificá-lo à vontade. A tecnologia da realidade virtual deriva em parte da tecnologia dos simuladores de vôo que os pilotos utilizam. Graças a tais instrumentos, eles aprendem os rudimentos da pilotagem sem precisar deixar o solo, usando réplicas dos comandos de vôo. A tela utilizada nos simuladores é a de um monitor de computador, onde a paisagem mostrada muda em função da rota virtual escolhida pelo piloto. O *cockpit* acha-se montado sobre uma plataforma dinâmica que reproduz fielmente os movimentos simulados pelo avião. A realidade virtual é igualmente uma espécie de simulador, mas, em vez de estar em frente de uma tela que apresenta imagens bidimensionais, o experimentador imerge numa representação em três dimensões fabricada pelo computador. Ele pode deslocar-se nesse mundo virtual, contemplá-lo a partir de diferentes ângulos, pegar objetos que ali se achem e remodelá-lo.

Por enquanto, ainda é necessário usar um capacete eletrônico ou um par de lunetas com obturador para visualizar um tal mundo, e usar uma luva especial ou segurar um periférico de entrada para manipular os objetos que ali se vêem. Um capacete preparado pela Nasa conta com um conjunto de lentes e de minúsculas telas de vídeo ligados a um aparelho que segue a posição da cabeça, causando a ilusão de que a tela cerca completamente o "viajante". O motor de realidade modifica automaticamente a imagem apresentada quando se mexe a cabeça. É possível passar por trás dos objetos criados pelo computador, levantá-los e examiná-los ou, deslocando-se, vê-los sob outro ângulo. Essa modelização complexa de um mundo virtual cambiante a cada movimento do experimentador é produzida por um programa de simulação alimentado por um poderoso computador, a que o capacete e a luva especial estão por sua vez ligados. Amanhã, tecnologias menos pesadas proporão o mesmo tipo de experiência, e os computadores utilizados serão ao mesmo tempo mais potentes e menos onerosos.

Os primeiros artigos dedicados à realidade virtual pelos grandes jornais norte-americanos datam de alguns poucos anos. O número de outubro de 1992 de *Business Week* trazia em sua capa: "A realidade virtual, uma nova ferramenta que amplia o espírito." Time, em seu número

de fevereiro de 1993, fala de um novo cyberpunk, que ama o rock'n roll sintético, as drogas suaves... e o sexo virtual. Newsweek evocava uma nova tecnologia interativa chamada a mudar nossa maneira de fazer compras, brincar e aprender.

O grande público tem uma falsa idéia da realidade virtual.{17} De fato, esta já não requer o uso de capacetes, que podem ser substituídos por grandes telas ou mesmo estações de trabalho gráfico de alta escala. Do mesmo modo, as luvas podem ser substituídas por simples *track balls* (sistema de comando por bolas) ou *joystiks* (botões de comando para jogos em computador). As luvas sensíveis não são exclusivamente utilizadas no contexto da realidade virtual, a qual poderia ser definida como uma simulação por computador onde o grafismo serve para criar um mundo (ciberespaço) que parece realista. Além do mais, o mundo sintetizado não é estático, antes responde às ordens do utilizador (gestos, palavras etc.). Eis o que faz aparecer uma característica-chave da realidade virtual: a interação em tempo real. Gostamos de ver os objetos se mexerem numa tela em resposta a nossas ordens e ficamos assim cativados pela simulação.

Olhem as pessoas jogando arcadas. A interação, por seu poder de atração, contribui para o sentimento de imersão que o operador sente ao tomar parte na ação que se desenrola na tela. Mas a realidade virtual vai mais longe ao dirigir-se a todos os canais sensoriais do homem. De fato, os operadores não se contentam em ver e manipular objetos gráficos sobre a tela, podem igualmente tocá-los, senti-los ao tato. Pesquisadores trabalham também sobre o olfato e o paladar.

Eis uma definição que resumiria todas essas noções: um sistema de realidade virtual é uma interface que implica uma simulação em tempo real e interações por via dos canais sensoriais múltiplos, que são inerentes ao homem: visão, audição, tato, olfato e paladar.

Histórico da realidade virtual

A realidade virtual não é uma coisa recente. Tem mais de trinta anos. Curiosamente, não foi um engenheiro mas um profissional do cinema, o norte-americano Morton Heilig, quem patenteou sua invenção: o Senso rama Simulator, primeiro sistema em vídeo de realidade virtual. A partir de 1960, Heilig tentou comercializar seu novo conceito de cinema, mas ninguém quis ouvir falar naquilo. A realidade virtual começou a ser implantada quando a Nasa, interessada nos simuladores, deu início à sua fabricação. Eles lhe serviam para o treinamento de astronautas, pois era muito difícil, se não impossível, recriar as condições ambientais do espaço e dos planetas de outro modo. A primeira firma que comercializou produtos de realidade virtual foi a VPL. Essa empresa vendeu em 1987 as primeiras luvas sensíveis, *Data Glove*, e os primeiros capacetes de visualização. Para resumir a história, assinalemos que devido a problemas financeiros ela foi comprada, em 1992, pelo grupo francês Thomson. Mas o mercado da realidade virtual está hoje principalmente centrado nas aplicações lúdicas. É neste setor que as primeiras grandes empresas anunciaram novos produtos. Pensemos na Sega, que colocou no mercado em 1994 o primeiro vídeo game individual baseado na realidade virtual. Isso constitui provavelmente um salto quântico para a indústria e para a expansão dessa nova tecnologia.

A realidade virtual parece ainda pertencer ao domínio da ficção científica, à qual devemos aliás o termo "ciberespaço". Mas saibam que já se trata não apenas de uma ciência, como

também de uma tecnologia e de um setor comercial interessante das em- presas de informática, de comunicação, de design e de lazer do mundo inteiro. O jornalista norte-americano Howard Rheingold{18} observa que essa nova tecnologia é ainda muito jovem para ser percebida pelo grande público, mas ela já se impõe em várias disciplinas. Rheingold fornece alguns detalhes de sua pesquisa:

"Na Universidade da Carolina do Norte, passeei num prédio que existia no ciberespaço antes mesmo de estar construído. Na Cidade das Ciências, de Kansai, nos bairros de Tóquio, tomei lugar num protótipo 'de ambiente reativo', que seguia a direção de meu olhar e a natureza de meus movimentos. Conversei com pesquisadores japoneses que recorrem à realidade virtual para construir os sistemas de comunicação do século XXI.

Na Nasa, manipulei os comandos de um robô que faz consertos num espaço extra-atmosférico virtual.

Em Cambridge, Massachusetts, passei os dedos sobre 'papel de vidro virtual' por intermédio de um cabo de simulação de texturas. Observei igualmente pesquisadores fabricando criaturas animadas, que habitarão os mundos virtuais semi-inteligentes de amanhã.

Em Thukuba, uma das primeiras Cidades das Ciências do Japão, fiz a estranha experiência de ver-me por intermédio dos olhos de um telerrobô, uma espécie de projeção fora do corpo assistida por computador.

Em Honolulu, vi uma arma automática telecomandada num centro de pesquisas sob alta segurança da Marinha norte- americana.

Em Santa Barbara, Califórnia, especialistas das imagens de síntese, especialistas em robótica, papas das ciências cognitivas e estudiosos de informática do mundo inteiro reuniram-se para discutir sobre seu campo de interesse comum. Ao término do colóquio, eles decidiram trazer uma contribuição maior ao aparecimento de uma nova ciência, que se situa na encruzilhada de suas especialidades, e fundaram um jornal, publicado por MIT Press, consagrado ao estudo dos mundos virtuais.

No Vale do Silicone, visitei uma empresa de um gênero particular onde são fabricados vídeo-capacetes e luvas especiais. Dancei com uma mulher que adquirira a forma de uma lagosta de quatro metros de altura!

Em Grenoble, visitei um laboratório de informática no interior... de um laboratório de informática e pus as mãos numa máquina fabricada ali. A manipulação desse aparelho, feito de metal e de circuitos integrados, me deu a sensação de passar um arco sobre as cordas do violino.

Remontei ao passado dos tempos pré-históricos das cavernas de Lascaux, explorei a caverna de Platão, tive mais do que um resumo de um futuro tecnológico a que devemos dedicar nossa atenção desde hoje. A realidade virtual ainda balbucia, mas alcançará muito rápido sua maturidade."

Projeção fora do corpo e realidade virtual

"Pela primeira vez em minha vida", conta Rheingold, "minha consciência deslocou-se a uma distância de aproximadamente cinco metros de minha cabeça,{19} onde a situo habitualmente.

O mundo que eu descobria comportava profundidade, sombra, claridade e relevo, mas tudo ali era preto e branco. Rápidos movimentos de cabeça confirmaram-me que eu podia adaptar-me à visão desse mundo estranho. Quando girava o pescoço e os ombros, cobrindo uma área de aproximadamente seis metros a partir do lugar onde se achava meu corpo, minha perspectiva sobre esse mundo modificava-se. Começava a familiarizar-me com a estranha sensação de ter meu ponto de vista transferido para um robô, quando voltei a cabeça de modo a perceber-me. Compreendi logo como é esquisito sentir-se presente em dois lugares ao mesmo tempo. Antes da experiência, não nos damos conta de que a telepresença {20} é uma forma de descorporificação. Poderia ser também uma maneira de qualificar o modo como a realidade virtual modifica a consciência do real."

Todos os que conhecerem e explorarem estados não ordinários da consciência observarão que a realidade virtual não está muito distante de um conceito oriental e sânscrito chamado *maya*. Maya é a ilusão em que todos estamos mergulhados; a realidade virtual é uma ilusão gerada por nossos pensamentos e nossas ações. A liberdade da realidade virtual gerada por nosso próprio cérebro e nosso sistema nervoso depende de nossa capacidade para transcender a ilusão de uma realidade particular e para experimentar o potencial completo desse eu que constitui nossa essência pura.

As técnicas tradicionais mais eficazes para levar quem bus- ca a verdade a esse estado de transcendência são, para as escolas de ioga, *vairagya* e *viveka*. *Wairagya* consiste em um desengajamento em relação a todos os apegos das experiências mentais físicas. Não deve entretanto ser confundido com o desprendi- mento emocional defensivo observado numa personalidade esquizóide. *Viveka* não raro foi apresentado como uma discriminação entre o real e o irreal. Pode também aplicar-se a nossa subjetividade própria, considerando o fato de tentarmos constantemente encontrar o eu responsável por nosso pensamento consciente. De acordo com o pensamento do ioga, o verdadeiro eu (em virtude de sua natureza transcendental) não passa de uma testemunha, que observa o trabalho do espírito sem intervenção direta. Assim, do mesmo modo que cérebros inteligentes se acham na origem do desenvolvimento da tecnologia da realidade virtual, que permite experimentar realidades alternativas por meios artificiais, uma inteligência última está presente por trás da ilusão da realidade de nosso modo de experiência habitual.

Estamos em contato com uma espécie de espaço virtual que nós mesmos fabricamos, idêntico ao ciberespaço dos mundos virtuais fabricados pela tecnologia deste fim de século. Assim, os estados de expansão da consciência ou, mais exatamente, os estados de consciência xamânica são campos de realidade virtual a que têm acesso os xamãs por meio dos ritmos dos tambores, a ingestão de plantas psicoativas e o poder da prece.

Ciência xamânica e iluminação

Temos o hábito de considerar o futuro como uma extensão do passado. Tal visão baseia-se, sobretudo no esquema racional, em nossa experiência do vivido com sua orientação científica. Sabemos a que ponto é arriscado prever o futuro. Futurólogos famosos da década de 1970, como Alvin Toffler, aprenderam isso à própria custa. Na escala do tempo, nossa visão carece forçosa-

mente de distanciamento. A agricultura, a domesticação dos animais, a cerâmica e a tecelagem datam apenas de dez mil anos, e a civilização, de cinco a seis mil anos. Quase tudo o que sabemos de nossa história está limitado a essas épocas relativamente recentes.

Vivemos hoje o segundo, se não o terceiro, sopro da revolução científica. Em fins dos anos 80 e começo da década de 1990, as esperanças que tínhamos depositado no modernismo acham-se, em sua grande parte, esgotadas. Numerosos são aqueles que aspiram a um novo modo de vida, a um novo sistema ecológico, a uma medicina mais humana, a um compartilhamento de conhecimentos e ao respeito pelas diferenças. O que era inconcebível há trinta ou quarenta anos tomou-se hoje possível, mas nossas aspirações atuais se revelarão talvez pura utopia dentro de um século. A segunda metade do século XX poderia ser qualificada como "a era da informação", pois desde 1960 a informação veiculada pelos meios de comunicação atingiu literalmente cumes até então impensáveis, e não estamos senão no início do processo. Todas as experiências de expansão da consciência que eu vivi permitiram-me perceber que o presente não se cria unicamente a partir do passado, mas também a partir do futuro. Começa- mos apenas a compreender que é crucial renunciar à ilusão de acreditar que nosso país, nossa civilização e nossa religião ocupam um lugar central ou preeminente no mundo. Existem outras civilizações e correntes de pensamento.

A informação e suas técnicas permitiram-nos descobrir os costumes de seres muito diferentes de nós, como os aborígines da Austrália, com seus costumes, seus ritos, suas esperanças. Desde a descoberta do Novo Mundo, há quinhentos anos, todas as regiões do globo aproximaram-se, graças aos progressos da técnica, qualificados como extraordinários por cada geração. No entanto, a humanidade não atingiu ainda a unidade política: continuamos estrangeiros uns para os outros nos planos cultural, lingüístico e até comportamental. Vivemos encerrados em hábitos locais, vestígios de tempos anteriores à recente abolição das distâncias.

Estudando o funcionamento da consciência, percebemos que o ser humano não vive unicamente no presente, mas que evolui numa espécie de fluxo mental- ele se recorda do passado e olha com esperança - ou temor - o futuro que aponta no horizonte. O conceito grego de dualismo, que especifica que tudo quanto existe tem seu contrário - o amor e o ódio, o bom e o mau, a luz e a escuridão -, conduziu o homem moderno para o conceito errôneo de separação. Mais significativo ainda, nós nos consideramos como sendo separados não apenas dos outros, mas também de nosso próprio meio ambiente - um conceito posto em evidência por todas as religiões e correntes de pensamento tradicionais. Contudo, não estamos dissociados da Terra, somos o mundo e o Universo: uno, idêntico e não separado.

A própria ciência já começou a trazer à luz essa verdade. Com efeito, físicos como David Bohm, antigo condiscípulo de Einstein na Universidade de Princeton, em Nova Jérsei, empreenderam ir mais longe com a teoria quântica de inícios do século. Os trabalhos de Bohm lançaram no pântano científico um aterro quase tão importante quanto o lançado por Einstein, em 1905, quando aceitou um lugar no departamento de patentes em Berna. Bohm postulou que a Natureza da vida não podia ser reduzida a fragmentos ou partículas, que devíamos desenvolver uma visão holística do Universo e perceber a vida como um conceito integral, que ele batizou de "ordem implicada". A teoria de Bohm observa que nada se acha petrificado se considerarmos a vida como uma globalidade. Desde Galileu temos olhado a Natureza por meio de lentes, mas o próprio fato de objetivar o mundo através de um microscópio eletrônico influencia nossas

expectativas. Queremos definir contornos, imobilizar um objeto no espaço de um instante, enquanto sua verdadeira Natureza pertence a uma outra ordem de realidade, a uma outra dimensão, onde não há "coisas". É como se efetuássemos uma operação precisa, quando o impreciso ter-se-ia mostrado uma representação mais fiel da realidade. O impreciso, dizia Bohm, é ele mesmo a realidade fundamental.

Rumo à teociência?

A ciência e as tradições religiosas não são geralmente aliadas. Parecem sempre representar conceitos opostos e, em nosso desejo de compreender todos os aspectos da vida, temos feito dos cientistas os novos grandes sacerdotes. Embora a religião continue sendo um importante elemento da vida, várias pessoas têm procurado formas alternativas a ela e, ao fazê-lo, voltam-se para as tradições espirituais da humanidade, como, por exemplo, o xamanismo. Nossa esperança reside na reconciliação de dois opostos: o irracional e o racional.

A ciência pode prever o futuro? A *Odisséia*, o segundo dos grandes poemas épicos de Homero, conta-nos o rapto de Proteu por Menelau, perdido ao voltar para casa depois da guerra de Tróia. Proteu, que possuía o dom de profetizar, recusava-se a responder aos mortais que o interrogavam e modificava sua aparência, de forma que não se podia subjugá-lo. Da mesma maneira, a história é proteiforme: assim que a apreendemos sob uma aparência, ela transforma-se como Proteu, a ponto de ficar quase irreconhecível. O mesmo vale para a ciência e a religião. "Mudar de rosto, eis a verdadeira Natureza da história", dizia o historiador das ciências Arnold Toynbee.{21}

Por volta de 1960, pesquisadores tentaram compreender o próprio conceito de racionalidade científica. Perceberam, pelos relatos de etnólogos, antropólogos e místicos, que era possível elevar-se além da consciência cotidiana. Os novos modelos que apareceram nessa época levantaram mais perguntas do que trouxeram respostas - questões a que a ciência atual nem sempre está em condições de responder. Entretanto, com a evolução das consciências, os "teocientistas" do próximo século poderiam levar em conta os dados de numerosas experiências compatíveis com um sistema de pensamento planetário. Os primeiros a emitir essa idéia foram astronautas como Edgar Mitchell, que exclamou:

"*Visto lá do alto, não há fronteiras nem países diferentes, apenas cidadãos do planeta Terra*."

Poderíamos assim alcançar uma sensação de unidade com a existência - uma visão da vida que mescla as abordagens ocidental, oriental e tradicional. Esse novo pensamento leva à conclusão de que Deus já não se acha fora de nossa esfera de influência, mas no nosso interior e ao nosso redor. O ser humano pode descer de seu trono e olhar para dentro de si. A expressão-chave do século XXI será talvez: "Um coração, um povo, um mundo." Em meados da década de 1950, diferentes organizações surgiram na Europa, como a Comunidade Européia do Carvão e do Aço (a CECA) e a Comunidade Econômica Européia (a CEE). Em 1970, todos os países que fazem parte da CEE resolveram adotar o princípio de moeda única. A idéia foi bem-sucedida. Até quando um idioma comum?

Em nossa época de fragmentação, às vezes é cômodo usar uma máscara, mas o que ela esconde? A utilização dos estados de expansão da consciência permite falar de coração a

coração, de alma a alma, e aqueles que se acham encarregados pela evolução do mundo em todos os domínios da sociedade deveriam ser capazes não apenas de olhar em sua alma, mas também de libertá-la. Os candidatos a cargos políticos importantes deveriam ser versados em todos os aspectos da constituição governamental, da gerência financeira, dos estudos sociais, da psiquiatria alternativa, da medicina holística, do xamanismo universal, das condições ambientais e dos negócios mundiais. Um exemplo ilustre dessas possibilidades nos é fornecido pelo Dalai Lama, décimo quarto do título.

Os médicos anônimos. A catástrofe genética

Em 1994, diversas revistas científicas começaram a falar de xenoenxerto, ou seja, a possibilidade de enxertar, por exemplo, um rim de porco ou um coração de chimpanzé num ser humano. Sob o mesmo espírito, alguns estudiosos afirmavam que não existe nenhuma razão científica afiançável de proibir a criação de um híbrido humano-chimpanzé. Tal posição ilustra bem a crença científica genética moderna e sua falta de relação com a existência. Certamente não existe nenhuma razão científica afiançável de proibir a combinação de não importa que animal, espécie ou tipo vivo com um outro. O orgulho científico, idêntico ao dos séculos XVIII e XIX, clama em alto e bom som que as transformações e as descobertas se fazem a uma velocidade inigualada, graças à abolição das distâncias favorecida pelos progressos técnicos. A aceleração da ciência pega-nos quase sempre desprevenidos.

Todavia, malgrado todos esses progressos, muitas pessoas continuam em busca de si mesmas. Os desenvolvimentos em matéria de genética e a transferência de embriões correm o ris- co de nos confrontar com um grave perigo: a produção de animais híbridos e espécies novas. Essa evolução demonstra que a engenharia genética acha-se doravante em condições de alterar o ambiente geral da espécie humana, quando o poder de criação fora durante centenas de milhares de anos o privilégio exclusivo da própria Vida. Os geneticistas são capazes de proceder a modificações fundamentais da química da vida, em "bipassando" a oportunidade natural do equilíbrio do vivente. Nossa ciência esquece um fator bastante simples: não existe qualquer diferença entre o senhor e a criatura, ambos são uno e inseparáveis. Em outros termos, o homem pega do chicote para bater em si mesmo. Os dois últimos séculos viram o advento da medicina clássica, cujo campo de intervenção é estritamente limitado ao corpo físico, considerado como uma máquina complexa, um vasto relógio que funciona de acordo com princípios deterministas e a ausência de qualquer influência do espírito e da consciência. Esta visão é filha de leis desenvolvidas no século XVII. Na década de 1960, uma nova tendência surgiu, defendendo a reunião corpo- espírito. Chegamos assim a reconhecer que o espírito era suscetível de interferir nos metabolismos do corpo. Podia-se doravante formular cientificamente o impacto das percepções psíquicas e sensoriais sobre o corpo, especialmente no quadro das doenças consideradas na época como as mais graves: perturbações cardiovasculares, câncer, hipertensão etc.

No entanto, às portas do novo milênio, assiste-se ao advento de um terceiro tipo de medicina, que poderíamos chamar de "terapia energética", "medicina energética" ou ainda "terapia vibratória". Esta representa uma reviravolta nas regras baseadas na relação matéria-energia, pois parece que o próprio espírito não é de Natureza espaço-temporal.

Médicos que acabaram se interessando pelos xamãs tradicionais ou terapeutas que se beneficiam de uma formação pluridisciplinar percebem que o fato de contrariar a Natureza ou de tentar impor à vida uma evolução que não é a sua é uma grande fonte de doenças graves. Se estamos em ruptura de harmonia com a vida, se procuramos dominar o que não deve ser dominado, colocamo-nos nós mesmos num estado de ruptura de harmonia. Por conseguinte, produzimos o câncer, a Aids e todas essas desordens para as quais nem sempre existem soluções reais. Buscamos a causa física de uma doença, nunca suas causas mentais e espirituais. A tendência começa realmente a inverter- se. Os médicos são talvez chamados a desaparecer sob sua forma clássica para reaparecer sob uma forma nova. Mas antes eles deverão aprender a penetrar no interior de si mesmos para buscar as causas das doenças.

Não se trata apenas de resolver os problemas e curar os seres, mas antes de compreender as raízes profundas de todo desregramento orgânico e psicológico. Para isso, a visão do ser humano com seus compostos energéticos e a interconexão entre o "corpo de luz" da Terra e o de cada indivíduo deverão ser compreendidas e integradas numa visão universal da evolução da vida.

Uma teoria universal dos Universos

Em abril de 1996, quando do congresso de Council Grove, no Kansas, tive uma longa conversa com o professor Tiller, um especialista em termodinâmica, ex-presidente do departamento de engenharia da Universidade de Stanford, na Califórnia, e professor emérito dessa universidade. Ele comparou a realidade a uma plataforma holográfica, a um ambiente no qual seria possível criar uma simulação holográfica de não importa que realidade desejada: uma praia, uma floresta, uma cidade... Poder-se-ia assim, só pelo pensamento, materializar um objeto ou fazer desaparecer um outro.

Torna-se pouco a pouco aparente que as coisas que parecem estáveis e eternas - das leis da física às substâncias galácticas - devem ser consideradas como campos de realidade imper manentes. Toda realidade é ilusória, só a consciência é eterna. Stephen Hawking, em Uma breve história do tempo,{22} propõe uma teoria unificada do Universo. Existe, segundo ele, uma fórmula única, ou uma série de fórmulas, que nos permitiria mapear toda forma de existência para sempre. Mas este postulado baseia-se em quatro hipóteses:

- o espaço, o tempo e a matéria são reais;
- a distância entre aqui e agora existe realmente;
- o tempo entre "agora" e "então" desenrola-se de maneira linear;
- a terra sobre a qual andamos e o livro que você está lendo são "coisas" sólidas. Tal postulado difere radicalmente da visão espiritual das tradições orientais.

A iluminação

Começamos apenas a perceber que a realidade não tem o que fazer de teorias, mapas e abstrações. O início do terceiro milênio descortina-se para outras realidades que não se baseiam em certezas e nem mesmo em probabilidades, mas em vazios, intemporalidades, conceitos de

antimatéria. Em definitivo, uma surpresa de caráter iluminatório, no sentido místico do termo, aguarda todos os pesquisadores: os cinco sentidos não existem e não funcionam como tais. O mundo dirige-se para um estado alternativo - um estado de expansão da consciência -, que os seres humanos possuem desde sempre mas que esqueceram. Assim, a montanha do saber racional alcança pouco a pouco o real, reduzindo-se cada vez mais. Quando ela não passar de um montículo, encontrará, já instalado na praia, o conhecimento intuitivo.

5 - OS MECANISMOS XAMÂNICOS DA CURA CORPO-ESPÍRITO

Depois da conquista do Novo Mundo, os invasores ocidentais quase não se interessaram pela maneira como os ameríndios consideravam a medicina e a espiritualidade. Os exploradores e os missionários rejeitavam pura e simplesmente os conhecimentos tradicionais dos curandeiros e dos xamãs, considerados como criadores de desordem. Os relatos redigidos durante quase cinco séculos os descrevem como feiticeiros, seres supersticiosos, trapaceiros e escroques que não faziam outra coisa senão agra- var o estado de seus pacientes. Eles guardaram silêncio - por ignorância ou malícia - sobre o fato de que para os xamãs curandeiros, saúde e cosmogonia formam um todo coerente. Sua visão do mundo permitia aos ameríndios, aos amazônicos ou aos polinésios viver em relação com o meio ambiente de um modo que não os encorajava à exploração nem ao esgotamento de seu quadro natural.

Tal sistema exigia que os curadores buscassem seus recursos no próprio ecossistema deles, levando em conta as estações, as riquezas do solo e os contatos com os espíritos do lugar. A visão xamânica da saúde, da doença e da morte não é compreensível se não for considerada de acordo com a tradição. As *performances* xamânicas provam bem que esses seres investidos concedem particular atenção a uma forma de medicina psicossomática diretamente ligada à cosmogonia, ao misticismo, a toda uma dimensão negligenciada pelo sistema médico ocidental. Nesta vi- são, o curandeiro é mais do que um médico ou do que um simples prático; ele é o depositário de poderes que vão além da natureza de um indivíduo comum. Em outras palavras, trata-se de uma pessoa que possui dons particulares e mantém relações diretas com as potências sobrenaturais. Seus dons de cura foram-lhe transmitidos por forças superiores. Entre todos os povos tradicionais, medicina e religião, visível e invisível são as duas faces de uma mesma moeda.

Para os povos que funcionam no nível do cérebro direito, a medicina está fortemente impregnada de tradição. Os xamãs, que recebem suas instruções dos espíritos, agem no seio de modelos tradicionais, e suas experiências não podem deixar de respeitar as regras ancestrais da nação e do povo. Como fator cultural conservador, a medicina possui, portanto, um caráter sagrado, místico.

O índio não tem medo de morrer. Sua história guerreira e seu estoicismo diante da fome e da precariedade o provam. Mais do que isso, ele ama a vida e, como todos os seres humanos, tem uma noção muito vaga e contraditória da existência após a morte. A separação entre o mundo dos vivos e o dos mortos exprime-se por meio de inumeráveis histórias de fantasmas espalhadas em toda a América do Norte e na Polinésia, sobretudo entre os povos de caçadores e de navegadores. Estes consideravam que a morte fora introduzida neste mundo no começo dos tempos pelo Criador, depois de um jogo divino entre dois seres primordiais. Sabiam que os perigos da vida conduzem à doença e à morte. Não existe qualquer proteção última contra esta, nem mesmo o famoso *walk in beauty* (caminhada na beleza) dos navajos - viver de acordo com os ideais do povo, cuidar da própria família, participar das cerimônias ritualísticas -, que, quando muito, só permite que se prolongue a vida. As causas de morte mais comuns eram a doença e a guerra. Havia também suicidas e homicidas, mas com menos freqüência do que nos dias de hoje. Morrer em combate era uma maneira honrosa de terminar a vida. Lembremos o famoso grito de guerra dos sioux no século XIX: "Hoje é um belo dia para morrer."

Entre os polinésios, o conceito da salvação, ou *ora*, era uma noção puramente pragmática,

que significava: ser poupado pela doença e ficar neste mundo. *Ora* é um estado de ser que pode traduzir-se por vida, salvação, saúde, ser libertado, curado ou salvo. Os aspectos redutores da condição humana - doença, falta ou fracasso - eram conseqüências de transgressões, ou *hara*, que haviam desagradado aos espíritos.

Os povos de caçadores, de pescadores e de navegadores perceberam, de fato, que a força do grupo é capital num ambiente hostil. Um indivíduo deve contar apenas com seu próprio talento e suas forças pessoais, mas estas podem ser reforçadas por aptidões sobrenaturais adquiridas por meio de um sonho espontâneo ou de uma busca de visão. Essa potência adquirida é a expressão religiosa mais importante entre esses povos. Os curadores são julgados em função de uma escala de valor particular. Pode acontecer, entretanto, que certos homens ou certas mulheres, idosos, que não possuem poderes sobrenaturais, sejam considerados como curadores em razão da sabedoria e da experiência.

Existem três categorias de curadores: os ervanários ou ortopedistas, os curandeiros e os xamãs.

Os **ervanários** ou **ortopedistas**: homens ou parteiras, são seres não inspirados capazes de cuidar das feridas, das dores físicas, dos problemas ósseos, pois aprenderam a tratar esses males pela tradição e pela experiência.

Os **curandeiros**: para curar, seguem preceitos ordenados pelos espíritos. Quando os primeiros pioneiros franceses chega- ram à região dos Grandes Lagos no século XVI, observaram que os curandeiros eram não apenas curadores, mas também seres dotados de poderes sobrenaturais. Essa denominação decorre do fato de que a medicina representava para eles o essencial de suas atividades. As línguas ameríndias não isolam o aspecto médico e falam de preferência de homem de poder ou de homem mistério.

Os **xamãs**: representam uma categoria à parte, a dos visionários que recorrem aos transes e às visões. Visitam em espírito lugares longínquos para atrair um espírito guardião. É a viagem da alma, característica do verdadeiro xamanismo, que permitirá ao ser investido identificar a causa de uma doença e o remédio apropriado. O curandeiro certamente pode tratar de uma doença num estado de visão leve, mas ele não viaja nos planos sobrenaturais.

A dor e a doença representam para os povos tradicionais rupturas da harmonia cósmica que implica os deuses, os espíritos, os homens, os animais e as forças da Natureza. Tratamentos particulares ajudarão a suprimir essa perturbação, reintegrando o ser humano na ordem cósmica.

Curar pelo wakan - o sagrado

Entre os povos de caçadores das planícies centrais e do norte dos Estados Unidos, os xamãs-videntes-curadores, chamados *wicasa wakan*, utilizam as plantas como os curandeiros e os ervanários. Mas, contrariamente a estes, curam também apenas pela virtude de seus poderes e dons sobrenaturais. Para compreender o sistema dos índios das planícies, e dos lakotas em

particular, é preciso apreender a significação profunda do termo *wakan*. Tal significação demonstra claramente que a cosmogonia lakota forma um todo coerente, integrando o conjunto das particularidades das tendências individualistas inerentes aos ameríndios. Wallace Alce Negro insiste sobre este ponto fundamental. Wakan, o equivalente do *mana* dos maoris polinésios, pode traduzir-se por sagrado ou energia cósmica; refere-se tanto às coisas como às pessoas. Não se pode apreender este conceito senão por meio das ações que ele cumpre ou, antes, que ele faz com que sejam cumpridas por formas de vida específicas a nosso mundo e nas quais ele se investiu. Ele é assim referenciável pelas ações dos seres *wakan* ou dos seres que têm o *mana*. Ser *wakan* ou possuir o mana é sempre um atributo pessoal nessas manifestações. O *wakan* ou mana é a própria essência da visão tradicional de um grande número de povos, porque é por ela que sua identidade cultural afirma-se com mais força.

Interação entre as vias tradicionais e modernas

Em virtude da aculturação progressiva dos ameríndios que se seguiu à influência da cultura ocidental, as práticas xamânicas tradicionais acabaram por se deixar penetrar pelas da medicina ocidental. Os ameríndios passaram a poder escolher entre os dois sistemas. As vias xamânicas tradicionais foram às vezes utilizadas para tratar dos brancos, sobretudo quando estes eram considerados como convidados ou quando vinham deliberadamente pedir a ajuda dos curadores ou dos xamãs. Quando de nossa estada na Amazônia, as pessoas de Céu do Mapiá recebiam de tempos em tempos doentes de Belo Horizonte, de Brasília ou do Rio de Janeiro, que vinham buscar tratamentos à base de plantas ou participar, sob a influência da *ayahuasca*, de um ritual particular: a cerimônia das estrelas.

Ao longo do último século e ainda durante a primeira metade do século XX, as reservas sofreram de uma carência cruel de hospitais e pessoal médico especializado. Em 1944-45, uma epidemia de varíola declarou-se na reserva de Pine Ridge, no Dakota, que só contava com dois médicos para 15 mil índios sioux. A presença dos brancos, de suas instituições e de seus cuidados médicos aumentou, porém, ao longo dos últimos trinta anos. Assim, na maioria das reservas, os índios passaram a contar com a possibilidade de tratar-se com um curandeiro ou com um médico ocidental. Muitos procuram os curandeiros para determinadas doenças e a medicina moderna para outras. Alguns{23} estimam que os curandeiros deveriam operar mais fora do círculo de sua tribo, sem distinção de raças. Duas culturas erguem-se face a face, dois sistemas de valores, dois sistemas médicos - de um lado, o xamanismo tradicional, do outro, a medicina científica moderna. Quando esses dois sistemas se interpenetram, pode-se falar de relações transculturais. Ora, os ameríndios recorrem cada vez mais a procedimentos médicos transculturais. Neste caso, a medicina convencional vai ao encontro das terapias vibratórias, que consideram o ser humano como uma totalidade, uma entidade tanto física quanto espiritual. As terapias xamânicas colocam-se dentro dessa categoria e, como se verá no ritual das pinturas na areia dos navajos, trata-se de um sistema de cura pela fé que leva em conta a necessidade do paciente em acreditar no procedimento médico, já que o espírito e o corpo são interdependentes. Esse tipo de cura lembra a medicina caseira de nos- sas avós e a medicina popular do campo, ainda amplamente disseminada no Ocidente. Ao conversar em várias oportunidades com o xamã

cree de Mistassini, eu notara que as doenças de natureza sobrenatural eram tratadas por vias tradicionais crees, enquanto as doenças graves, não sobrenaturais - problemas cardíacos, cálculos renais, etc. -, o eram pelo dispensário.

- Que fazem os crees - perguntei-lhe - quando têm um problema físico?

Balançando a cabeça, ele me respondeu:

- Eles vão ver o doutor.

- E se o problema for realmente grave? - insisti.

- Então - retrucou, com malícia -, eles vêm me ver.

Os ameríndios acham que a medicina ocidental está preparada para cuidar das doenças benignas, mas é pouco confiável nos demais casos. Nossa tecnologia não conseguiu aliviar certos pacientes - mas isso também ocorre com os curandeiros tradicionais. O debate continua em aberto. Entre os crees, quando um doente não encontra cura no dispensário, volta para consultar o curandeiro, que procura determinar se a origem da doença é natural ou sobrenatural. Neste último caso, só o *bush-doctor*, o médico do mato, o xamã pode cuidar disso.

Na óptica tradicional, nenhuma doença é inexplicável, ela tem sempre uma origem espiritual. Se um índio sente dores particulares, nem sempre um médico estará em condições de explicá-las; já o curandeiro poderá fazê-lo. Se tivermos de dar crédito aos navajos que trabalham em dispensários brancos no Arizona, a medicina dos brancos é desanimadora porque trata dos sintomas, não das causas. Assim, no caso de sofrimentos físicos, um índio se voltará para a tecnologia ocidental, mas se sentir a necessidade de um tratamento holístico sobrenatural procurará o xamã.

A partir de 1986, o departamento de antropologia da Universidade de Phoenix, no Arizona, criou um pólo de pesquisa inter- cultural entre medicina ocidental e prática xamânica *hopi*. O objetivo era compreender por que os tratamentos terapêuticos de certos cânceres fracassavam onde a medicina *hopi*, que utiliza turquesas, a purificação pela sálvia e os cantos tradicionais sagrados, conseguia melhoras. A introdução das técnicas xamânicas na prática médica no Brasil ou nos Estados Unidos traduz bem o prestígio crescente dessa via terapêutica.

Medicina das plantas taitianas e origem da doença entre os polinésios

Sempre que estivemos na Polinésia, procuramos especialmente conhecer *tahua* curadores - os que trabalham com as plantas. Infelizmente, a antiga psicoterapia taitiana está morrendo. No começo do século XX, só havia alguns médicos europeus no Taiti, mas sua clientela era quase exclusivamente de *popa'a*, de brancos. Os taitianos só consultavam os *tahua*. Logo se condenou o exercício ilegal da medicina, em nome naturalmente dos nossos critérios ocidentais. Os *tahua* eram então sistematicamente condenados. A maneira de utilizar corretamente seus remédios foi a tal ponto esquecida, que começaram a usá-los meio às cegas, acarretando erros graves e envenenamentos.

O dr. Grépin e sua esposa Michele, farmacêutica, evocam em sua obra{24} o declínio da medicina taitiana. Não porque os nativos a rejeitem, mas porque mais ninguém parece em condições de exercê-la. Em vez de ficar nas mãos de alguns iniciados que se dedicavam totalmente à arte de curar e conheciam perfeitamente as indicações, essa farmacopéia tornou-se

pouco a pouco familiar. As avós reúnem suas recordações para cuidar dos netos e dos demais membros da família.

Os termos *fati*, *hea* e *ira* representam a base da concepção da doença entre os maoris. Nossa visão médica ocidental concebe meio sentido dessas palavras.

Fati é a fratura, a contusão. Este termo não deve, entretanto, ser considerado no sentido ocidental. Representa tudo o que pode desregular-se no organismo. Desde que uma peça do corpo humano já não preenche seu papel para com outros órgãos, *háfati*, e este permanecerá enquanto a peça não for "reparada" por um *raau*, um remédio adequado. *Fati* fica oculto e não poderá manifestar-se externamente a não ser pela dor e outras afecções: o *hea*.

O *hea* propriamente dito significa que alguma coisa de ruim acha-se alojada no organismo. O *raau fati hea* ajudará a eliminar esses "maus humores".

Ira é o terceiro conceito patológico polinésio e serve para designar antes de tudo o espasmo. De fato, ele é utilizado para qualquer problema nervoso de origem invisível. Febre, convulsão, síncope, paralisia ou mais simplesmente pesadelos de criança são tantos outros sintomas ligados ao ira. Este pode, portanto, estar muito bem associado ao *fati*, que designa então uma antiga desregulagem de fundo nervoso, ou ao *hea*. O *hea ira* é freqüente, pois designa uma infecção com purulência e febre.

Numa de nossas estadas na Polinésia, conhecemos uma adolescente de 12 anos que sofria, desde a idade dos sete, de ataques epilépticos, o grande problema da Idade Média. Os exames efetuados no hospital de Papeete não descobriram qualquer transtomo orgânico. Os polinésios falariam, portanto, *dehea-ira*. Uma análise do corpo etérico revelou um histórico de violência. A estrutura psicológica da menina era habitada por uma subpersonalidade invisível que desencadeava os ataques.

As explicações de nossos amigos polinésios fizeram-me pensar na medicina tibetana, que se caracteriza por uma abordagem específica da doença. Segundo esta tradição, existem três humores: vento, bílis e flegma. Os problemas psíquicos e mentais são interpretados de maneira simbólica pela intervenção de demônios, que representam o vasto leque de forças e de emoções que normalmente escapam ao controle consciente e impedem o bem-estar e o desenvolvimento espiritual. Esse leque vai das tendências sutis inatas e inconscientes às pulsões irresistíveis que são os desejos e as necessidades recalcados do ser. Assim, a fonte da doença ou do bem-estar situa-se no espírito. Os três conceitos patológicos polinésios podem ser aproximados dos humores tibetanos - conceitos profundamente distanciados de nossa medicina ocidental.

Medicina faraônica e xamanismo tradicional

Seria audacioso, nesta obra, estabelecer um paralelo entre o xamanismo tradicional e a medicina faraônica. No entanto, a leitura dos antigos textos egípcios, como o Livro das Estacas, o Livro das Cavernas e o famoso Livro dos Mortos, deixa bastante claro que o ameríndio, o polinésio e o aborígine encontram-se na mesma tradição terapêutica. O mundo mágico do Egito antigo concentra tudo na noção de *Maat*, a deusa Verdade-Justiça simbolizada por uma pluma. Ela lembra que o Universo é um todo coerente. Os elementos dessa imensa construção - deuses, espíritos, estrelas, planetas, homens, animais, plantas e minerais - acham-se em simbiose. Essa imensa tapeçaria banha-se permanente- mente em invisíveis correntes de energia que os

egípcios chamam de fluido de vida. Se este é impalpável, não é menos real, e manifesta-se pela força das águas, as correntes do vento, a subida da seiva, o calor que causa a germinação das sementes de trigo e a cristalização das rochas na terra.

O mal e a doença são, de fato, as conseqüências de uma ruptura do fluido de vida, uma erupção da desordem. Quando a cor- rente é interrompida, a porta se abre para o sofrimento e a destruição. As cerimônias xamânicas não têm outro objetivo senão captar a Força, atraí-la para aqui embaixo para que irradie seu poder em ondas concêntricas em torno do *marae*, da loja de cura ou do templo. Os Textos dos Sarcófagos fazem alusão explícita a esse princípio, declarando: "Ó, Thot! sou aquele que vive do fluido de teus olhos." É ainda esse mesmo fluido que Thot e Horus derramam sobre o sacerdote-rei antes de sua entrada no santuário. *Ankh*, *mana* ou *wakan* eternamente reativados materializam assim o fluido vital. Quanto à origem da doença, os egípcios afirmam que ela se deve às trevas do espírito que se tornou incapaz de discernir o bem e instalou-se na mentira.

Assim como os *wayonta* ou os *tahua*, o sacerdote do vale do Nilo é um iniciado, um adepto da alta ciência sacerdotal a serviço da preservação da ordem do mundo. Ele respeita a máxima: "Saber, querer, ousar e calar." O xamã é sempre um ser excepcional, escolhido já no nascimento ou depois de uma revelação ou, mais especialmente, de um sonho. No antigo pensamento do vale do Nilo, a passividade é sinônimo de morte, o egípcio tem medo dela e a repudia com todas as suas forças. Assim, o sacerdote iniciado é um guerreiro que combate a doença e o mal. Ora, o guerreiro é aquele que quer vencer, aquele a quem o Criador dispensou o ensinamento místico como uma arma para rechaçar os acontecimentos.

Nas criptas do Egito, o iniciado dedica-se ao invisível poder que perturba um organismo, buscando cuidar da causa, não do efeito. Enfim, ele se cala porque os rituais lhe foram revelados no segredo da iniciação. Se ele dispõe de poderes eficazes e temíveis, estes não devem ser revelados ao mundo profano. O cavaleiro não abandona sua espada no caminho, o iniciado não divulga sua ciência. O segredo não tem por objetivo esconder. A etimologia da palavra é significativa: "segredo" vem do latim *cerno*, pôr à parte, mas também fazer triagem, separar, passar pelo crivo. A natureza real do segredo é aprendida nas provas da iniciação, numa sala fechada ao olhar profano.

Os segredos da antiga medicina tradicional quase desapareceram ao longo dos séculos, mas perduraram segundo os acasos da história.

Ritual xamânico nos hospitais norte-americanos

O curandeiro oglala Wallace Alce Negro dá um exemplo impressionante da entrada do xamanismo nos hospitais norte-americanos. Quando de minha estada no Red Lodge Inn, de Crowley Lake, confortavelmente instalados, escutávamos o velho homem contar sua história. O vento soprava lá fora, começava a refrescar e o fogo crepitava na lareira. Como era seu hábito, Alce Negro vestia calças jeans, camisa xadrez, botas de caubói e o eterno bolo.{25}

- Meu caminho - disse ele - é a via de *chanunpa*, que implica a cura e a assistência a outrem. O cachimbo sagrado permite-nos ajudar muitas pessoas. Tive a ocasião de utilizar a cerimônia yuwipi para cuidar de um moço hospitalizado no centro médico Fitzsimmons de Denver, no

Colorado. Ele não podia mais beber nem gritar, nem mesmo sentar-se ou andar. Estava hospitalizado havia mais de quatro anos, e os médicos não conseguiam detectar seu problema. Tinham-lhe aplicado um tubo para que ele pudesse alimentar-se. Ninguém sabia mais o que fazer. "Resolvemos conversar com o médico, mas a equipe médica não queria ouvir falar disso; eram cidadãos que respeitavam as leis e as regras em vigor. Finalmente, diante da constatação de sua impotência, pediram ao diretor do hospital permissão para administrarem no paciente minha medicina *chanunpa*. O diretor concordou e junto com minha equipe organizei uma cerimônia. Uma enfermeira pediu-nos permissão para assistir à cerimônia. 'Já estou cansada de toda essa rotina', confessou-nos ela. 'Tantas crianças e adultos sofrendo sem que possamos fazer nada. Talvez as coisas comecem a mudar desta vez.' O pessoal do hospital colocou à nossa disposição um quarto, e fechamos as janelas para que a cerimônia pudesse realizar-se no escuro.

"Outros doentes queriam participar. Os médicos não conseguiram demovê-los do intuito, vários insistiram em ver como fazíamos.

Dando uma gargalhada, Wallace acrescentou:

- O hospital nos deu duas horas para a cerimônia, entre as dezenove e as vinte e uma horas, pois os pacientes tinham de ir cedo para a cama. Alguns doentes sentiam muitas dores. O menino achava-se deitado. Tínhamos preparado um altar, leváramos nossos tambores e ocultáramos todas as fontes de luz. Tudo estava pronto. Para começar, entoamos cantos de louvor, o canto dos quatro ventos e cantos de apelo. Súbito, ouvimos a trovoada. Depois um clarão atravessou o cômodo, como uma forma humana, um fantasma, que perguntou: "Por que me chamaram até aqui?"

- *'Tunkashila'*, falei, 'temos aqui uma criança que está sofrendo há anos, sem que ninguém tenha descoberto a razão para isso. Precisamos de sua ajuda.' Então o fantasma aproximou-se da criança. A enfermeira estava ao lado da cama, e o médico, sentado atrás do altar. A forma fantasmática examinou o garoto, declarando em seguida que uma teia de aranha havia se enrolado em volta do cérebro e de dois nervos, da nuca até a garganta. Este nó contraía-se quando a criança engolia alguma coisa ou falava. Era por isso que se comportava como um bebê, embora estivesse com cinco anos de idade. A ciência não podia descobrir a origem da doença, pois a teia não era visível ao microscópio nem aos raios X. O espírito nos disse que para curar o menino devíamos invocar um espírito aranha, uma *Iktomi*. Logo entoamos o canto de *Iktomi*, a aranha vermelha, chefe de todas as aranhas. Ela apareceu e perguntou: 'Que querem de mim?'

"'Um poder desconhecido está usando tua teia para aprisionar este menino', disse-lhe eu. 'Ele está sofrendo muito, e a medicina dos brancos é impotente para curá-lo, pois ignora o que se passa.'

"A aranha vermelha compreendeu o que eu dizia. Entoamos um outro canto, e ela aproximou-se do garoto para livrá-lo da teia. Somente *Iktomi* teria podido fazer isso, já que se tratava de uma parte dela mesma. Ela falou: 'Tirei a teia, a criança pode voltar a usar os próprios músculos e proferir sons. Agora vocês vão ouvir a voz dele pela primeira vez.' Acendemos uma pequena luz, e logo o garoto emitiu um som e começou a mexer-se. O espírito aranha disse: 'Ele já não terá problemas para alimentar-se. Deixe-o comer e beber o que quiser, ele parará por si mesmo. Procurem apenas reeducar-lhe os músculos.' Agradeci-lhe, assim como a *Tunkashila*, e ofertamos a este saquinhos de preces, antes de entoar o canto do cachimbo sagrado.

Completamos com o canto da partida, e os espíritos se foram.

"Quando voltamos a acender as luzes, o menino estava de pé e bebia uma xícara de leite. Começou a andar pelo recinto, rindo e proferindo pequenos sons indistintos. Há algo que esqueci de dizer; assim que acendemos as luzes, o alimento sagrado, os pedaços de pano coloridos e os saquinhos de preces tinham desaparecido. O espírito carregara-os consigo. O médico presente olhava-nos com estranheza e perguntou-nos se tínhamos jogado todas essas coisas pela janela.

"Sobre o altar achavam-se apenas os barbantes utilizados para amarrar as oferendas. O médico, completamente aturdido, registrou tudo o que viu num caderno.

Wallace corou de prazer ao acrescentar:

- É nisso que reside o problema desse médico branco. Ele tomava notas para depois fazer um relatório. Ora, como ele teria podido descrever o que acabava de vivenciar, a maneira como havíamos entoado os cantos sagrados, a chegada do fantasma aranha e tudo o mais? Como poderia explicar que uma *Iktomi* tinha diagnosticado que os nervos da criança encontravam-se presos numa teia de aranha? Acho que ele teria muitos problemas com o seu relatório.

O velho xamã prosseguiu o relato:

- Quando abrimos a porta do quarto, todos os demais pacientes achavam-se ali, no corredor. Alguns não conseguiam sair da cama há dias e até semanas. Mas, quando ouviram o tambor, o espírito foi até eles para purificá-los e curá-los. Sim, vários deles achavam-se curados. O pessoal do hospital estava boquiaberto. As enfermeiras corriam para os doentes, dizendo: "Vocês não deviam estar na cama?" Alguns apenas respondiam: "Veja, nem precisei trazer minha bengala", e outros: "Já não preciso de minha cadeira de rodas."

"Nós, índios, havíamos provocado uma verdadeira confusão nesse lugar tão ordenado, asséptico. As pessoas esqueciam que estavam doentes. Chegaram outros médicos e perguntaram àquele que nos acompanhava o que estava acontecendo. Ele confessou que não compreendia absolutamente nada. Tentou explicar-lhes a cerimônia e foi obrigado a constatar que o garoto tinha voltado a andar, emitia sons, ouvia perfeitamente... Os outros bancaram São Tomé, queriam provas para crer.

Com efeito, as práticas xamânicas tradicionais continuam sendo muito misteriosas para os ocidentais. Ignoramos como a equipe médica reagiu depois dessa sessão de duas horas. Mas a história ilustra como as tradições médicas xamânicas introduzem-se pouco a pouco nos hospitais.

Um relatório do Arctic Medical Research,{26} de Young Ingram e Schwartz, traz muitos exemplos disso. Explica como Russel Willier, um curandeiro cree de Alberta, vem procurando revitalizar o mundo cree e devolver-lhe seu lugar na sociedade canadense. Ele herdou sua função do bisavô e tenta incorporar as práticas xamânicas tradicionais às técnicas modernas. Russel permitiu que o filmassem durante uma operação, e em geral recebe de bom grado os médicos que querem assistir às sessões de cura. Sua prática consiste num diagnóstico feito com a ajuda de seus animais totens e de um tratamento à base de ervas e ungüentos, de acordo com a orientação dos espíritos. Cada tratamento é acompanhado por uma oferenda de tabaco. As doenças que ele trata são tanto psicossomáticas, em maior número, quanto orgânicas - neste caso, especialmente o câncer. Em 1989, Russel Willier criou um centro de saúde onde trabalham outros xamãs índios. Seu objetivo é cooperar com os médicos ocidentais, mas estes recusam tal aliança. Mas Russel Willier continua acreditando que tal cooperação traria progresso e poderia propiciar a

erradicação de problemas insolúveis para o arsenal tecnológico moderno.

A medicina xamânica tende a integrar-se no mundo pluricultural que a cerca. Todavia alguns temem sua erradicação. Vimos que o *hio hio* polinésio praticamente desapareceu. O desenvolvimento do ensino nas escolas arrisca-se a acarretar a perda de um sistema de cuidados tradicionais, sobretudo nas sociedades inteiramente dominadas pelos brancos. A medicina xamânica tem entretanto uma chance de sobreviver, porque responde às necessidades daqueles que não encontram solução para os seus problemas no seio da medicina ocidental convencional.

O caso de Mary Louise Dow ilustra bem o potencial de cura dos rituais xamânicos.{27} Seu câncer do cólon foi diagnosticado em 14 de fevereiro de 1991. O primeiro cirurgião consultado recomendou uma intervenção cirúrgica. O segundo julgou o tumor inoperável, pois já estava do tamanho de um cacho de uvas. O terceiro prescreveu-lhe um tratamento de quimioterapia e trinta sessões de radioterapia para reduzir o tamanho do tumor e favorecer a operação. Paralelamente a essas iniciativas, ela recorreu a um tratamento à base de ervas chinesas, sessões de acupuntura e massagens associadas às práticas de visualização preconizadas pelo dr. Bernie Siegel.

Um de seus amigos falou-lhe do xamã yuwipi Godfrey Chips e das curas milagrosas que obtinha durante suas cerimônias lakotas. Uma mulher que não saía da cadeira de rodas, atingida por esclerose múltipla, voltou a andar já no dia seguinte à primeira cerimônia realizada por esse curandeiro. Godfrey Chips descende em linha direta de Horn Chips, parente e mentor de Cavalo Louco, um dos mais famosos chefes lakotas do último século. Seus cantos, práticas e ritos foram transmitidos de pai para filho da forma a mais pura possível.

Malgrado seu estado de fadiga e fraqueza, e contra a opinião de seu médico, Mary Louise Dow fez a longa viagem até o Dakota. Lá participou de quatro cerimônias yuwipi. Mergulhada na mais completa escuridão quando de cada ritual, ela sentiu plumas de pássaros roçar-lhe o rosto durante os cantos e invadir-lhe uma espécie de energia turbilhonante. "Os espíritos", pensou ela. O quarto dia foi consagrado a uma *sweat lodge* de cura, ao fim da qual ela sentiu não ter mais nada. Mary Louise voltou para casa, na Costa Leste. Seu médico teve de curvar-se à evidência: o enorme câncer tinha agora o tamanho de um damasco, tomando-se possível a ablação. Hoje Mary Louise está convencida de que deve sua cura ao conjunto dos meios postos em ação: medicina ocidental, tratamentos alternativos e a ajuda incessante dos amigos e da família. Mas o ponto-chave foram as cerimônias realizadas pelo xamã yuwipi. Em 1995, Godfrey Chips ainda podia ser contatado na casa de Pine Ridge, no Dakota do Sul.

O mundo xamânico hopi

De 1987 a 1993, visitei três mesas hopis, onde conversei com Velma Talayumptewa, responsável pelas operações do conselho tribal hopi em Kykotsmovi, no Arizona. Os elos que unem os índios do sudoeste norte-americano a seu deserto são bem mais complexos que uma simples reivindicação de territórios. As mesas, as montanhas, os *canyons* ou as falésias que compõem essa maravilhosa região são considerados sagrados pelos povos do deserto. Sua veneração pelo solo acha-se inextricavelmente ligada ao modo de vida da tribo.

Na tradição nativa, tudo sobre a terra é sagrado - areia, rochas, animais, plantas, trovoadas. A

ausência de rituais pode acarretar uma ruptura de harmonia trágica entre esses elementos.

Os índios acreditam que seus laços, físicos e místicos, com a terra são vitais não apenas para a preservação de sua prática religiosa, mas também para sua integridade cultural própria. Para eles, os sítios espetaculares visitados pelos turistas continuam sendo terras sagradas onde os espíritos sobrenaturais se recolhem. Outros são locais de emergência da Criação, pontos onde o Primeiro Povo apareceu na Terra. Lendas ancestrais crêem que tais paisagens têm poderes de cura. Uma fonte de água é sempre um terreno sagrado, pois a água é dispensadora de vida no mundo árido do deserto.

Os hopis vivem numa dúzia de aldeias espalhadas sobre três mesas, na escarpa sul da Black Mesa do Arizona. Esses promontórios são visíveis entre si; apenas 23 quilômetros separam o primeiro do terceiro. Sobre a primeira mesa acham-se as aldeias de Tewa (às vezes chamadas Hano), Sitchomovi e Walpi. A seu pé, Polacca, com um *trading post*, uma escola dirigida pelo Escritório dos Negócios Indígenas, alguns imóveis governamentais destinados aos empregados da agência e residências hopis. As aldeias da segunda mesa são Shipaulovi, Mishongnovi e Shongopovi. Em Mishongnovi e Shipaulovi encontram-se algumas casas tribais e uma escola. A terceira mesa abriga as aldeias de Kykotsmovi (New Oraibi) - com uma escola, um *trading post*, uma agência de correios e o escritório do conselho tribal hopi -, Old Oraibi, a quatro quilômetros apenas de New Oraibi, Hotevilla e Bacabi, que contam também com uma escola e uma agência de correios. Há ainda Monecopi, perto de Tuba City, em territórios reclamados tanto pelos hopis quanto pelos navajos. O conjunto do território hopi, cerca de mil quilômetros quadrados, é totalmente cercado pela grande reserva dos navajos.

Old Oraibi, na terceira mesa, foi fundada por volta de 1100 e seria o mais velho habitat ocupado permanentemente nos Estados Unidos. Em meados do século XIII, as comunidades hopis eram muito mais espalhadas do que hoje, mas alguns séculos mais tarde o povo concentrou-se principalmente no cume das mesas, especialmente para proteger-se dos assaltos dos navajos, dos apaches e dos utes do Colorado.

De todos os índios do sudoeste, chamados também de índios pueblos, os hopis foram os menos afetados pelos conquistadores espanhóis. Coronado já os visitara em 1540, mas os espanhóis só abordaram as regiões hopis quarenta anos depois. Os missionários foram virtualmente os únicos brancos que os hopis encontraram durante a era espanhola, e a influência dos irmãos missionários foi muito fraca, muito mais do que entre os outros pueblos, notadamente os acomas evangelizados na dor. Os hopis mostram pouco interesse pelo cristianismo, uma atitude relativa a seu isolamento, que lhes preservou a cultura tradicional num grau não igualado entre os índios da América do Norte.

Os clãs formam a própria textura da sociedade hopi. Ela compreende duas dúzias de clãs, cada qual denominado de acordo com um animal, uma planta, um fenômeno natural ou sobrenatural considerado como um parceiro ancestral ou a fonte de poderes especiais possuídos pelos membros do clã. No esquema clânico, a sucessão se faz por meio das mulheres e o casamento no interior do clã é proibido. A tradição hopi decreta que, quando um homem se casa, ele deve morar na casa de sua mulher, onde já vivem várias outras pessoas: os pais dela, seus avós, as irmãs com seus maridos e os irmãos que ainda não contraíram matrimônio. O esposo continua compartilhando as atividades de seu próprio clã e mantém ligação com as casas de sua mãe e de sua irmã, mas os filhos serão reconhecidos como membros do clã de sua mulher. Tal

sistema matriarcal vigora entre os índios das florestas do Canadá, particularmente os hurões. A trinta quilômetros da cidade de Quebec, Wyandote é a última aldeia dos hurões onde pudemos visitar as grandes casas, onde as matriarcas, as mães do clã, são soberanas. Quando um recém-casado não se conformava à vida de sua nova família, era mandado de volta para a casa de sua mãe, e a família conservava os filhos, se os tivesse, e a própria esposa, que se tornava disponível para uma nova aventura marital.

Um clã é muito importante, observa Velma Talayumptewa, o da mãe. É um sistema matriarcal que conserva os bens sagrados do grupo - dos objetos rituais às vestimentas das cerimônias *kachina*. Preservando suas tradições, os membros do clã vivem em casas construídas perto da casa da matriarca. As mulheres preparam o alimento, carregam água desde a fonte ao pé da mesa até seu cume, cuidam dos filhos, fazem cerâmica e cestos e conservam a casa em bom estado. Os homens dedicam-se aos trabalhos de agricultura, tomam conta do gado miúdo, apanham lenha e tecem. Os clãs matrilineares estão intimamente ligados à vida cerimonial das aldeias hopis. Cada uma dessas cerimônias realizadas durante o ano é percebida como a propriedade de um clã particular valorizado nesse grupo específico por figuras sobre-naturais, depois que, de acordo com sua cosmogonia, o povo hopi emergiu do mundo subterrâneo.

As cerimônias desenrolam-se às vezes nas *kivas* apropriadas pelo clã. A quantidade de *kiva* em cada aldeia varia de duas a seis. Elas são construídas em parte (e às vezes em sua totalidade) sob a terra. As câmaras sagradas hopis são retangulares, contrastando com as *kiva* ovais ou circulares da maioria dos índios pueblos, e orientadas no sentido norte-sul quando o terreno o permite. De quando em vez, os homens procuram a *kiva* para relaxar, conversar ou discutir questões importantes. Mas uma *kiva* também é um lugar santo, e em alguns dias ela se presta exclusivamente para as cerimônias religiosas: os cantos, as danças, o tabaco (a fumaça representa a nuvem que traz chuva), a prece, a preparação dos costumes para as danças públicas e a confecção de altares onde serão colocadas as imagens sagradas.

Os kachina

Nas cerimônias dos índios pueblos, em particular os hopis, homens mascarados, os *kachina*, desempenham um papel importante. Segundo as lendas hopis, um *kachina* é um ser sobre-natural, personificado por um homem que usa uma máscara, que vive nas montanhas de São Francisco, perto de Flagstaff, no Arizona.

Um *kachina* tem três aspectos:

- o ser sobrenatural, tal como ele existe no espírito dos hopis;
- o dançarino mascarado, que representa o ser sobrenatural e aparece nas *kiva* e nas *plazza*;
- as pequenas bonecas fabricadas de acordo com as descrições do ser sobrenatural.

Os dois primeiros aspectos são chamados *kachina*, e o último, "*boneca kachina*". O calendário

anual das cerimônias religiosas hopis é dividido em dois períodos: o primeiro vai do solstício de inverno a meados de julho, e o segundo, de meados de julho ao solstício de inverno. O primeiro é marcado por uma cerimônia *kachina*. Um grupo de aproximadamente trinta *kachina*, chamado *monj kachina*, toma parte em cinco cerimônias maiores:

- soyalang-eu: a cerimônia do solstício de inverno desenrola-se em dezembro;
- panuya: em janeiro, quando o sol parece deslocar-se novamente para o norte;
  . powamuya: a cerimônia ou dança do feijão, em fevereiro;
- paliiliikonti: a cerimônia da serpente d'água em fevereiro ou março;
- niman kachina: a cerimônia da dança da casa, em julho, quando o sol se desloca para o sul.

Essas cerimônias maiores duram nove dias e desenrolam-se principalmente nas *kiva*, onde só os iniciados podem entrar. Algumas, como a dança do feijão e o *niman kachina*, compor- tam partes visíveis para o povo hopi, nas *kiva* ou nas *plazza*. Durante essa primeira parte do ano hopi, desenrolam-se igualmente cerimônias de um dia, chamadas danças *kachina* regulares ou ordinárias, durante as quais os *kachina* dançam nas praças das aldeias. Nestas cerimônias, um grupo de vinte a trinta *kachina*, mascarados e vestidos da mesma maneira, fazem uma dança *kachina* mesclada. Essas cerimônias, de um ou de nove dias, são tantas outras ocasiões para os amigos e as famílias das aldeias vizinhas, que comparecem para assistir à dança, participar da festa ou rezar.

Durante a segunda parte do ano (desde julho, e o *niman kachina* até dezembro), nenhuma cerimônia conclama os dançarinos mascarados. O *niman kachina* é chamado de dança da casa porque significa a última aparição dos *kachina* antes da partida para suas habitações nas montanhas de São Francisco, além de Flagstaff.

Não deixem de visitar as mesas hopis.{28} É ainda possível assistir às danças *kachina* - as danças sociais -, mas as danças secretas, como a da serpente, não foram mais fotografadas desde 1908, a época de Ben Wittick, um fotógrafo do sudoeste norte-americano do último século. As cerimônias continuam depois do desaparecimento dos *kachina*, que reganharam seu mundo subterrâneo ou o cume das montanhas de São Francisco. No fim do verão, cerimônias são organizadas para pedir chuva por causa do milho. Um desses rituais, a dança da serpente, que acontece de dois em dois anos, homenageia todas as criaturas de for- ma sinuosa e acha-se associado à chuva e ao trovão.

No começo da *kachina*, os clãs saem de suas aldeias nas quatro direções e passam quatro dias capturando serpentes, algumas venenosas. Os que pegaram as serpentes encontram-se com um segundo clã e, durante dois dias claros e duas noites, trocas míticas desenrolam-se numa *kiva*. Depois organiza-se uma corrida - o vencedor carrega uma cabaça de água até a aldeia. Mais tarde, os sacerdotes-dançarinos chegam à praça trazendo as serpentes na boca, enquanto os ajudantes recolhem os répteis. Um segundo grupo, o dos sacerdotes-antílopes, coloca-se diante do primeiro, e chega-se então ao ponto máximo da cerimônia: a lavagem da serpente.

O fotógrafo Wittick assistiu a algumas dessas danças. Seus amigos hopis tinham-no prevenido

de que, não sendo iniciado, ele corria o risco de uma picada fatal. Com efeito, Ben Wittick morreu em 1903, picado por uma serpente durante uma *snake dance*. Com ele desaparecia uma testemunha única do mundo original hopi...

Dinetah, o mundo místico navajo

A partir de 1983, visitei em várias ocasiões a imensa reserva navajo, entre Thba City e Keams Canyon. Os navajos formam a maior nação indígena da América do Norte, contando atualmente com cerca de duzentos mil habitantes. Seu território tribal estende-se sobre quatro estados do sudoeste norte-americano (Utah, Colorado, Novo México e Arizona - é o mais importante dos Estados Unidos. Ao longo do século XX, a comunidade científica interessou-se pelo estudo desse povo tão particular. Os antropólogos tentaram penetrar o mistério dos símbolos de sua cultura e religião, os psiquiatras ficaram fascinados pela estrutura de sua personalidade, e os teólogos esbarraram na dificuldade de analisar seus rituais e conceitos espirituais.

Em abril de 1998, por causa de uma viagem cultural que Liliane e eu organizamos, partindo da França, para cerca de cinqüenta pessoas, pudemos admirar os *hogan* coexistindo com prédios modernos. Nesses *hogan* se desenrolam as cerimônias que ocupam um lugar importante em sua vida. Tais cerimônias são, com efeito, as principais expressões do xamanismo navajo.

Esse imenso território de mais de quarenta mil quilômetros quadrados - a superfície da Suíça - forma o coração do platô do Colorado. Ali, onde o olho estrangeiro não vê mais do que longas extensões de relva queimada semeadas de pedras, os navajos reconhecem suas terras ancestrais sagradas. Vastos *canyons*, como os de Chelly e os de Muerto (o Canyon da morte), serpenteiam por centenas de quilômetros no meio dos platôs. Magníficas formações rochosas alaranjadas e azul-acinzentadas erguem-se ali, como monumentos gigantescos construídos e em seguida abandonados por uma antiga raça de gigantes. À primeira vista, tais regiões desérticas parecem vazias e inóspitas. No entanto, o céu atrai inapelavelmente a atenção, ele é imenso, e os norte-americanos falam de "espaço aberto" para descrevê-lo.

Temos a impressão de que a mão do homem nunca tocou nesse lugar. Todavia, olhando mais de perto, percebe-se que esta terra abriga, na verdade, a importante população navajo. Aqui e ali *hogan* aninham-se nos pequenos vales ou se debruçam nos flancos das montanhas, rebanhos de ovelhas passam no deserto como jorrados de lugar nenhum. Encontram-se também alguns navajos imóveis, o olhar fixo ao longe, aparentemente errando no meio de lugar nenhum, enquanto seu *hogan* cuidadosamente camuflado oculta-se atrás da colina próxima.

É o *Dinetah*, a terra dos navajos, que se autodenominam Dineh, o Povo. Nesses *hogan* perdidos no fundo dos *canyons* ou empoleirados nas mesas vivem e trabalham os últimos curandeiros navajos. Eles constituem o corpo de curandeiros indígenas mais importante de toda a América do Norte. Alguns deles modificaram consideravelmente as antigas cerimônias, mas a maioria continua praticando a religião tradicional.

Os navajos esperam viver por muito tempo, gozando de boa saúde. Para tal, observam as leis do Universo. As transgressões os expõem não a uma simples punição, mas a uma deterioração eventual da saúde ou a um abreviamento da existência. Sua atitude é racional, sem noção de pecado, como é o caso do cristianismo, ou de culpa pessoal. O indivíduo não se arrepende de seus

atos, mas procura corrigir as faltas. Na visão do Dineh, o físico e o mental são indissociáveis nos seres. Tanto a palavra quanto o pensamento podem exercer um impacto sobre o mundo da matéria e da energia, pois ambos os conceitos têm um poder criador. Durante as cerimônias, o pensamento traduz a forma interior dessa criatividade, enquanto a palavra que o exprime é sua forma exterior.

Existe uma importante diferença entre o mundo conceitual dos navajos e o modo de pensar dos ocidentais, sobretudo na- quilo que diz respeito ao princípio de ordem e de harmonia, pois para os navajos a adesão ao equilíbrio cósmico determina a saúde e a duração de vida dos seres. Sua religião é uma religião da Natureza. Tudo o que constitui o meio ambiente harmoniza-se num vasto conjunto. As criaturas minúsculas, aparentemente insignificantes, podem revelar-se tão importantes quanto as maiores e mais poderosas. Todas as forças do invisível, com exceção de uma entidade espiritual chamada Mulher Cambiante, são ora promissoras, ora nefastas, de acordo com a maneira como são abordadas, a disposição do momento e o contexto no qual operam. Pelo uso apropriado das faculdades do homem, uma força neutra torna-se positiva, a bondade torna-se santidade. O mal é o resíduo que nenhuma ação pôde reduzir e que existia antes mesmo de qualquer conhecimento do mundo.

Cerimônias de pinturas na areia dos navajos

O navajo defronta-se com um Universo no qual o divino não é encarado como necessariamente bom. Seus deuses são ambivalentes - o mal, sob a forma de uma força hostil, acha-se inextricavelmente ligado ao bem. Esses deuses manifestam-se segundo sua natureza intrínseca, e o homem deve contar com seus próprios conhecimentos espirituais. Mas para isso deve dispor de técnicas. Por conseguinte, os dançarinos mascarados, as preces, as melopéias e as pinturas na areia servem-lhe para descrever e personificar as manifestações simbólicas da essência dessas forças, com as quais ele se identifica. É de longe o mais importante meio de cura empregado pelos navajos. O diagnóstico, os relatos mitológicos, a dramaturgia dos ritos e até a prescrição de ervas como remédios não são senão meios de integrar a força das potências da criação no curandeiro para obter a cura desejada.

Os mandalas de cura - O caminho do pólen

Os rituais xamânicos de cura navajo{29} articulam-se em torno da construção de um mundo simbólico e imaginário, de um universo tranqüilizador e ordenado figurado por mandalas. O mandala é antes de tudo uma imagem do mundo, ele representa o cosmos em miniatura, e ao mesmo tempo o mundo dos deuses, além de ser um catalisador das forças inconscientes da psique. Sua elaboração equivale a uma recriação mágica do mundo. Tornando-se simbolicamente contemporâneo da Criação do mundo - o tempo de Antes -, o doente é imerso na plenitude original da vida e impregnado pelas forças gigantescas que tornaram a Criação possível.

Essas representações da ordem cósmica são às vezes pinturas, eventualmente de areia, com um tema mais ou menos esquemático que ilustra o equilíbrio das forças contrárias ou complementares no universo simbólico. Os tibetanos e os índios da América do Norte desenvolveram essa forma de arte a um grau desconhecido do resto do mundo. Os últimos não apenas usaram o mandala em suas pinturas na areia, nos escudos de guerra e nas pinturas rupestres, mas ainda o projetaram no espaço e no tempo.

Os navajos situam esse mandala circular em dois planos diferentes. O primeiro, a exemplo do círculo dos sioux oglalas,{30} está ligado às características físicas de sua terra tradicional, e à ronda anual da vida e das estações. Atribui uma significação simbólica a cada parte da Velha Região, *Dinetah*, e ancora firmemente os mitos das origens e as epopéias dos heróis dos cantos numa realidade material incontestável. Coloca cada coisa em relação com as outras e com a totalidade que elas compõem: o espaço, o tempo e os diversos estágios da vida humana. Tudo está contido no todo ordenado e harmonioso. É um mandala macrocósmico, diferente do segundo nível de simbolismo expresso nas pinturas na areia, que reflete essa ordem universal no interior do microcosmo humano.

As principais figuras do mandala macrocósmico dos navajos são as quatro montanhas sagradas que constituem as fronteiras do território navajo e têm uma realidade física. Essas montanhas são as moradas dos deuses. Além disso, e em relação com a idéia de totalidade que subentendem, cada qual, com sua direção específica, acha-se repleta de significações simbólicas, entre estas as das cores, que desempenham um dos papéis mais importantes.

As cerimônias dos navajos fazem intervir um adivinho, especialista do ritual, às vezes secundado por um assistente, e o doente, ou seja, o beneficiário da bênção. Ali, onde entre outros povos os rituais são expressos por danças, as cerimônias dos navajos tomam a forma de cantos recitados e representações teatrais. Ali vamos encontrar o princípio do cosmodrama, mas este desenrola-se num *hogan*, supostamente representando o Universo. O fogo no centro da tenda representa o sol.

O drama da Criação do mundo é assim revivido no microcosmo das pinturas na areia. A cerimônia simboliza as diversas etapas da Criação e a história mítica dos deuses, dos ancestrais e da humanidade. Esses desenhos, que se assemelham curiosamente aos mandalas da Índia e do Tibet, fazem reviver sucessivamente, em sua ordem inicial, os acontecimentos dos tempos míticos. Ouvindo contar o mito cosmogônico, em seguida o mito das origens, e contemplando as pinturas na areia, o paciente é projeta- do fora do tempo profano e introduzido na plenitude do

tempo primordial. Ele é "levado para trás" rumo à origem do mundo e torna-se assim a testemunha da cosmogonia. Cada pintura na areia é um catalisador de energia psíquica. Ela concentra poder num ponto do espaço, e o curandeiro, empregando o suporte físico da areia, transfere esse poder para o doente. Este não adquire apenas o poder das personagens sagradas que ele contempla ou toca, torna-se antes o próprio poder.

Os cantos que acompanham as cerimônias de cura são relatos visionários obtidos durante a viagem xamânica nos três mundos. Sabemos que um dos elementos mais importantes da técnica xamânica é a aptidão do xamã para passar de uma região cósmica a uma outra - da terra ao mundo celeste ou ao mundo subterrâneo. A mitologia dos navajos baseia-se numa cosmogonia muito parecida. Nos mitos referenciados pelos cantos, os heróis e as heroínas comparecem a um mundo celeste, a região dos espíritos, situada acima da terra, e a um mundo subterrâneo somente acessível mergulhando-se num lago ou utilizando-se uma passagem aberta no solo. Assim, Homem Santo, o herói da via máscula do projétil, foi arrastado apesar dele mesmo até a morada do Povo Trovão, onde o canto lhe foi ensinado. Scavenger, o herói da via da pérola, foi levado à morada celeste das águias.

O objetivo último dos navajos - caminhar até a velhice no chão da beleza - é muito diferente dos propugnados pela mitologia cristã. Os navajos não esquentam a cabeça com uma eventual sobrevivência do indivíduo após a morte. Eles têm uma vaga noção de uma vida depois da vida, que se desenrolaria num mundo subterrâneo situado ao norte e seria alcançado descendo-se uma falésia de areia. Em geral, pensam que as partes ruins e insatisfeitas de um morto podem errar sobre a terra na forma de fantasmas ou sofrer um período de tormentos dentro de um mundo subterrâneo sujo e tenebroso. Segundo eles, o maior bem para um homem é conhecer uma existência longa, harmoniosa, antes de ser reintegrado na Natureza como uma parte de sua indivisível unidade.

A religião dos navajos é uma meditação profunda sobre a Natureza e seus poderes de cura. Ela pode sustentar a comparação com os maiores sistemas de cura do mundo.

A tradição oral. Os tahua oradores polinésios

Nenhuma tradição oral deveria ser encarada como folclore, termo que trai uma conotação depreciativa totalmente injustificável. O preconceito ocidental em favor do documento escrito remonta. ao Renascimento, e parece que os primeiros exploradores das ilhas do Pacífico Sul traziam consigo esse preconceito quando ali chegaram. Não é menos verdade que a capacidade da memória coletiva dos maoris, que ignoram a escrita, é nitidamente superior a tudo o que o homem branco já pôde ter imaginado. Ueva Salmon é capaz de contar a história de sua família em 14 gerações, e o grande sacerdote, detentor atual da tradição polinésia, remonta a vinte gerações, até o século XV. Do mesmo modo, a aptidão à criação artística nas narrações orais da cultura polinésia é tão real quanto a de nossa poesia escrita. Fica assim bastante claro que a arte poética não é privilégio da escrita. Os indivíduos que não sabem ler nem escrever não são necessariamente desprovidos de sensibilidade poética.

O *tahua* orador possui realmente uma "arte de dizer" que não conhecemos mais ou que já não conseguimos reproduzir em nossa cultura muito centrada na escrita. Uma grande parte daquilo que constituía a eficácia de seu relato poderia ser aplicada sobre uma página impressa, se

escolhêssemos nossos meios tipográficos com tanto cuidado quanto o orador escolhia sua entonação e seus gestos.

Ao longo de nossa história, indivíduos cultos dedicaram-se a trazer para o papel impresso cantos e relatos que se transmitiam até ali oralmente. A lenda do rei Arthur deve ser considerada, no Ocidente cristão, sob essa perspectiva. Uma primeira transcrição literal, ainda grosseira, conheceu uma série de manipulações para chegar a uma redação acabada de qualidades literárias unanimemente reconhecidas. O mesmo ocorre com as primeiras transcrições do Velho Testamento, assim como com os textos sagrados da Índia védica, como o Mahabharata, cuja origem é misteriosa mas incontestavelmente oral. Poder-se-iam citar muitos outros exemplos. Ignorá-los significaria privar-se de uma parte importante da verdadeira poesia e daquilo que ela representa para os povos que tendemos a considerar com muita facilidade como primitivos por serem iletrados.

A história é infinitamente mais complexa, mas ela reflete de maneira constante um mesmo sentido dinâmico do equilíbrio. No antigo pensamento maori, a vida é medida pela bitola da morte, e o medo pode tomar-se serenidade. Na via do aventureiro ou do navegador investidos do *mana*, a língua maori, idêntica ao balanço de uma canoa, consegue reproduzir esse balanço em seu fraseado. Ouvir falar o taitiano ou o maori produz, numa outra escala sensorial, as mesmas sensações que as suscitadas pela contemplação dos movimentos rítmicos das danças taitianas, que exprimem com perfeição o sentido da beleza inerente a esse povo. A passagem das tradições orais aos textos escritos nunca é simples. Quantas vezes não ouvimos dizer no Taiti ou em Moorea que os antigos não querem mais transmitir o que lhes resta de conhecimento... Quando uma cultura morre, dizem eles, suas tradições devem morrer com ela. Alguns pensam que a escrita não é um bom meio para histórias que devem antes de tudo ser ouvidas. O escrito, sendo inaudível, está privado de vida.

Assim, os rituais de cura xamânica articulam-se em tomo de uma mescla de ritmos de tambores, preces, utilização de objetos cerimoniais, invocação de espíritos da Natureza ou dos mundos superiores. Mas o ensino oral, e por conseguinte os cantos de cura, é veiculado pela memória coletiva do povo e transmitido de geração a geração pelos seres investidos. Estes são, com efeito, capazes de guindar a consciência até o nível onde evolui o Primeiro Povo, num tempo fora do tempo.

A recuperação da alma

Os métodos de recuperação de uma alma que deixou seu corpo só muito raramente são praticados hoje em sua forma original. Outrora eles levavam o xamã a colocar-se a si mesmo em um estado de vigília especial. Sua alma viajava para o outro mundo para interceptar a alma fugitiva do doente. Era trazendo-a de volta que ele o curava.

Os shoshones ainda conservavam, nos anos 1950, a recordação de técnicas semelhantes. Ake Hultkrantz{31}, um professor da Universidade de Oslo, Noruega, que consagrou mais de quarenta anos ao estudo do mundo xamânico, contava que, por ocasião dessas cerimônias, os shoshones adultos pediam aos filhos que brincassem perto do *tipi* do doente, pois a alma deste flutuava próximo da tenda e haveria o risco de interferência entre ela e o xamã.

Esse recurso a um espírito guardião para trazer de volta a alma fugitiva de um doente lembra diversos métodos utilizados pelos índios das Rochosas ou alguns aspectos dos rituais da bacia do Amazonas. Tais técnicas demonstram mais uma vez as estreitas conexões entre a doença e a espiritualidade, entre as vias terapêuticas clássicas e os sistemas místicos.

Quando do encontro com Grande-Pai Wallace, em Crowley Lake, Jeffrey, um mestiço shoshone, tinha-me oferecido um soberbo bastão de palavra encimado por um cristal, a que acrescentei duas penas de faisão e fios de lã amarelos e vermelhos. Aproveitei a ocasião para pedir-lhe que me falasse sobre os mitos shoshones.

- No começo - disse-me ele - só existia um mundo e um só povo. Nessa época, os seres humanos não tinham boca para alimentar-se. Eles ferviam leite de alce, fungavam-no e o jogavam fora. Só se comunicavam por sinais. Depois, Grande-Pai Coiote desenhou-lhes uma boca, e a vida humana, tal como a conhecemos, teve início.

Essa história é parte integrante da mitologia shoshone. É provavelmente muito antiga e nos lembra as narrativas da Índia védica, onde os habitantes do Ganges, desprovidos de boca, nutriam-se dos eflúvios das flores. Os shoshones têm uma concepção interessante da vida depois da morte, pois acreditam na reencarnação, o que é raro entre os ameríndios, na existência de fantasmas, na vida num outro mundo, nos céus ou num país situado a oeste, além das montanhas brilhantes.

Sob a influência do cristianismo, as nações ameríndias assimilaram o conceito de uma existência bem-aventurada nos céus. Jeffrey e eu falamos sobre os estados de coma superado, e ele me contou que alguns comatosos teriam passado ao outro lado do véu e dali tinham trazido a descrição de uma região rica em terrenos de caça repletos de bisões e de caça miúda, mas são poucas as pessoas que dão crédito a essas visões. A rota para transpor o outro mundo passa pela Via Láctea, uma indicação sugerindo que o além se encontra no céu. Essa rota é simbolizada, entre os shoshones, pelo mastro central da dança do sol - seus dois ramos erguidos para o céu figuram os da Via Láctea. Este exemplo mostra muito bem que os rituais reproduzem, numa escala microcósmica, a cena macrocósmica do Universo.

Incorporação por um animal totem

Olhos fechados, eu me concentrava na paciente deitada à minha frente, em meio a uma centena de pessoas. Súbito, quando menos esperava, vi uma planície relvosa. De um bosque vizinho, saiu um enorme urso pardo, que caminhou em minha direção. Eu estava dividido entre o exercício cujo princípio vinha expondo e a aparição súbita do animal. Prossegui minhas explicações sobre as freqüências emitidas pelo órgão doente e a maneira de criar um som harmônico que ressoava com elas e levá-lo pouco a pouco ao nível da freqüência de cura. Um minuto mais tarde, o urso entrou em meu campo de visão etérica e logo me senti incorporado pela colossal energia do animal. Meus braços levantaram-se, meus dedos recurvaram-se como as garras do plantígrado, minhas costas arquearam-se levemente, como meus ombros, meu rosto deformou-se, como se os músculos faciais quisessem reproduzir um focinho idêntico ao do animal. Ao cabo de alguns minutos, estava completamente incorporado à potência do urso. Já não era eu quem trabalhava sobre o corpo sutil de minha paciente, mas a energia do urso que me atravessava e derramava-se literalmente em suas fibras energéticas.

Minha outra consciência compreendeu então o que querem dizer os antigos mitos sioux, ou seja, que os animais podem comunicar-se com o ser humano, mas que o Grande Mistério não lhes permite agir de maneira direta. O homem deve realizar o esforço principal para chegar a compreendê-los. Percebi também que existia um conjunto de relações no seio do qual todos os membros da Criação - o homem, a cultura, a Natureza em volta - interagiam e interpenetravam-se com suas qualidades e energias próprias. Assim, a percepção do universo visível e invisível, na visão tradicional, implica uma fluidez e uma transparência desprovidas de contorno absoluto. Não existe limite entre o mundo dos animais, o dos humanos e o dos espíritos. As entidades espirituais vindas do exterior são cambiantes. O próprio tempo é um contínuo não fragmentado, totalmente diferente de nossa concepção linear saída do cérebro esquerdo. O mundo tradicional não é entretanto sem estrutura, não é tampouco caótico, pois essa fluidez encerra o traço-de-união com o sagrado. A imensidão do universo interior inclui o princípio de unificação do Grande Mistério e não põe em perigo o conceito de união. O mundo tradicional apresenta-se assim como um mundo espiritualizado onde os fenômenos sobrenaturais são afirmados e vividos pelo que são.

Os animais totens

Os xamãs sempre acreditaram que seus dons especiais emanam dos animais, das plantas, do sol e das energias fundamentais da Criação. Assumem o potencial que lhes é conferido para proteger o clã, a tribo, a comunidade contra a doença e a morte, para dispensar-lhes a força no cotidiano e ajudá-los a viver em comunhão com os semelhantes, a "caminhar na beleza", segundo a expressão dos navajos.

Os mitos ameríndios apresentavam os animais sob uma aparência essencialmente humana, mas com características próprias à sua espécie. Em virtude da involução da consciência, os animais e os humanos diferenciaram-se até a forma atual e, desde então, não lhes foi mais possível comunicar-se entre si. Se o território mítico da união homem-animal não é mais acessível na realidade cotidiana, ele assim permanece na realidade não ordinária do xamã e de quem busca visão. O mesmo ocorre com os maoris da Polinésia com seu conceito de tempo não linear. Eles referem-se, com efeito, a um passado mitológico que existe paralelamente ao tempo ordinário e é acessível pelo sonho ou pelas visões.

O xamã, ser investido, é capaz de realizar a união homem- animal graças aos estados de consciência xamânica, que lhe permitem penetrar o passado mítico. A mitologia tradicional, em particular a do continente norte-americano, é rica em animais que não contam simplesmente as aventuras de um coiote ou de um urso, mas as do Grande-Pai Coiote ou de Jovem Urso. Essas personagens encarnam uma espécie inteira. Assim, quando um xamã está investido do poder de um espírito guardião, não é o poder espiritual de um urso ou de uma águia que ele integra, é o do Urso ou da Águia, o de toda a espécie. Quando Liliane trabalha com o Jaguar, não é um jaguar mas a espécie Senhor Jaguar que entra nela.

A relação entre os seres humanos e o reino animal é essencial na visão xamânica tradicional, pois o curandeiro ou a curandeira utilizam seu conhecimento e suas técnicas para participar das potencialidades desse mundo.

A capacidade dos animais de se manifestar sob uma forma humana não é surpreendente numa cultura que acredita que humanos e animais são biologicamente parentes e que se

comunicavam em tempos longínquos. Os animais, ou pelo menos a energia animal potencial, conservam a capacidade de se manifestar sob uma forma humana às pessoas que entreabrem o véu por intermédio de estados de consciência xamânica e reencontram desse modo a capacidade perdida de se comunicar com os animal.{32}

Entre os índios da bacia do Amazonas, se um animal nos fala, ele é imediatamente considerado como nosso espírito guardião. A capacidade desses espíritos guardiães animais de comunicar-se com o ser humano é uma indicação de seu poder, que eles podem igualmente exprimir evoluindo num elemento que não é o deles - assim, um mamífero terrestre ou uma serpente voarão, ainda que não tenham asas. Tudo isso demonstra que o animal não é comum, mas portador de poder e capaz de transcender sua natureza.

- A oeste,{33} há uma cabana muito alto no céu. No interior da cabana, permaneço atento. Homens pintados de vermelho estão sentados na cabana e me mostram alguém ferido com a boca vermelha de sangue. Enquanto falam, depositam remédios em minhas mãos: "Moço, ser humano, este remédio sagrado fará com que possas aliviar o sofrimento dos membros de teu povo." Tais seres são chamados Ursos, assim são eles. Humildemente, repito-lhes as palavras. Eu nada poderia fazer sem eles.

Tal foi a visão de um curandeiro Urso lakota. Cada vez que ele se entrega a um trabalho de cura, recita as fórmulas sagradas de seu povo. Com a ajuda de uma garra de urso, limpa o ferimento e o trata com as plantas medicinais que lhes deram em visão os espíritos Urso. Depois do tratamento, fica perto do seu paciente até estar seguro quanto à cura. Os lakotas consideram o Urso como um animal de cura.

Quando de nossa estada no pueblo de Taos, na fronteira do Colorado e do Novo México, Andrew Cão Trovão falou-me do Urso.

- Um dos mais poderosos remédios utilizados pelos curadores *taos* é uma planta que eles chamam de raiz de Urso. Eles a prescreviam a seus pacientes porque ela induz um estado alucinógeno. Os próprios xamãs comiam-na antes de diagnosticar uma doença ou identificar sua causa.

No extremo norte da Escandinávia, os xamãs lapões, como os siberianos, transformam-se em lobo, em urso, em rena ou ainda em peixe. Entre os yuki da Califómia, um xamã Urso iniciante freqüentava os ursos, comia do alimento deles e vivia às vezes com eles durante todo um verão. Para um xamã, não há dúvida de que muitos ocidentais possuem essa energia e saúde, e que fatalmente contam com um espírito guardião. É trágico que ignoremos a fonte dessa energia e que não saibamos mais utilizá-la. Nós, ocidentais desespiritualizados, temos manifestamente perdido os espíritos guardiães que nos protegiam durante nossa infância. Pior, não sabemos sequer que existe um método para resgatá-los.

Em julho de 1997, Jerry Dunson, um *kiowa ponca* sobrinho de Coração de Urso, chefe cerimonial da nação muskaugee-creek, fez com que trabalhássemos sobre os animais totens que emergiam de cada roda da vida - os sete chakras. No nível do coração, contatei uma aranha que tecia sua teia. Fiquei surpreso porque esperava animais mais representativos. Pedi uma explicação a Jerry, um dançarino do sol formado entre os cheyenes no norte do Colorado e entre seus longínquos parentes, os lakotas. Ele me respondeu:

- Alce Negro ensina que no começo *iktomi* era um homem como os outros. Ele foi o primeiro

a atingir a maturidade neste mundo, pois era mais astucioso que os seres humanos. Foi ele quem nomeou os seres e os animais, sendo igualmente o primeiro a falar a língua dos homens. Nossa atitude em relação à aranha é muito ambígua, ela ocupa um lugar inteiramente especial.

À força de engenho, Aranha venceu os monstros sobrenaturais. Assumindo seu papel de criador,{34} tomou-se uma espécie de herói cultural, a tal ponto que os oglalas acreditavam que era ela quem fabricava as pontas das flechas e as clavas de guerra de pedra. Eles a julgavam, portanto, muito poderosa para ser morta diretamente. Para chegar perto, era preciso recorrer a um estratagema semelhante aos dela. Tanto mais que tinha sido ela mesma quem fizera da morte uma condição necessária da existência - isso a fim de que todos os seres tivessem um lugar para viver na Terra. Os índios admiram a faculdade criadora que permite tecer uma teia a partir do próprio corpo, sua aptidão para elevar-se no ar na extremidade de um fio não raro invisível e também sua facilidade em apanhar os insetos em sua teia. Que todos esses traços existissem num animal tão pequeno contribuiu certamente para seu mistério junto aos oglalas.

Ao longo dos séculos, e malgrado os acasos da história, a visão xamânica da doença e da cura transmitiu-se de geração em geração. Este ensinamento articula-se em torno de um segredo universal que religa todas as coisas - do esqueleto do homem ao destino do Universo - em um todo estreitamente imbricado que não omite qualquer fenômeno por mais ínfimo ou prodigioso que seja. Cada indivíduo tem uma função significativa até que, quando de sua dissolução final, se torne não somente Uno com a harmonia primeira, mas ainda a própria harmonia.

6 - OS JOGOS DO MÍSTICO - O GAMBITO DAS ESTRELAS

O xamã acostumou-se a isolar-se no alto platô, afastado do acampamento. Ali passava dias inteiros. Em sua busca de visão, agradecia à Terra-Mãe por velar de maneira tão fiel por ele. Às vezes, encontrava um local mais elevado, onde nada lhe entravava o olhar, e ficava lá durante longas horas contemplando suas cristas bosquejadas. O céu infinito com suas variações de tons e de humores, os cumes das montanhas ondulando como um mar mineral, o vento com suas alternâncias de furores e silêncio, todas essas potências elementares o aterrorizavam e reconfortavam ao mesmo tempo.

Pensava em seu pai, e em tudo o que ele lhe ensinara a respeito do Universo e dos deuses que comandavam as forças terríveis da Natureza. Lembrava-se da geografia insatisfatória que ele lhe transmitira e que, ainda que inexata, permitira-lhe abrir passagem em regiões ainda virgens de toda a vida humana. Pensava nos espetáculos grandiosos que contemplara durante suas viagens solitárias, e pensava igualmente no sentido de sua vida. Suas recordações emocionaram-no profundamente.

Murmurou em intenção dos deuses:

- Mostrem-me o que devo fazer.

E o vento que assoviava no alto das árvores deu-lhe esta resposta:

- Que este saber que te foi transmitido não se perca nunca.

Ele ouviu distintamente as palavras; é impossível enganar-se quanto aos murmúrios do vento. Mas continuava perplexo.

- Como transmitir tudo isso? - exclamou ele.

E os deuses responderam - pois eram eles que se expressavam pelo vento, estava certo disso.

- Escuta.

Seu rosto cheio de rugas aureolou-se com uma luz irreal e seus olhos perderam-se ao longe, envolvendo num mesmo olhar o mundo físico e os movimentos furtivos de pássaros de outra dimensão. Um mal-estar indefinível, um grande frio interior causaram-lhe tremores.

Sombras perfilaram-se subitamente em seu campo visual. Como em câmara lenta, deslizou aos poucos para o chão quando a seta de obsidiana da lança golpeou-o em pleno peito. Uma vida nova inundava o vale e o rio voltava a tornar-se uma torrente tumultuosa. O homem grisalho e magro era novamente um caçador ardente e, logo em seguida, uma criança brincando no pequeno ressalto de terra que dominava o vale. Mas o local já não lhe proporcionava a menor alegria, era cada vez mais frio.

Já tinha consumado a obra de sua vida legando ao clã o grande tesouro de seus conhecimentos. Para fazê-lo, tinha utilizado palavras que o vento lhe transmitira.

Naquelas noites, e em todas as que se seguiram, ele escolheu termos simples para fazer reviver o passado, a fim de que fosse preservado depois de sua morte. Confiou aos seus tudo o que sabia: falou-lhes da parede de gelo e da tundra do Norte, dos mares imensos do Oeste e do Sul, das montanhas e das florestas longínquas do Leste. Falou-lhes dos deuses e da grande passagem através do mar. Depois lhes contou a história que o vento lhe transmitira e que explicava por que o mar os tinha separado do resto das terras.

Seu espírito penetrou na lança, sentindo-lhe a consistência. Era uma boa lança de freixo, flexível para ser trabalhada e ágil para o lanceiro. A ponta de obsidiana revelou-lhe os segredos

do mundo mineral e a consciência da origem das coisas. Depois seu espírito dirigiu-se ao pequeno grupo que se aproximava dele. O homem que o tinha golpeado com a lança era pequeno, pálido e esfomeado. O xamã agonizante descobriu um clã miserável, que sobrevivia escondendo-se em grutas efêmeras. Sentiu a angústia desses caçadores primitivos e percebeu que não sentiam ódio nem cólera, mas necessidade, o que era ainda mais trágico.

Assim ocorre com todas as criaturas vivas: viver e morrer são elementos do mesmo gambito. Este livro, por exemplo, pode ser entendido em níveis diferentes: a leitura, o que foi sentido, a vibração do autor, o espírito do autor, a inspiração que o guiou. Esta abordagem em cinco planos de leitura é semelhante àquela que consiste em passar do mundo físico ao mundo etérico, depois ao mundo astral, em seguida ao mundo mental, para chegar enfim ao mundo causal, o sopro espiritual que anima o ser humano. Nossas histórias natural, sobrenatural e espiritual inter-penetram-se numa globalidade vibratória, como tapeçarias holográficas. Iniciemos pelo primeiro nível sobrenatural, o de acesso mais simples para os olhos espirituais. Os mundos etérico e astral colocam à nossa disposição as técnicas energéticas do terceiro milênio.

Eis um caso concreto.

Charles, de trinta anos, está deitado há uns dez minutos no sofá. Como já atingi minha "outra consciência", seu corpo físico parece-me totalmente secundário, um simples veículo, um suporte.

Sinto as primícias da linguagem universal insinuar-se em mim: língua da luz. Acho-me em contato direto com seu corpo etérico. O diálogo entre seres humanos é realmente rudimentar: para nos compreendermos, precisamos da linguagem com suas palavras, seu fraseado e sua estrutura lógica. O diálogo entre a consciência pura e o corpo etérico é bem mais rico. O espectro do potencial humano amplia-se consideravelmente. Tenho a impressão de uma energia etérica inteligente com a qual posso dialogar. Deslizo entre suas camadas energéticas e vejo um tiki das ilhas Marquesas - uma estátua de pedra polinésia -, de mais ou menos um metro de altura, onde estão gravados sinais, petróglifos e rostos. Encontro-me trinta centímetros acima da garganta etérica de Charles, no local preciso onde o incômodo se faz sentir há dois anos.

- É curioso - digo eu -, você tem um tiki gravado aqui. Não o estou vendo muito bem, porque é noite e uma luz embaçada ilumina o monumento...

Pouco a pouco, a verdade vem à tona. O tiki está "carregado" e sua vibração de defesa liberou-se no etérico de Charles.

- Eu sou fotógrafo - explica-me ele. - O que o senhor está dizendo é simplesmente extraordinário. Há pouco mais de dois anos fiz uma reportagem fotográfica num alto vale das ilhas Marquesas e efetivamente descobri um tiki coberto de petróglifos e de gravuras que só eram visíveis à luz da lua e, mais exatamente, da lua cheia. Montei meus aparelhos para reproduzir artificialmente esse tipo de iluminação e bati várias fotos.

É importante para mim obter, na medida do possível, uma confirmação regular de que estou avançando. Isso favorece a justeza de minha leitura energética.

- Bem, vamos ver se a gente consegue suprimir essa vibração que se ligou a você e provoca as dores de garganta.

Súbito, distingo um soberbo rosto de aborígine australiano com as manchas brancas de suas pinturas sagradas. Digo a Charles que se trata da imagem de uma vida anterior, gravada no etérico. Isso deveria ser impossível, pois o corpo etérico contém apenas as informações relativas à vida presente. Ora, o aborígine está exatamente ali.

- Você foi um aborígine em outra vida - afirmo.

É a primeira vez que me vejo confrontado com uma encarnação aborígine durante uma leitura energética. Observemos, porém, que a experiência desenrola-se no Taiti e as marcas cármicas do Pacífico Sul são bem diferentes daquelas do hemisfério Norte.

- Eu sinto um grande fascínio pela Austrália - diz Charles. - Morei na Austrália vários anos e, apesar da desconfiança em relação aos brancos, os membros de um clã australiano me adotaram. Deram-me inclusive um nome aborígine.

Uma idéia me ocorre: utilizar a energia do aborígine para suprimir aquela que produziu a ruptura de harmonia.

À imagem do aborígine superpõe-se logo a de uma serpente arco-íris. Informo a Charles que não estou entendendo, e ele tem um sobressalto. Esta serpente é um símbolo primordial entre os aborígines. Ficamos emocionados, pois penetrávamos, ele e eu, em camadas de memória esquecidas e todavia tão presentes.

- A serpente arco-íris - explica-me Charles - é um símbolo de regeneração extremamente poderoso, já que representa o ciclo contínuo de nascimento e de morte.

Compreendo de repente os três níveis de sonho dos aborígines e a maneira como a civilização deles articula-se, lá no alto, no *bougari*, o *dreamtime*.

Nós, ocidentais, funcionamos de maneira linear, enquanto eles funcionam diretamente na verticalidade. É assim que as pinturas são representadas vistas de cima. Um homem sentado terá uma forma oblonga, como um bumerangue, e não será pintado num plano horizontal como entre nós.

Existem assim três níveis de sonho, que a estrutura energética de Charles permitiu-me compreender. O primeiro, que qualificaremos de etérico, fica muito próximo da realidade. É aí que o inconsciente pode regenerar-se e liberar as emoções recalcadas durante meses ou anos. O segundo, o astral, é muito mais profundo. Produz sempre sonhos coloridos (os do primeiro nível podem sê-lo às vezes). A sensação de voar é freqüente neles. O terceiro nível, o causal, corresponde ao sonho total. É aí que se reencontram os mitos da Criação ou a caverna dos Antigos imemoriais. "Oh! Grandes-Pais e Grandes-Mães, sei que sois vivos para sempre. Contai-me a História, a verdadeira, aquela que não pode ser apreendida nem por nós, os fracos, nem pelo profeta, criador de religião. Não, vossa mensagem não pode ser compreendida neste nível da existência terrestre."

O aborígine que percebo no etérico de Charles funciona como elo entre todos os elementos de sua estrutura, do alto para baixo. Assim, somos todos portadores não apenas de nossa biografia pessoal, mas também de nossa história coletiva, com os grandes ciclos planetários de que fazemos parte. Pergunto portanto ao Ancestral, que flutua diante dos meus olhos fechados, se posso utilizar a energia de Pai Serpente para suprimir a vibração do tiki que se prendeu na garganta de Charles. Sua aquiescência resume-se a uma cintilação azul. Pouco a pouco, sinto a energia não-harmoniosa esvanecer-se até que não resta mais que um ponto brilhante e luminoso a cerca de vinte centímetros acima da garganta de Charles.

- Desde o meu regresso dessa reportagem fotográfica às Marquesas - confessa-me ele - tenho problemas com amigos de longa data, que têm tido para comigo um comportamento incompreensível.

- É normal. A vibração estocada em seu corpo sutil provoca reações inconscientes dentro de

seu círculo de amizades, chegando a desencadear rejeições injustificáveis.

Cada ser humano possui um campo energético que inter-penetra seu corpo físico. Este campo acha-se na base não só de seu estado de saúde geral, mas também de sua estrutura psicológica. Em outros termos, o corpo etérico encerra a árvore psicológica do ser humano. Os místicos dizem que o universo de dentro manifesta-se no universo de fora.

Quanto à visão etérica, ela reside na possibilidade de apreender esse corpo energético por sentidos que não são de natureza física. Sua gama de freqüência permite a apreensão de elementos imperceptíveis pelo ser humano no estado normal de vigília, especialmente das imagens percebidas diretamente pelo espírito sem a intermediação do olho - e aqui não estamos falando de imaginação. O ser percebe detalhes precisos relativos a aconteci- mentos vividos ou ao histórico de uma pessoa e de sua família. De fato, a percepção energética revela um mundo de energias que interagem, de campos energéticos em movimento permanente em torno de cada criatura viva. Além disso, esses campos contêm "bolas" - amontoados - memoriais que flutuam e integram todos os eventos da existência presente e passada. Por conseguinte, é possível ler os invólucros vibratórios de uma pessoa - seria como, de alguma maneira, assistir a um filme em três dimensões.

A estrutura energética do ser humano

Cada órgão físico possui seu duplo de luz, seu duplo energético. Assim, coração, fígado, pulmões, rins, órgãos genitais acham-se inscritos vibratoriamente no corpo etérico. Esta contraparte energética permite não raro uma avaliação melhor do verdadeiro estado dos órgãos que um scanner. Além disso, é possível operar o órgão doente à maneira de um cirurgião. Teríamos aí as bases de uma cirurgia microvibratória do futuro? Pelo menos é o que parece sugerir o exemplo a seguir.

Conheci um capitão-de-longo-curso em casa de amigos comuns, que me expuseram o seu problema. Ele sofria havia dez anos de hepatite B e apresentava uma elevada taxa de transaminases. E não podia mais viver sem cuidados médicos regulares. Tentei uma experiência sem saber muito bem no que isso ia dar. A diferença entre as matérias física e etérica é principalmente uma questão de freqüência. Por isso, por que não tentar "criar" um fígado etérico e aplicá-lo sobre o fígado físico?

Pedi ao capitão que se deitasse e deixei que minha outra consciência examinasse seu fígado; ele estava brilhoso, inchado e agitado por sobressaltos. Juntei matéria etérica para "criar" um fígado. Meus olhos abriam-se e fechavam-se rapidamente. A energia-fígado girava dentro de minha mão direita e tornava-se cada vez mais densa. Entre cinco e dez minutos depois, meu corpo etérico começou a esvaziar-se de sua energia. Após 15 minutos, senti a forma energética do fígado em minhas mãos, mas fora do espaço-tempo, sem peso, massa ou gravidade.

Suavemente, milímetro por milímetro, coloquei essa forma sobre o órgão doente do capitão. No momento em que o fígado luminoso roçou o fígado físico, este pareceu desinchar-se. Soltei um suspiro de alívio e continuei a superposição dos dois órgãos. Tivera êxito a operação?

O capitão soergueu-se, sentou-se e me perguntou o que eu lhe tinha feito. Expliquei-lhe que tinha tentado reconstruir-lhe um fígado. Era tudo o que eu podia fazer por ele.

Três semanas mais tarde, tive notícias suas. Uma visita de rotina ao médico, 15 dias depois de

nossa experiência, revelara que a taxa de transaminases voltara a ficar normal. A hepatite B que havia dez anos o incapacitava desaparecera completamente.

As leituras energéticas e as terapias vibratórias oferecem possibilidades que desafiam todo e qualquer entendimento - elas permitem trabalhar sobre a estrutura global de um ser humano.

Aquele que não dormia mais

Também, o caso de Paul, que não dormia desde 1987. Sem razão particular - trauma, doença, mudança de emprego ou de profissão etc. -, este sexagenário tinha pouco a pouco perdido o sono no espaço de dois meses. Fazia mais de dez anos que não dormia senão muito esporadicamente e sempre por intervalos muito breves. Era como uma pilha elétrica supercarregada.

Quando da primeira apalpação energética, percebi um corpo etérico superdimensionado. A zona de densificação desse campo, que cobre normalmente uns 15 centímetros, estava passando dos trinta, o que era considerável.

- Nunca vi isso - disse eu a Paul, que caiu na gargalhada.

- Ouço essa frase há dez anos. Tentei tudo, consultei médicos, neurologistas, psicólogos, servi de cobaia num laboratório especializado no estudo do sono, e nada. Minha ficha médica tem pelo menos cinqüenta centímetros de espessura! Cheguei a procurar um magnetizador e um vidente que me disseram coisas surpreendentes mas sem obter melhores resultados. Continuo sem dormir.

Deixei novamente minha outra consciência dialogar com o corpo etérico dele e vi aparecer planos e esquemas elétricos. Perguntei-lhe:

- Trabalha com eletricidade? Estou vendo o símbolo de um disjuntor de alta tensão.

- É verdade, há trinta anos patenteei um disjuntor de alta tensão.

Confiante com essa confirmação, abri caminho por entre suas partículas memoriais energéticas.

- Trabalha com campos magnéticos?

- Não particularmente, mas há sempre campos magnéticos em meu ambiente profissional.

- Mas - insisti - não trabalha com campos magnéticos pulsantes?

- De modo algum.

- Mas sinto em sua estrutura a energia de campos magnéticos pulsantes... alguma coisa que não deveria estar aí.

Depois prossegui minha leitura e vi um homem que fazia a sesta sob uma árvore, numa paisagem campestre. Próximo, um pequeno barco atracado.

- Você é pescador? - perguntei.

- Sim - respondeu ele rindo -, a pesca é a minha paixão.

Súbito, percebi, furando o céu, um feixe luminoso apontado para o homem adormecido. Ele emanava de uma forma lenticular que me fez pensar num disco voador. Como dizer a esse homem: "Enquanto fazia a sesta, você foi 'lido' por um feixe emitido por um engenho extraterrestre"?

Avancei com prudência.

- Lembra-se de ter feito uma sesta no outono de 1987 que o tivesse deixado, depois, com uma

sensação estranha?

- Não, não me lembro disso.

- Nunca se sentiu nauseado ou indisposto depois de uma sesta?

- Não - repetiu ele.

Bem, nada de confirmação por esse lado.

- Você sente algum interesse pelo fenômeno dos discos voadores?

- Claro - exclamou ele -, esse assunto me deixa fascinado.

Resolvi dizer-lhe o que eu estava vendo.

- Durante uma sesta, num dia em que você saiu para pescar, seu corpo foi envolvido por um feixe extraterrestre. Eles o leram até os níveis mais profundos de seu ser, a ponto de decifrar a história de seu genoma.

Paul olhou-me com estranheza e perguntou-me, coberto de lógica:

- Tudo bem... Mas o que faço com isso?

- Boa pergunta. Vejamos, já que nos achamos no domínio da eletrônica, e até mesmo da astronáutica, vou criar uma rede de derivação em seu corpo etérico. Você não está mais podendo dormir porque se encontra superalimentado por esse campo de energia que continua com você. Voltei a fechar os olhos e fabriquei, no plano etérico, um pequeno aparelho, como um motor, que ficaria encarregado de absorver parte da colossal energia que impedia o homem de dormir havia tanto tempo. Durante os poucos meses que se seguiram, Paul voltou a conciliar o sono, mas foi uma melhora de curta duração. Meu amigo Marc Côté, terapeuta em Montreal, teve então a idéia de fazê-lo despender esse excesso de energia. Com efeito, por que não utilizá-la de uma outra maneira? Paul começou tentando ajudar a esposa, que havia 25 anos sofria de enxaquecas. Ele deu passes em sua cabeça, e a enxaqueca desapareceu totalmente.

Ainda hoje Paul não consegue dormir muito bem, mas seu potencial de cura é simplesmente fabuloso. Alguma coisa foi-lhe transmitida do outro mundo. Por acidente?

O pifao

Jean-François é originário de Gana e sofre há vinte anos de dores de barriga tremendas. Foi operado duas vezes, mas as dores continuaram. Falaram-lhe de espasmos intestinais, de crispações abdominais, mas nada ficou resolvido. Além do mais, isso tem provocado sentimentos de agressividade incompreensíveis em seu círculo de amizades, quando sua atitude é inteiramente normal.

Durante a leitura de seu ventre etérico, vejo um galo.

- Mas o que está fazendo aí esse animal? - pergunto-lhe. - Já viveu cercado de galos?

Ele olha para mim, franzindo o cenho. Já se perguntava se não perdia seu tempo.

- Claro. Em todos os povoados africanos, galos e galinhas vivem livres, pelos caminhos, do mesmo modo que muitos outros animais estranhos, como aqui, aliás - acrescenta, malicioso.

Fico em silêncio, concentrado em sua emanação energética. Aquele galo tinha um sentido, mas qual? Em seguida, vejo girafas.

- Há girafas onde você nasceu?

- Onde nasci, não, mas há na Nigéria.

- As girafas e a Nigéria dizem alguma coisa a você?

- Sim –responde Jean-François -, estive trabalhando na Nigéria, e meus problemas tiveram início logo depois.

Sinto uma vibração estranha, que não tinha por que surgir naquele momento.

- Você foi vítima de mau-olhado - declaro com prudência.

- Isso não me surpreende - admite.

Seu corpo etérico fornece-me uma nova informação. Estou em contato direto com seu inconsciente e descubro coisas que o ser humano costuma esquecer com o passar dos anos.

- Que lhe aconteceu por volta dos sete anos de idade?

- Meu pai me contou que tinha ido ver um *marabu*, um religioso muçulmano, quando eu estava com essa idade, pois tínhamos sido vítimas de mau-olhado, minha família e eu.

- É como se você tivesse sido enfeitiçado.

De fato, esse homem foi vítima, em 1975, de um feitiço, e as dores que o torturavam nos últimos vinte anos eram decorrentes disso. Ele sofreu um malefício, uma má sorte - um *pifao*, para empregar o antigo termo taitiano simbolizado pelo galo. Restava-me apagar a vibração do animal para que as dores cessassem, bem como as reações hostis de amigos e parentes.

As terapias vibratórias: técnicas energéticas do terceiro milênio

Desde a publicação de *Cura Espiritual e Imortalidade* (Ed. Record / Nova Era, 1996; edição francesa, 1992), um grande passo foi dado para a compreensão, a leitura, a decodificação e a desprogramação dos campos energéticos que cercam o ser humano. Tínhamos já observado, por ocasião de expansões da consciência provocadas, que havia apenas um tênue véu separando nossa condição do momento de nossa natureza verdadeira e intemporal. A observação dos campos energéticos dos corpos de luz permite reencontrar uma linguagem antiga que é uma ferramenta de comunicação ainda melhor que a linguagem falada, já que se trata da linguagem universal, a da luz.

Havíamos constatado que transferências de informação de uma camada energética a outra apresentam-se como uma transmissão de códigos, unidades holográficas vivas, ao mesmo tempo mais precisas e mais globais que nossa linguagem verbal corrente.

As tradições ensinam que o ser humano é um composto global que reúne um agregado energético de sete corpos ou sete camadas energéticas que vibram em níveis de freqüência diferentes. Tais corpos coabitam no mesmo espaço. Ora, um princípio reconhecido em física admite que freqüências diferentes coexistem num mesmo espaço sem se destruírem mutuamente.

O corpo etérico e o inconsciente

O corpo etérico é uma verdadeira plataforma holográfica que se superpõe ao corpo físico. Ele vibra numa freqüência próximo à da matéria e imbrica-se com o físico cercando-o com um invólucro de cinqüenta a sessenta centímetros. A cerca de 15 centímetros do invólucro físico encontra-se o que denominei zona de densificação energética. É ali que se pode apalpar o corpo etérico, "lê-lo" e efetuar um balanço energético. Nossos olhos espirituais efetuam uma leitura global a partir de não importa que ponto do holograma etérico - o que é a característica básica de um holograma, onde cada ponto encerra o conjunto de todos os pontos. Essa zona de densificação corresponde a um certo número de parâmetros, que permitem a elaboração de um balanço da saúde tanto física quanto psicológica.

O primeiro, provavelmente o mais importante, é sua espessura, que deve ser de mais ou menos 15 centímetros. Entretanto, no caso de doenças, de problemas físicos e até mesmo emocionais, ela se reduz pouco a pouco. Temos observado, em pessoas atingidas por doenças graves ou em moribundos, zonas de densificação de apenas dois ou três centímetros.

As técnicas energéticas, que consistem em redinamizar o corpo etérico a partir de seis pontos situados na testa, permitem recuperar a espessura de um corpo etérico doente. A pessoa experimenta então uma melhora de vários dias em seu estado de saúde. Aqueles que trabalham com os poderes da Natureza, como os xamãs, têm corpos etéricos mais amplos, que chegam a atingir 25 centímetros, além de demonstrarem grande força e vitalidade.

O encolhimento desse campo de energia pode dever-se a fatores emocionais ou a correntes energéticas inconscientes que desaceleram o fluxo de energia, o prana, nos canais que compõem esse campo.

O segundo parâmetro é a densidade do corpo etérico. Sua importância foi descoberta em 1995. Eu havia adiantado a hipótese de que o corpo etérico era comparável à camada de ozônio que envolve a Terra. Esta filtra os raios ultravioletas provenientes do espaço e nos protege assim das radiações prejudiciais. Mas seu papel é ainda mais importante.

A Terra é constantemente bombardeada por meteoritos, que se desagregam, entretanto, queimados pela atmosfera. Claro, alguns caem sobre a Terra, mas em quantidade ínfima em vista do número total.

O mesmo ocorre com o corpo etérico, que filtra codificações ou "quistos memoriais", suscetíveis de gerar transtornos emocionais e até mesmo fisiológicos no corpo físico. Se o corpo etérico é denso, essas memórias são queimadas como os meteoritos e só atingem o físico. Esta é a razão por que certas pessoas têm constantemente pequenos problemas de saúde, enquanto outros nunca sentem nada. O etérico destes últimos é denso e desempenha bem seu papel de barreira de proteção contra essas per- turbações energéticas que se inscrevem pouco a pouco na matéria física.

O terceiro parâmetro tem a ver com o alinhamento e o calçamento. De 1985 a 1993, tínhamos observado defasagens energéticas às vezes importantes entre nossos pacientes.{35} Recalçávamos e reancorávamos sistematicamente corpos etéricos perturbados em virtude de traumas físicos ou afetivos, de uma anestesia geral ou ainda de um defeito de construção no momento da encarnação.

Observamos que essas intervenções eram inúteis quando o corpo etérico era suficientemente denso. Ele envolvia bem o corpo físico e preenchia perfeitamente seu papel.

Em contrapartida, as defasagens energéticas provocavam às vezes patologias tais como vertigens, náuseas, perturbações da visão, pulsões de angústia e até desordens psiquiátricas, como alucinações visuais e auditivas.

A reação palpatória

Quando se apalpa a zona de densificação, o corpo etérico deve ter uma reação flexível, como um gato que alteia o dorso quando acariciado. A reação palpatória denota quase sempre uma tendência psicológica. As pessoas encerradas em si mesmas, com uma visão rígida da existência, têm uma reação palpatória quase inexistente. As que têm uma reação ampla demonstram uma boa adaptabilidade às condições gerais da existência.

A textura

A textura do corpo etérico deve ser flexível e lisa ao toque. Essa característica é perceptível graças à extensão energética do órgão físico do tato. Os corpos etéricos apresentam-se ásperos, escorregadios, macios, sedosos etc. Tais particularidades traduzem igualmente aspectos da estrutura psicológica do indivíduo. Um etérico áspero geralmente indica uma pessoa de caráter áspero. Um etérico sedoso, uma pessoa de abordagem fácil.

O movimento etérico primário

Os especialistas em osteologia reconhecem o movimento respiratório primário no nível craniano, devido à circulação do líquido cefalorraquidiano que permite ao crânio respirar. Suas variações ínfimas, que esses especialistas percebem na ponta dos dedos, dão-lhes condições de estabelecer um diagnóstico. O corpo etérico é animado por um mesmo movimento respiratório, às vezes chamado movimento etérico primário.

O corpo etérico não é uma estrutura fixa e rígida. Ao contrário, é animado por ondulações. Essa respiração traduz a manei- ra como uma pessoa rege-se pelos campos semânticos intemporais de seu inconsciente.

Pode-se acrescentar ao número dos parâmetros a luminosidade. O corpo etérico deve ser brilhante e sua luminosidade igualmente repartida sobre o conjunto do campo. Em certos casos, ela é desigual, e zonas aparecem mais sombrias, o que denota uma "desordem etérica" suscetível de provocar com o tempo, se já não for o caso, um problema físico.

Com efeito, temos observado que todos os fenômenos que se manifestam no nível físico aparecem primeiro no plano etérico. Tivemos a certeza disso depois de várias centenas de experimentações. Sabemos que informações provenientes do "outro lado da realidade" transitam por camadas de energia cada vez mais densas para passar de um universo a outro, da plataforma etérica holográfica ao corpo densificado. Essas memórias, ou quistos memoriais no caso de desordens físicas, vão começar a "descer" dentro de alguns meses ou de um ano e meio. Sabemos doravante como esses quistos ativam-se e passam de uma vertente a outra.

A arqueologia psíquica

Mas a descoberta mais importante é talvez a compreensão do elo entre corpo etérico e inconsciente. O psiquismo do ser humano é, de alguma maneira, constituído de várias camadas arqueológicas - daí por que falamos às vezes de arqueologia psíquica. O cérebro esquerdo está

ligado à consciência, à memória, ao vivido. Geralmente, a grande maioria das pessoas conserva recordações que remontam à idade de oito anos, e para além disso tudo se toma mais impreciso. O indivíduo então já não tem recordações pessoais, antes recordações trazidas à tona por parentes e pessoas próximas.

Existe, portanto, uma zona de memória e uma zona de esquecimento. A zona de memória é a consciência ordinária ligada ao cérebro esquerdo, racional e analítico. O cérebro direito está conectado ao inconsciente. Quando saltamos nosso raciocínio para o hemisfério direito, alcançamos o imenso reservatório de informações que é o inconsciente. Aí reside a vantagem dos estados de expansão da consciência, caminho real para as profundezas insuspeitadas da psique.

Nossas experiências permitiram-nos constatar que o corpo etérico está conectado ao inconsciente; em outros termos, as memórias de superfície próprias à consciência ordinária situam-se no corpo etérico, a alguns centímetros do corpo físico. Quer dizer que se podem encontrar aí ocorrências dos anos recentes - doença, intervenção cirúrgica, mudança inopinada, viagem, acontecimento particular -, em suma tudo o que faz a essência de nossa vida.

Em contrapartida, quanto mais se sobe ao etérico mais se desce ao inconsciente. É possível distinguir, no etérico, essa fronteira entre a zona de memória e a zona de esquecimento. Assim, procedendo a uma leitura do corpo etérico, estamos realmente fazendo uma leitura do inconsciente. É por isso que um quarto de hora é suficiente para interpretar a estrutura psicológica profunda de um indivíduo.

Em janeiro de 1997, eu explicava essa maneira de trabalhar no seio de um grupo de formação. Para ilustrar minhas palavras, procedi a uma demonstração com um participante. Um psicanalista veio procurar-me ao fim da sessão e declarou:

- Em vinte minutos você realizou o equivalente a vários meses de análise.

Foi então que compreendi o valor desse tipo de trabalho. Em nenhum momento tive o sentimento de estar praticando vidência. Trata-se realmente de operar num outro patamar de compreensão, que leva em conta o funcionamento ampliado do ser humano. Um cérebro holográfico decifra um holograma: o corpo etérico. Este constitui, falando propriamente, um "aparelho" particular no ser humano. Bastava identificá-lo para permitir a decodificação de um campo de energia invisível a nossos olhos e sempre ignorado pela tecnologia moderna.

Observemos, no entanto, que a situação está evoluindo. Assim, em 1990, quando do congresso científico de Council Grove, no Kansas, voltei a encontrar o professor Tiller, do qual falei em *Cura espiritual e imortalidade*. Ele continuava presidindo o departamento de engenharia da universidade. Junto com estudantes que preparavam suas teses de doutorado, resolvera fabricar um aparelho capaz de objetivar o corpo etérico. Explicava esse campo de energia em relação à termodinâmica dos sistemas de não-equilíbrio. Ouvi-lo é um verdadeiro encantamento, pois se expressa ao mesmo tempo como um cientista de alto nível e como um místico, passando dos dipolos aos corpos etéricos e astral sem a menor perturbação.

Consideremos agora a zona de esquecimento de que falamos anteriormente. Ela varia de acordo com a estrutura psicológica da pessoa. Recentemente conheci um homem que não conservava nenhuma recordação anterior a seus 12 anos de idade. Ora, fica quase claro que foi vítima de um incesto ou de violências físicas. A estrutura psicológica tece um invólucro de proteção, como uma chapa de esquecimento.

Em tais casos, convém derivar muito suavemente para o campo de energia para começar a decifrá-lo. Com isso será possível descrever um cômodo, um quarto, uma cama... Temos não raro observado que as memórias que se encontram em níveis relativamente elevados no corpo etérico, ou seja, nas camadas profundas do inconsciente, pareciam então se eletrizar e desciam de camada de energia em camada de energia, remontando portanto insensivelmente à consciência ordinária. Por isso não é incomum ouvir pessoas exclamando: "Ah! claro, agora estou me lembrando. Tinha esquecido totalmente esse episódio."

Mas é preciso evitar o risco de emitir opiniões falsas baseadas em interpretações apressadas. Um trabalho como esse exige um rigor absoluto. Para mitigar os riscos de erros, esforço-me sempre por obter confirmações múltiplas. Para isso, baseio-me na vivência da pessoa a fim de verificar se existe um elo entre a informação desconhecida e o vivido.

Quando uma imagem percebida ocorre de maneira repetida durante trinta segundos ou um minuto, começo a encarar a possibilidade de que ela corresponda a uma realidade. Meu cérebro trabalha a partir de então num regime supermultiplicado. Funciono simultaneamente em dois níveis - no aqui e agora e em outra dimensão.

Quando as imagens surgem diante de mim, antes de descrevê-las pergunto à pessoa se essa e aquela paisagem ou tal e qual situação dizem alguma coisa para ela. Se responde negativamente, conservo esse elemento de informação num cantinho de minha memória e prossigo minha leitura. Podem ocorrer informações sem pé nem cabeça. Não as recuso, mas organizo-as como fazemos com as peças de um quebra-cabeça antes de começar a montagem.

É importante evitar a precipitação e fazer sempre verificações múltiplas. Uma simples sensação - de frio intenso, por exemplo - ou uma imagem vaga - como uma flor - nunca são elementos suficientes.

Para começar a emitir qualquer opinião, é preciso contar com oito, dez, 15 informações que se devem completar e confirmar mutuamente. É preciso ver o quebra-cabeça sendo montado. A leitura não leva mais de dez minutos, o que é consideravelmente rápido.

Em 1988 e 1989, eu concordara que me usassem como cobaia no laboratório do Monroe Institute, na Virginia. Sentia-me confiante nesse ambiente. Não tinha a impressão de estar sendo avaliado por pessoas incrédulas, cínicas, desprovidas de abertura de espírito, mas por cientistas objetivos, que queriam compreender o funcionamento do cérebro nesses momentos de consciência particular. Foi nessa ocasião que descobri com surpresa que podíamos aumentar deliberadamente a freqüência de nosso cérebro. Em lugar de funcionar entre vinte e 25 hertz - o nível de consciência ordinária -, os sinais elétricos podem alcançar cinqüenta e até sessenta hertz.

Sinto um respeito profundo e sincero por esse potencial altamente espiritual do ser humano.

O corpo etérico contém tudo o que adquirimos em nossa vida presente. Ali se encontram o ambiente familiar e profissional, os acontecimentos da adolescência e da infância e até mesmo o impacto da vida fetal. E todos esses elementos podem ser objeto de uma leitura. Às vezes esta se mostra imprecisa e deixa pairar uma dúvida, caso em que não emito qualquer opinião. Em contra-partida, se a imagem que se desenha é precisa, se os diversos elementos se imbricam de maneira lógica, as informações que passam para o nível consciente do ser vão ajudá-lo bastante em seu encaminhamento. Gostaria de ressaltar que não sou terapeuta nem curador, esforço-me apenas por compreender a estrutura global do homem como espécie. Ora, a visão que se desprende abre perspectivas fenomenais. Estou persuadido de que o trabalho sobre o corpo

energético constitui um dos aspectos fundamentais das orientações terapêutica e espiritual do próximo milênio.

Não se encontra, teoricamente, nenhum traço de vidas anteriores no corpo etérico. Estas são do domínio do astral.

O corpo astral

O corpo astral é o segundo campo de energia. É composto de partículas taquiônicas, como o corpo etérico, mas vibra numa freqüência ainda mais elevada.

O corpo astral desce a cerca de quarenta centímetros e imbrica-se, por conseguinte, no etérico. Existe uma zona de coexistência não destrutiva. Vimos que esse princípio é reconheci- do pela física, onde duas energias de freqüências diferentes podem coabitar no mesmo espaço sem se destruírem.

O corpo astral é, segundo a tradição, o veículo das emoções e dos desejos. Nele se encontram os registros das vidas anteriores. Sua leitura revela a história tanto biográfica quanto cármica da pessoa. Imagens medievais superpõem-se às vezes a cenas napoleônicas, e até mesmo egípcias ou mais antigas ainda. O tempo não existe no astral, tudo aí é possível e se acha ao alcance da mão.

Acontece às vezes que certas memórias cármicas ativam-se e "descem" no corpo etérico. Assim, quando, durante uma leitura do corpo etérico, vemos surgir uma imagem de uma vida anterior, sabemos que estamos em presença de um problema de natureza cármica. Fala-se então de traumas cármicos ou de quistos memoriais.

Um trauma é a memória de um acontecimento onde uma emoção se fixou - medo, angústia, cólera, temor, dor, pavor etc. Traduz-se por um ponto memorial cercado por uma nuvem emocional. A combinação dos dois engendra um trauma. Num mundo de energia, é possível desprogramar essa nuvem e portanto desativar - neutralizar - a memória. Assim, uma pessoa que teria sido enforcada numa vida anterior conserva a memória do episódio no nível de sua nuca etérica, experimentando repetidas dores cervicais. Desde que essa memória seja desprogramada, as dores desaparecerão. A experiência tem demonstrado isso.

Em 1996, um encontro com uma bióloga italiana permitiu-me compreender a importância da zona de densificação. Essa jovem mulher de 35 anos era muito energética; no entanto, sua vida não passava de uma série de doenças e operações. Se não me falha a memória, ela teve que passar três anos inteiros de sua vida hospitalizada. Seu corpo físico era literalmente um campo de batalha cirúrgico.

Estabeleci um balanço energético para compreender esse estado de fato. Seu corpo etérico revelava profundas perturbações energéticas. Apalpei a zona de densificação e constatei uma invasão do astral no etérico. No entanto, este último tinha uma densidade forte. De fato, as memórias anteriores tinham-lhe invadido o corpo etérico, ali introduzindo episódios de guerra, de massacre e de maus-tratos diversos. Ora, o corpo etérico corresponde ao inconsciente; portanto, o inconsciente dessa pessoa encerrava cargas cármicas muito poderosas, que influenciavam sua existência - o que os místicos sempre ensinaram. O inconsciente, isto é, o universo do interior, projeta séries de eventos para o mundo de fora, cristalizando-os. Esta mulher fabricava literalmente sua existência a partir de cargas cármicas estocadas em seu inconsciente. Era

possível restabelecer essa zona? Esforcei-me para isso, restaurando o equilíbrio, e portanto a fronteira, entre os dois campos. Depois a mulher pareceu ter encontrado uma energia nova, uma maior disponibilidade e um entusiasmo ainda mais vivo.

Os três corpos - físico, etérico e astral - poderiam ser chamados os corpos da encarnação. São eles que geram as condições de nossa existência. Mas somos tributários de forças inconscientes que não dominamos? Tenho não raro pensado que quanto maior o grau de abertura de consciência, maior a capacidade de dominar nosso destino. Poderíamos comparar o homem a uma pessoa num barco. Se dispõe de remos, poderá deslocar-se para qualquer direção, a menos, claro, que a corrente seja muito forte. Mas, se utiliza mais remos ou não os tem, será incapaz de dirigir a embarcação, que a levará ao sabor da corrente.

Os campos superiores correspondem ao corpo mental e ao corpo causal. Estes vão além da história biográfica e mesmo cármica do indivíduo. Não há mais vida presente nem vida anterior. O corpo causal representa o campo da consciência superior, onde se situaria o *bougari*, o *dreamtime* dos aborígines. A ele correspondem a criação e a transmissão do pensamento ideal. Está em relação com a essência das coisas e as causas reais ocultas por trás das aparências. O corpo causal corresponde ao mundo das realidades das causas essenciais.

Minhas percepções detêm-se praticamente nesse nível; é raro que eu efetue uma leitura causal. É uma experiência fatigante, mas de extremo poder. A linguagem não é mais do tipo analítico compreensível pelo cérebro esquerdo, ela se torna metafórica. Nesse nível, ou nesse grau de freqüência, penetramos na história do mundo e percebemos a que corrente de pensamento planetário um indivíduo está conectado. Neste plano, vamos encontrar os grandes arquétipos da humanidade: Cristo, Buda, Ísis, Osíris, Quetzalcoatl, Ta'aroa, Odin...

Algumas pessoas estão ligadas a correntes de pensamento da ilha de Páscoa, a antigas civilizações andinas, a mitos gregos, egípcios ou hindus, aos deuses do Norte, aos mitos celtas etc.

Sophie e a batalha dos deuses

Durante um recente ciclo de formação, conheci Sophie. Malgrado um desenvolvimento pessoal e espiritual importante, ela não conseguia ver o corpo etérico. Vários participantes de meus seminários ficam não raro surpresos ao constatar, ao cabo de dois ou três dias, que obtêm percepções consideráveis. Mas não Sophie! Em lugar de proceder a uma leitura etérica ou astral, propus-lhe tentar uma leitura causal. Eis o resultado.

Começo sempre efetuando um balanço etérico. O campo de Sophie era de densidade e espessura normais. Apresentava ligeiras riscas na região do joelho esquerdo e do olho. O terceiro olho, sede da percepção energética, emitia uma pulsação lenta, zumbindo no grave, como o segundo chakra.

No nível astral, tudo se acha em negativo, como numa película fotográfica. Estaríamos em presença de um mecanismo invertido? Noto ainda imagens curiosas: um homem numa Harley Davidson e atrás dele, indistinta, uma pessoa como aspirada num tubo; em seguida aparece um sinal, um ideograma japonês. Reconheço o do *Sepuku*, o suicídio ritual, no *bushido*, a via dos samurais. Pergunto a Sophie:

- Conhece os ideogramas japoneses?

- Não.

Aumento a percepção a um grau de freqüência mais elevado no astral. Novos anacronismos surgem: pneus de avião, uma colméia, abelhas, criptas egípcias, túmulos medievais, estátuas de deuses mortos - uma grande confusão vibratória! -, pintinhos bicando o chão, uma lontra de duas cabeças comendo um peixe, uma lira de plumas multicores, pavões, faisões, uma selva tropical, cenas de guerra, uma cidade queimando, mortos por toda parte, um cavaleiro negro numa ruela procurando alguma coisa. O cavaleiro negro me faz pensar no Príncipe Negro da Inglaterra das cruzadas. Lanças cruzadas sobre um brasão... lâminas entrecruzadas. O símbolo dos fabricantes de vitrais na Idade Média... Ora, ora, o cavaleiro negro encontra-se num vitral.

Não consigo guindar-me ao plano do causal. Sinto-me como entravado em minha progressão. A entidade está aprisionada em camadas energéticas que não se comunicam entre si. Os sinais são interrompidos, e as vibrações, dissonantes.

Evoluímos num campo de energia intemporal, tendo à nossa disposição um conjunto de escafandros para explorar os diferentes níveis de realidade. Para descer ao fundo dos mares ou andar sobre a lua, devemos usar um escafandro. Do mesmo modo, para explorar o universo físico, usamos um outro tipo de escafandro: o corpo físico. Em princípio, os diferentes corpos energéticos interagem entre si; ora, no caso de Sophie, a comunicação está interrompida.

O astral superior não emite nenhuma vibração. A energia parece congelada. Tudo é imóvel, sem a menor respiração energética. Súbito, percebo existir ali uma consciência condenada ao esquecimento. Esquecimento de quê? De si? Ela não esboça qualquer reação. Pergunto ao corpo causal se posso subir até seu nível. Formulo outra pergunta mentalmente, sob forma luminosa: a que corrente planetária pertence este ser, ao que está conectado? Vejo uma concha, luz dentro da concha, um licorne, uma tartaruga, o animal sagrado, um humanóide no astral superior. Estou quase certo de que Sophie foi amnésica em várias vidas anteriores.

Sem abrir os olhos, ela me confessa que às vezes tem a impressão de achar-se como que anestesiada. Seu espírito enrijece quando ela quer refletir em certas coisas ou quando tenta ter percepções. Onde se situa a resposta às minhas interrogações: no nível causal, no astral, no etérico?

Um objeto aproxima-se. Uma esfera que se parece com Júpiter. Uma batalha mítica opõe Seth e Horus..., o Egito! O mito da queda dos anjos. Vejo o caos e finalmente alcanço o nível causal. Já se passou meia hora desde o início da experiência, o que é anormalmente longo.

No começo de minha incursão no causal, tudo é confuso. Sinto que uma arma mergulhou esse grau de consciência no esquecimento - digamos, à falta de outros termos, num congelamento vibratório. Estou num território desconhecido, no meio de uma batalha de deuses. Se eu considerasse as coisas no primeiro grau, diria que estamos em presença de uma maldição proferida por entidades etéricas e astrais numa encarnação anterior. Para mim, trata-se de outra coisa: de uma visão causal do Mahabharata, a famosa batalha que opõe os deuses da mitologia hindu. Mas o Mahabharata mitológico não é mais do que uma pálida cópia do que se desenrola ante meus olhos. Vejo armas vibratórias utilizando a antigravitação para mergulhar a entidade num estado de congelação vibratória e no esquecimento.

Uma proibição me impediria de elevar-me mais, para remontar à origem? Sinto-me subindo em espiral num universo sombrio. Existem ali disjuntores de alta tensão, uma camada energética carregada de eletricidade negra, tempestades magnéticas. Mostra-se-me uma bola que apresenta simultaneamente dimensões diferentes. Acho-me num espaço riemanniano, um espaço maior no

interior do que no exterior. Lá dentro, há objetos cônicos. Vibrações retêm prisioneira uma parte do ser no meio de uma tempestade magnética.

- Uma parte de você - digo a Sophie - está retida numa prisão sem tempo nem dimensões. Você foi, ao que parece, condenada ao esquecimento. De quê? Por quê? Preciso transcodificar essas informações em termos etéricos, pois não compreendo mais nada.

De fato, a transcodificação é feita inicialmente do causal para o astral, depois do astral para o etérico. Em seguida, a compreensão torna-se mais simples.

- É como se - prossegui - civilizações futuras tivessem inventado prisões vibratórias. Uma parte de sua consciência estaria exilada nessa zona. É melhor deixá-la ali ou abrir essa caixa de Pandora? E se a abrirmos, o que acontecerá?

O causal me responde e me mostra gotas de fogo em forma de lágrimas. No causal desenrola-se como um luta entre forças solares e lunares, em negativo. No nível físico, falar-se-ia de guerra entre os bons e os maus, mas trata-se de outra coisa.

- A batalha continua em curso. A parte do seu ser que está aprisionada serve, de fato, como moeda de troca. Esta guerra começou num tempo de deuses, antes da criação da humanidade. Que fazer? Destravar a bomba de esquecimento? Pode-se fazer isso sem perigo espiritual, psíquico ou psicológico?

A ajuda virá de baixo e elevar-se-á como o Antakarana, um ponto vibratório entre a consciência encarnada e a da alma. Criar o Antakarana pode fazer saltar os parafusos de baixo para cima. De fato, minha visão não é do futuro nem do passado, é de hoje. Devo efetuar minha leitura indo na direção dela. É a atualização de um jogo de xadrez causal. A pessoa que se acha ali é como um gambito das estrelas, um sacrifício que permite ganhar tempo.

Vejo o símbolo da tartaruga. Na Polinésia, é um animal sagrado, que nunca se perde pois sempre acha sua casa.

Eis, portanto, como se desenvolveu essa leitura causal.

Claro, é difícil retranscrever aqui o poder de tais leituras. Elas são extremamente raras e a linguagem para exprimi-las é às vezes incompreensível. No entanto, que potencial encerra este domínio!

Os corpos de energia oferecem ainda muitas outras possibilidade. Permitem especialmente que se obtenham informações sobre pessoas ausentes. Podemos proceder a uma leitura muito precisa dessa informação holograma. No Brasil, com Liliane, fizemos uma leitura para duas mamães que tinham perdido, a primeira, um filho de 11 anos, a outra, um filho de três anos e meio. Descrevemos com precisão as circunstâncias do acidente deles. Foi uma experiência particularmente emocionante, pois sentíamos a presença desses pequenos desaparecidos nas codificações memoriais da estrutura energética das mães.

Assim, no nível do corpo causal, tocamos na memória coletiva, na memória da humanidade. É o nível do mundo xamânico superior. O elo é doravante possível entre o xamã, o físico e o místico. Trata-se de um jogo que transcorre numa estrutura pluridimensional, num tempo fora do tempo, num espaço que existe por toda a parte e em parte alguma.

Há dois anos perguntei-me se era possível trabalhar sobre o DNA e o genoma humano. É possível transferir informações luminosas no nível do genoma? Tive logo a sensação de um perigo, como se não fosse prudente ir tão longe. Contudo arrisqueime em duas oportunidades para eliminar grandes quistos renais. A pessoa confirmou-me, nos dois casos, que ficara

totalmente livre dos quistos. Isso continua incompreensível para mim, mas um dia talvez organizações poderosas venham a cuidar do assunto e a explorar essa via tão promissora.

Em 1992, num congresso em Decatur, na Georgia, Estados Unidos, conheci Ed Thames, presidente de Psytech, uma curiosa firma norte-americana. Ela emprega seis pessoas, todas egressas dos comandos das tropas de choque do Exército, quatro delas, aliás, ainda na ativa. Só Ed Thames e seu adjunto estão na reserva.

A história com que pretendo concluir esta obra parecerá incrível a muita gente, e eu mesmo hesitei muito antes de resolver reproduzi-la, mas o próprio Ed Thames conta-a em público, não me restando senão liberá-la, principalmente pelo que ela vale.

Os seis membros da firma foram treinados por Ingo Swann, o mais famoso *remote viewer* (literalmente, "aquele que vê à distância") do mundo. Este homem é capaz de projetar-se a qualquer lugar do mundo e descrevê-lo em detalhes.

Depois do treinamento, a equipe de Ed Thames conseguiu contratos importantes com empresas de tecnologia avançada, nos Estados Unidos. Pediram-lhes que se projetassem no futuro para trazer os planos de máquinas que só seriam construídas oitenta anos mais tarde. Ignoro o que resultou de tais pesquisas, mas o certo é que a equipe foi utilizada durante a guerra do Golfo. Seus membros ter-se-iam projetado até a sala de mapas de Sadam Hussein. Este fato surpreendente foi relatado por diversos jornais norte-americanos, que zombaram da ONU por ter recorrido a médiuns para vencer os iraquianos.

Perguntei a Ed Thames:

- E como vocês receberam essas críticas?

Ele me olhou com um pequeno sorriso irônico e respondeu:

- Era exatamente o que esperávamos. Os jornalistas fabricam uma máscara para a gente, e enquanto isso fazemos aquilo que nos parece bom.

O general Bert Stubbelbine participava também do congresso. Hoje na reserva, esse general, comandante dos Serviços de Informações da Força Aérea dos Estados Unidos, é a verdadeira alma da Psytech. Ele me declarou que a firma estava igualmente engajada em pesquisas sobre os contatos com civilizações de outros mundos ou de outras dimensões vibratórias.

Tenho plena consciência de que este assunto vai além do quadro estrito deste livro, mas nem por isso deixa de ilustrar o potencial do psiquismo humano, pelo menos aos olhos de oficiais do mais alto nível. Ilustra também a defasagem entre a informação comunicada ao grande público e a realidade das pesquisas efetuadas no segredo dos laboratórios militares.

Nesses últimos decênios, diferentes laboratórios de pesquisa e alguns cientistas espalhados pelo mundo dedicaram-se a vários estudos sobre modificações somáticas e bioelétricas registradas em pessoas que já vivenciaram estados de consciência xamânica. Daí ressalta que a capacidade de abertura de consciência é inerente à dotação espiritual de cada ser humano.

Essas experiências trazem à luz a influência do cérebro e a singularidade do espírito: este não é um subproduto do cérebro; ao contrário, influencia-o. O que explicaria que o espírito possa penetrar um organismo no nível celular e modificar-lhe os mecanismos fisiológicos. Já não nos encontramos no terreno da superstição nem da fé popular, pois a conexão entre o espírito e o cérebro, como a que existe entre o corpo e o espírito, não é mais do que o prolongamento das questões colocadas pela física moderna.A evolução da percepção dos campos de energia que cercam o ser humano conheceu nos últimos anos considerável progresso.

É possível ler a história presente e passada de um ser humano com uma grande exatidão. O conhecimento de sua estrutura psicológica profunda e das razões que permitem à doença penetrar em seu invólucro físico traz uma esperança imensa para o desenvolvimento de uma visão global e unificada do homem. Os campos energéticos que cercam o ser humano contêm "bolas de memória", codificações memoriais que flutuam e encerram todos os acontecimentos da existência, presente e passada. É portanto possível, criando conscientemente um funcionamento cerebral adequado, começar a ler, literalmente, os invólucros vibratórios de uma pessoa, da mesma forma como se assiste a um filme ou a uma fita de vídeo.

Dei-me conta de que cada órgão físico parece ter seu duplo de luz, seu duplo energético. Assim, o coração, o fígado, os pulmões, os rins, os órgãos genitais de uma pessoa acham-se gravados vibratoriamente no corpo etérico. É possível obter, graças a essa contraparte energética, uma leitura do estado verdadeiro dos órgãos mais precisa ainda do que por meio de um scanner de pósitrons. A cirurgia energética é o coroamento dessa descoberta: quando um órgão se acha infectado, carregado, em desarmonia, é possível abri-lo e operá-lo como o faria um cirurgião. Podemos encontrar aí as bases de uma cirurgia microvibratória do futuro, se é que já não se trata da simples redescoberta das bases de uma ciência energética totalmente esquecida há milênios. É, em todo caso, uma das esperanças dos novos modelos terapêuticos do terceiro milênio.

Se isso é uma realidade, é possível que venha a fazer parte da vida cotidiana das pessoas? Pode-se perceber comumente o corpo de luz e os campos de energia que cercam o ser humano? A resposta é claramente positiva. Entretanto, podemos aceitar tais fenômenos, vivê-los e deles tirar os ensinamentos que podem ser aplicados? Da resposta a esse desafio depende, em par- te, a visão científica e espiritual que se desenha para o próximo milênio.

Conclusão

Ao longo da história, a maior parte dos povos tradicionais deu considerável importância aos estados não ordinários da consciência. Elaboraram assim uma cartografia notável da viagem interior, sem negligenciar qualquer detalhe do potencial positivo desses estados particulares. A tradição xamânica refloresce atualmente sob a forma de uma via de transformação viva, vibrante. Um número cada vez maior de pessoas explora os estados de consciência xamânica para daí tirar o conhecimento e a sabedoria do "mundo oculto atrás do mundo". Os ensinamentos transmitidos pela visão xamânica da existência são a herança comum de todos aqueles que vêem na via xamânica uma rota que conduz à sabedoria interior e à harmonia entre povos e nações diferentes.

O xamanismo, a mais antiga disciplina espiritual da humanidade, suscita um novo entusiasmo, notadamente porque to- das as religiões, que em sua origem eram experiências espirituais, foram hierarquizadas. O xamanismo, em sua forma arcaica ou moderna, lembra o aspecto democrático da vida espiritual: as forças sutis da Natureza manifestam-se por níveis de experiências espirituais. Cada dimensão da realidade está disponível a quem quer que faça o esforço de aprender os diferentes meios de viajar de um mundo ao outro e os coloca em prática. Assim, a via xamânica proporciona uma experiência direta sem a mediação de estruturas impostas por uma Igreja ou uma doutrina. Essa via de exploração e seus principais potenciais

ajudam o xamã a curar, a reanimar e a levar até o mundo profano os poderes transformadores do tempo e do espaço sagrados. Além disso, sua faculdade de auto-orquestrar seus diferentes estados de consciência faz dela uma ponte entre a realidade ordinária e os planos transpessoais. Com efeito, a via xamânica exige do iniciado o engajamento na dissolução do ser e a abordagem do caos de maneira consciente.

Durante a viagem xamânica, a psique e o cosmos se encontram; o xamã torna-se então a via de acesso às forças da Criação ou às forças intrapsíquicas. O talento e a disciplina requeridos para assumir relações tão especiais devem ser imensos, o que explica o respeito que se devota ao xamã há milênios. Assim, desafiando o tempo e as fronteiras culturais, a verdadeira tradição xamânica continua hoje viva e curiosamente idêntica a si mesma tanto em seu método quanto em sua imagem.

Conservamos, no mais profundo de nosso ser, a recordação de um trauma coletivo responsável pela cisão entre nossas percepções física e espiritual. Os antigos atribuíam uma consciência tanto aos corpos celestes quanto às forças da Natureza. Costumamos depreciar essa crença acoimando-a de superstição, de animismo ou, de modo mais sofisticado, de antropomorfismo. É provável que, quando da catástrofe primordial cuja recordação foi de alguma maneira preservada pelos ancestrais, nós nos tenhamos isolado de forma prejudicial, perdendo com isso todo o sentimento de comunhão com a Natureza, o planeta, os "deuses" e os outros.

A psicologia moderna cuida exclusivamente das conseqüências que puderam ter a identificação muito rígida com a experiência vivida e as estruturas de pensamento alienantes. Infelizmente, a maioria dessas abordagens psicológicas contenta-se em tornar o indivíduo feliz em sua prisão ou em criar-lhe uma outra mais aprazível, onde lhe ensinam, quando muito, a saber amar o prisioneiro.

Operou-se igualmente uma cisão entre os diferentes níveis do eu, acarretando a perda do poder de comunicar-se, até então considerado fácil, natural, ordinário. A comunhão profunda se fez cada vez mais rara e sua busca necessitou de imensos esforços. Essas especulações sobre o mito do mundo, suas conseqüências e sua importância na tradição xamânica justificam em parte a via e o dom extraordinário do xamã, na medida em que afirmam que o poder de comunicar-se foi retirado de todos os homens de maneira radical, salvo dos xamãs e dos místicos, pois estes optaram por empreender um enorme trabalho físico, espiritual e psicológico, que consiste em aventurar-se além dos véus estendidos há tanto tempo sobre o corpo, o espírito e a alma.

No mundo inteiro, um número cada vez maior de pessoas e de povos despertam para a memória coletiva de sua cultura, mas ainda assim são raros aqueles que conhecem a tradição xamânica européia, à exceção das fraternidades druídicas. As práticas espirituais e terapêuticas dos povos célticos, outrora tão disseminadas, foram declaradas fora-da-lei durante séculos, condenadas pelas revoluções religiosas, científicas e tecnológicas. Brian Bates observa que a herança européia ocidental saiu de nossa consciência coletiva e que os grandes xamãs da Europa não são mais visíveis senão sob a máscara tenebrosa de personagens românticas como Merlin ou Gandalf, Viviane ou Morgana.

Os europeus adquiriram portanto a convicção de que as tradições de sabedoria eram características das outras culturas. Poderíamos tirar daí um ensinamento, mas as profundas raízes arquetípicas de nosso próprio modo de vida primordial eram negadas, assim como nossa

memória coletiva. A sabedoria imemorial de todo um continente soçobrara no esquecimento. Essa tendência começa a inverter-se. Tem-se a impressão de que o poder e a pertinência da abordagem xamânica conservavam-se exatamente no limiar de nossa consciência, recalcada mas prestes a exprimir-se novamente. Um novo trabalho de arqueologia psíquica nos espera. A existência e a natureza da sabedoria em vigor há milênios, num tempo em que nossos ancestrais viviam em comunidades tribais, têm hoje inspirado e despertado indivíduos, herdeiros de uma grande tradição européia de xamanismo. As pinturas rupestres de Lascaux fizeram-nos remontar a 15 mil anos antes de nossa era, a gruta de Chauvet com suas trezentas pinturas nos remete para mais de trinta mil anos em nosso passado. Jean Clottes, presidente do Comitê Internacional de Arte Rupestre e antigo diretor das Antiguidades Pré-históricas na França, não se enganou quanto a isso.{36} Com ele, seguimos os xamãs no mundo subterrâneo do além onde os esperavam os animais- espíritos. Eles desenhavam suas silhuetas no relevo das grutas e entravam em contato com eles por meio dos desenhos e dos rituais. Eram eles que, por via de sua memória e de sua visão de um mundo sublimado, estavam em contato direto com as forças invisíveis da Natureza.

A memória coletiva e os ensinamentos sagrados de nossas origens desaparecidas situam-se no nível do corpo causal, o quinto corpo sutil da Tradição. Esquecemos uma massa considerável de conhecimentos, mas as antigas vias de exploração da psique humana abrem-se novamente a todos aqueles que queiram empreender a viagem.

A meta principal da vida dos navajos, "caminhar até a velhice na senda da beleza", difere nitidamente das aspirações de nossa civilização. Para eles, o maior bem para um homem é conhecer uma vida longa, harmoniosa, depois ser reintegrado na Natureza como uma parte de sua unidade indivisível. É essa a sorte que espera os heróis míticos de todos os seus cantos - sorte descrita de maneira pungente numa melopéia da via do cume da montanha.{37}

A religião do povo *dineh*, os navajos, como qualquer outra visão xamânica do mundo, é uma profunda meditação sobre a Natureza e seus potenciais de cura.

Uma lenda *dineh* conta que um herói voltou à Terra ao cabo de aventuras perigosas para transmitir ao jovem irmão o conhecimento sagrado que tinha arrancado aos seres santos, algo que de certa forma lembra a busca do Graal.

Um dia em que ele partiu para caçar com seu irmão, as divindades impacientes vieram buscá-lo.Antes de acompanhá-las, ele dirigiu um último canto de adeus ao irmão mais novo:

Adeus, meu jovem irmão.
Dos altos lugares, dos lugares santos
Os Deuses vieram buscar-me.
Tu não me verás nunca mais.
Mas quando a chuva banhar tua cabeça
E o trovão rugir;
Tu pensarás: Eis a voz de meu irmão mais velho.
E quando for tempo de colheita,
Quando ouvires a voz de todos os tipos de aves,
E o grilar dos grilos,
Tu pensarás: Eis a obra de meu irmão mais velho.
Eis o traço de seu espírito.

Os aborígines falam de uma época em que o mundo tangível pertencia ao *dreamtime*. Eles afirmam que um dia ele será reabsorvido no tempo do sonho. Os ensinamentos xamânicos sugerem que o universo físico não passa de uma centelha de instante de um contexto muito mais vasto, que a realidade se desenvolve fundamentalmente num plano imaterial. Nós podemos empreender a viagem do xamã e penetrar num universo onde o espírito e o real formam o mesmo contínuo.

Depois de tantos anos de estudos e explorações da psique humana, senti o ser humano em devir em nós. É sobre este ser ainda adormecido que se construíram os grandes mitos da humanidade. É ele quem nos fará passar de um estado de ruptura para um novo alinhamento, é ele quem nos permitirá redescobrir a via do meio e voltar a tornar-se uno, vivos e eternos. Para além de minha condição humana, é a mensagem que por intermédio de *O físico, o xamã e o místico* tento transmitir.

Contatos com o autor

Se o leitor desejar manter-se ao corrente das pesquisas, seminários e viagens organizados por Liliane e Patrick Drouot, queira escrever para

Drouot Production
17, rue Robert-Fleury
75015 Paris
Fax 00xx33140 610033
E Mail: drouot-prod@magic.fr

Bibliografia

Introdução

Bates, Brian. Le Sorcier. Éditions du Rocher, Mônaco, 1996.

Boff, Leonardo. La Terre en devenir. Albin Michel, Paris, 1994. -.Ecologia, mundialização, espiritualidade. EditoraÁtica, São Paulo, 1996.

Popper, Karl. La Quête inachevée. Calman-Lévy, Paris, 1981.

Capítulo 1

Drouot, Patrick. Guérison spirituelle et immortalité. Éditions du Rocher, Mônaco, 1993.

Drouot, Patrick. Cura espiritual e imortalidade, Ed. Record/Nova Era, Rio de Janeiro, 1996

Hill, Ruth Beebe. Hanta }Ó. Éditions du Rocher, Mônaco, 1993.

Black Elk, Wallace & Lyon, William S. Les voies sacrées d' u.~ Sioux lakota. Le Mail, Éditions du Rocher, Mônaco.

Epes Brown, J ohn. Les Rites secrets des Indiens sioux. Le Mail, Éditions du Rocher, Mônaco, 1992.

MacGaa, Ed. Mother Earth spirituality. Harper, São Francisco, 1990.

Fire Lame Deer, Archie. Le Cercle sacré. Albin Michel, Paris, 1995.

Krueber, Théodora. Ishi. Plon - Terre Humaine, Paris, 1968.

Collignon, Béatrice.Les Inuit. r.: Harmattan, Paris, 1996.

Capítulo 2

Adams, Henry. Mémoires d'Aríi Taimai. Paris, publicação da Société des océanistes, n° 12,1964.

Putigny, Bob. Le Mana. Avant et Apres, Taiti, 1993.

Lamb, Franck Bruce. Unsorcierdans lafarêt du Pérou. Le Mail, Éditions du Rocher, Mônaco, 1996.

Thévet, André. Le Brésil d'André Thévet. Chandeigne, Paris, 1997.

Kardec, Alan. Le Livre des esprits, Le Livre des médz'ums. Dervy Livres, Paris.

Polari de Alverga, Alex. O guia da floresta. Ed. Record/Nova Era, Rio de Janeiro, 1992.

O livro das mirações. Ed. Record/Nova Era, Rio de Janeiro, 1984.

Maybury-Lewis, David. Millenium, Tn"bal Wisdom and the Modern World. Viking, Penguin Books, Nova York, 1992.

Capítulo 4

Lévi-Strauss, Claude. Anthropologie structurale. Plon, Paris, 1973.

Kharitidi, alga. La Chamane blanche. Lattes, Paris, 1997.

Morgan, Mario. Message des hommes vrais aux mutants. Albin Michel, Paris, 1995.

Mankiller, Wilma. Mankiller, a Chief and her People. St. Martin's Griffin, Nova York, 1993.

Niethammer, Carolyn. Filles de la Terre. Albin Michel, Paris, 1997.

Eliade, Mircea. Le Chamanisme et les techniques archaiques de l'extase. Payot, Paris, 1983.

Mercier, Mario. Chamanisme et chamans. Dangles, Saint-Jean de Braye France, 1987.

Journal d'unchaman. Robert Laffont, Paris, 1995.

Bates, Brian. Le Sorcier. Éditions du Rocher, Mônaco, 1996.

Narby, Jeremy. Le Serpent cosmique. Georg Editeur, Genebra. Campbell. The Masks of Gods. Arkana, Nova York, 1971.

Servier, Jean. E. Homme et l'invisiole. Imago-Payot, Paris, 1980.

Walsh, Roger N. The Spirit of Shamanism. Jeremy P. Tarcher, LosAngeles, 1990.

Heize, Ruth-Inge. "Chaman du XXe siecle", artigo de Stanley Krippner, ed. Irvington, Nova York.

Capra, Fritjof. Les Temps du changement. Éditions du Rocher, Mônaco, 1983.

Zolbrod, Paul G. Le Livre des indiens navajos. Éditions du Rocher, Mônaco, 1992.

Velikovsky, Immanuel. Mondes en collison. Stock, Paris, 1978.

Graf, Christina & Stanislav. À la recherche de sai. Éditions du Rocher, Mônaco, 1992.

Capítulo 3

Manutahi, Charles. Mana, poésie tahitienne. South Pacific Publications, vol. 7, n° 1.
Henry, Teuira. Tahiti aux temps anciens. Publicação da Société des océanistes, Paris, 1997.
Babadzan, Alain. Les Dépouilles des dieux, essai sur la religion tahitienne à l'époque de la découverte. Éd. de la Maison des sciences de l'homme, Paris, 1993.
Orsmond. Tahitian dictionary. Boletim da Société des études océaniennes, n° 226, Paris, 1984.
Havecker, Cyril. Le Temps du rêve, la mémoire du peuple aborígene australien. Le Mail, Éditions du Rocher, Mônaco.
Long, Max Freedom. Kahunas, The Secret Science at UVrk. DeVorss & Company, Marina Del Rey, Califórnia, Estados Unidos, 1982.
Mai-Arii. Généalogies commentées des Aríi des fies de la Société. Éd. Société des études océaniennes, Papeete Tahiti, 1996.
Takau Pomare. Mémoires de Marau Taaroa, derniere reine de Tahiti. Museu do Homem, publicação da Société des océanistes, n° 27, Paris, 1971.
Fire Lame Deer, Archie. The Gift of Pawer. Bear & Co, Santa Fe. Densmore, France. Teton sioux music and culture. University Press of Nebraska, 1992.
Foster, Steven & Meredith Little. The Book of the Vision Quest. Prentice Hall Press, Nova York, 1987.
Hyde, Georges e Bent, Georges. Histoire des Cheyennes. Éditions du Rocher, Mônaco, 1995.

Capítulo 5

Nalimov, V. V. Les Mathématiques de l'inconseient. Éditions du Rocher, Mônaco, 1996.
Barres, Maurice. La Colline inspirée. Éditions du Rocher, Mônaco, 1995.
Wolf, Fred Alan. The Eagle's quest. Summit Books, Nova York.
NarbY, Jeremy. Le Setpenteosmique. Georg Editeur, Genebra, 1995.
Drouot, Patrick. Nós somos todos imortais. Ed. Record/Nova Era, Rio de Janeiro, 1995.
Weber, Renée. Dialogue avec des scientifiques et des sages. Éditions du Rocher, Mônaco, 1993.
Penrose, Roger. Les Ombres de l'esprit. Interéditions, Paris, 1995.
Burdea, Grigore & Coiffet, Philippe. La Réalité virtuelle. Hermes, Paris, 1993.
Rheingold, Howard. La Réalité virtuelle. Dunod, Paris, 1993.
Toynbee, Arnold. L'Histoire. Bordas, Paris, 1981.
Bohm, David & Peat R, David. La Conseience et l'umvers. Éditions du Rocher, Mônaco, 1990.
Lazlo, Ervin. Science et réalité. Éditions du Rocher, Mônaco, 1996.
Feuertein, G. Structures of Consciousness. Integral Publishing, Lower Lake, Califómia, Estados Unidos, 1987.
Hawking, Stephen. Une breve histoire du temps. Flammarion, Paris, 1996.
Prigogine, llya. La Fin des eertudes. Odile Jacob, Paris, 1996.
Whitehead, A N. La Science et le monde moderne. Éditions du Rocher, Mônaco, 1994.

Capítulo 6

Hultkrantz, Ake. Guérison ehamanique et médecine traditionnelle des lndiens d'Amérique. Le Mail, Éditions du Rocher, Mônaco.
Mails, E. Thomas. Fools Craw. Éditions du Rocher, Mônaco, 1994.
Grepin, F. & M. La Médecine tahitienne traditionnelle. Éd. du Pacifique, Papeete, 1984.
Dow, Marie Louise, "My Encounter with a Medecine Man", artigo publicado em New Age Journal, Boulder CO, Estados Unidos, julho de 1992.
Jilek, G. Wolfgang. Indian healing, Shamanie eeremonialism in the Pacific Nothwest. Hancock House Publishers, Surrey, BC, Canadá, 1982.

Waters, Frank. Le Livre du Hopi. Éditions du Rocher, Mônaco, 1992.
Masked Gods, Navaho and Pueblo eeremonialism. Ohio, Swallow Press, Ohio University Press, 1984.
Evola, Julius. Revolt against the Modern World. Inner Traditions, Rochester, vf, Estados Unidos, 1995.
Colton, Harold S. Hopi Kachina Dolls. University of New Mexico, Albuquerque, NM, 1964.
Wittick, Ben. Shadaws on Glass. Rowman & Littlefield Publishers, Savage Maryland, Estados Unidos, 1990.
Sandner, Donald. Rituels de guérison chez les navajos. Éditions du Rocher, Mônaco, 1991.
Klah, Hosteen. Homme-médecine et peinture sur sable navaho. Le Mail, Éditions du Rocher, Mônaco.
Zolbrod, Paul G. Le Livre des lndiens Navajos. Éditions du Rocher, Mônaco, 1992.
Harner, Michael. La foie du ehaman. Press Pocket, Paris, 1994.
Lévi-Strauss, Claude. Le Totémisme aujour d'hui. PUF, Paris, 1962.
Epes Brown, John. Les Animaux de l'âme. Le Mail, Éditions du Rocher, Mônaco.

Conclusão

Clottes, Jean e Lewis Williams, Davis. Les Chamam de la Préhistoire. Seuil, Paris, 1996.

{1} Patrick Drouot, *Cura espiritual e imortalidade*, publicado no Brasil pelo selo Nova Era da Editora Record, Rio de Janeiro, 1996.

{2} Ruth Beebe HilI, *Hanta*, Éditions du Rocher, Mônaco

{3} Sobre a vida de W. Alce Negro, ver Wallace Black Elk e William S.Lyon. *Les Vaies sacrées d'un Sioux lakota*, Le Mail. Éditions du Rocher, Mônaco.

{4} Nicholas Black Elk e John Neihardt, Hehaka Sopa. *Les rites secrets des indiens sioux*, Éditions Payot, Paris.

{5} Archie Fire Lame Deer, *Le cercle sacré*, Éditions Albin Michel, Paris.

{6} Sobre o trágico fim dos índios da Califórnia, cf. Théodora Krueber, *Ishi*, Éditions Thrre Humaine, Paris.

{7} Ake Hultkrantz, *Guérison chamanique et médecine traditionnelle des Indiens d'Amérique du Nord*, Le Mail, Éditions du Rocher, Mônaco.

{8} Alan Kardec, *O livro dos espíritos* e *O livro dos médiuns*, FEB, Rio de Janeiro.

{9} Alex Polari de Alverga, *O livro das mirações*, Editora Record/Nova Era, Rio de Janeiro, 1984.

{10} David Maybury-Lewis, Millenium, tribal wisdom and the modern world, ed. Viking, Penguin Books, Nova York.

{11} Ch. Manutahi, *Mana. Poésie tahitienne*, South Pacific Mana Publications, vol. 7, n° 1.

{12} Teuira Henry, *Tahiti aux temps anciem*, publicação da Société des Océanistes, Paris, 1997.

{13} Orsmond, *Tahitian dictionary,* boletim da Sociedades dos Estudos Oceânicos, n° 226, março de 1984.

{14} Patrick Drouot, Cura espiritual e imortalidade, Editora Record/Nova Era, Rio de Janeiro, 1996,

{15} Especialmente as elaboradas na Menninger Foundation em Topeka, Kansas, pelo físico Elmer Green.

{16} Patrick Drouot, Somos todos imortais, Ed. Record/Nova Era, Rio de Janeiro, 1995.

{17} Grigore Burdea e Philippe Coiffet, *La Réalité virtuelle*, Éditions Hermês, Paris.

{18} Howard Rheingold, *La Realité virluelle*, Éditions Dunod, Paris.

{19} O experimentador vê o mundo exterior por meio dos olhos de um telerobô ao qual está conectado num ambiente de realidade virtual.

{20} A telepresença é o nome dado a um conceito, a uma ferramenta, a uma experiência.

{21} Arnold Toynbee, *L'Histoire*, Éditions Bordas, Paris, 1981.

{22} Stephen Hawking, *Uma breve história do tempo*, Editora Rocco, Rio de Janeiro, 1985.

{23} Ake Hultkrantz, *Guérison chamanique et médecine traditionelle des Indiens d'Amérique*.

{24} F. e M. Grépin, *La Médecine tahitienne traditionnelle*, Éditions du Pacifique.

{25} Que substitui a gravata no sudoeste norte-americano. O bolo é uma plaqueta de prata gravada presa sob a garganta por uma correia de couro.

{26} Arctic Medical Research, vol. 47, suplemento I, 1988.

{27} Mary Louise Dow, "My encounterwith a medecine man", artigo publicado na revista norte-

americana *New Age Journal*, julho de 1992.
{28} Hopi Tribal Operations, P.O. Box 123, Kykotsmovi, Arizona 86039, Tel.: 00 1 602734-2222.
{29} Donald Sandner, Utuels de guérison chez les Navajos. Éditions du Rocher. Mônaco.
{30} Paul G. Zolbrod. Le Livre des Indiens navajos, Éditions du Rocher, Mônaco.
{31} Ake Hultkrantz, *Shamanic Healing and Ritual Drama*, Crossroad Publishing, Nova York.
{32} *Giving voice to bear*, Ed. Roberts & Rehart, Nova York.
{33} Michael Harner, *La Vóie du chaman*, Editions Press Pocket, Paris.
{34} Jobn Epe8 Brown, *Les Nllmaux de l'âme*, Le Mail, editions du Rocher, Mônaco.
{35} Patrick Drouot, *Cura espiritual e imortalidade*, Ed. Record/Nova Era, Rio de Janeiro, 1996.
{36} Clottes, Jean e Lewis Williams Davis, *Les Chamans de Ia Préhistoire*, Éditions du Seuil, Paris, 1996.
{37} Donald Sandner, op.cit.

Este livro foi distribuído cortesia de:



Para ter acesso próprio a leituras e ebooks ilimitados GRÁTIS hoje, visite:
http://portugues.Free-eBooks.net

Compartilhe este livro com todos e cada um dos seus amigos automaticamente, selecionando uma das opções abaixo:



Para mostrar o seu apreço ao autor e ajudar os outros a ter experiências de leitura agradável e encontrar informações valiosas, nós apreciaríamos se você
"postar um comentário para este livro aqui" .



Informações sobre direitos autorais

Free-eBooks.net respeita a propriedade intelectual de outros. Quando os proprietários dos direitos de um livro enviam seu trabalho para Free-eBooks.net, estão nos dando permissão para distribuir esse material. Salvo disposição em contrário deste livro, essa permissão não é passada para outras pessoas. Portanto, redistribuir este livro sem a permissão do detentor dos direitos pode constituir uma violação das leis de direitos autorais. Se você acredita que seu trabalho foi usado de uma forma que constitui uma violação dos direitos de autor, por favor, siga as nossas Recomendações e Procedimento de reclamações de Violação de Direitos Autorais como visto em nossos Termos de Serviço aqui:

http://portugues.free-ebooks.net/tos.html